

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA  
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

Débora Taís Batista de Abreu

**METÁFORA E EMOÇÃO:  
SOBRE A CONCEPTUALIZAÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA**

São Leopoldo

2015

Débora Taís Batista de Abreu

**METÁFORA E EMOÇÃO:  
SOBRE A CONCEPTUALIZAÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Área de concentração: Linguagem, tecnologia e interação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rove Luiza de Oliveira Chishman.

São Leopoldo

2015

A162m Abreu, Débora Taís Batista de  
Metáfora e emoção: sobre a conceptualização na língua  
portuguesa / por Débora Taís Batista de Abreu. – 2015.  
217 f. : il., 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos,  
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2015.  
Orientação: Profa. Dra. Rove Luiza de Oliveira Chishman.

1. Emoções. 2. Conceptualização. 3. Metáfora. 4. Linguística  
cognitiva. 5. Língua portuguesa. I. Título.

CDU 806.90

DÉBORA TAÍS BATISTA DE ABREU

“METÁFORA E EMOÇÃO: SOBRE A CENCEPTUALIZAÇÃO NA LÍNGUA  
PORTUGUESA”

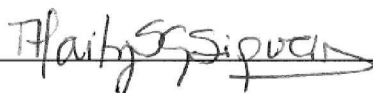
Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Aprovada em 27 de março de 2015

BANCA EXAMINADORA



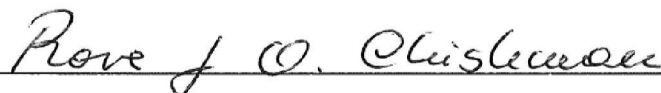
Profa. Dra. Ulrike Agathe Schröder (UFMG)



Profa. Dra. Maity Siqueira (UFRGS)



Profa. Dra. Isa Mara da Rosa Alves (UNISINOS)



Profa. Dra. Rove Luiza de Oliveira Chishman (UNISINOS)

*Aos meus pais, que, mesmo sem terem frequentado a escola, inspiraram em mim o amor aos estudos.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Luiz Fernando, meu esposo e amigo, por sempre acreditar em mim.

À professora Rove Chishman, por me orientar na realização deste trabalho, por motivar o meu interesse pela Semântica e por acompanhar e incentivar minha trajetória acadêmica por vários anos.

À professora Eve Sweetser, que me recebeu para a realização de estágio de doutorado na Universidade da Califórnia (Berkeley), pelos ensinamentos sobre linguagem e cognição e por ter me ajudado com a análise de dados deste trabalho.

À Unisinos e à CAPES, pelas bolsas concedidas para a realização do doutorado.

Ao Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, instituição onde trabalho, pelo incentivo dispensado para minha formação.

À Ângela Ruth, minha professora e amiga, que sempre estimulou meu crescimento profissional e intelectual.

À professora Luciane Corrêa Ferreira, por me apresentar à Teoria da Metáfora Conceptual ainda na graduação.

À professora Isa Mara da Rosa Alves, por vir acompanhando meu trabalho acadêmico desde a graduação, pela contribuição dada a esta pesquisa na banca de qualificação e por aceitar participar da banca de defesa da tese.

Às professoras Sílvia Foschiera e Aline Vanin, pela leitura cuidadosa da etapa inicial deste trabalho e pelas preciosas sugestões apresentadas na banca de qualificação.

Às professoras Maity Siqueira e Ulrike Schröder, que aceitaram prontamente estar entre os membros externos que compõem a banca de defesa da tese.

E, por fim, aos meus alunos, que motivam a minha busca pelo conhecimento.

*The question is What makes us human? If it is the capacity that human beings have to reason, then we need to describe that capacity. It includes reasoning through the use of metaphors and other figurative structures; it is, indeed, one of the chief means we have of making sense of our experience.*

(Mark Johnson, *The body in the mind*, 1987)

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar a conceptualização metafórica de categorias emocionais e está fundamentada na linguística cognitiva. O trabalho discute como metáforas conceptuais primárias e complexas (LAKOFF; JOHNSON, 1980; GRADY, 1997) e modelos cognitivos idealizados metafóricos (LAKOFF, 1987) estruturam conceitos de emoção. Também apresenta os pressupostos de protótipo de emoção e de aspectos de conceitos de emoção (KÖVECSES, 2000; 2002b), assim como debate a universalidade e a variação cultural entre metáforas do domínio emocional (KÖVECSES, 2005). Partindo dessas noções, foi realizado um estudo de *corpus* a partir do Twitter de ocorrências metafóricas para TRISTEZA e FELICIDADE na língua portuguesa do Brasil, a fim de buscar evidências sobre a conceptualização dessas emoções na língua em questão. A investigação conduzida indicou modelos cognitivos metafóricos que podem estar subjacentes à conceptualização das categorias em análise, diversas expressões metafóricas que resultam desses modelos e metáforas conceptuais primárias e complexas que estruturam os mesmos. Além disso, o estudo aplicado evidenciou a relação dos modelos cognitivos identificados no *corpus* com o protótipo de emoção, similaridades e diferenças entre as categorias analisadas, possibilidades de elaboração de diferentes aspectos de conceitos de emoção e também a correspondência ou não dos modelos encontrados para a língua portuguesa com aqueles previstos para a língua inglesa.

**Palavras-chave:** Emoções. Conceptualização. Metáfora. Linguística Cognitiva. Língua Portuguesa.



## ABSTRACT

This research aims at investigating the metaphorical conceptualization of emotional categories and is based on cognitive linguistics. The work discusses how primary and complex conceptual metaphors (LAKOFF; JOHNSON, 1980; GRADY, 1997) and metaphorical idealized cognitive models (LAKOFF, 1987) structure emotion concepts. It also presents the ideas of emotion prototype and aspects of emotion concepts (KÖVECSES, 2000; 2002b), as well as debates the universality and cultural variation among metaphors from emotional domain (KÖVECSES, 2005). Considering these notions, a *corpus* study from Twitter was carried out, concerning metaphorical occurrences for SADNESS and HAPPINESS in Portuguese language from Brazil, in order to search for evidences about the conceptualization of these emotions in such language. The investigation indicated metaphorical cognitive models that can underlie the conceptualization of the analyzed categories, several metaphorical expressions that result from these models and primary and complex conceptual metaphors that structure them. In addition, the applied study showed the relation of the cognitive models identified in *corpus* with the emotion prototype, similarities and differences between the analyzed categories, possibilities to elaborate different aspects of emotion concepts and also the correspondence or not of the models found for Portuguese with those pointed out for English.

**Keywords:** Emotions. Conceptualization. Metaphor. Cognitive Linguistics. Portuguese Language.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relações entre subsistemas do organismo, funções e componentes emocionais.	104
Quadro 2 - Características psicológicas de diferentes fenômenos afetivos.....	111
Quadro 3 - Aspectos dos conceitos emocionais e alguns exemplos de metáforas que os indicam.....	130
Quadro 4 - Metáforas gerais para as emoções prototípicas na língua inglesa.....	136
Quadro 5 - Metáforas para RAIVA na língua inglesa.....	136
Quadro 6 - Metáforas para MEDO na língua inglesa.....	136
Quadro 7 - Metáforas para FELICIDADE na língua inglesa.....	137
Quadro 8 - Metáforas para TRISTEZA na língua inglesa.....	137
Quadro 9 - Emoções básicas ou prototípicas de acordo com vários autores.....	140
Quadro 10 - Número de <i>tweets</i> com as palavras “tristeza” e “felicidade” no período de um mês.....	147
Quadro 11 - Extensão do <i>corpus</i> de ocorrências metafóricas.....	149
Quadro 12 - Modelos cognitivos metafóricos para TRISTEZA.....	153
Quadro 13 - Metáforas linguísticas para TRISTEZA.....	154
Quadro 14 - Metáforas conceituais para os modelos cognitivos de TRISTEZA.....	155
Quadro 15 - Metáforas primárias para aspectos dos conceitos de emoção.....	158
Quadro 16 - Aspectos do conceito de TRISTEZA.....	158
Quadro 17 - Modelos cognitivos metafóricos para FELICIDADE.....	162
Quadro 18 - Metáforas linguísticas para FELICIDADE.....	162
Quadro 19 - Metáforas conceituais para os modelos cognitivos de FELICIDADE.....	164
Quadro 20 - Aspectos do conceito de FELICIDADE.....	165
Quadro 21 - Comparativo entre os modelos cognitivos identificados no <i>corpus</i> para TRISTEZA e FELICIDADE.....	175
Quadro 22 - Aspectos do conceito de TRISTEZA em diferentes modelos cognitivos identificados em <i>corpus</i> da língua portuguesa.....	180
Quadro 23 - Aspectos do conceito de FELICIDADE em diferentes modelos cognitivos identificados em <i>corpus</i> da língua portuguesa.....	181
Quadro 24 - Correspondências com o inglês e particularidades do português de modelos cognitivos metafóricos para TRISTEZA e FELICIDADE.....	186

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Emoções prototípicas.....	127
Figura 2 - Interface do <i>crawler</i> NodeXL.....	146
Figura 3 - Interface de busca no NodeXL.....	147
Figura 4 - Elaboraões do protótipo de emoção no conceito de TRISTEZA na língua portuguesa.....	170
Figura 5 - Elaboraões do protótipo de emoção no conceito de FELICIDADE na língua portuguesa.....	171

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 METÁFORA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....</b>	<b>18</b>
2.1 O ESTUDO DA CONCEPTUALIZAÇÃO.....	20
2.1.1 Objetivismo na Filosofia.....	21
2.1.2 Experiencialismo nas Ciências Cognitivas.....	24
2.1.3 Compromissos da Linguística Cognitiva.....	29
2.1.4 Esquemas de Imagem e Projeção Metafórica.....	36
2.2 METÁFORA COMO MECANISMO COGNITIVO.....	40
2.2.1 A Trajetória da Metáfora.....	41
2.2.2 Teoria da Metáfora Conceptual.....	46
2.2.3 Modelos Cognitivos Idealizados.....	55
2.2.4 Universalidade e Variações Culturais.....	58
2.3 DETALHANDO A METÁFORA E A METONÍMIA CONCEPTUAL.....	65
2.3.1 Metáforas Primárias e Complexas.....	67
2.3.2 Metáforas de Imagem.....	72
2.3.3 Personificação.....	75
2.3.4 Metonímia Conceptual.....	78
<b>3 O FENÔMENO EMOCIONAL E A SUA CONCEPTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>82</b>
3.1 O ESTUDO DA EMOÇÃO.....	83
3.1.1 Raízes do Estudo da Emoção: da Filosofia à Psicologia.....	84
3.1.2 Emoções na Psicologia Moderna.....	88
3.1.3 Emoções na Linguística.....	94
3.2 A COMPLEXIDADE DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS.....	100
3.2.1 A Problemática da Definição de Emoção e Os Componentes Emocionais.....	101
3.2.2 Emoções, Sentimentos e Estados Afetivos.....	107
3.2.3 Emoções Básicas, Emoções Prototípicas e Famílias de Emoções.....	111
3.3 EMOÇÕES E METÁFORAS CONCEPTUAIS.....	118
3.3.1 O Domínio Emocional.....	119
3.3.2 Protótipo de Emoção e Aspectos dos Conceitos Emocionais.....	124
3.3.3 Raiva, Medo, Felicidade e Tristeza.....	131

<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>139</b>
4.1 SELEÇÃO DE EMOÇÕES PROTOTÍPICAS.....	139
4.2 O TWITTER COMO <i>CORPUS</i> .....	141
4.3 A EXTRAÇÃO DE POSTAGENS DO TWITTER E A IDENTIFICAÇÃO DE OCORRÊNCIAS METAFÓRICAS.....	144
4.4 A PROPOSTA DE ANÁLISE.....	150
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>152</b>
5.1 A CONCEPTUALIZAÇÃO DE TRISTEZA.....	152
5.2 A CONCEPTUALIZAÇÃO DE FELICIDADE.....	161
5.3 DISCUSSÃO DOS DADOS.....	168
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>188</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>192</b>
<b>APÊNDICE A - <i>Corpus</i> de ocorrências metafóricas para TRISTEZA.....</b>	<b>208</b>
<b>APÊNDICE B - <i>Corpus</i> de ocorrências metafóricas para FELICIDADE.....</b>	<b>214</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta tese é a conceptualização metafórica das emoções e o seu objetivo central é discutir e analisar como são criados e compreendidos conceitos de emoção a partir de mecanismos metafóricos que estruturam o pensamento e a linguagem.

Seguindo a orientação da linguística cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; GRADY, 1997; KÖVECSES, 2000), parte-se do pressuposto de que a conceptualização de domínios abstratos, como o das emoções, seria estruturada por metáforas conceptuais, que operam no raciocínio e que correspondem a mapeamentos cognitivos entre domínios concretos, mais experienciáveis fisicamente, e domínios abstratos, mais subjetivos.

As expressões linguísticas metafóricas refletiriam essa operação cognitiva implícita na conceptualização e, como consequência, seriam pervasivas na linguagem geral, não sendo exclusivas de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva, como demonstram ocorrências como *os preços subiram, a primavera chegou, ele foi dessa para melhor, eu estou para baixo hoje, você está no caminho certo para concluir a tarefa*.

Nesse sentido, são alvo de discussão e investigação deste trabalho expressões metafóricas do domínio emocional, como *ela queimou de raiva, eles foram torturados pelo medo, iluminou-se de felicidade, a cura da tristeza*. Essas expressões demonstram a elaboração de conceitos de emoção com base em conceitos mais concretos (por exemplo, RAIVA em termos de FOGO, MEDO em termos de um TORTURADOR, FELICIDADE em termos de LUZ, TRISTEZA em termos de DOENÇA), nos permitindo acessar e descrever a estrutura conceptual de categorias de emoção.

As emoções são experiências recorrentes e marcantes na vida humana. No entanto, como são fenômenos abstratos complexos, não é uma tarefa fácil identificá-las, compreendê-las, defini-las e falar sobre elas. Essa dificuldade se reflete, por exemplo, em muitos dicionários em que definições de termos de emoções são geralmente vagas e circulares. Pela sua importância e complexidade, os fenômenos emocionais foram e são interesse de pesquisa em diversas ciências, com destaque para a filosofia e a psicologia. Contudo, ainda são poucos os estudos de cunho linguístico que estejam voltados para a conceptualização das emoções.

Dessa forma, entre as justificativas para a realização deste trabalho está a percepção da importância de ampliar o debate sobre a conceptualização das emoções no escopo da linguística. Além disso, outra motivação para esse trabalho foi o reconhecimento das emoções como categorias ricas e complexas, que envolvem aspectos diversos e que se aproximam e se

distanciam na elaboração de seus sentidos e conceitos. Como reflexo de seu espectro complexo, as emoções são elaboradas em termos de diferentes modelos metafóricos, os quais merecem uma descrição detalhada em diferentes línguas.

Outra justificativa para o desenvolvimento deste trabalho foi o fato de considerarmos relevante apresentar evidências de como são estruturados conceitos de emoção na língua portuguesa, haja vista serem escassos estudos com esse propósito nessa língua. Pesquisas nesse molde contribuem para a compreensão da cognição e da linguagem e podem revelar particularidades culturais, sendo relevantes para estudiosos do pensamento, da língua e da cultura. Também entendemos que a compreensão da estrutura conceptual das emoções revela muito acerca desses fenômenos, sendo uma contribuição relevante para disciplinas interessadas na temática das emoções, como a psicologia, a antropologia, a inteligência artificial.

Vale destacar como mais uma razão que instigou a realização deste estudo a forte ascensão na atualidade da área de estudos denominada Análise de Sentimento ou Mineração de Opinião, que está voltada para a identificação e a descrição de termos de emoções e opiniões relacionados a tópicos diversos, como empresas, produtos, serviços, partidos políticos, etc. Essa área foi impulsionada pelo crescente interesse no grande volume de informação disponível *online* devido à popularidade da internet. Ocorre que a maioria das propostas desse gênero, ainda muito limitadas para a língua portuguesa, se preocupam com a investigação de verbos, substantivos e adjetivos que carregam marcas de sentimento e opinião e não se voltam para a análise de expressões de natureza figurada. Assim, acredita-se que este estudo possa contribuir também com essa área à medida que elucida a produtividade da metáfora em conteúdo emocional e faz o levantamento e a descrição de várias expressões metafóricas na língua portuguesa, as quais poderão ser recorrentes em diferentes contextos.

Tendo em vista o objetivo desta tese, apresentamos as seguintes questões gerais de pesquisa, que guiaram o desenvolvimento deste trabalho tanto na sua dimensão teórica quanto na sua etapa aplicada:

- 1- Como ocorre a conceptualização metafórica de categorias emocionais?
- 2- Há um protótipo de emoção?
- 3- Existem relações entre diferentes categorias emocionais e especificidades de uma categoria?
- 4- Como diferentes componentes do fenômeno emocional podem se manifestar metaforicamente nos conceitos de emoção?

- 5- A conceptualização metafórica de emoções é igual em diferentes línguas e culturas ou podem ser identificadas particularidades?

Procuramos responder essas perguntas ao longo do texto e as mesmas serão retomadas nas considerações finais. Na parte aplicada deste trabalho, estendemos essas perguntas a um estudo de *corpus* de ocorrências metafóricas na língua portuguesa relacionadas a dois conceitos de emoção – TRISTEZA e FELICIDADE. Buscou-se identificar modelos metafóricos subjacentes à conceptualização desses conceitos na língua portuguesa do Brasil, fazer um levantamento de expressões metafóricas que resultam desses modelos, analisar a estrutura e aspectos da conceptualização metafórica dos conceitos em análise, identificar similaridades e particularidades entre as categorias e também verificar se os modelos identificados para a língua portuguesa correspondem ou não a modelos apontados para a língua inglesa.

Considerando o que temos exposto, podemos indicar o que seriam alguns diferenciais deste trabalho. Destacamos o foco na inscrição da emoção na linguagem, o olhar para o fenômeno da conceptualização das emoções sob o ponto de vista da análise da linguagem metafórica e a busca por evidências da conceptualização emocional na língua portuguesa, ainda muito pouca explorada.

Outros diferenciais deste estudo seriam a análise de *corpus* de ocorrências extraídas de um contexto real de uso e a investigação de um número expressivo de sentenças para os conceitos em análise. Este trabalho também se distingue pela recorrência ao Twitter como fonte do *corpus* analisado. As postagens nessa rede social têm sido reconhecidas entre os estudos em análise de sentimento como uma fonte produtiva de conteúdo textual de caráter emocional. Ademais, o conteúdo do Twitter não tem sido alvo de atenção de estudos que se preocupam com a análise de linguagem metafórica em geral, principalmente no português.

Por fim, podemos destacar também como um distintivo deste trabalho a realização de uma análise detalhada da conceptualização da emoção. O estudo aplicado não se limitou a fazer um levantamento em *corpus* de expressões metafóricas e modelos cognitivos metafóricos para o domínio emocional, mas também buscou indicar metáforas primárias e complexas que estruturam os modelos, comparar diferentes modelos cognitivos com o protótipo, apontar a relação entre categorias e identificar a manifestação de diferentes aspectos dos conceitos emocionais.

Para cumprir a proposta desta tese, o texto foi organizado em 6 capítulos, sendo o primeiro destinado à introdução, o segundo e o terceiro à revisão teórica, o quarto e o quinto ao estudo aplicado e o último às considerações finais. Neste capítulo introdutório, buscamos



situar o tema deste trabalho, apontar seus objetivos, suas justificativas, seus diferenciais, apresentar questões gerais de pesquisa que nortearam este estudo e indicar a estrutura do texto.

O capítulo 2 discute essencialmente a natureza experiencial e cognitiva da metáfora, assumida pela linguística cognitiva, e o seu papel na elaboração do pensamento e da linguagem. No subcapítulo 2.1, tratamos de diferentes perspectivas para o estudo da conceptualização; situamos a linguística cognitiva entre as ciências cognitivas que defendem que o pensamento é estruturado pela nossa corporeidade e pelas nossas experiências e que o mesmo é altamente figurativo; discutimos compromissos assumidos pela linguística cognitiva, que fundamenta este trabalho; e apresentamos as noções de esquemas de imagem e de projeção metafórica, essenciais para a compreensão da conceptualização.

No subcapítulo 2.2, fazemos um breve levantamento histórico da abordagem da metáfora; discutimos a teoria da metáfora conceptual, que apresenta a metáfora como um mecanismo cognitivo subjacente à conceptualização; discorremos sobre a noção de modelos cognitivos idealizados, que correspondem a modelos de conhecimento que estruturam significados; e tratamos das possibilidades de elaborações metafóricas serem universais entre diferentes línguas e culturas e apresentarem variações culturais. No subcapítulo 2.3, tratamos de diferentes tipos de metáforas conceptuais, abordando, em especial, a distinção entre metáforas primárias e complexas, e apresentamos a noção de metonímia conceptual, mecanismo que também atuaria na conceptualização.

Já o capítulo 3 está voltado para a temática das emoções, buscando discutir o fenômeno emocional e também a sua conceptualização. No subcapítulo 3.1, retomamos diferentes estudos que abordam as emoções desde a filosofia clássica até a psicologia moderna. Também revisamos estudos inseridos na linguística, os quais focam na linguagem das emoções, e discutimos como a proposta desta tese se aproxima ou se distancia de outros estudos.

No subcapítulo 3.2, discorremos sobre possíveis definições de emoção e caracterizamos as emoções como um fenômeno complexo que seria constituído por diferentes componentes; discutimos as diferenças entre emoções, sentimentos e estados afetivos; e tratamos das concepções de emoções básicas, de emoções prototípicas e de famílias de emoções. Por fim, no subcapítulo 3.3, tratamos especificamente da conceptualização das emoções. Discutimos estudos inseridos na linguística cognitiva que investigam a elaboração de conceitos no domínio emocional; apresentamos os argumentos da existência de um protótipo de emoção e da manifestação de diferentes aspectos na constituição de um conceito

de emoção; e ilustramos resultados apontados para a língua inglesa quanto à conceptualização metafórica de categorias emocionais prototípicas.

O quarto capítulo trata dos procedimentos metodológicos para a realização do estudo aplicado. No subcapítulo 4.1, delimitados os conceitos emocionais que serão investigados e justificamos essa escolha. No subcapítulo 4.2, apresentamos o Twitter como origem do *corpus* compilado para análise e explicamos por que recorremos a essa fonte. No subcapítulo 4.3, expomos como se deu a extração de postagens do Twitter e a identificação de ocorrências metafóricas. E, no subcapítulo 4.4, apresentamos em pormenores a proposta de análise.

A exposição da análise realizada e a discussão dos dados ocorrem no capítulo 5. Nos subcapítulos 5.1 e 5.2, apresentamos os resultados encontrados para as categorias em análise e, no subcapítulo 5.3, discutimos esses resultados. Então, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais, em que são retomados os resultados do trabalho, apontadas as suas limitações e indicadas sugestões para trabalhos futuros que se assemelhem a esta proposta.

Importa também destacar nesta introdução que as obras que constituem o referencial teórico desta tese foram escritas, na sua maioria, na língua inglesa. Por essa razão, a expressão *tradução nossa* não foi incluída nas citações diretas, mas esclarecemos aqui que as passagens citadas foram de fato traduzidas por nós. Da mesma forma, as expressões metafóricas que exemplificamos em língua portuguesa na parte teórica do texto partem de exemplos evidenciados nas obras consultadas em língua inglesa. No entanto, muitas vezes nos deparamos com expressões metafóricas no inglês que não apresentavam uma equivalência em português, por exemplo, *She was doing a slow burn*, *I blew my stack*, *I was purring with delight*, *I was tickled pink*, *She was happy as a pig in sheet*.

Nesses casos, tivemos que escolher entre vários exemplos um compatível ou pensar em outra ocorrência em nossa língua que exemplificasse determinada metáfora conceptual. Essa dificuldade demonstra que existem diferenças entre línguas e que importa investigar quais seriam expressões metafóricas do domínio emocional recorrentes para a língua portuguesa. Nesse sentido, acreditamos que estudos de *corpus* como o proposto contribuam não só para evidenciar metáforas conceptuais que se destacam na elaboração de conceitos de emoção no português, mas também para ilustrar como as mesmas podem ser lexicalizadas nessa língua.

## 2 METÁFORA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Este capítulo é central para o desenvolvimento da proposta desta tese, pois discute os construtos teóricos da linguística cognitiva, que fundamenta o trabalho. O capítulo situa o pressuposto geral em que está apoiado este estudo: a conceptualização das emoções não é dada arbitrariamente, mas se constitui a partir de nossas experiências, sendo frequentemente estruturada por metáforas que estão no nível da cognição e que nos permitem compreender e falar sobre experiências abstratas, como as emoções, em termos de experiências mais concretas.

Para elaborar neste texto essa ideia central, o primeiro subcapítulo (2.1) trata de abordagens para o estudo da conceptualização. Na subseção inicial (2.1.1), apresentamos a perspectiva objetivista, de base filosófica, que defende que objetos estão dados no mundo e conceitos literais são atribuídos a eles, independentemente da compreensão humana.

Na subseção seguinte (2.1.2), contrapomos essa visão com a perspectiva experiencialista, defendida pelas ciências cognitivas e assumida por este trabalho. Nessa concepção, o pensamento e a conceptualização são estruturados a partir de nossas experiências e são altamente imaginativos, não estando em uma relação direta com os objetos do mundo, mas sendo constituídos por mecanismos figurativos, como a metáfora.

Inserida na perspectiva experiencialista e estabelecida entre as ciências cognitivas está a linguística cognitiva, que apresentamos na subseção (2.1.3), a qual fundamenta o estudo linguístico proposto por esta tese. A linguística cognitiva foca na relação entre a linguagem e a cognição de base experiencial, investigando como a linguagem revela a estrutura mental humana que é utilizada para compreender o mundo e atribuir conceitos.

Em complemento, na subseção final (2.1.4) dessa primeira etapa do texto, discutimos a noção de esquemas de imagem, que é fundamental para o estudo da conceptualização na linguística cognitiva. Os esquemas de imagem estariam na base de mecanismos cognitivos que estruturam a conceptualização, tais como a metáfora.

O segundo subcapítulo (2.2) é dedicado à discussão da metáfora, focando no seu papel essencial de mecanismo cognitivo subjacente à conceptualização. No entanto, na primeira subseção (2.2.1), para fins de localização diacrônica do estudo da metáfora, apresentamos um breve levantamento de propostas empenhadas em investigá-la, da filosofia clássica à atualidade.

Na segunda subseção (2.2.2), passamos a discorrer acerca da teoria da metáfora conceptual, a qual está inserida na linguística cognitiva e é adotada para o desenvolvimento da tese. A teoria evidencia que a conceptualização é altamente metafórica, sendo constituída por mapeamentos sistemáticos entre domínios concretos e abstratos, chamados de metáforas conceptuais. Diferentemente das expressões linguísticas metafóricas, as metáforas conceptuais são mecanismos cognitivos que estruturam nossos conceitos. Devido à sua função cognitiva, elas constituem a linguagem em geral, não sendo exclusivas da linguagem literária.

A subseção 2.2.3 apresenta outro construto teórico da linguística cognitiva do qual nos valem para o desenvolvimento desta pesquisa: a concepção de modelo cognitivo idealizado. Esses modelos cognitivos são as nossas representações de mundo que modelam a conceptualização. Eles são culturais, sendo o resultado das experiências dos indivíduos no mundo, das crenças e atividades de uma cultura. Modelos cognitivos metafóricos são aqueles estruturados a partir de metáforas conceptuais. Esses são muito produtivos no domínio da emoção.

E, na subseção que encerra este subcapítulo (2.2.4), discutimos o caráter fortemente universal de metáforas conceptuais que se manifestam em diferentes línguas e culturas. Contudo, também debatemos a possibilidade de haver variações e buscamos demonstrar como as mesmas podem ocorrer.

Por fim, o subcapítulo 2.3 tem como objetivo fazer algumas distinções entre tipos de metáforas conceptuais, as quais são essenciais para a sua compreensão detalhada e para evitar alguns equívocos. Objetiva-se também explicar a metonímia conceptual, outro mecanismo de projeção conceptual. Na subseção 2.3.1, são apresentadas as concepções de metáforas primárias e complexas. Esse entendimento nos permite explicar com maior propriedade como as metáforas emergem de nossas experiências e podem desdobrar-se de formas complexas. As metáforas primárias estariam diretamente baseadas em nossas experiências sensório-motoras e essas se combinariam na elaboração de metáforas mais complexas.

A subseção 2.3.2 discute as metáforas conceptuais de imagem, que não se enquadram no modelo padrão em que há mapeamentos sistemáticos entre domínios. Na metáfora de imagem, há um único mapeamento e esse ocorre entre imagens mentais. Embora não ocorram mapeamentos elaborados nesses casos, a metáfora de imagem é uma metáfora conceptual, pois opera no nível mental.

Na subseção 2.3.3, debatemos as metáforas conceptuais do tipo personificação, em que algo inanimado é conceptualizado como uma entidade animada. Essas ocorrências são classificadas nas listas de figuras de linguagem como um fenômeno distinto da metáfora.

Para encerrar este subcapítulo, apresentamos ainda a noção de metonímia conceptual na subseção 2.3.4. A mesma também atua na elaboração de determinados conceitos, mas não deve ser confundida com a metáfora. A metonímia baseia-se em uma relação de contiguidade dentro de um mesmo domínio, em que um elemento de uma categoria é utilizado para conceptualizar outro ou a categoria como um todo.

## 2.1 O ESTUDO DA CONCEPTUALIZAÇÃO

Estando a tese comprometida com o estudo da conceptualização de emoções, dedicamos este subcapítulo para debater abordagens empenhadas em descrever como criamos conceitos para nossas experiências e para situar a perspectiva teórica e os pressupostos assumidos por este trabalho.

Nas duas primeiras subseções, apresentamos duas concepções distintas sobre pensamento, linguagem e conceptualização: uma visão tradicional – o objetivismo – e uma visão mais nova – o experiencialismo. O objetivismo (2.1.1), de base filosófica, é uma abordagem apriorística, que se vale da razão e da argumentação para explicar como pensamos e criamos conceitos. Nessa perspectiva, o pensamento é abstrato, não tendo relação com nossas percepções e experiências. Também se advoga que o pensamento e a linguagem são literais, pois correspondem a uma realidade objetiva.

Em contrapartida, o experiencialismo (2.1.2), abordagem difundida pelas ciências cognitivas que buscam o estudo empírico da mente e da conceptualização, apresenta uma visão diferenciada para pensamento e linguagem. O pensamento seria moldado pela nossa corporeidade e pelas nossas experiências. Dessa forma, também a linguagem e a conceptualização seriam o resultado de nossas experiências físicas e culturais. Além disso, nessa perspectiva, o pensamento é imaginativo, indo muito além de uma representação da realidade, sendo marcado por metáforas, metonímias e esquemas de imagem. Nesse sentido, o pensamento e nossos conceitos não são exclusivamente literais, mas fortemente figurativos.

Na sequência do texto, discutimos os pressupostos da linguística cognitiva (2.1.3), que está inserida entre as ciências cognitivas e assume a perspectiva experiencialista. A linguística cognitiva defende que a linguagem está baseada na cognição, que é estruturada pela corporeidade. Expomos, nessa subseção, os compromissos dessa disciplina com a generalização de princípios da linguagem, com aspectos gerais da cognição, com a natureza

perspectivista da linguagem e com o significado enciclopédico. Assumindo esses pressupostos, situamos a tese como um estudo inserido mais especificamente na semântica cognitiva, pelo seu interesse em investigar a significação de categorias emocionais.

Na última subseção (2.1.4), apresentamos a concepção de esquemas de imagem, essencial para a compreensão da conceptualização no viés experiencialista. Os esquemas de imagens seriam representações esquemáticas de nossas experiências mais básicas, relacionadas ao nosso corpo e ao seu funcionamento no ambiente em que vivemos. Debate-se, nessa subseção, o caráter fundamental dos esquemas de imagem, que estão na base da conceptualização e são sistematicamente estendidos para formar conceitos mais abstratos. Fala-se, portanto, em projeção conceptual entre esquemas de imagem e outros domínios mais elaborados. A metáfora é apresentada como principal forma de projeção conceptual, sendo o seu papel conceptual teorizado em maior profundidade a partir do subcapítulo 2.2.

### **2.1.1 Objetivismo na Filosofia**

A visão objetivista da conceptualização é oriunda da filosofia ocidental e é resultado de muitos anos de interesse dessa tradição teórica pelo estudo do pensamento e da linguagem. Nessa visão tradicional, o pensamento é abstrato (não tem uma base física) e não é corporificado, já que ele é independente de qualquer relação com o corpo humano. Lakoff (1987) explica que, para o objetivismo, a racionalidade e os conceitos são transcendentais, no sentido de que vão além das limitações físicas de qualquer organismo. “Os conceitos e o pensamento existem abstratamente, independente de qualquer corporeidade” (p. xi).

A visão tradicional é chamada de objetivismo porque se assume que o pensamento consiste na manipulação de símbolos abstratos e que esses símbolos obtêm seu significado através de uma correspondência com o mundo *objetivamente* construído, ou seja, independente da compreensão de qualquer organismo. (LAKOFF, 1987). Nesse sentido, um conjunto de símbolos colocados em correspondência com um mundo estruturado objetivamente é o que se entende como uma representação da realidade.

De acordo com a tradição filosófica, nós teríamos uma faculdade para pensar que é separada e independente daquela para usar o corpo, o que explica por que o pensamento é visto como independente da percepção e do movimento corporal. Lakoff e Johnson (1999) esclarecem que, na visão da filosofia ocidental, essa capacidade autônoma de pensar é

considerada como o que nos faz essencialmente humanos, nos distinguindo de todos os outros animais. No entanto, essa visão passa a ser questionada à medida que ocorre a emergência da teoria evolucionária darwinista, que mostra que capacidades humanas se desenvolvem de capacidades animais, evidenciando a ausência de tal capacidade autônoma e a nossa ligação evolucionária aos animais, conforme discutiremos no decorrer do texto, ao debater a concepção experiencialista.

Devido à ideia de correspondência absoluta entre símbolo e realidade, o objetivismo considera que o pensamento é literal e que todo significado é expresso em conceitos e proposições literais que correspondem a aspectos objetivos da realidade. Sendo assim, é defendido o argumento de correspondência com a verdade e entende-se que proposições referentes à realidade podem ser verdadeiras ou falsas. Conforme explicam Lakoff e Johnson (1999), a teoria da correspondência com a verdade defende que as declarações são verdadeiras ou falsas objetivamente, dependendo de como elas mapeiam diretamente o mundo – independente de qualquer compreensão humana da declaração ou do mundo.

Johnson (1987) expõe que essa abordagem não é satisfatória porque o significado tipicamente envolve estruturas cognitivas figurativas (metáfora, metonímia, imagens mentais), sendo que não pode ser reduzido a um conjunto de conceitos e proposições literais. Uma abordagem semântica objetivista estaria preocupada apenas com os conteúdos conceptuais e proposicionais literais, ignorando essa dimensão cognitiva. Essas estruturas cognitivas figurativas que contribuiriam para a construção do significado são objeto de estudo desta pesquisa e serão exploradas nas próximas subseções.

O argumento objetivista introduz uma visão mecanizada da mente. Nessa perspectiva, “O pensamento é a manipulação mecânica de símbolos abstratos (representação interna da realidade externa) e a mente é uma máquina abstrata, que manipula símbolos essencialmente como um computador” (LAKOFF, 1987, p. xii). Essa metáfora da mente como computador é complementada pela compreensão do pensamento atomístico e lógico. De acordo com essa teoria, o pensamento é atomístico, já que pode ser completamente desmembrado em blocos, que são os símbolos usados no pensamento. Além disso, o pensamento é lógico, ou seja, ele pode ser modelado precisamente por sistemas do tipo usado na lógica matemática. (LAKOFF, 1987).

Também vale destacar como a visão tradicional compreende o processo de categorização, ou seja, a criação de categorias para definir e diferenciar nossas experiências, como as categorias PLANTA, ANIMAL, PESSOA, DOENÇA, EMOÇÃO, etc. Tanto o

objetivismo como o experiencialismo, que passaremos a discutir na próxima subseção, se concentram na discussão de como categorizamos, para tentar explicar a conceptualização.

Lakoff (1987) declara que as categorias, na concepção objetivista, são símbolos que designam categorias no mundo real ou em algum mundo possível. O mundo seria dividido em categorias e as estruturas simbólicas fariam referência a elas. O autor acrescenta que as categorias, na visão objetivista, são caracterizadas apenas pelas propriedades compartilhadas por seus membros. Elas são definidas independentemente da natureza corpórea dos seres que categorizam e literalmente, sem mecanismos imaginativos figurativos, que são previstos pela abordagem experiencialista, conforme discorreremos mais adiante. Nesse sentido, as coisas estão em uma mesma categoria se e apenas se elas têm certas propriedades em comum. Essas propriedades são condições necessárias e suficientes para definir a categoria.

Percebe-se, portanto, que a visão clássica de categorização reconhece apenas dois valores na análise do significado: verdadeiro ou falso. Essa abordagem objetiva rende muitas críticas, pois são poucos os exemplos perfeitos de uma categoria. Riemer (2010) reforça essa crítica esclarecendo que, na perspectiva objetivista, as definições não conseguem abranger todos os membros de uma categoria e não conseguem explicar os diferentes *status* dos membros. A percepção de que alguns membros são melhores exemplos de uma categoria do que outros deu espaço para a teoria de categorização prototípica (ROSCH, 1975, 1978; ROSCH; MERVIS, 1975), que encontra seu lugar em uma concepção experiencialista do pensamento e da linguagem, que trataremos a seguir.

Diferentemente da abordagem apriorística clássica que se valeu da razão e da argumentação para explicar o pensamento e a linguagem, diferentes ciências cognitivas têm estudado a conceptualização e o estabelecimento de categorias com base em pesquisa empírica. Essas evidências entram em conflito com a tradição objetivista do mundo, sugerindo uma visão muito diferente não apenas da conceptualização, mas do pensamento humano em geral. Trata-se do experiencialismo ou realismo experiencial, que passamos a descrever.



### 2.1.2 Experiencialismo nas Ciências Cognitivas

Como resultado do interesse no estudo empírico da mente e na investigação científica dos sistemas conceptuais por parte de disciplinas como a psicologia, a linguística, a antropologia, surge, na década de 70, um novo campo de estudo denominado ciência cognitiva. Nas palavras de Lakoff (1987), a ciência cognitiva procura respostas detalhadas para perguntas como: “O que é o pensamento? Como nós criamos sentido para nossa experiência? O que é um sistema conceptual e como ele é organizado? Todas as pessoas usam o mesmo sistema conceptual? Se sim, qual é esse sistema? Se não, o que é comum à forma com que todos os humanos pensam?” (p. xi).

Como vimos, há respostas clássicas para essas perguntas na visão objetivista. Contudo, a ciência cognitiva propõe novas respostas que vão de encontro aos argumentos da visão clássica, as quais compõem uma nova perspectiva para a conceptualização: o realismo experiencial, conhecido também como experiencialismo. Trata-se de uma visão de realidade, de mundo, relacionada à natureza de nossos organismos e a nossas experiências. Lakoff (1987) esclarece que a noção de experiência, na abordagem experiencialista, assume um sentido amplo: “a totalidade da experiência humana e tudo que desempenha um papel nela – a natureza de nossos corpos, nossas capacidades herdadas geneticamente, nossos modos de funcionamento físico no mundo, nossa organização social, etc.” (p. 266).

Assumindo essa perspectiva experiencialista, a ciência cognitiva apresentou importantes evidências. As três maiores, no argumento de Lakoff e Johnson (1999), seriam as seguintes: 1- A mente é inerentemente corporificada; 2- O pensamento é principalmente inconsciente e 3- Os conceitos abstratos são em grande parte metafóricos. Como já se pode ver, a nova disciplina reabre questões filosóficas centrais e defende que a racionalidade humana não é o que a tradição filosófica ocidental sustentou.

Dizer que a mente é corporificada significa dizer que o pensamento surge da natureza de nossas mentes, de nossos corpos e de nossa experiência corpórea. Quer se dizer que a estrutura do pensamento vem dos detalhes de nossa corporeidade. Os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que nos permitem perceber e mover também criam nossos sistemas conceptuais e modos de raciocínio. Em resumo, o pensamento é modelado pelas peculiaridades dos nossos corpos humanos, pelos detalhes notáveis da estrutura neural de nossas mentes, e pelas especificidades do nosso funcionamento diário no mundo. (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Lakoff (1987) argumenta que o centro de nossos sistemas conceituais é diretamente baseado na percepção, no movimento corporal e na experiência de um indivíduo físico e social. “Na nova visão, o significado é uma questão do que é significativo para seres pensantes e funcionais” (p. xi). Dessa forma, percebe-se que, na visão experientialista da ciência cognitiva, a natureza do organismo pensante e a forma com que ele funciona em seu ambiente são de interesse central ao estudo do pensamento e da conceptualização.

Mandler (1992), estudando a atividade perceptual e a elaboração de conceitos por parte de crianças, sugere que experiências básicas e recorrentes com o mundo, como o contato com objetos, com sua forma e seu movimento, formam a essência da arquitetura semântica da criança, que já é estabelecida bem antes de a criança começar a produzir a linguagem. Percebe-se, portanto, no argumento da autora, que as experiências primárias, que adquirem significado pela corporeidade, formariam a base de muitos de nossos conceitos fundamentais.

Um exemplo recorrente no escopo do experientialismo para exemplificar a corporeidade na conceptualização é o caso dos conceitos de COR. A ciência cognitiva explica que as cores não existem no mundo externo. Dado o mundo, nossos corpos e mentes se desenvolveram para criar cor. Lakoff e Johnson (1999) esclarecem que nossa experiência de cor é criada pela combinação de quatro fatores: comprimento de onda de luz refletida, condições de luz, e dois aspectos de nossos corpos: os três tipos de cones de cor em nossas retinas, que absorvem luz de comprimentos de onda curtos, médios e longos, e o circuito neural complexo conectado a esses cones. Nesse sentido, quer se dizer que cores não são objetivas, não caracterizam nada no mundo. Diferentemente, o significado de uma cor é criado pela corporeidade, é dependente de retinas, cones de cores, circuitos neurais e cérebros.

O caso das cores é apenas um exemplo da relação da conceptualização com a corporeidade. Muitos conceitos podem ser comentados para demonstrar essa relação, como no caso dos conceitos de relação espacial. Relações espaciais como FRENTE E TRÁS, por exemplo, não são vistas como objetos físicos no mundo, elas só fazem sentido para nós devido à nossa experiência corpórea. Se fossemos uma entidade diferente com a mesma percepção em todas as direções, não teríamos esses conceitos.

A hipótese da mente corporificada, então, enfraquece a distinção percepção/concepção. No argumento de Lakoff e Johnson (1999), o mesmo sistema neural engajado na percepção ocupa um papel central na concepção. Ou seja, os mesmos mecanismos responsáveis por percepção, movimentos e manipulação de objetos seriam responsáveis pela conceptualização e pelo pensamento.

Vimos, na subseção anterior, que, de acordo com a visão objetivista, nós teríamos uma capacidade para pensar independente de nossos corpos, ou seja, sem relação com a percepção e o movimento corporal, o que nos distinguiria dos outros animais. No entanto, a ideia da corporeidade do pensamento, na perspectiva experiencialista, mostra o equívoco da teoria clássica demonstrando que não há tal faculdade autônoma, pois o pensamento se origina de capacidades corpóreas. Trata-se, portanto, de uma visão evolucionária do pensamento, em que o mesmo é considerado como uma forma evoluída de pensamento animal, pois os outros animais também têm capacidades corpóreas perceptuais e motoras estruturando o seu pensamento.

Nessa visão, como resultado do pensamento corporificado, também a categorização é estruturada pela corporeidade, sendo essa uma capacidade comum a todos os seres vivos. Lakoff e Johnson (1999) argumentam que até a ameba categoriza coisas como comida ou direção, não escolhendo se categoriza ou não, ela apenas o faz. O mesmo é verdade para qualquer nível do mundo animal, complementam os autores. Animais categorizam comida, predadores, parceiros possíveis, membros de sua e de outras espécies, e assim por diante. A maneira como os animais categorizam depende do seu aparato de sentidos e da sua habilidade de se mover e de manipular objetos. “A categorização é, portanto, uma consequência de como nós somos corporificados. Nós nos desenvolvemos para categorizar. Se não tivéssemos esse desenvolvimento, não teríamos sobrevivido” (p.18).

Dada a concepção da mente corporificada, Lakoff e Johnson (1999) acrescentam que o pensamento não é universal, não é compartilhado igualmente por todos. Contudo, ele é oriundo de uma capacidade compartilhada universalmente pelos seres humanos, devido aos aspectos comuns que existem na forma com que nossas mentes são corporificadas. Na mesma linha, Johnson (1987) declara que nossos padrões experienciais não são privados. Nossa comunidade nos ajuda a interpretar e codificar muitos dos padrões sentidos. Eles se tornam modos de experiência culturais compartilhados e ajudam a determinar a natureza da compreensão coerente e significativa do mundo.

Lakoff e Johnson (1999) explicam que nossos corpos, mentes, e interações com nosso ambiente oferecem a base mais inconsciente para nossa metafísica diária, ou seja, para o nosso senso do que é real. Nesse sentido é que se diz que o pensamento é em maior parte inconsciente, uma das importantes descobertas da ciência cognitiva, conforme anunciamos há pouco. Nessa base inconsciente, o nosso sentido do que é real começa e depende crucialmente de nossos corpos, especialmente de nosso aparato sensório-motor, que nos permite perceber, mover e manipular, e das estruturas detalhadas de nossas mentes, que foram moldadas pela

evolução e pela experiência. Considerando o caráter inconsciente do pensamento, o mesmo não pode ser conhecido simplesmente por autorreflexão, em termos de uma especulação filosófica *a priori*, como propõe o objetivismo. Ao contrário, estudo empírico é necessário, o que se verifica nos estudos experientialistas.

Na mesma linha, a categorização não é um produto do pensamento consciente. As categorias, no geral, são formadas automaticamente e inconscientemente como um resultado do nosso funcionamento no mundo. Mesmo aprendendo novas categorias regularmente, nós não podemos fazer muitas mudanças em nossos sistemas de categorias através de atos conscientes de recategorização, embora, através de experiências no mundo, nossas categorias estejam sujeitas a remodelamento inconsciente e mudança parcial. Nós não temos e não podemos ter controle consciente e completo de como categorizamos. Mesmo quando nós pensamos que estamos deliberadamente formando novas categorias, nossas categorias inconscientes entram em nossa escolha de categorias conscientes possíveis. (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

O experientialismo também desmonta a visão clássica de que o pensamento e os conceitos são literais, correspondendo objetivamente à realidade. Na nova perspectiva, o pensamento não é puramente literal, mas amplamente metafórico e imaginativo, importante descoberta da ciência cognitiva, como mencionamos. Consequentemente, um grande número de nossos conceitos são metafóricos, a exemplo de conceitos básicos como TEMPO, CAUSA, PROPÓSITO. TEMPO é conceptualizado como MOVIMENTO (*o final de semana está chegando*); CAUSA, como FORÇA FÍSICA (*a invasão jogou o país na guerra*); PROPÓSITO, como DESTINO (*Ele ainda vai chegar lá*).

Lakoff (1987) expõe que a visão experientialista toma os aspectos imaginativos do pensamento, os quais ele denomina metáfora, metonímia e imagens mentais, como centrais para o pensamento, e não algo periférico e auxiliar ao literal. “Aqueles conceitos que não se baseiam diretamente na experiência empregam metáfora, metonímia e imagens mentais, mecanismos que vão além da representação da realidade externa” (p. xiv). É essa capacidade imaginativa que permite o pensamento abstrato, não literal, e leva a mente para além do que nós podemos ver e sentir, para além do físico. A capacidade imaginativa é também corporificada, já que as metáforas, metonímias e imagens são baseadas na experiência.

Nesse sentido, percebe-se que a teoria clássica da correspondência com a verdade, das declarações verdadeiras ou falsas não se sustenta. Lakoff e Johnson (1999) argumentam que a verdade é mediada pela compreensão corporificada e pela imaginação. Os mesmos explicam

que isso não significa que a verdade é puramente subjetiva ou que não há verdade estável. Ao invés disso, nossa corporeidade comum nos leva a verdades compartilhadas e estáveis.

O caráter inferencial, imaginativo do pensamento é explicado por Johnson (1987) como “um alto refinamento sob ordem de nossa experiência corpórea” (p. 5). Para o autor, o conteúdo conceptual/proposicional de uma expressão é possível apenas em virtude de uma rede complexa de estruturas esquemáticas não proposicionais que emergem de nossa experiência corpórea. E qualquer consideração de uma cadeia de pensamento teria que fazer referência a tais estruturas esquemáticas e extensões figurativas delas.

Conforme Johnson (1987), em uma análise de um segmento do discurso, a visão objetivista tentaria dar o significado de uma passagem apenas em termos de conceitos e proposições literais, e da estrutura do ato do discurso necessária (geralmente reconhecida como parte da pragmática). Mas, na opinião do teórico, essa abordagem negligencia características que tornam o significado possível em um primeiro plano, pois não seria possível compreender a lógica do argumento do falante sem compreender a estrutura metafórica básica e irreduzível que o sustenta.

Como podemos ver, o experiencialismo propõe uma visão de conceptualização em que a construção do significado está relacionada com a natureza e com as experiências dos indivíduos, e não tem uma relação autônoma, direta, consciente com a realidade. Trata-se de uma concepção em que o pensamento, no geral, é inconsciente, é abstrato, é imaginativo.

Assumimos, neste trabalho, essa perspectiva experiencialista, haja vista ser de nosso interesse o estudo de conceitos abstratos - emoções -, que emergem exatamente desse caráter corporificado, abstrato e imaginativo do pensamento. Interessa-nos verificar como um dos principais aspectos imaginativos do pensamento - a metáfora - dá origem a categorias emocionais. A presente subseção se preocupou apenas em anunciar essa função cognitiva da metáfora, situando-a no paradigma do experiencialismo. Contudo, ao longo do capítulo, voltaremos ao assunto, em especial nos subcapítulos 2.2 e 2.3. Na próxima subseção, objetivamos dar maiores detalhes da perspectiva teórica assumida nesta tese - a linguística cognitiva -, a qual está inserida na ciência cognitiva.

### 2.1.3 Compromissos da Linguística Cognitiva

Pesquisas empenhadas em compreender a linguagem e a conceptualização e em representar linguisticamente a estrutura conceptual seguindo o paradigma experiencialista deram origem a uma disciplina alternativa ao estudo da linguagem: a linguística cognitiva, na qual baseamo-nos para o desenvolvimento desta tese. Entre os principais pesquisadores dessa abordagem, que iniciou na década de 80, destacam-se George Lakoff (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999), Ronald Langacker (1987, 1990, 1997) e Leonard Talmy (1983, 1988, 2000).

Essa disciplina assume os pressupostos experiencialistas que discutimos na subseção anterior – a mente corporificada, o pensamento inconsciente, abstrato e imaginativo –, estando assim inserida na ciência cognitiva. Considerando que a linguagem baseia-se na cognição, a linguística cognitiva almeja demonstrar como isso ocorre. Ela se preocupa em verificar como a linguagem estrutura o conteúdo conceptual. (TALMY, 2000).

Lakoff (1990) destaca dois compromissos gerais dessa abordagem: o compromisso com a generalização e o compromisso com a cognição. A linguística cognitiva se compromete com a generalização por compreender que há princípios gerais que estão presentes em todos os aspectos da linguagem humana e por buscar identificar esses princípios. Nesse contexto, disciplinas como sintaxe, semântica, morfologia, fonologia não são vistas em separado. Assim, a linguística cognitiva contraria a visão modular de muitas teorias da linguística moderna que separam o estudo da língua em subdisciplinas por haver o entendimento de que há módulos ou subsistemas da linguagem e de que esses são organizados de formas bem diferentes.

Na mesma linha, Feldman (2006) conclui que “a linguagem é corporificada, integrada e multimodal” (p. 9). O autor explica que a nossa compreensão de uma sentença envolve uma rica interação entre muitos sistemas neurais e que há uma estrutura sistemática que faz com que todos esses componentes atuem juntos para constituir a linguagem. As regras ou padrões da linguagem, nessa perspectiva, são chamados de *construções*, as quais integram diferentes facetas da linguagem, por exemplo, fonologia, pragmática, semântica, sintaxe.

Quanto ao compromisso cognitivo da linguística cognitiva, destacado por Lakoff (1990), trata-se de um comprometimento para oferecer uma caracterização de princípios gerais de linguagem que acordem com o que é proposto sobre cognição humana em outras disciplinas, como a psicologia, a biologia, a neurociência, a inteligência artificial, entre outras.

Nessa perspectiva, compreende-se que a linguagem e a organização linguística refletem princípios cognitivos gerais e não princípios específicos da linguagem. Esse compromisso cognitivo novamente rejeita uma teoria modular da mente que vê a linguagem como um dos distintos módulos de conhecimento que compõem a mente humana, estando separada de outros aspectos da cognição.

Talmy (2000) esclarece que a linguística cognitiva procura ajudar a explicar o comportamento do fenômeno conceptual em termos de estruturas psicológicas, e, ao mesmo tempo, ajuda a entender algumas das propriedades dessas estruturas a partir da compreensão detalhada de como a linguagem as realiza. De acordo com o autor, a tradição da linguística cognitiva está trabalhando para determinar as estruturas cognitivas mais gerais pertencentes ao conteúdo conceptual que engloba tanto as estruturas cognitivas conhecidas da psicologia quanto aquelas da linguística. É essa trajetória na direção da unificação com o psicológico que motiva o termo *cognitiva* nessa tradição. Percebe-se, portanto, que a linguística cognitiva busca integrar as perspectivas linguística e psicológica da organização cognitiva em uma compreensão unificada da estrutura conceptual humana.

Assumir essa abordagem cognitiva da linguística, como nos propomos neste trabalho, significa tentar compreender como a linguagem é motivada pelo sistema conceptual, o qual é intrinsecamente relacionado à nossa natureza corpórea e a nossas experiências físicas e culturais, como vimos na subseção anterior. Feldman (2006, p. 24) ratifica essa ideia:

O nosso pensamento e nossa linguagem se originam de nossa herança genética e de nossa experiência. A linguagem e a cultura são, é claro, desenvolvidas pela família e pela comunidade. Mas cada criança tem que reconstruir tudo isso em sua mente. Da perspectiva interna da criança, as interações culturais e sociais começam como contribuições adicionais que podem de alguma forma ser compreendidas e incorporadas usando conhecimento existente.

Por este trabalho almejar investigar a significação de categorias de emoção, voltando-se para a semântica, o mesmo está inserido em um escopo mais específico da linguística cognitiva: a semântica cognitiva. Para Talmy (2000), a semântica cognitiva está especificamente preocupada com a organização conceptual da linguagem, relacionando-a a processos cognitivos gerais. “A pesquisa em semântica cognitiva é pesquisa no conteúdo conceptual e na sua organização na linguagem e, dessa forma, na natureza do conteúdo conceptual e na sua organização em geral” (p. 4). Em outras palavras, essa disciplina,

assumindo que a linguagem é parte da cognição, investiga a representação do conhecimento (a estrutura conceitual) e a construção de significado, a construção de conceitos relacionados a nossos conhecimentos, o que corresponde à conceptualização. “O significado é baseado na experiência cognitiva humana: experiência dos mundos culturais, sociais, mentais e físicos”. (SWEETSER, 1990, p. 12).

A abordagem cognitiva, experiencial, da semântica cognitiva contraria a visão objetivista da semântica formal (a exemplo de DAVIDSON, 1967; MONTAGUE, 1970, LEWIS, 1972, entre outros). Os estudos formalistas não reconhecem o componente cognitivo da linguagem e consideram que há um mundo objetivo, sendo que a função da linguagem é descrever as coisas desse mundo. A semântica formal é guiada pela perspectiva do objetivismo defendida pela filosofia ocidental, que discutimos anteriormente. Ao contrário, a semântica cognitiva argumenta que a realidade não é dada objetivamente, mas é construída pela corporeidade humana, relacionada à natureza de nossos corpos e às nossas experiências.

Não se quer dizer aqui que há o entendimento de que não há um mundo físico objetivo independente dos seres humanos, mas que essa realidade externa é amplamente influenciada pela corporeidade e reflete a nossa visão de mundo. Nesse sentido, a linguagem não reflete o mundo, como propõe uma abordagem semântica formal, mas reflete a nossa construção de mundo. Assim, o propósito de nossos mecanismos perceptuais e cognitivos é oferecer uma representação da realidade externa.

Sweetser (1990), buscando compreender irregularidades na linguagem que norteiam fenômenos em que uma forma linguística pode ser mapeada a diferentes significados (casos de polissemia, mudança semântica lexical e ambiguidade pragmática), aponta que esses fenômenos não podem ser apropriadamente capturados dentro de uma teoria semântica objetivista, em que o significado é pensado como basicamente uma relação entre palavra e mundo, isto é, entre uma forma linguística e um objeto ou estado referido ou descrito por aquela forma. Contudo, no argumento da autora, em uma teoria de base cognitiva que não assume o mundo real objetivo, mas a percepção e compreensão humanas do mundo como base para a estrutura da linguagem humana, as irregularidades observadas são naturais e motivadas.

Percebe-se aqui outro compromisso assumido pela linguística cognitiva, o reconhecimento da natureza perspectivista do significado (GEERAERTS, 1995), que pode ser explicada pelo fato de o significado não ser objetivamente refletido na linguagem, sendo a linguagem um meio de refletir perspectivas dos falantes que interpretam, constroem e



organizam conhecimentos e significados, de acordo com suas necessidades, interesses e experiências.

Outro ponto de extrema importância que destacamos nessa perspectiva cognitiva é a valorização da natureza enciclopédica do significado. Esse princípio está associado com a clássica distinção entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico. O conhecimento linguístico compreenderia o conhecimento gramatical e lexical, enquanto o conhecimento enciclopédico representaria os conhecimentos gerais de mundo que os indivíduos armazenam em suas memórias como resultado de suas experiências.

Ocorre que a linguística cognitiva, a exemplo de Langacker (1987) e Geeraerts (1995), reconhece que ambos os conhecimentos são essenciais na conceptualização, sendo que o significado teria um aspecto linguístico ou dicionarizado e um aspecto enciclopédico. O aspecto linguístico se refere ao conhecimento geral do significado de uma palavra, algo conciso, similar à definição encontrada em dicionário. O aspecto enciclopédico se relaciona ao conhecimento sobre os fatos envolvendo os objetos a que as palavras se referem. Dessa forma, o conhecimento dicionarizado é o conhecimento do significado essencial de uma palavra, que todos os falantes possuem; enquanto o conhecimento enciclopédico não é essencial para o significado de uma palavra e irá variar entre os falantes, não sendo linguístico por natureza.

Verifica-se, portanto, que, a despeito de teorias formalistas que tratam o significado como algo autônomo, independente do uso (visão dicionarizada), a linguística cognitiva defende uma concepção enciclopédica do significado, em que o uso e a experiência afetam a conceptualização. Nessa linha, Langacker (1987) argumenta que as palavras não representam porções de significado, mas servem como “ponto de acesso a repertórios de conhecimento” relacionados a determinados conceitos ou domínios conceptuais.

Os estudos semânticos inseridos na linguística cognitiva rejeitam uma divisão rígida entre dicionário e enciclopédia, mas reconhecem que as facetas do conhecimento têm *status* diferenciados na conceptualização e defendem a noção de centralidade para a compreensão do significado. Nessa concepção de significado, o mesmo pode apresentar aspectos mais objetivos e aspectos mais subjetivos e a relevância de um ou outro aspecto está relacionada com a noção de prototipicidade (ROSCH, 1975, 1978; ROSCH; MERVIS, 1975), ou seja, com a identificação de exemplares típicos de categorias conceptuais. Em outras palavras, dependendo do significado a ser vislumbrado, determinadas características centrais de uma categoria poderão estar associadas a aspectos gerais ou a aspectos enciclopédicos.

A linguística cognitiva, portanto, se compromete com uma perspectiva prototípica da categorização. De acordo com a teoria de protótipos (ROSCH, 1975, 1978; ROSCH; MERVIS, 1975), advinda da psicologia, entre os itens de uma categoria, alguns traços semânticos são centrais, outros são periféricos, e um item é apontado como protótipo quando possuir os traços característicos da sua categoria. Além disso, alguns membros de uma categoria estarão mais próximos do protótipo, e outros mais distantes.

Percebe-se, assim, que a visão prototípica de categorização também considera aqueles exemplares de uma categoria que não correspondem ao protótipo, que não apresentam as condições necessárias e suficientes previstas por uma teoria objetivista de categorização, como mencionamos anteriormente. Desse modo, casos como ORNITORRINCO e PADRE, por exemplo, são incluídos nas respectivas categorias de MAMÍFERO e SOLTEIRO, sendo tratados como elementos não prototípicos. Trata-se de uma abordagem mais sofisticada, que compreende que uma categoria é composta de entidades que compartilham alguns atributos, não todos, os quais são mais centrais ou periféricos dependendo do significado a ser expresso. No caso da categoria JOGO, por exemplo, não há propriedades comuns compartilhadas por todos os exemplares. Alguns podem envolver apenas diversão e não competição, como no caso de brincadeiras de roda; alguns envolvem sorte, como os jogos de carta; outros, habilidade, como o xadrez. (WITTGEINSTEIN, 1953). Não se tratam apenas de entidades que apresentam a mesma lista de características com o mesmo *status* de representatividade.

Essa noção de categorização faz parte de uma visão mais ampla da corporeidade do pensamento e da conceptualização, assumida pelo experiencialismo. Como vimos, a categorização depende de nossas heranças genéticas e de nossas experiências, sendo predominantemente um processo inconsciente. Nós categorizamos da forma com que fazemos porque temos as mentes e os corpos que temos e porque interagimos no mundo do jeito que fazemos. Conforme Lakoff e Johnson (1999), “a categorização não é apenas uma questão intelectual, que ocorre depois da experiência. Ao invés disso, a formação e o uso de categorias é parte da experiência. É parte do que nossos corpos e mentes estão constantemente engajados” (p. 19). Para os autores, o que chamamos de conceitos são estruturas neurais que nos permitem caracterizar mentalmente nossas categorias e pensar sobre elas. Eles acrescentam ainda que as categorias humanas são tipicamente conceptualizadas em mais de uma forma, em termos de protótipos, ou seja, os membros de uma categoria poderão estar mais próximos ou mais distantes do protótipo.

Por fim, outro ponto que merece ser destacado no tocante à linguística cognitiva é que costuma haver o equívoco na consideração de que essa abordagem, por ter o seu foco na base

cognitiva da linguagem, ignora e não está envolvida com fatores interacionais, sociais e culturais, o que é definitivamente incompatível com a base experiencial dessa perspectiva teórica, como temos destacado.

Esse engano pode ser explicado devido à herança das teorias formalistas, principalmente da perspectiva genética da linguística gerativa, de foco cognitivo, pelo seu entendimento da mente como entidade descontextualizada. No entanto, a linguística cognitiva surgiu da crítica aos pressupostos estruturalista e gerativista, que encaravam a linguagem como um sistema autônomo.

O estruturalismo compreende a linguagem como um sistema independente de fatores externos, desvaloriza a interação entre o falante e o mundo que o rodeia (SAUSSURE, 1969). O gerativismo (CHOMSKY, 1965), por sua vez, entende a linguagem como uma faculdade mental autônoma independente dos demais processos mentais.

De forma contrária, a linguística cognitiva não aborda a linguagem como um sistema autônomo, mas compreende que ela interage com outros mecanismos mentais e está associada a nossas experiências sociais, culturais, físicas e epistemológicas. “Apesar de seu foco mental, a linguística cognitiva pode também ser descrita como linguística social, cultural e contextual”. (LANGACKER, 1997, p. 240). Dado o seu escopo, metodologicamente, essa disciplina é tratada como um modelo baseado no uso, por isso o seu comprometimento com pesquisa empírica e com a observação do uso real das expressões linguísticas com base em *corpora*, compromisso também assumido no escopo deste trabalho.

A visão da linguística cognitiva de que a interação com o mundo é mediada por estruturas informativas da mente faz com que esse paradigma científico assuma um caráter interdisciplinar e se aproxime de outras ciências que estão envolvidas com os elementos da cognição, como a psicologia, a neurociência e a biologia, e se afaste das teorias que tratam a linguagem apenas como fenômeno mental, como é o caso da linguística gerativa. Lakoff (1990) esclarece:

Não é meramente o caso que a linguística cognitiva cobre mais fenômenos do que a linguística gerativa. Ela faz isso, mas cobre esses fenômenos de uma forma muito diferente. Tome, por exemplo, a natureza da representação semântica, os compromissos com a generalização e a cognição levaram a linguística cognitiva a lançar hipóteses sobre noções como esquemas de imagem, mapeamentos metafóricos e metonímicos, espaços mentais, categorias radiais, para caracterizar generalizações semânticas. Os fenômenos que levaram a tais conclusões não são geralmente discutidos pelos linguistas gerativos, primeiramente, eu acho, porque o aparato descritivo disponível para linguistas gerativos não é capaz de postular princípios gerais que governam tais fenômenos. Isso, é claro, não é visto como algo

problemático para os linguistas gerativos, porque a sua disciplina é definida de uma forma restrita, excluindo esses fenômenos (p. 44).

Importa esclarecer que a linguística cognitiva, assim como se propõem as teorias linguísticas formalistas, também examina as propriedades formais da linguagem, mas a partir da sua perspectiva conceptual. Ela procura explicar a estrutura gramatical em termos das funções que essa apresenta na representação da estrutura conceptual (TALMY, 2000), o que demonstra outro princípio da linguística cognitiva: a primazia da semântica na análise linguística, a relação intrínseca entre significado e gramática.

Ressalta-se também que a análise semântica cognitiva e experiencial não é menos formalizável do que as tradicionais análises do significado objetivistas, baseadas em características. Sweetser (1990) defende que a cognição é estruturada, não caótica, e que se pode demonstrar, com a abordagem da semântica cognitiva, que o domínio aparentemente desordenado do significado linguístico é estruturado em torno da compreensão dos falantes de um dado domínio cognitivo. A autora argumenta que, na verdade, as análises semânticas formais não tratam de generalizações cruciais que podem facilmente ser expressas dentro de uma teoria do significado de base cognitiva. Similarmente, Lakoff (1990) expõe: “não se espera que o sistema linguístico seja uma lista desestruturada de itens lexicais e construções: espera-se encontrar redes de relacionamentos entre itens lexicais e construções” (p. 41).

Os compromissos da linguística cognitiva debatidos neste texto, como a generalização dos aspectos da linguagem, os princípios cognitivos gerais, a natureza perspectivista do significado e o seu carácter enciclopédico, não são o produto de uma teoria imposta, mas são o resultado de pesquisas baseadas na observação empírica e que interagem com outras disciplinas cognitivas. Como podemos observar, a conceptualização e a categorização, nessa perspectiva experiencialista, não dependem apenas da nomeação objetiva de elementos no mundo e da distinção desses elementos. Esses processos estão relacionados com os conhecimentos linguístico e enciclopédico, com a corporeidade, com o estabelecimento de protótipos e também com a estruturação metafórica e metonímica de nossas percepções do mundo. Como é do interesse deste trabalho o estudo da conceptualização, passamos a discutir, na próxima subsecção, outro importante construto teórico da linguística cognitiva – os esquemas de imagem –, que estão na base do processo de conceptualização e que se relacionam com os elementos discutidos até aqui.

### 2.1.4 Esquemas de Imagem e Projeção Metafórica

Na linguística cognitiva, os esquemas de imagem<sup>1</sup> são considerados fundamentais para tratarmos de significados e conceitos. A noção foi introduzida por Johnson (1987), que os caracteriza como padrões de algumas experiências básicas, os quais estão presentes em nossa cognição e estruturam a conceptualização. Em outras palavras, os esquemas de imagem seriam conceitos rudimentares, como FORÇA, ESCALA, CONTATO, SUPERFÍCIE, que derivam da experiência pré-conceptual, que seria a experiência de mundo diretamente mediada e estruturada pelo corpo humano. Eles estariam na base do sistema conceptual e seriam os primeiros conceitos a emergir na mente humana.

Lakoff (1987) explica os esquemas de imagem como estruturas simples que constantemente ocorrem em nossa experiência corpórea diária, como RECIPIENTES, TRAJETÓRIAS, FORÇAS, EQUILÍBRIO, e em várias orientações e relações que estabelecemos com nosso corpo, como ACIMA-ABAIXO, FRENTE-TRÁS, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, etc. Conforme o autor, essas estruturas são diretamente significativas porque elas são experienciadas repetidamente em razão da natureza do nosso corpo e do seu modo de funcionamento no ambiente.

Tomemos os seguintes exemplos emprestados de Lakoff (1987). A disposição ereta de nosso corpo, com cabeça no topo e pés na base e a experiência da gravidade são elementos responsáveis pela criação do esquema de imagem de espaço ACIMA-ABAIXO. Da mesma forma, o esquema de imagem de RECIPIENTE (de um limite que distingue um interior de um exterior) resulta de nossas experiências recorrentes com recipientes, a exemplo maior de nosso próprio corpo, que ingere e excreta substâncias e define a distinção básica entre dentro e fora. Também a nossa experiência básica de deslocamento (ponto de partida-locomoção-destino) embasa o esquema de imagem de TRAJETÓRIA.

Johnson (1987) esclarece que os esquemas de imagem não são imagens ricas e concretas ou figuras mentais, mas estruturas que organizam a nossa representação mental em um nível mais geral e abstrato. Seriam representações esquemáticas de entidades, situações, configurações que encontramos repetidamente no mundo. A sua lista parcial inclui esquemas como os seguintes: RECIPIENTE, EQUILÍBRIO, COMPULSÃO, BLOQUEIO, FORÇA

---

<sup>1</sup> O termo *imagem* em *esquemas de imagem* é oriundo da psicologia, que considera que a *experiência imagética* deriva da experiência com o mundo externo, em contraste com a *experiência introspectiva*, que é subjetiva e interna. (EVANS; GREEN, 2006).

CONTRÁRIA, ATRAÇÃO, TRAJETÓRIA, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, CICLO, PRÓXIMO-LONGE, ESCALA, PARTE-TODO, CHEIO-VAZIO, CONTATO, PROCESSO, SUPERFÍCIE, OBJETO.

Evans e Green (2006) chamam atenção para que os esquemas de imagem não sejam confundidos com imagens mentais (aquelas que fechamos os olhos e imaginamos), que são detalhadas e resultam de um esforço e de um processo cognitivo parcialmente consciente que envolve o acionamento da memória visual.

Conforme Johnson (1987), “um esquema de imagem não é uma imagem, mas um meio de estruturar determinadas experiências esquematicamente de forma a conferir ordem e conexão a nossas percepções e concepções” (p. 75). O autor toma como exemplo o esquema de imagem de EQUILÍBRIO e argumenta que esse é um conceito que aprendemos com nosso corpo (equilíbrio corporal em torno de um eixo vertical, com simetria de peso de ambos os lados do eixo), que não pode ser descrito por regras, que não pode ser tocado ou visto, que não corresponde a uma imagem mental. De fato, é um padrão recorrente da experiência de equilíbrio, que consiste de um ponto ou de um eixo em torno do qual forças devem estar distribuídas.

Consideremos o detalhamento de Lakoff e Johnson (1999) dos esquemas de imagem de recipiente e trajetória. O esquema de RECIPIENTE tem a seguinte estrutura: um interior, uma delimitação e um exterior. Essa seria uma estrutura *gestalt*<sup>2</sup>, já que as partes não fazem sentido sem o todo. Não há interior sem uma delimitação e um exterior, não há exterior sem uma delimitação e um interior, e não há delimitação sem interior e exterior. A estrutura também é topológica, no sentido de que a delimitação pode ser maior, menor ou ter a sua forma alterada, sem deixar de ser o limite do esquema de imagem de RECIPIENTE.

Conforme os autores, embora os esquemas de imagem sejam conceituais, eles podem ser instanciados fisicamente, como no caso do esquema de RECIPIENTE que pode aparecer como um objeto concreto, como uma caixa, uma sala ou uma xícara, ou como uma região limitada no espaço, como uma quadra de basquete ou um campo de futebol. Contudo, é importante distinguir um esquema de imagem conceptual de uma realização física desse esquema, pois eles têm propriedades diferentes. No caso de uma caixa, por exemplo, a delimitação imposta pode proteger o conteúdo do recipiente, restringir seu movimento, impossibilitar a visualização do conteúdo.

---

<sup>2</sup> De acordo com a psicologia de *gestalt*, a percepção é um todo que é maior do que a soma das partes que o constituem. Nossas percepções estariam presentes na nossa mente como símbolos distintos de seus elementos particulares. Essas percepções holísticas modelariam a visão e outros sentidos dos indivíduos. (WERTHEIMER, 1945).

Quanto ao esquema de imagem de TRAJETÓRIA, Lakoff e Johnson (1999) explicam que o mesmo seria composto pelos seguintes elementos: um elemento que se move, um ponto de partida, um destino pretendido, uma rota do ponto inicial ao destino, a trajetória do movimento, a posição do elemento em certo tempo, a direção do elemento naquele momento, a localização final do elemento, que pode ou não ser o destino pretendido. Esse esquema também pode apresentar extensões, como um veículo, a velocidade do movimento, obstáculos ao movimento, forças que se movem ao longo da trajetória, elementos adicionais, etc. Os autores expõem que esse esquema é topológico, no sentido de que uma trajetória pode ser estendida, reduzida, alterada, mas continua sendo uma trajetória. Também explicam que esse esquema é imaginativo, à medida que não corresponde objetivamente a uma entidade no mundo, mas a uma representação abstrata.

Uma das importantes descobertas da ciência cognitiva é que os sistemas conceptuais usados na linguagem fazem uso de um número pequeno de esquemas de imagem básicos, embora a variedade de relações complexas que podem ser construídas a partir desses esquemas seja muito grande. Quer se dizer com isso que um número limitado de esquemas de imagem constituem a base de nossa conceptualização, dando origem a inúmeros conceitos mais complexos.

Conforme Johnson (1987), os esquemas de imagem podem ser sistematicamente estendidos para formar domínios conceptuais e conceitos mais abstratos, em um processo chamado projeção conceptual. O esquema de imagem de RECIPIENTE, por exemplo, é recorrente na conceptualização de muitas experiências, como é o caso da visão (um objeto *entra* ou *sai* do campo de visão de alguém) ou de um relacionamento (alguém *entra* ou *sai* de um relacionamento). Também o esquema de imagem de TRAJETÓRIA embasa frequentemente a conceptualização de outros domínios, como o de eventos complexos, que são geralmente compreendidos como caminhos a serem percorridos, apresentando um estado inicial (um ponto de partida na trajetória), um estado intermediário (uma posição intermediária no caminho a ser percorrido) e um estado final (um destino).

Essa ideia de que esquemas de imagem derivados de nossas experiências sensório-perceptuais dão origem a novos conceitos mais complexos é essencialmente importante para os objetivos desta pesquisa, tendo em vista que situa o papel da metáfora, que seria a principal forma de projeção conceptual, o que exploraremos com mais propriedade a partir do próximo subcapítulo. Johnson (1987) argumenta que aqueles conceitos que não são diretamente baseados na experiência são o resultado de extensões figurativas de esquemas de imagem, sendo que a metáfora e a metonímia conceptual operariam no nível de projeções e elaborações

de esquemas de imagem. O esquema de EQUILÍBRIO, por exemplo, seria projetado conceitualmente via metáfora para nossa compreensão de conceitos como PERSONALIDADE (*pessoa equilibrada*), SISTEMA (*sistema equilibrado*), EQUAÇÃO (*equação balanceada*), JUSTIÇA (*a balança da justiça*), entre outros.

Lakoff (1987) exemplifica como os esquemas de imagem de PARTE-TODO e de LIGAÇÃO são projetados metaforicamente na elaboração de conceitos abstratos. Na explicação do autor, o esquema PARTE-TODO se baseia na nossa experiência corpórea de seres completos com partes que nós podemos manipular. A nossa existência é marcada pela consciência de nossa completude e nossas partes, nós experienciamos nossos corpos como um todo com partes. Além disso, a partir de nosso contato com o mundo, temos consciência da estrutura parte-todo que outros objetos apresentam. Assim, é parte de nossa evolução perceber essa estrutura parte-todo para funcionarmos no ambiente em que vivemos. Esse esquema de imagem é projetado metaforicamente nos conceitos de FAMÍLIA e de outras ORGANIZAÇÕES SOCIAIS, que são compreendidas como um todo com partes. Por exemplo, o casamento é compreendido como a criação de uma família (todo) com esposo, esposa e filhos como partes; o divórcio é visto como uma divisão, uma ruptura.

Quanto ao esquema de imagem de LIGAÇÃO, estruturado por duas entidades e uma ligação que as conecta, a primeira experiência corpórea que lhe subjaz é o cordão umbilical. Durante a infância, nos seguramos a nossos pais e a outras coisas para nossa segurança e localização. Além disso, desde cedo, para conectar coisas, nós usamos barbantes, cordas, ou outros meios. O esquema de imagem de LIGAÇÃO, construído a partir dessas experiências básicas, é projetado para conceptualizar RELAÇÕES SOCIAIS E INTERPESSOAIS, metaforicamente compreendidas como ligações, como em *ter muitas conexões* (no mundo do trabalho) ou *romper laços* (em um relacionamento amoroso). (LAKOFF, 1987).

Como podemos verificar nesta subseção, a noção de esquemas de imagem nos traz importantes evidências de que a conceptualização é estruturada a partir da experiência corpórea e de que conceitos abstratos, como os de emoções, interesse desta pesquisa, são formados a partir de projeções metafóricas de domínios mais concretos (diretamente relacionados à corporeidade). O entendimento desses mapeamentos entre domínios concretos e abstratos que estruturam a conceptualização retoma a ideia assumida anteriormente neste texto quanto ao caráter imaginativo do pensamento, que vai além da representação literal da realidade externa. Nas próximas etapas deste capítulo, nos dedicamos a explorar esses mapeamentos que estruturam a conceptualização, nomeados metáforas conceptuais pela linguística cognitiva.



## 2.2 METÁFORA COMO MECANISMO COGNITIVO

Neste subcapítulo, nos empenhamos em discorrer acerca da metáfora e em debater com maior propriedade o caráter cognitivo da mesma e a sua função na conceptualização, ou seja, o seu papel de mecanismo de projeção conceptual subjacente à criação de conceitos. Antes disso, consideramos importante fazer um levantamento geral do percurso histórico da abordagem da metáfora, sendo o que ocorre na subseção 2.2.1. Vemos que, como resultado de uma abordagem objetivista da mente e da linguagem, os argumentos de que a metáfora seria um desvio da linguagem padrão ou de que ela teria uma função especial, exclusivamente relacionada à linguagem literária e à retórica, remontam à filosofia clássica e influenciam estudos até a atualidade. Contudo, podemos observar também a existência de abordagens que desafiam uma concepção objetivista, evidenciando uma relação da metáfora com a conceptualização e até mesmo com a cognição.

Na subseção seguinte (2.2.2), passamos a apresentar a teoria da metáfora conceptual, que embasa o desenvolvimento desta tese. Segundo essa teoria, a conceptualização é amplamente estruturada por metáforas conceptuais, que correspondem a mapeamentos sistemáticos entre domínios mais concretos e domínios mais abstratos. As metáforas conceptuais são compreendidas como um mecanismo cognitivo e não simplesmente como uma expressão linguística. As expressões linguísticas metafóricas seriam um reflexo dessa operação cognitiva que subjaz a conceptualização e, conseqüentemente, elas são onipresentes na linguagem em geral. Preocupamo-nos em apresentar propriedades características das metáforas conceptuais, bem como exemplos das mesmas e de expressões metafóricas que as confirmam.

Na subseção 2.2.3, debatemos a concepção de modelo cognitivo idealizado, importante para compreendermos a conceptualização no paradigma da linguística cognitiva. Esses seriam determinados modelos de conhecimento, que representam nossas ideias sobre o mundo e que estruturam os significados. Os modelos cognitivos idealizados revelariam o componente enciclopédico do significado, associado a experiências e culturas. Vemos que há diferentes tipos de modelos, mas destacamos os modelos metafóricos – marcados por metáforas conceptuais – os quais são atuantes na conceptualização de domínios abstratos, como as emoções.

Por fim, na subseção 2.2.4, discutimos em que medida as metáforas conceituais que estruturam nossos conceitos podem ser universais ou apresentar diferenças culturais. Dado o entendimento da linguística cognitiva de que a conceptualização está baseada em propriedades e experiências universais do corpo humano, há a possibilidade de várias metáforas conceituais serem potencialmente universais. Contudo, essa abordagem também reconhece que, devido a nossas experiências culturais, as mesmas podem variar em línguas ou culturas diversas. Em complemento, apresentamos nessa parte do texto tipos de variações metafóricas que podem ser encontradas.

### **2.2.1 A Trajetória da Metáfora**

Como já anunciamos nas subseções sobre experiencialismo e linguística cognitiva, a metáfora tem sido tratada, nas últimas décadas, com o advento da ciência cognitiva, como mecanismo cognitivo essencial ao pensamento e à conceptualização. No entanto, essa visão de metáfora e o destaque que a mesma tem recebido contrastam com uma visão anterior que não reconhecia seu papel cognitivo e a tratava como algo de menor importância. Esse desprestígio da metáfora é o resultado de uma abordagem objetivista da mente e da linguagem, conforme debatemos na subseção 2.1.1, a qual foi difundida por séculos pela filosofia ocidental e adotada por muitas ciências.

Retomando o que discutimos anteriormente, na perspectiva do objetivismo, o mundo consiste de objetos e eventos, com suas propriedades e relações definidas, os quais apresentam uma correspondência objetiva com conceitos que os indicam, independente de corporeidade e experiências. As categorias nas quais se enquadrariam os elementos do mundo seriam fixas, definidas e relacionadas à natureza e à essência dos elementos. Declarações sobre a realidade seriam analisadas em verdadeiras ou falsas, dependendo de como elas mapeiam diretamente o mundo, independente de qualquer compreensão humana. Nesse sentido, para a descrição da realidade, seria imprescindível o uso da linguagem literal, pois a mesma, diferentemente da linguagem metafórica, corresponderia objetivamente a elementos do mundo e especificaria condições de verdade para esses elementos.

Johnson (1987) explica que, no objetivismo, os enunciados metafóricos não podem constituir um nível básico ou fundamental de descrição da realidade porque as projeções metafóricas atravessam fronteiras de categorias – elas perpassam domínios experienciais de

diferentes tipos. Ocorre que as metáforas não são o tipo de estrutura que pode mapear propriamente um mundo que se entende apresentar fronteiras de categorias bem definidas. Sendo assim, a concepção objetivista argumenta que uma expressão metafórica só pode descrever a realidade se ela for reduzida a uma proposição literal.

Essa consideração de que a linguagem literal é a ferramenta mais adequada para a caracterização objetiva da realidade está relacionada com a pressuposição, há longa data arraigada em nossa cultura, de que a ciência está comprometida com a descrição e explicação da realidade física e caracteriza-se por precisão e ausência de ambiguidade. Assim, assume-se que a linguagem da ciência deve ser precisa, o que se alcança com a linguagem literal, não ambígua, evitando-se, portanto, a linguagem figurada. Essa crença foi reforçada com a doutrina do positivismo, influente entre filósofos e cientistas entre os séculos XIX e XX. Para o positivismo, a realidade deveria ser precisamente descrita através da linguagem de uma forma que fosse clara, sem ambiguidade e testável (COMTE, 1996/1830), sendo necessário, portanto, o uso de termos literais.

A concepção objetivista apresenta uma abordagem simplista para o tratamento da metáfora, que se limita às noções de comparação ou similaridade, em que a mesma é assumida, a exemplo do que argumenta Hobbes (2005/1839), como um desvio ou uma função derivada do significado literal, tido como adequado. Na explicação de Ortony (1993), essa perspectiva “trata a metáfora como desimportante, desvio, e parasítica do uso normal. Se as metáforas precisam de explicação, sua explicação será em termos de violação de regras linguísticas” (p. 2).

Ocorre que, de acordo com a concepção objetivista, a metáfora é reconhecida estritamente como um recurso literário, um modo retórico eficaz e trabalhado artisticamente. Nesse sentido, ela era tida como uma questão de linguagem, não de pensamento, e entendia-se que a linguagem do dia-a-dia não tinha metáfora, argumentos que são desmontados pela ciência cognitiva, como exploraremos com maiores detalhes a partir da próxima subseção. Conforme expõe Lakoff (1993), “A palavra metáfora era definida como uma expressão linguística original ou poética em que uma ou mais palavras para um conceito eram usadas fora de seu significado convencional normal para expressar um conceito similar” (p. 185).

Lakoff e Johnson (1980) explicam que expressões que são consideradas metafóricas pela linguística cognitiva, como, por exemplo, *Eu não consigo digerir aqueles fatos*, seriam consideradas pelos objetivistas como não sendo instâncias de metáforas vivas. Para eles, a palavra *digerir* teria dois distintos significados literais: *digerir*, para comida e *digerir*, para ideias, sendo as duas palavras homônimas. Conforme os autores, um objetivista poderia

reconhecer que *digerir uma ideia* foi uma vez uma metáfora, mas argumentaria que não é mais. Essa seria uma metáfora morta<sup>3</sup>, que se tornou convencionalizada e tem seu próprio significado literal. Há o entendimento de que as metáforas mortas estariam baseadas em similaridades entre as propriedades inerentes de conceitos, como seria o caso de similaridades entre *digerir comida* e *digerir ideias*, as quais seriam a base para a metáfora uma vez viva. A abordagem conceptual da metáfora, nos termos da linguística cognitiva, também compreende que as similaridades existem. No entanto, há o argumento de que elas não podem ser baseadas em propriedades inerentes, mas em propriedades experienciais, que nos levam ao mapeamento entre conceitos.

Johnson (1987) também salienta que, como consequência do entendimento de que as metáforas não são estruturas que podem descrever a realidade externa, o objetivismo argumenta que elas não podem ter um papel na constituição da realidade, ou seja, elas não podem contribuir para a criação de estrutura em nossa experiência. Esse argumento entra em conflito direto com a perspectiva experiencialista, assumida pela linguística cognitiva e por este trabalho, de que as metáforas são mecanismos que estruturam a experiência, estando na base da conceptualização.

Em virtude dos pressupostos objetivistas sobre a linguagem, que influenciaram por séculos várias teorias, o estudo da metáfora sobreviveu de forma marginal em algumas disciplinas e desapareceu em outras. Contudo, na área de estudos literários, esse era um tópico central, devido ao reconhecimento do caráter especial, figurativo, artístico da metáfora, provocador de um efeito de sentido original, o qual é alvo de interesse da literatura. Em especial, a disciplina da teoria literária chamada retórica, que é atrelada à persuasão, esteve por séculos preocupada com a linguagem figurada. Ortony (1993) traduz a visão clássica de metáfora, que a aproxima da literatura e da retórica e a distancia da ciência: “Metáforas caracterizam a retórica, não o discurso científico. Elas são vagas, adornos dispensáveis, apropriadas para os propósitos de políticos e poetas, mas não para os de cientistas, porque o objetivo da ciência é prover uma descrição precisa da realidade física” (p. 2).

A retórica tem sido alvo de estudo desde os primórdios da filosofia ocidental, com Aristóteles. O filósofo estava interessado na relação da metáfora com a linguagem e no papel da metáfora na comunicação. Na teoria aristotélica, é feita a distinção entre definições literais e metáforas, sendo as últimas compreendidas como comparações implícitas, baseadas nos

---

<sup>3</sup> Na concepção de metáfora morta, a exemplo de Black (1979), as expressões que são consideradas pela abordagem experiencialista como metáforas convencionais (metáforas que são utilizadas no discurso comum) não seriam mais metafóricas, ou seja, teriam perdido a sua relação original com outro conceito, tornando-se literais.

princípios de analogia. Para o autor, esses recursos teriam uma função ornamental, mas ele também alerta para a ambiguidade e a obscuridade inerentes à metáfora, que frequentemente mascaram a definição. (ARISTÓTELES, 1992; 2005; 2009/séc. IV a.C.). Vale destacar que o filósofo foi muito além de uma taxonomia de figuras de linguagem, constituindo de fato uma teoria da argumentação, como defende Ricoeur (1979).

A distinção tradicional entre linguagem literal e figurada, reduzindo a metáfora a uma versão da expressão literal, e os argumentos objetivistas de que a metáfora seria um desvio da linguagem padrão ou de que ela teria uma função especial, exclusivamente relacionada à linguagem literária e à retórica, vão muito além da filosofia clássica, influenciando teorias até a atualidade. No âmbito dos estudos linguísticos, a linguística gerativa (CHOMSKY, 1965) e a semântica formal (DIJK, 1975; DAVIDSON, 1978; STERN, 1985) aceitaram esses pressupostos. No terreno da pragmática, Grice (1989) e Searle (1993) assumem que o significado metafórico não é mais que o significado de uma sentença literal, o qual pode ser acessado por algum princípio pragmático.

Contudo, ao longo da trajetória da metáfora, também houve abordagens inovadoras que desafiaram a herança objetivista, à medida que defenderam um papel constitutivo da metáfora na conceptualização, um nível em que ocorrem projeções metafóricas e até mesmo uma função cognitiva da mesma. No século XVIII, a importância da metáfora e sua dimensão cognitiva foram apontadas pelo filósofo italiano Vico. Para ele, as metáforas teriam uma relação com o corpo e com o modo de pensar e de viver, não sendo ocorrências arbitrárias ou aleatórias. Elas seriam muito mais do que uma comparação, seriam uma operação da mente, geradora de novos significados e sentidos: “todas as metáforas criadas com base nas semelhanças tiradas dos corpos significam trabalhos de mentes abstratas”. (VICO, 1999/1744, p. 169).

No século dezanove, a questão da criatividade metafórica se tornou um tópico central nos tratamentos românticos da linguagem. Coleridge (2004/1817) distingue entre os processos cognitivos de fantasia e imaginação. A fantasia seria um processo associativo em que a mente concatena imagens da memória perceptual, enquanto a imaginação iria além da atividade associativa da fantasia, modificando e criando imagens. Nessa concepção, a imaginação metafórica não é apenas um processo associativo, ela pode criar novos elementos dentro de nossa experiência.

Partindo da tradição romântica da linguagem, uma forte alternativa ao objetivismo clássico foi o subjetivismo, que se manifestou principalmente nas tradições filosóficas da fenomenologia e do existencialismo. Lakoff e Johnson (1980) explicam que, no subjetivismo,

o significado é privado (é uma questão do que é significativo para uma pessoa e é diferente para outros indivíduos), e experiência, contexto e significado não apresentam qualquer tipo de estrutura. Como consequência dessa falta de estrutura, o significado não pode ser naturalmente ou adequadamente representado. Conforme os autores, a abordagem experiencialista, alternativa mais recente ao objetivismo, concorda com a visão subjetivista de que o significado é uma questão de imaginação e coerência, dependendo de experiências, valores, sentimentos e *insights* intuitivos. Contudo, os pesquisadores destacam que o experiencialismo rejeita a ideia romântica de que compreensão imaginativa é completamente sem estrutura. Conforme discutimos anteriormente, a visão experiencialista argumenta que o sistema conceptual é estruturado em termos de *gestalts* experienciais.

Um importante resgate do interesse na metáfora no século vinte ocorreu com Richards (1936), que focou na sua dimensão cognitiva. O autor defende que o pensamento é metafórico e que as metáforas linguísticas são manifestações desses processos implícitos de pensamento metafórico. Ele sugere que a nossa realidade é um mundo projetado e que as metáforas estão na base dessa projeção.

A questão da criatividade metafórica foi retomada por Black (1954) com a teoria da interação, que argumenta que as metáforas precisam ser explicadas em termos de usos normais ou literais da linguagem, e que sua principal função é prover um mecanismo linguístico alternativo para expressar ideias – uma função comunicativa. No argumento do autor, uma metáfora não traduz uma similaridade anteriormente existente; ao contrário, ela cria uma similaridade. Posto de outra forma, as metáforas não são meras projeções de propriedades entre eventos ou objetos, mas são processos de pensamento em que implicações de um domínio interagem com implicações de outro, estendendo e reorganizando fronteiras conceptuais.

Embora as teorias que apresentamos como alternativas ao objetivismo foquem no caráter criativo da metáfora ou até mesmo na sua função cognitiva, percebe-se a ausência de uma explicação esclarecedora de como de fato ela pode ser um elemento constitutivo do pensamento e da conceptualização. A ciência cognitiva argumenta que para explicar com propriedade como isso ocorre precisamos tratar metáforas como operadoras em uma dimensão esquemática de imagem, onde estruturas emergem de nossa experiência. (JOHNSON, 1987). Podemos perceber que alguns autores já apontavam para essa direção, com destaque para Black (1954), mas não chegaram ao ponto de apresentar a metáfora com tal função de projeção na estrutura da experiência.

Mais recentemente, Reddy (1979) apresentou evidências contundentes de que a metáfora é parte do pensamento e de que, como consequência, a linguagem é amplamente metafórica. Com a análise detalhada do conceito de comunicação, o autor demonstra a existência de um sistema enorme de metáforas que embasam nossa conceptualização. Lakoff (1993) explica que, embora outros teóricos tenham percebido algumas dessas características da metáfora, Reddy foi o primeiro a demonstrá-las por análise linguística rigorosa, estabelecendo generalizações a partir de volumosos exemplos.

Inspirados em Reddy (1979), Lakoff e Johnson (1980) apresentam a teoria da metáfora conceptual, uma teoria de representação mental em que a metáfora é um mecanismo cognitivo que estrutura a formação de muitos conceitos, sendo, portanto, sistematicamente refletida na linguagem comum. Essa teoria fundamenta esta pesquisa e, por isso, passamos a discuti-la com mais propriedade a partir da próxima subseção.

### 2.2.2 Teoria da Metáfora Conceptual

Já mencionamos neste texto que um dos argumentos mais importantes da perspectiva experiencialista das ciências cognitivas, assumida pela linguística cognitiva, é de que a estrutura conceptual, responsável pela nossa elaboração de conceitos, é parcialmente organizada em termos de um sistema de projeções metafóricas caracterizado por mapeamentos entre domínios mais básicos e domínios mais abstratos.<sup>4</sup> A teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) foi fundamental para que esse argumento fosse incorporado pelas ciências cognitivas.

Segundo essa teoria, a metáfora é um mecanismo que estrutura o pensamento humano e a conceptualização, e a linguagem, em parte, reflete esse processo cognitivo. Como consequência de o sistema conceptual ser amplamente organizado via metáforas e de a linguagem refleti-lo, ocorrências metafóricas são pervasivas na linguagem em geral, sendo fortemente frequentes na linguagem comum, cotidiana, que reflete a conceptualização do mundo a nossa volta, estando longe de ser apenas uma figura de linguagem. Utilizamos o domínio de GUERRA para falar de DISCUSSÃO: *Ele atacou todos os pontos fracos de*

---

<sup>4</sup> O conceito de *domínio* adotado pela linguística cognitiva está relacionado à noção de campo semântico, mas um campo semântico que reconhece relações experienciais e culturais. Trata-se de uma concepção de *domínio experiencial*, que organiza também o conhecimento enciclopédico. (CROFT, 1993).

*minha argumentação*; o domínio de DINHEIRO para conceituar TEMPO: *Esta coisa vai te poupar horas*; o domínio de MÁQUINA para definir MENTE: *Ainda estamos remoendo a solução para essa questão*. Estes são apenas alguns exemplos que servem para ilustrar a onipresença da metáfora. Lakoff e Johnson (1980) apresentaram um inventário de metáforas conceptuais que subjazem muitos de nossos conceitos.

A respeito da perspectiva da metáfora conceptual, Sweetser (1990) a caracteriza como uma visão sofisticada, porque, para compreender a metáfora, seria necessário desistir de crenças antigas que insistiam em uma relação simples entre palavra e mundo:

O significado de uma palavra não é necessariamente a referência objetiva a determinado evento ou entidade; é um grupo de eventos ou entidades que nosso sistema cognitivo relaciona de formas apropriadas. A categorização linguística não é apenas uma questão de nomeação de distinções que existem no mundo, mas também de estruturação metafórica e metonímica de nossas percepções do mundo (p. 9).

Essa ideia de metáfora rompe com os estudos objetivistas, que consideravam a metáfora um desvio da linguagem usual e algo próprio de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva, sem nenhum valor cognitivo, como debatemos anteriormente. Na teoria da metáfora conceptual, à metáfora é atribuído um *status* epistemológico, sendo entendida como uma operação cognitiva, que estrutura nossa experiência, mapeando domínios mais abstratos a domínios mais concretos. Essa operação cognitiva é definida metáfora conceptual e as expressões metafóricas, reflexo dessa operação, são chamadas de metáforas linguísticas. Assim, as metáforas linguísticas têm em sua base metáforas conceptuais.<sup>5</sup> Por exemplo, as expressões metafóricas *A culpa o estava derrubando*, *Foi difícil carregar aquela culpa por tanto tempo*, *Ela sentiu-se aliviada depois de pedir desculpa*, teriam implícitas a metáfora conceptual CULPA É UMA CARGA, que corresponde a uma projeção metafórica de um domínio concreto (carga) a um domínio abstrato (culpa).<sup>6</sup>

Os domínios concretos seriam mais experienciáveis em termos de corporeidade, e são chamados de domínios-fonte por serem a origem do mapeamento para a conceptualização dos domínios abstratos, relacionados à experiência subjetiva, chamados de domínios-alvo. Os mapeamentos ditos metáforas conceptuais são expressos no formato DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, conforme o exemplo que mencionamos CULPA É UMA CARGA,

<sup>5</sup> Seguindo o modelo da teoria da metáfora conceptual, este trabalho adota os termos *metáfora* ou *metáfora conceptual* para referir-se ao mecanismo cognitivo de conceptualização e *metáfora linguística* ou *expressão metafórica* para referir-se à ocorrência linguística metafórica.

<sup>6</sup> Se metáforas fossem meramente expressões linguísticas, diferentes expressões seriam diferentes metáforas. (LAKOFF, 1993). No caso da metáfora CULPA É UMA CARGA, as metáforas linguísticas que exemplificamos e muitas outras derivadas desse mapeamento seriam metáforas distintas e independentes.



sendo que culpa é o domínio-alvo (abstrato, subjetivo) e carga é o domínio-fonte (concreto, experienciável). Considerando o exposto, a teoria contemporânea da metáfora adota como metodologia inferir sistematicamente a organização conceptual a partir de expressões metafóricas, relacionando as metáforas linguísticas às metáforas conceptuais, como podemos observar nos seguintes exemplos, que também ratificam a presença da metáfora na linguagem ordinária:

#### COMPREENDER É PEGAR

Não consegui *pegar* o sentido desse texto.

*Peguei* o que você quis dizer.

#### SAÚDE É PARA CIMA; DOENÇA É PARA BAIXO

A sua saúde está *no auge*.

Ele está *decaindo* rapidamente.

#### IMPORTANTE É GRANDE; INSIGNIFICANTE É PEQUENO

Ele é um *grande* homem na empresa.

Foi apenas um *pequeno* crime

Dizer que uma metáfora conceptual está na base de um conceito significa dizer que esse conceito é estruturado, compreendido, realizado e verbalizado em termos de outro. (LAKOFF; JOHNSON, 1980). A respeito da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, subjacente ao conceito de DISCUSSÃO, os autores explicam que nós não apenas falamos de discussão em termos de guerra, mas o conceito de GUERRA estrutura as ações que nós realizamos quando discutimos e a nossa compreensão dessas ações: nós ganhamos ou perdemos argumentos, vemos a pessoa com quem estamos discutindo como oponente, atacamos sua posição e defendemos a nossa, ganhamos e perdemos terreno, planejamos e usamos estratégias, podemos assumir uma nova linha de ataque. “O conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada, e, conseqüentemente, a linguagem é metaforicamente estruturada” (p. 5).

Johnson (1987) expõe que “as metáforas conceptuais são ‘estruturas de compreensão’, porque elas são padrões em termos dos quais nós ‘nos apropriamos do mundo’, o que corresponde à compreensão no seu sentido mais amplo” (p. 83). O autor destaca ainda que, sendo a metáfora uma operação cognitiva, ela segue o padrão do nosso raciocínio, ou seja, é

automática e tipicamente inconsciente. Lakoff (1993) acrescenta que, como os mapeamentos metafóricos estão no nível mental, novos usos, ou seja, novas realizações de uma metáfora conceptual, podem ser compreendidos prontamente.

Lakoff e Johnson (1980) argumentam que os mapeamentos evidenciados pelas metáforas conceptuais são baseados diretamente na nossa experiência básica. Por exemplo, quando enchamos um recipiente com um líquido, há um aumento simultâneo na altura e na quantidade do líquido, o que demonstraria a correlação experiencial entre os conceitos de altura e quantidade, que vivenciamos desde muito cedo em nossas vidas, e motivaria a metáfora conceptual **MAIS É PARA CIMA**, também conhecida como **QUANTIDADE É ELEVACÃO VERTICAL**, que é a base de expressões como *Minha renda subiu ano passado / A produção da empresa foi lá em cima neste semestre.*<sup>7</sup>

Conforme exposto na subseção 2.1.4, a nossa interação diária com o mundo e as nossas diversas experiências corpóreas dão origem a esquemas de imagens que se mantêm em nossa memória de longo prazo e que são acessados no processo de conceptualização. Esses esquemas de imagens seriam representações esquemáticas que generalizam o que é comum a determinadas experiências. Sendo assim, a representação que temos da experiência básica de preenchimento de um **RECIPIENTE** seria um exemplo de um esquema de imagem utilizado na conceptualização. Da mesma forma, conforme ilustra Lakoff (1987), o esquema de imagem de **LIGAÇÃO** motiva a elaboração do conceito de *relação interpessoal*, o que se verifica em expressões como *fazer conexões com pessoas / romper laços com alguém*. Outro exemplo pode ser o esquema de imagem de **CENTRO-PERIFERIA**, o qual é acionado na conceptualização de teorias, que têm princípios centrais e periféricos, sendo os centrais mais importantes.

Em Lakoff (1990), encontramos o princípio da invariância, segundo o qual os mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (isso é, a estrutura de esquema de imagem) do domínio-fonte, de uma forma consistente com a estrutura inerente do domínio alvo. O princípio especifica, por exemplo, que, para o esquema de **RECIPIENTE**, interiores (do domínio-fonte) são mapeados em interiores (do domínio-alvo), exteriores em exteriores e delimitações em delimitações; para o esquema de **TRAJETÓRIA**, pontos de partida em pontos de partida, destinos em destinos, trajetórias em trajetórias; ocorrendo o mesmo para

---

<sup>7</sup> Metáforas complexas, como, por exemplo, **TEORIAS SÃO PRÉDIOS** e **DISCUSSÃO É GUERRA**, entre muitas outras, não têm uma base experiencial corpórea evidente, haja vista os domínios-fonte (prédio e guerra, nesses casos) não terem uma relação direta com nossa percepção sensorio-motora. Contudo, na teoria contemporânea da metáfora, há o entendimento de que essas metáforas seriam desdobramentos de mapeamentos mais básicos, mais experienciáveis. Essa ideia é melhor explorada com a noção de metáfora primária (GRADY, 1997a), que discutiremos na subseção 2.3.1.

outros esquemas de imagem. Esse princípio é o resultado das fortes e fixas correspondências que unem os dois domínios e que estruturam o domínio abstrato.

Percebe-se que as metáforas conceptuais não são apenas projeções semânticas entre domínios, mas uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura de dois domínios, envolvendo todo o conhecimento relevante associado a eles. Lakoff (1990) retoma a noção de sistematicidade metafórica ao explicar que a ligação metafórica entre dois domínios consiste em um conjunto de correspondências ontológicas e epistêmicas fortemente estruturadas entre eles. Podemos exemplificar essa sistematicidade tomando como exemplo a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM, na qual há correspondências ontológicas em que entidades do domínio do AMOR (amantes, seus objetivos, suas dificuldades, a relação amorosa, etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma VIAGEM (os viajantes, o destino, os obstáculos, o veículo, etc.). Nessas correspondências, os amantes se tornam viajantes, a relação amorosa é tida como veículo, os objetivos em um relacionamento amoroso correspondem ao destino em uma viagem, entre outras possibilidades. Os mapeamentos sistemáticos podem ser confirmados por metáforas linguísticas como *Não sei se quero embarcar nessa relação / Nosso namoro não está indo a lugar algum / Estamos indo em uma direção errada.*

A metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM inclui correspondências epistêmicas em que o conhecimento sobre viagens é mapeado em direção ao conhecimento sobre amor. Lakoff (1990) apresenta o seguinte exemplo que demonstra as correspondências epistêmicas entre os domínios de VIAGEM e AMOR:

Dois viajantes estão viajando para algum lugar em um veículo e ele atinge algum impedimento e fica parado. Se eles não fizerem nada, eles não alcançarão seu destino. Há um número limitado de alternativas para ação: 1. Eles podem tentar se movimentar novamente, consertando o veículo ou fazendo com que ele contorne o impedimento. 2. Eles podem permanecer no veículo e desistir de chegar ao seu destino nele. 3. Eles podem abandonar o veículo.

Dois amantes estão em uma relação amorosa, com objetivos de vida em comum. A relação encontra alguma dificuldade, que atrapalha a sua continuidade. Se eles não fizerem nada, eles não serão capazes de atingir seus objetivos de vida. Há um número limitado de alternativas para ação: 1. Eles podem tentar continuar com a relação, resolvendo o problema ou ignorando a dificuldade. 2. Eles podem permanecer com uma relação problemática e desistir de atingir seus objetivos de vida. 3. Eles podem desistir da relação (p. 48-49).

Embora a forte sistematicidade entre os domínios concretos e abstratos, Lakoff e Johnson (1980) alertam que os mapeamentos metafóricos são parciais, não totais. Obviamente, se os mesmos fossem totais, um conceito seria o outro e não apenas seria

compreendido em termos de outro, como propõe a teoria. Os autores exemplificam com a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO: se você gasta seu tempo, você não consegue seu tempo de volta; não há bancos de tempo; eu posso dar a alguém muito tempo, mas esse alguém não pode me devolver esse mesmo tempo.

Quanto à natureza parcial da estrutura metafórica, a teoria da metáfora conceptual explica que não são todos os elementos ou características do domínio-fonte que são projetados no domínio-alvo, mas, dependendo do significado a ser conceptualizado, determinados aspectos são privilegiados. No caso, por exemplo, do mapeamento TEORIAS SÃO PRÉDIOS, as partes do conceito de PRÉDIO que são usadas para estruturar o conceito de TEORIA são a fundação e a estrutura, a exemplo de *Temos uma base sólida para realizar a discussão* ou *A discussão foi estruturada com dados irrelevantes*. Telhado, espaços internos, escadarias, corredores são partes de prédios que não são projetadas no conceito de teoria.

Importa destacar também que é frequente várias metáforas conceptuais atuarem na conceptualização de um domínio. Lakoff e Johnson (1980) esclarecem que, dependendo do aspecto do conceito a ser destacado, determinada metáfora poderá atuar na conceptualização. No domínio discussão, por exemplo, DISCUSSÃO É UMA VIAGEM é apenas uma das metáforas, sendo essa a que nós usamos para destacar objetivo, direção, progresso de uma discussão (*Devemos ir mais adiante nesta discussão*). Quando queremos enfatizar o conteúdo de uma discussão, usamos a metáfora DISCUSSÃO É RECIPIENTE (*Essas ideias formam o centro da sua argumentação*). Podemos também utilizar a metáfora DISCUSSÃO É UMA CONSTRUÇÃO para destacar os aspectos da fundamentação e da estrutura de uma discussão (*Construímos uma boa base para a discussão*).

Lakoff (1993) acrescenta outra propriedade da metáfora conceptual que é o fato de os mapeamentos não ocorrerem isolados uns dos outros. Nesse sentido, eles às vezes seriam organizados em estruturas hierárquicas, em que mapeamentos inferiores na hierarquia herdariam as estruturas dos mapeamentos superiores. Um exemplo possível seria a hierarquia de três níveis constituída, em seu nível superior, por mapeamentos que estruturam eventos em geral, tais como PROPÓSITOS SÃO DESTINOS (nível 1); em um nível inferior, pelo mapeamento UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM (nível 2); e ainda, em um nível mais abaixo, por mapeamentos como AMOR É UMA VIAGEM ou UMA CARREIRA É UMA VIAGEM (nível 3).

Uma consequência dessa estrutura hierárquica é que há generalizações lexicais que são transferidas para diferentes níveis. Por exemplo, as ocorrências *Estar em uma encruzilhada* ou *Estar em um beco sem saída*, cujo significado central está no domínio espacial, podem ser

utilizadas metaforicamente para falar sobre eventos em geral, de uma vida, de uma relação amorosa, de uma carreira. As generalizações em uma estrutura hierárquica também são inferenciais. Assim, a compreensão de DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA VIAJAR, por exemplo, ocorre nesses diferentes domínios, o que se percebe em exemplos linguísticos como *Tem sido uma estrada longa e esburacada*. Lakoff (1993) destaca que a hierarquia também demonstra que os níveis inferiores são mais restritos, podendo apresentar itens lexicais exclusivos de um mapeamento, como *escalar degraus*, que seria restrito a UMA CARREIRA É UMA VIAGEM. Nesse sentido, a teoria tem evidenciado que os mapeamentos superiores tendem a ser mais difundidos em diferentes culturas, sendo universais em línguas diversas, enquanto os mapeamentos inferiores podem ser mais restritos culturalmente, o que voltaremos a discutir na subseção 2.2.4, que trata sobre possíveis variações culturais na conceptualização.

Uma evidência adicional apontada pelos estudos em metáfora conceptual é a possibilidade de duas partes de uma mesma sentença ou até mesmo de uma mesma expressão metafórica fazerem uso de mapeamentos metafóricos distintos, sendo o que Lakoff (1993) chama de mapeamentos simultâneos. Esse seria o caso, segundo o autor, da metáfora linguística *dentro da semana que vem*. *Dentro*, nessa expressão, faz uso da metáfora TEMPO É RECIPIENTE, enquanto *que vem* faz uso da metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO. Isso seria possível porque as duas metáforas consideram diferentes aspectos do conceito de tempo. *Semana que vem* conceptualiza a semana como um objeto em movimento relativo ao observador. *Dentro da semana* foca dentro desse objeto, conceptualizando a semana como um recipiente. Em casos assim, ocorre que cada mapeamento é usado parcialmente e partes desses mapeamentos podem se sobrepor.

Os mapeamentos simultâneos são muito comuns na linguagem literária. Lakoff (1993) exemplifica com uma passagem de um poema de Dylan Thomas que versa sobre a morte: *Não vá gentilmente nessa noite boa*. Nessa passagem, explica o autor, *vá* reflete a metáfora conceptual MORTE É PARTIDA; *gentilmente* refere-se à metáfora A VIDA É UMA LUTA, com a morte sendo uma derrota; e *noite* reflete A EXISTÊNCIA É UM DIA, com a morte sendo a noite. Como se pode ver, essa passagem literária têm três diferentes metáforas para morte, cada uma relacionada a uma parte do verso. Lakoff e Turner (1989) falam em metáforas compostas e defendem que, na linguagem poética, é frequente duas ou mais metáforas conceptuais serem empregadas juntas de uma forma diferente do que acontece na linguagem ordinária. O efeito do uso desses mapeamentos simultâneos é, conforme os

autores, produzir conexões metafóricas mais ricas e complexas, o que leva a inferências que vão além daquelas que são resultado do uso isolado de metáforas.

Pode-se perceber, portanto, que a metáfora conceptual, assim como está na base da conceptualização da linguagem comum, também está presente na elaboração do pensamento poético e da linguagem literária, contrariando a visão tradicional de que a linguagem poética seria algo essencialmente diferente da linguagem ordinária. De acordo com Lakoff e Johnson (1989), “O pensamento poético usa os mecanismos do pensamento comum, mas ele estende, elabora e combina esses mecanismos em formas que vão além do pensamento ordinário” (p. 67). Ocorre que, enquanto a linguagem metafórica comum é estruturada de forma automática e inconsciente via metáforas conceptuais, o que se reflete no uso de metáforas linguísticas já convencionalizadas, a linguagem poética é frequentemente resultado do uso consciente das metáforas conceptuais. As metáforas linguísticas poéticas, também chamadas de metáforas novas ou criativas, são o resultado do uso incomum de metáforas conceptuais, o que causa um efeito especial e chama atenção do interlocutor. Esse emprego inusitado de metáforas depende do esforço, do talento e da prática dos poetas.

As metáforas criativas não resultam apenas do emprego simultâneo de metáforas conceptuais, como é caso da passagem poética comentada acima. Elas também são criadas a partir da extensão e da elaboração de metáforas conceptuais. Lakoff e Johnson (1999) explicam a extensão da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM (presente em expressões convencionais como *Eu embarquei sem pensar nessa relação*) a partir da passagem de uma música que diz *Nós estamos dirigindo na via rápida da rodovia do amor*. Nesse caso, a metáfora é estendida, sendo que uma extensão do domínio de VIAGEM - *via rápida da rodovia* - é mapeada em novos padrões de inferência no domínio de AMOR - o relacionamento progride em pouco tempo, há risco de a relação não dar certo e de os amantes se machucarem, tanto o ritmo da relação quanto os riscos excitam os parceiros.

A elaboração de uma metáfora conceptual em uma metáfora nova pode ser verificada na referência que o poeta Horácio faz à morte como sendo o *exílio eterno de uma jangada*, como indicam Lakoff e Johnson (1989). Nesse caso, a metáfora conceptual MORTE É PARTIDA (verificada em ocorrências convencionais como *Ele se foi*) é elaborada de uma forma interessante, sendo que o *estar ausente*, normalmente conceptualizado como uma *viagem*, é caracterizado aqui como um *exílio*. O *veículo* utilizado para a partida também é elaborado de uma forma especial, pois se trata de uma *jangada*. De acordo com os autores, a elaboração de uma metáfora conceptual acrescenta conteúdo conceptual a ela. No exemplo em questão, *exílio* não é apenas *uma viagem*, mas remete a *ser expulso*, a *ser indesejado*. Além

disso, uma *jangada* é um veículo que não é veloz, que pode não ser seguro, que pode fugir do controle, que deixa o tripulante exposto.

Por fim, destacamos ainda que, embora defenda a onipresença da metáfora, a teoria da metáfora conceptual não nega que muitos conceitos podem ser conceptualizados literalmente (sem fazer uso da estrutura de um domínio conceptual diferente), a exemplo de conceitos de nível básico como XÍCARA (o objeto que utilizamos para beber algo), AGARRAR (a ação de segurar) e conceitos de relações espaciais, como a preposição EM (quando utilizada em seu sentido espacial). Assume-se que mesmo conceitos da experiência subjetiva podem ser literais, por exemplo, *Essas cores são similares* é uma ocorrência literal, enquanto *Essas cores são próximas*, é uma expressão metafórica oriunda da metáfora conceptual SIMILARIDADE É PROXIMIDADE. Contudo, a respeito dos conceitos abstratos, subjetivos, Lakoff e Johnson (1999) argumentam que, sem metáfora, tais conceitos são relativamente empobrecidos e têm apenas uma estrutura mínima, esquelética. Os autores destacam também que dificilmente nós podemos pensar sobre uma experiência abstrata sem metáfora:

Só funcionando normalmente no mundo, nós automaticamente e inconscientemente adquirimos e usamos um vasto número de metáforas. As metáforas são realizadas em nossas mentes fisicamente e estão, no geral, além do nosso controle. Elas são uma consequência da natureza das nossas mentes, dos nossos corpos e do mundo que habitamos (p. 59).

Pelo que se discutiu até então, podemos perceber que a ideia de metáfora apresentada, de mecanismo cognitivo de projeção conceptual, se relaciona diretamente com pressupostos centrais da semântica cognitiva, tais como a ideia de que a estrutura semântica reflete uma estrutura conceptual cognitiva e a tese da experiência corporificada. De fato, as metáforas revelam-se com uma base experiencial que dá origem a uma associação a nível conceptual, que estrutura nosso pensamento e a formação de conceitos e que é refletida largamente em exemplos linguísticos. Tendo exploradas importantes propriedades desse mecanismo chamado metáfora conceptual, debateremos, na próxima subseção, a noção de modelos cognitivos, que explora melhor como nossos conhecimentos colaboram na estruturação e na compreensão de conceitos.

### 2.2.3 Modelos Cognitivos Idealizados

Uma importante noção para o entendimento e a descrição da conceptualização na linguística cognitiva é a de modelos cognitivos idealizados, os quais correspondem a estruturas que organizam nosso conhecimento e que guiam o significado e a estrutura de uma categoria linguística. (LAKOFF, 1987). Esses modelos correspondem a teorias sobre o mundo e são ao mesmo tempo cognitivos, por operarem no raciocínio modelando a conceptualização, e culturais, por serem o resultado de crenças, valores, práticas, etc. de uma cultura. Os modelos cognitivos são chamados de idealizados, pois correspondem a uma idealização da realidade e não à própria realidade.

Entre os exemplos apresentados por Lakoff (1987) estão os modelos cognitivos idealizados associados às categorias SEMANA e SOLTEIRÃO. O autor explica que o conceito de SEMANA só pode ser definido relativamente a um modelo cognitivo idealizado que inclui um conhecimento de semana como um todo com sete partes organizadas em uma sequência linear, sendo que cada parte é chamada um dia. Similarmente, o conceito de FINAL DE SEMANA requer uma noção de uma semana de trabalho de cinco dias seguida por um intervalo de dois dias. Ocorre que o modelo cognitivo que estrutura a categoria SEMANA em nossa cultura é idealizado, pois semanas de sete dias não existem objetivamente no mundo, elas são criadas por seres humanos. Dessa forma, em culturas em que não há o mesmo tipo de semana, esse conceito é diferente.

Quanto à categoria SOLTEIRÃO, ela é definida em termos de um modelo cognitivo idealizado em que há uma sociedade com uma expectativa de casamento, uma idade típica de casamento e um casamento tipicamente monogâmico. Esse modelo não contempla padres e homossexuais solteiros, por exemplo, embora esses também sejam homens adultos que não casaram. Nesse sentido, se diz que os modelos cognitivos idealizados são responsáveis pelos efeitos de prototipicidade de uma categoria. No caso do conceito SOLTEIRÃO, o elemento prototípico dessa categoria se ajustaria perfeitamente ao modelo cognitivo mencionado, enquanto exemplares como padres e homossexuais não seriam membros prototípicos.

Percebe-se, portanto, que os modelos cognitivos idealizados são baseados em nosso conhecimento enciclopédico, que, como já dissemos, é resultado de nossas experiências no mundo e de nossa cultura. Tratam-se de estruturas de conhecimento complexas que representam nossas abstrações sobre o mundo e que são ricas em detalhes. Lakoff (1987) destaca que os modelos cognitivos idealizados têm uma estrutura *gestalt*, isso é, uma estrutura



cujos elementos não existem independente do todo ou cujo significado geral não é previsível a partir dos significados de suas partes.

Lakoff e Turner (1989) esclarecem que modelos cognitivos são inconscientes e usados automaticamente. Os autores também destacam que eles não podem ser observados diretamente, mas são inferidos a partir de seus efeitos. Dessa forma, nós podemos conscientemente considerá-los e descrever a sua constituição, como propõe a linguística cognitiva.

Outra noção importante apresentada por Lakoff (1987) é de que uma categoria pode envolver um complexo de diferentes modelos cognitivos idealizados. Para a categoria MÃE, por exemplo, há vários modelos cognitivos que podem defini-la de formas diferenciadas: os modelos de mãe biológica, de mãe genitora, de mãe que alimenta, de mãe que educa, de esposa, entre outras possibilidades. No caso dessa categoria, os vários modelos cognitivos individuais se combinariam, formando um modelo complexo. Ocorre que não há um único modelo aceito no geral para o conceito de MÃE, todos são aceitos e determinado modelo será acionado em uma determinada situação de comunicação. Nesse sentido, entende-se que o conceito de MÃE não poderia ser claramente definido em termos de condições necessárias e suficientes, como propõem abordagens formais, conforme vimos no subcapítulo 2.1. Nesse caso, não há tais condições que sejam compartilhadas por todos os modelos cognitivos de MÃE.

Importa destacar que os modelos cognitivos idealizados não têm comprometimento com conhecimentos científicos. Na verdade, frequentemente eles contrariam esses conhecimentos. Lakoff e Turner (1989) exemplificam essa ideia com o conceito de LOBO. Acontece que, embora exista um conhecimento científico de que lobos evitam seres humanos sempre que possível, há um modelo cultural bastante difundido em que lobos são vistos como feras violentas que atacam humanos sem provocação e de forma cruel.

Lakoff (1987) destaca ainda que há cinco tipos de modelos cognitivos idealizados: proposicionais, esquemáticos de imagem, metafóricos, metonímicos e simbólicos. Os modelos proposicionais são aqueles constituídos a partir de conhecimento proposicional (factual), não se baseando em mecanismos imaginativos (imagens mentais, metáfora e metonímia). Modelos desse tipo seriam, por exemplo, os presentes em sistemas de classificação taxonômica, como aqueles que classificam plantas e animais. Outros exemplos

seriam os modelos associados a *frames semânticos*<sup>8</sup>, em que os significados são descritos em termos de um sistema de conceitos relacionados. Em um modelo constituído por um *frame* de TRANSAÇÃO COMERCIAL, por exemplo, há pelo menos quatro conceitos relacionados: VENDEDOR, MERCADORIA, COMPRADOR e PREÇO.

Já os modelos esquemáticos de imagens seriam baseados em esquemas de imagem<sup>9</sup>, sendo apreendidos de forma direta pela corporeidade, ou seja, pela percepção que temos de nosso corpo, de seu movimento e de sua interação com objetos. São exemplos os modelos cognitivos que definem nossos conceitos básicos de RECIPIENTE, TRAJETÓRIA, LIGAÇÃO, etc.

Os modelos cognitivos metafóricos seriam estruturados a partir do mapeamento de um domínio-fonte concreto em direção a um domínio-alvo abstrato, ou seja, a partir de metáforas conceptuais, as quais discutimos na subseção anterior. Por exemplo, na categoria AMOR, haveria um modelo cognitivo idealizado em que AMOR é conceptualizado em termos de VIAGEM, dando origem a expressões como *Temos que seguir caminhos separados* e *Essa relação não vai dar em lugar nenhum*. No entanto, conforme evidencia Kövecses (2000), que estuda modelos cognitivos idealizados para categorias de emoção na língua inglesa, a categoria AMOR não seria representada apenas pelo modelo cognitivo metafórico relacionado de VIAGEM, mas pode estar relacionada a outros modelos em que é conceptualizada em termos de FORÇA FÍSICA (*Eles sentem uma atração incontrolável um pelo outro*), LOUCURA (*Fico fora de mim por causa dela*), MÁGICA (*Ele foi enfeitado por ela*).

Assim como o modelo esquemático de imagem e o modelo metafórico, o modelo cognitivo idealizado metonímico também seria oriundo de um mecanismo imaginativo – a metonímia conceptual. Esse mecanismo seria um tipo de mapeamento conceptual que ocorre dentro de um único domínio, sendo um elemento desse domínio utilizado para conceptualizar outro. Por exemplo, na categoria FITA ADESIVA, o elemento MARCA pode ser utilizado para conceptualizar o PRODUTO, o que se reflete em expressões como *Precisamos comprar mais durex*. Esse mapeamento metonímico ocorre porque, em nossa cultura, DUREX é um elemento prototípico da categoria FITA ADESIVA. As metonímias conceptuais serão discutidas no subcapítulo 2.3, que detalha a metáfora e a metonímia conceptual.

Por fim, os modelos cognitivos simbólicos são aqueles que apresentam elementos linguísticos associados com elementos conceptuais. Os modelos anteriores são considerados

<sup>8</sup> *Frames* semânticos seriam representações esquemáticas das estruturas conceptuais e dos padrões de crenças, práticas, instituições, imagens, etc., que fornecem uma base para uma interação significativa em uma dada comunidade de discurso. (FILLMORE et al., 2003).

<sup>9</sup> Conceito que debatemos na subseção 2.1.4.

puramente conceituais, pois eles não envolvem palavras e morfemas de determinada língua. Exemplos de modelos simbólicos seriam os que caracterizam itens lexicais, categorias gramaticais e construções gramaticais em uma língua.

Para este trabalho interessam em especial modelos cognitivos idealizados metafóricos revelados em categorias de emoção na língua portuguesa, na tentativa de apresentar evidências da conceptualização no domínio emocional para essa língua. Dessa forma, a pesquisa se aproxima de propostas como a de Kövecses (2000), acima mencionada, que estuda categorias de emoção em outras línguas e modelos cognitivos associados a essas categorias.<sup>10</sup> Esta tese procura investigar quais modelos cognitivos idealizados seriam revelados por um *corpus* do domínio de emoção da língua portuguesa do Brasil.

Pelo que vimos sobre os modelos cognitivos idealizados, podemos sublinhar que os mesmos são inerentes ao raciocínio e à categorização e confirmam a defesa da linguística cognitiva de que a conceptualização é experiencial e cultural. Dando sequência a esse debate, a próxima subseção é dedicada a discutir em que medida conceitos podem variar culturalmente ou ser universais em diferentes culturas.

#### **2.2.4 Universalidade e Variações Culturais**

Na perspectiva da linguística cognitiva, se metáforas conceituais são baseadas na experiência corpórea, que é potencialmente universal, há fortes chances de muitas metáforas ocorrerem em diversas línguas e culturas. Conforme explica Kövecses<sup>11</sup> (2005), o argumento não é de que as metáforas corporificadas na experiência universal devam ser encontradas em todas as línguas; o argumento é de que, dadas as experiências universais em que elas são baseadas, elas podem ser potencialmente universais, mas não se deve ter a expectativa de encontrá-las em todas as línguas.

Pesquisas empenhadas em estudar a conceptualização no domínio da emoção em diferentes línguas têm evidenciado frequentemente metáforas conceituais potencialmente universais. Por exemplo, o inglês, o húngaro e o mandarim, línguas que têm origens diversas

---

<sup>10</sup> No capítulo seguinte, no subcapítulo que trata especificamente sobre conceitos de emoção na linguística cognitiva (subcapítulo 3.3), são abordados outros estudos inseridos nessa perspectiva teórica que buscam descrever categorias de emoção e modelos cognitivos idealizados que as estruturam.

<sup>11</sup> Kövecses (2000, 2005) destaca-se entre os autores da linguística cognitiva comprometidos com estudos contrastivos de metáforas em diferentes línguas e culturas.

e representam diferentes culturas, compartilham várias metáforas conceptuais para o conceito de felicidade. Esse é o caso das metáforas FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É LUZ, FELICIDADE É UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE, verificadas no inglês e no húngaro (KÖVECSES, 2005) e no mandarim (YU, 1995, 1998).

E como seria possível línguas tão diferentes conceptualizarem conceitos de emoção de formas tão similares? Kövecses (2005) aponta três explicações que podem ser consideradas. Na primeira, isso aconteceria por acidente. Outra explicação seria que uma língua emprestou metáforas de outra. E outra possibilidade seria considerar uma motivação universal para as metáforas emergirem em diferentes culturas. O autor defende a terceira possibilidade como sendo a mais coerente, partindo do pressuposto da linguística cognitiva de que metáforas são motivadas por correlações baseadas na experiência corpórea.

Kövecses (2000) argumenta que a conceptualização é profundamente influenciada por certas propriedades universais do corpo humano e que a potencial universalidade de determinadas metáforas conceptuais seria proveniente de aspectos universais do funcionamento corporal. Ocorre que as pessoas de diferentes línguas e culturas demonstram ter ideias muito similares sobre seus corpos e passar por processos fisiológicos muito próximos quando vivenciam determinadas experiências, a exemplo das experiências emocionais.

Tomemos como exemplo o conceito de FELICIDADE. Ocorre que, quando estamos felizes, tendemos a ficar com uma postura voltada para cima, a nos movimentar, a ficar ativos, a pular. Também, em momentos de felicidade, nossos olhos brilham e sorrimos. Kövecses (2005) explica que essas seriam experiências potencialmente universais e que produziriam metáforas potencialmente universais, como FELICIDADE É PARA CIMA e FELICIDADE É LUZ. No caso da metáfora conceptual FELICIDADE É UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE, que também se repete em diferentes línguas, ela estaria baseada em experiências universais e percepções metafóricas universais: de que as emoções estão dentro do recipiente corpo, de que as emoções são relacionadas a fluidos corporais, tal como o sangue, e de que controle é manter a substância dentro do recipiente.

A correspondência de metáforas conceptuais em diferentes línguas também acontece com o conceito de RAIVA. No caso da metáfora conceptual RAIVA É UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE, a mesma foi primeiramente estudada para o inglês por Lakoff e Kövecses (1983) e então por vários pesquisadores em línguas distintas, incluindo mandarim (YU, 1995,

1998), japonês (MATSUKI, 1995), húngaro (BOKOR, 1997), wolof<sup>12</sup> (MUNRO, 1991), zulu<sup>13</sup> (TAYLOR E MBENSE, 1998) e polonês (MICHOLAJCZUK, 1998).

Para Sweetser (2004), “quanto mais universal a correlação experiencial em que um mapeamento metafórico se baseia, maior a probabilidade de uma metáfora ser universal” (p. 46). A autora exemplifica com mapeamentos para o conceito de tempo que têm sido verificados em muitas línguas – FUTURO É EM FRENTE, PASSADO É ATRÁS (*dois anos atrás*), os quais são baseados na correlação universal entre o conhecimento de que um ponto de localização está à frente ou atrás de um ser humano em movimento em uma trajetória e a noção de que se chega a um determinado ponto no futuro ou de que se passou por um determinado ponto no passado. No argumento da pesquisadora, isso não significa que não haja outras formas de conceptualizar tempo metaforicamente, nem que toda cultura tenha as mesmas metáforas para tempo. O que ocorre é que a correlação, sendo universalmente acessível à cognição humana, tem uma chance maior de se manifestar em uma ampla variedade de línguas do que uma correlação que não é tão universal.

Um caso bem particular na conceptualização de tempo é o da língua aymara<sup>14</sup>, em que foram encontradas as metáforas conceptuais FUTURO É ATRÁS e PASSADO É EM FRENTE (NÚÑES; SWEETSER, 2001). Contudo, isso não sugere que não haja na cultura dos falantes dessa língua a correlação experiencial mencionada há pouco de um ponto em uma trajetória. No argumento dos autores, esse modelo atípico estaria baseado no conhecimento geral de que nós sabemos sobre coisas que vemos (o que motiva as metáforas conceptuais CONHECIMENTO É VISÃO, CONHECIDO É VISTO, DESCONHECIDO É O QUE NÃO É VISTO); podemos ver o que está à frente de nós, não o que está atrás de nós; e de que nós sabemos coisas sobre o passado, mas não sobre o futuro. Vale destacar que, embora possamos encontrar diferentes modelos em que tempo é conceptualizado em termos de uma relação espacial, não há evidências de uma língua que não apresente modelos de tempo baseados na correlação entre tempo e espaço, conforme indica Sweetser (2004).

Embora a linguística cognitiva evidencie a universalidade de determinadas metáforas conceptuais, essa perspectiva também reconhece que a conceptualização pode ser diferente em línguas e culturas diferenciadas, de acordo com o pressuposto de que a conceptualização é baseada não apenas na experiência corpórea, mas também nas experiências culturais e situacionais. De acordo com Kövecses (2002b), os conceitos são culturalmente diferentes,

---

<sup>12</sup> A língua wolof pertence à família das línguas nigero-congolesas e é falada na África Ocidental e na Mauritânia.

<sup>13</sup> A língua zulu é falada pelo povo zulu na África do Sul. É uma das línguas oficiais do país.

<sup>14</sup> A língua aymara é falada nos platôs dos Andes.

mas não variam de uma forma radical como propõem algumas abordagens sócioconstrutivistas (a exemplo de HARRÉ, 1986), sendo que, no geral, eles são limitados por uma fisiologia universal, como apontamos acima. Todavia, conforme o autor, esses limites ainda deixam espaço para que falantes de diferentes línguas conceptualizem suas experiências de formas peculiares, o que pode ser vislumbrado por alguns mapeamentos específicos.

Em Lakoff (1993), encontramos que metáforas conceptuais baseadas na experiência física mais geral são prováveis de serem encontradas em diferentes línguas e culturas. Contudo, outros mapeamentos baseados em domínios experienciais mais específicos são mais dependentes culturalmente e podem não ser compartilhados. Para Lakoff e Johnson (1999), é no nível de submapeamentos, que são mais específicos, que muito da variação cultural em metáforas pode ser percebida. Os autores exemplificam com a metáfora conceptual DIFICULDADE É IMPEDIMENTO AO MOVIMENTO, sendo que há tipos especiais de impedimentos, o que dá origem a submapeamentos como: DIFICULDADE É BLOQUEIO, DIFICULDADE É CARACTERÍSTICA DO TERRENO, DIFICULDADE É CARGA, DIFICULDADE É FORÇA CONTRÁRIA, DIFICULDADE É FALTA DE ENERGIA. Em submapeamentos desse tipo, que são frequentes na conceptualização e seriam menos universais, haveria uma probabilidade maior de haver variações culturais.

Kövecses (2000, 2005) retoma estudos contrastivos de vários autores para diferentes línguas e apresenta tipos de variações metafóricas que podem ser encontradas entre diferentes línguas e culturas. Um tipo de variação seria aquela em que duas línguas têm a mesma metáfora conceptual, mas a metáfora é elaborada diferentemente nas duas línguas. O inglês e o mandarim, por exemplo, compartilham a metáfora RAIVA É PRESSÃO EM UM RECIPIENTE, mas enquanto no inglês esse recipiente é preenchido por um líquido aquecido, no mandarim é um gás que preenche o recipiente. O húngaro tem em comum com o inglês as metáforas O CORPO É UM RECIPIENTE PARA AS EMOÇÕES E RAIVA É FOGO. Ocorre que o corpo e o fogo dentro dele são comumente elaborados no húngaro como um cachimbo, sendo que a raiva é uma substância que queima dentro dele. Essa seria uma elaboração conceptual única para essa língua. Também tanto inglês quanto zulu têm FOGO como um domínio-fonte para raiva, mas na língua zulu a metáfora é elaborada de uma forma diferente: a raiva pode ser extinta jogando-se água, elaboração que não é verificada linguisticamente no inglês.

Outra variação cultural apontada por Kövecses (2000, 2005) seria quando um conceito em diferentes línguas apresenta distintas metáforas conceptuais em sua base. O mandarim, por exemplo, mesmo compartilhando muitas metáforas para o conceito de FELICIDADE com o

inglês, tem a metáfora conceptual FELICIDADE É FLOR NO CORAÇÃO, que não existe no inglês, enquanto a língua inglesa tem a metáfora FELICIDADE É ESTAR FORA DO CHÃO, que não é compartilhada pelo mandarim. A metáfora chinesa refletiria o caráter mais introvertido daquela cultura e a metáfora inglesa denunciaria o caráter relativamente mais extrovertido dos falantes americanos de inglês. Em zulu, que tem muitas metáforas em comum com o inglês, se compreende que RAIVA está no coração, o que não costuma ocorrer na língua inglesa, que associa o coração ao AMOR. Outro exemplo refere-se ao conceito de VIDA, que é conceptualizado em línguas como o inglês e o húngaro como LUTA, POSSE PRECIOSA, JOGO, VIAGEM, enquanto os falantes de hmong<sup>15</sup> veem a vida como um BARBANTE, que pode ser cortado. Podemos acrescentar ainda as evidências apresentadas por Deignan et al. (1998) de que metáforas do domínio de corrida de cavalos, comuns no inglês, não foram encontradas no espanhol, e metáforas dos domínios de tourada e de religião, comuns no espanhol, não foram encontradas no inglês. Para os autores, esses domínios estariam estereotipicamente associados a essas culturas.

Ocorre também que muitas vezes duas línguas ou culturas têm as mesmas metáforas conceptuais para um dado conceito, mas os falantes preferem usar determinadas metáforas em detrimento de outras, o que representa outra possibilidade de variação metafórica cultural. (KÖVECSES, 2005). É o que se percebe nas variações verificadas para o conceito de VIDA para o inglês americano e o húngaro. No inglês, os mapeamentos VIDA É UMA POSSE PRECIOSA e VIDA É UM JOGO lideram os preferidos pelos falantes. Já no húngaro os mapeamentos VIDA É UMA LUTA e VIDA É UM ACORDO são os mais frequentes. Essas preferências, conforme o autor, indicariam diferentes concepções de vida apresentadas por americanos e por húngaros. Similarmente, Boers e Demecheleer (1997) evidenciam que, no domínio de economia, metáforas de jardinagem são frequentes no inglês, enquanto metáforas de comida são frequentes no francês. Os autores sugerem que esse seja um reflexo do interesse relativo nessas atividades nas culturas inglesa e francesa, respectivamente.

Por fim, um caso raro de variação metafórica cultural é o que Kövecses (2005) chama de metáfora culturalmente única, uma metáfora que tem o domínio-fonte e o domínio-alvo exclusivos de uma cultura. O autor toma como exemplo a conceptualização metafórica da fuga dos escravos do sul para o norte dos Estados Unidos na primeira metade do século dezenove. Nesse contexto, os escravos falavam da fuga como *um passeio escondido de trem*, que era chamado de *estrada de ferro subterrânea*. Assim, verifica-se, nesse exemplo, a

---

<sup>15</sup> Língua falada principalmente no Laos e na Tailândia.

metáfora conceptual O PASSEIO NA ESTRADA DE FERRO SUBTERRÂNEA É A FUGA SECRETA DOS ESCRAVOS DO SUL PARA O NORTE, que corresponde a uma metáfora exclusiva da cultura norte-americana.

Outro ponto pertinente quando discutimos as possibilidades de universalidade e de variação cultural na conceptualização metafórica é se as expressões linguísticas de metáforas conceptuais compartilhadas entre diferentes línguas ou culturas diferem ou não. Kövecses (2005) esclarece: “Vários estudos têm revelado tanto diferenças quanto similaridades na expressão linguística de metáforas conceptuais” (p. 131).

Analisando, por exemplo, algumas das metáforas linguísticas apresentadas por Lakoff e Johnson (1980) para a língua inglesa e comparando com a língua portuguesa, podemos perceber às vezes correspondências entre as línguas, mas também ocorrências em que uma equivalência parece não existir ou não ser comum. Seleccionamos alguns casos para exemplificar essas duas possibilidades:

#### DISCUSSÃO É GUERRA

*He attacked every weak point in my argument.*

*Ele atacou cada ponto fraco da minha argumentação.*

*You disagree? Okay, shoot!*

*Você discorda? Ok, Atire! (?)*

#### TEMPO É DINHEIRO

*How do you spend your time?*

*Como você gasta seu tempo?*

*He's living on borrowed time.*

*Ele está vivendo com tempo emprestado. (?)*

#### AMOR É UMA VIAGEM

*We'll just have to go our separate ways.*

*Teremos que simplesmente seguir caminhos separados.*

*We're just spinning our wheels.*

*Estamos apenas girando nossas rodas. (?)*

Obviamente, poderíamos pensar para essas sentenças que nos causam alguma estranheza (assinaladas com um ponto de interrogação) outras versões para o português que



soassem com mais naturalidade. Contudo, o que queremos destacar aqui é que uma metáfora conceptual pode ser lexicalizada da mesma forma, similarmente ou diferentemente em duas línguas ou ainda que uma expressão metafórica pode ser mais natural ou frequente em uma dada língua.

Kövecses (2005) exemplifica variações em metáforas linguísticas de diferentes línguas e esclarece que duas línguas com uma mesma metáfora conceptual podem não ter uma metáfora linguística equivalente ou podem ter expressões em certa medida correspondentes, mas que diferem lexicalmente ou sintaticamente. Contrastando o inglês e o húngaro, o autor demonstra diferenças na sintaxe entre expressões metafóricas relacionadas à metáfora TEMPO É DINHEIRO e entre expressões subjacentes ao mapeamento CONFLITO É FOGO nessas duas línguas. O pesquisador explica que um exemplo metafórico que é uma palavra em uma língua pode ser uma expressão ou uma construção sintática complexa em outra.

Em Kövecses (2005), também é apontada a inexistência de algumas metáforas linguísticas húngaras em contrapartida a algumas da língua inglesa, por exemplo, não há uma equivalência exata para a expressão inglesa *I don't have time to give you* (Eu não tenho tempo para dar a você). Na sequência, são destacadas divergências lexicais para as expressões relacionadas à metáfora TEMPO É DINHEIRO nas duas línguas mencionadas. Por exemplo, para expressões da língua inglesa como *This will save you hours* (Isso vai te economizar horas), o húngaro não utiliza a palavra *hour* (hora), mas exclusivamente *time* (tempo). Além disso, os equivalentes literais no húngaro para *spend* (gastar) e *put aside* (deixar de lado) não podem ser utilizados em referência a tempo, como ocorre correntemente no inglês, em ocorrências como *I spend my time reading* (Eu gasto meu tempo lendo) ou *Put aside some time for Ping-Pong* (Deixe de lado algum tempo para o pingue-pongue).

O autor discute ainda metáforas linguísticas para o conceito de RAIVA no árabe tunisiano, língua que compartilha com o inglês as metáforas conceptuais RAIVA É PRESSÃO DENTRO DE UM RECIPIENTE e RAIVA É CALOR, mas que apresenta expressões para raiva que não são verificadas no inglês, tais como *Não há mais espaço para o ar circular dentro de mim*, *Ele levou sangue para minha cabeça*, *Ele queimou minha cabeça*. Essas expressões também causam estranheza na língua portuguesa. Diferenças como essas confirmam que, mesmo tendo as mesmas metáforas conceptuais, diferentes línguas podem lexicalizá-las de formas distintas.

Kövecses (2005) explica também que uma metáfora conceptual pode ser mais elaborada em uma língua do que em outra, ou seja, pode ter aspectos mais elaborados e, conseqüentemente, ser representada por um número maior de metáforas linguísticas. Por

exemplo, a metáfora conceptual RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE seria altamente elaborada no inglês americano, dando origem a submapeamentos que resultam em um amplo repertório de expressões para raiva como *queimar um fusível, soltar uma vedação, estourar sua tampa, explodir seu topo, derrubar sua pilha, abrir a maçaneta*. Por outro lado, conforme exemplifica o autor, essas expressões não têm correspondentes na língua espanhola, que apresenta um repertório mais limitado e que também ilustra expressões exclusivas como *Sua chaleira explodiu*. Podemos acrescentar também que, no domínio de RAIVA na língua portuguesa, não temos correspondências exatas para essas ocorrências da língua inglesa. Nesse sentido, dizemos que essa metáfora é mais elaborada na língua inglesa do que na língua espanhola e que provavelmente ocorra o mesmo em relação à língua portuguesa.

Destacamos, assim, que foi possível observar nesta subseção que a abordagem da linguística cognitiva para a conceptualização considera, além do componente potencialmente universal das metáforas conceptuais, a possibilidade das mesmas apresentarem variações próprias de uma língua ou de uma cultura. No escopo desta tese, concordamos com as possibilidades de universalidade e de variação cultural e, na análise do *corpus*, buscamos trazer algumas evidências nesse sentido. No subcapítulo seguinte, buscamos aprofundar a discussão a respeito das projeções conceptuais atuantes na criação de nossos conceitos, mas não nos distanciamos da discussão universal x cultural, pois retomamos, por exemplo, a ideia de que projeções mais elaboradas estão mais sujeitas à diversidade cultural.

### 2.3 DETALHANDO A METÁFORA E A METONÍMIA CONCEPTUAL

Como temos argumentado, a metáfora e a metonímia são mecanismos de projeção conceptual que fazem parte do sistema cognitivo humano e estruturam nossos conceitos. Essa noção é fundamental para a proposta desta tese e, sendo assim, reservamos este subcapítulo para aprofundar as noções de metáfora, em especial, e de metonímia conceptual.

É possível diferenciar as metáforas conceptuais de variadas formas, de acordo com sua natureza, sua função, sua convencionalidade, etc. Elegemos discutir neste capítulo alguns tipos de metáforas conceptuais que ainda não contemplamos neste texto e que são relevantes para a análise de expressões metafóricas pretendida. A noção de metáforas primárias e a sua distinção em relação às metáforas complexas merecem destaque nesta exposição e

compreendem o conteúdo da subseção 2.3.1. As metáforas primárias seriam estruturadas diretamente a partir da experiência, relacionando experiências subjetivas a experiências sensório-motoras. No entanto, frequentemente a conceptualização é marcada por metáforas complexas, que não têm uma base experiencial direta e que são formadas a partir da elaboração ou da mescla de metáforas primárias.

Nas subseções 2.3.2 e 2.3.3, buscamos discutir dois tipos de metáforas que podem causar dúvida quanto ao fato de serem ou não metáforas conceptuais: a metáfora de imagem, também conhecida como similaridade ou comparação, e a personificação ou prosopopeia. Diferentemente das metáforas conceptuais convencionais, que mapeiam domínios conceptuais, as metáforas de imagem são mapeamentos pontuais entre imagens mentais, que revelam uma percepção de similaridade. Essas metáforas são tomadas como exemplo pela perspectiva objetivista (não conceptual), que defende que a metáfora corresponde ao destaque de similaridades. No entanto, a linguística cognitiva contraria essa visão e defende que, nesses casos, não há uma similaridade literal ou real, mas uma percepção de similaridade, que conduz à conceptualização metafórica.

Quanto à personificação, a mesma é reconhecida pela teoria clássica de figuras de linguagem como sendo um tropo independente da metáfora, que consiste em atribuir a elementos inanimados características que são próprias de seres animados. No entanto, a teoria contemporânea da metáfora inserida na linguística cognitiva demonstra que a personificação é uma metáfora conceptual, pois há um mapeamento entre um domínio-fonte mais experienciável (algo animado) e um domínio-alvo menos experienciável (algo inanimado).

Também nos preocupamos em debater, neste subcapítulo, o papel da metonímia conceptual na estruturação e na compreensão de conceitos (subseção 2.3.4). Assim como acontece com a metáfora, a ciência cognitiva de base experientialista reconhece também a função da metonímia como mecanismo cognitivo e de projeção conceptual. Como consequência dessa função essencial da metonímia, a mesma é recorrente na linguagem comum. Diferentemente da metáfora, a metonímia conceptual é uma operação de um mapeamento único dentro de um mesmo domínio, em que uma entidade do domínio é utilizada para fazer referência à outra. As metonímias também têm uma base experiencial, pois um elemento que é mais representativo em nossa experiência de uma categoria é utilizado para representar outro elemento dessa categoria ou a categoria como um todo.

### 2.3.1 Metáforas Primárias e Complexas

Uma importante contribuição à teoria contemporânea da metáfora é a ideia da existência de metáforas conceptuais primárias, apresentada por Grady (1997a). As metáforas primárias estariam na base do sistema conceptual e dariam origem a metáforas conceptuais mais complexas. Elas seriam metáforas muito básicas que surgem de nossa experiência diária básica relacionando experiências sensorio-motoras a ideias subjetivas. Um exemplo seria a metáfora primária AFETO É CALOR. Calor (experiência sensorial) e afeto (experiência subjetiva) são experiências básicas que temos cotidianamente e desde muito cedo em nossas vidas. A metáfora AFETO É CALOR surgiria porque nossas primeiras experiências de afeto, quando somos bebês, estão relacionadas com a experiência física de calor que temos quando somos mantidos no colo de nossos cuidadores.

Nesse sentido, diz-se que as metáforas primárias são aquelas que se formam na experiência primária (também chamada de ‘cena primária’), em que os domínios-fonte e alvo são vivenciados ao mesmo tempo durante as mesmas experiências. (GRADY, 1997a). Outro exemplo seria a metáfora primária MAIS É PARA CIMA, que surge da correlação regular que fazemos entre verticalidade e quantidade, como quando colocamos líquidos em recipientes ou criamos pilhas.

Inspirado na hipótese da confluência no curso da aprendizagem (JOHNSON, 1997), Grady (1997a) argumenta que as metáforas primárias surgem da confluência entre conceitos, que ocorre durante o desenvolvimento cognitivo da criança. Ocorre que, devido à forte associação entre determinados conceitos básicos, é compreensível a confusão entre eles em algum estágio de desenvolvimento da criança. Por exemplo, se uma criança regularmente percebe a dificuldade envolvida em levantar objetos pesados, ela passa a relacionar dificuldade com peso e, em um determinado estágio, ela forma um conceito único sobrepondo ambas as dimensões. Na sequência, um próximo estágio do desenvolvimento cognitivo e conceptual é a diferenciação das experiências em conceitos distintos, mas, mesmo com essa diferenciação, a associação cognitiva entre domínios persiste. Ocorre, portanto, a aprendizagem das metáforas primárias (nesse caso, DIFICULDADE É PESO), as quais passam a servir de base para a conceptualização da experiência abstrata, subjetiva.

Essa hipótese é confirmada em Johnson (1999), que pesquisa como as crianças aprendem a linguagem. Considerando que nosso CONHECIMENTO é adquirido em parte a partir da VISÃO, há a hipótese de confluência entre esses domínios. Estudando a aquisição da

metáfora SABER É VER, o pesquisador descobriu que as crianças primeiramente aprendem o sentido literal de VER, como em *Veja o cachorro!* Então elas aprendem casos em que os domínios de VER e SABER são coativos, isso é, em que ambos estão envolvidos, como ocorre em *Veja o que eu fiz*. Finalmente, elas aprendem expressões metafóricas como *Viu o que eu quis dizer?*

Em uma perspectiva neural, Feldman (2006) argumenta que as metáforas primárias podem ser vistas como uma consequência normal da aprendizagem associativa e destaca uma característica central do funcionamento de nossas mentes: “neurônios que são acionados juntos funcionam juntos” (p. 201). O autor explica que quando as experiências subjetivas e sensório-motoras ocorrem em conjunto em um episódio, ambos os domínios são ativados. Isso, de acordo com a teoria de aprendizagem associativa, causaria o fortalecimento de conexões entre os circuitos neurais que sustentam os diferentes domínios. As conexões novas e reforçadas constituem o mapeamento metafórico.

Assim, Grady (1997a) sustenta que confluências prévias na experiência diária levam à formação automática de centenas de metáforas primárias, que relacionam a experiência subjetiva e a experiência sensório-motora e formam a base de metáforas complexas, que discutiremos a seguir. Antes é pertinente apresentar alguns dos vários exemplos ilustrados pelo autor, que sugere uma ampla lista de metáforas primárias coletadas de sua pesquisa e de outros estudos. Os exemplos que apresentamos a seguir incluem a metáfora conceitual primária, uma ilustração de metáfora linguística e uma breve explicação da motivação experiencial da metáfora:

#### SIMILARIDADE É PROXIMIDADE

Motivação: a tendência de objetos similares serem colocados juntos; a tendência de objetos que estão próximos parecerem similares porque estão em condições similares.

Exemplo: Esses tecidos não são exatamente os mesmos, mas *são próximos*.

#### EXISTÊNCIA É LOCALIZAÇÃO AQUI

Motivação: a correlação entre nossa consciência da existência de objetos e a presença deles nas proximidades.

Exemplo: Todas as pontes que cruzavam este rio *se foram*.

#### MUDANÇA É MOVIMENTO

Motivação: a correlação entre perceber um movimento e ter consciência da mudança que ocorre ao nosso redor.

Exemplo: Meu carro tem *ido de mal a pior* ultimamente.

#### ESTADOS SÃO LOCAIS:

Motivação: a ligação entre nossa localização e como nos sentimos; a correlação entre perceber um movimento e ter consciência da mudança que ocorre ao nosso redor.

Exemplo: Ele estava *em* um estado de choque depois do acidente.

#### EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS

Motivação: a correlação entre receber um objeto e ser afetado de alguma forma.

Exemplo: Aquilo me *deu* uma dor de cabeça!

#### INTENSIDADE DE ATIVIDADE É CALOR

Motivação: a correlação entre estar em atividade e sentir calor.

Exemplo: As vendas *esfriaram* este mês.

#### INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE

Motivação: a correlação entre ser íntimo emocionalmente a alguém e ficar perto dessa pessoa.

Exemplo: Nossas divergências sobre dinheiro têm nos *separado*.

Grady (1997a) argumenta que como as metáforas primárias são diretamente estruturadas a partir da experiência e, em muitos casos, a partir da experiência corpórea do mundo compartilhado por todos os humanos, é mais provável que elas sejam universais do que metáforas mais complexas. Na mesma linha, Lakoff e Johnson (1999) defendem: “Quando as experiências corpóreas são universais, então as metáforas primárias são universalmente adquiridas. Isso explica as ocorrências amplamente difundidas por todo o mundo de muitas metáforas primárias” (p. 56). Portanto, retoma-se aqui a ideia apresentada na subseção 2.2.4 de que as metáforas conceptuais com uma base experiencial mais geral estariam menos propensas a variações culturais.

Como já anunciamos, metáforas primárias estariam na base da constituição de metáforas complexas. Lakoff e Turner (1989) já demonstravam que “metáforas básicas podem se combinar em uma dada passagem para produzir uma nova metáfora complexa” (p. 47). Grady (1997a) aprofunda essa ideia e explica que frequentemente as expressões

metafóricas refletem uma metáfora complexa, que corresponde à elaboração de uma metáfora primária ou que é constituída pela mescla de mais de uma metáfora primária. Diferentemente das metáforas primárias, as metáforas complexas não estariam diretamente baseadas na experiência. Mapeamentos como TEORIAS SÃO PRÉDIOS, DISCUSSÃO É GUERRA, COMUNICAÇÃO É UM CANAL, UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM, entre muitos outros, são exemplos de metáforas complexas.

A metáfora TEORIAS SÃO PRÉDIOS, por exemplo, seria constituída pela combinação das metáforas primárias ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA e PERSISTIR É PERMANECER ERETO. (GRADY, 1997b). O autor descreve a junção de metáforas primárias na formação de metáforas complexas como um tipo de unificação. No caso de TEORIAS SÃO PRÉDIOS, as metáforas de *estrutura física* e de *posição ereta* são unificadas para produzir uma metáfora em que o domínio fonte é especificado como uma estrutura física ereta – um prédio. O pesquisador explica também que uma metáfora complexa inclui todas as informações compreendidas pelas metáforas primárias, ou seja, a lista de todas as correspondências e proposições relacionadas a elas.

Importa destacar que a análise de uma metáfora complexa em termos de metáforas primárias permite identificar por que determinados elementos do domínio-fonte não fazem parte do mapeamento conceptual. No caso da metáfora TEORIAS SÃO PRÉDIOS, Grady (1997b) explica que elementos salientes de prédios como *portas, paredes, janelas*, não são mapeados a *teorias* porque eles não fazem parte do mapeamento mais básico TEORIAS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS ERETAS, por não estarem relacionados à *estrutura* e à *permanência na posição ereta*.

A base experiencial de metáforas complexas como TEORIAS SÃO PRÉDIOS só pode ser resgatada pela sua decomposição em metáforas primárias. As metáforas básicas subjacentes a essa metáfora conceptual complexa são motivadas pela experiência básica diária. Conforme demonstra Grady (1997b), ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA envolve uma correlação experiencial já que objetos físicos com os quais interagimos envolvem relações lógicas e causais entre suas partes. Já PERSISTIR É PERMANECER ERETO é motivada por vários exemplos em nossa experiência com objetos e estruturas que ficam em uma posição ereta quando estão em atividade, por exemplo, pessoas, árvores, prédios, etc.

Considerando o mapeamento mais básico TEORIAS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS ERETAS, por que elaboramos a metáfora complexa TEORIAS SÃO PRÉDIOS? Ou seja, por que prédio é empregado como domínio-fonte e não árvore ou poste, por exemplo? Grady

(1997b) sugere que a resposta parece estar relacionada com a teoria de protótipos, pois prédios seriam uma estrutura física ereta prototípica. Parece-nos pertinente acrescentar que prédios também têm elementos salientes, como sua forte base e sua elaborada estrutura, se comparados a outras estruturas físicas eretas, aspectos que são enfatizados quando falamos sobre teorias.

No caso da metáfora conceptual complexa UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM, são destacadas em sua constituição as metáforas primárias PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS, conforme Grady (1997a) e Lakoff e Johnson (1999). Essas metáforas primárias, quando associadas, formam um mapeamento complexo em que uma pessoa vivendo a vida é um viajante, os seus objetivos na vida são destinos, um plano de vida é um itinerário, as ações para atingir um plano de vida correspondem à realização desse itinerário.

Outro exemplo clássico de metáfora complexa é a metáfora da estrutura de um evento (LAKOFF, 1993), que corresponde a um mapeamento rico e complexo cujas partes interagem de formas complexas. Nessa metáfora, vários aspectos de um evento, como estados, mudanças, processos, ações, propósitos, meios, são caracterizados em termos de espaço, movimento e força. Assim, essa metáfora complexa têm em sua base as seguintes metáforas conceptuais primárias:

ESTADOS SÃO LOCAIS (regiões limitadas em um espaço)

MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS (para dentro ou para fora de regiões limitadas)

CAUSAS SÃO FORÇAS

AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTOIMPULSIONADOS

PROPÓSITOS SÃO DESTINOS

MEIOS SÃO CAMINHOS (AO DESTINO)

DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS AO MOVIMENTO

PROGRESSO ESPERADO É UMA PROGRAMAÇÃO DE VIAGEM

EVENTOS EXTERNOS SÃO OBJETOS GRANDES QUE SE MOVEM

ATIVIDADES COM PROPÓSITO E DE LONGA DURAÇÃO SÃO VIAGENS

Grady (1997b) defende que não atentar para a decomposição de metáforas complexas em metáforas primárias significa ignorar muito da estrutura de uma metáfora mais elaborada. Além disso, no argumento do autor, essa análise oferece uma forma clara e eficiente de evidenciar as relações entre metáforas complexas que compartilham elementos e diferem em



outros aspectos. Por exemplo, TEORIAS SÃO PRÉDIOS e TEORIAS SÃO TECIDOS não são metáforas sem nenhuma relação. Ao contrário, elas compartilham a metáfora primária ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA e diferem em elaborações mais específicas. Contudo, outra vantagem apontada quanto à análise de metáforas primárias seria evidenciar a motivação experiencial de uma metáfora complexa, o que é fundamental para a hipótese experiencialista assumida pela linguística cognitiva.

Sendo assim, as noções de metáforas conceptuais primárias e complexas são importantes para a análise de ocorrências metafóricas pretendida por este trabalho. Temos que nos ater às metáforas primárias que entram na composição de metáforas complexas para descrever apropriadamente a conceptualização de categorias de emoção, para demonstrar proximidades e diferenças entre modelos cognitivos distintos e também para evidenciar as correlações experienciais que motivam a conceptualização.

### 2.3.2 Metáforas de Imagem

Há metáforas que, ao invés de mapear um domínio conceptual a outro, mapeiam uma imagem mental convencional a outra, são as chamadas metáforas de imagem, apresentadas em Lakoff e Turner (1989) e Lakoff (1993). Essas metáforas diferem das metáforas conceptuais que temos discutido até aqui, que organizam nossa compreensão do mundo através do mapeamento entre domínios. Como vimos, as metáforas conceptuais convencionais são firmemente estruturadas por correspondências ontológicas, em que entidades de um domínio correspondem sistematicamente a entidades de outro domínio. Diferentemente, as metáforas de imagem seriam metáforas pontuais, que mapeiam apenas uma imagem em outra.

Os autores exemplificam com passagens de textos literários, como na ocorrência *Minha mulher cuja cintura é uma ampulheta*. Nesse caso, haveria uma superimposição da imagem de uma ampulheta na imagem de uma mulher em razão da forma comum apresentada por esses dois elementos. Lakoff e Turner (1989) argumentam que, nesse caso, também a metáfora é conceptual, pois ela não está nas palavras, mas nas imagens mentais. Os autores acrescentam que as palavras não nos dizem que parte da ampulheta deve ser mapeada na cintura, ou ainda que apenas parte da forma da ampulheta corresponde à cintura, mas elas nos induzem a esse mapeamento de imagens. Os pesquisadores explicam também que, em casos

como esse, nós mapeamos um ou mais aspectos da estrutura parte-todo de uma imagem em aspectos da estrutura parte-todo de outra.

As metáforas de imagem podem envolver mais do que o mapeamento de relações físicas. Lakoff (1993) ilustra com a passagem de um poema em que uma imagem dinâmica da água de um rio caindo lentamente é mapeada na imagem de uma mulher tirando a roupa:

Lentamente lentamente rios no outono mostram  
bancos de areia  
tímida mulher no primeiro amor  
mostrando as coxas (MERWIN E MASSON, 1981 apud LAKOFF, 1993, p. 230)

Na análise do autor, vários aspectos das duas imagens seriam mapeados: a cor do banco de areia na cor da pele, a luz no banco de areia no reflexo da pele, a água do rio encobrindo os bancos de areia nas roupas que cobrem o corpo da mulher.

Kövecses (2002a) argumenta que as metáforas baseadas em imagens são ricas em detalhes imagéticos e existem em abundância na poesia. Na explicação de Lakoff e Turner (1989), a proliferação de detalhes nas imagens<sup>16</sup> limita os mapeamentos de imagem a casos muito específicos, fazendo com que eles sejam pontuais. A especificidade dos mapeamentos de imagem contrasta com a amplitude da metáfora conceptual ordinária, em que ocorre o mapeamento de conhecimentos e de toda a sua estrutura inferencial. Os autores expõem que, enquanto as metáforas convencionais são recorrentes o tempo todo na estrutura de nosso pensamento, as metáforas de imagem não estão envolvidas no pensamento cotidiano. As metáforas de imagem são, portanto, consideradas um caso de metáfora nova ou criativa, assim como as metáforas linguísticas poéticas, que discutimos na subseção 2.2.2, pois ambas não são convencionais em uma cultura e tendem a causar um efeito especial no discurso em que são empregadas. Vale lembrar que as metáforas linguísticas poéticas são o reflexo do emprego simultâneo de metáforas conceptuais convencionais, bem como de extensões ou elaborações das mesmas, diferentemente das metáforas de imagem, que correspondem apenas a um mapeamento específico entre imagens.

Grady (1997a) propõe a hipótese da *percepção de semelhança* para explicar casos de metáforas de imagem, discutindo exemplos clássicos da literatura sobre metáfora, em que se

---

<sup>16</sup> Nas metáforas de imagem, as imagens mentais que compõem o mapeamento são detalhadas, ao contrário dos esquemas de imagem, que, como vimos na subseção 2.1.4, não são imagens ricas, mas estruturas em um nível mais geral.

faz referência a *uma pessoa corajosa* como sendo um *leão* ou em que há referência a uma *pessoa bonita* como sendo uma *obra de arte*. Ao debater a expressão *Aquiles é um leão*, ele explica que o comportamento instintivo do leão (a que chamamos sua coragem) é diferente da coragem de um homem e sugere que nós projetamos o instinto do leão na coragem humana porque percebemos algo em comum entre o comportamento dos leões e o comportamento das pessoas corajosas – ambos aparentam enfrentar oponentes perigosos sem medo.

Contudo, Grady (1997a) não defende a teoria da similaridade, sustentada por estudos de cunho objetivista, como vimos na subseção 2.2.1. “Minha proposta não sugere que haja qualquer similaridade literal entre pessoas corajosas e leões. É útil, mesmo assim, reconhecer que a associação metafórica entre eles é provavelmente baseada na *percepção* de aspectos comuns em seu comportamento” (p. 222). O autor destaca o papel de nossas percepções na construção dessas metáforas, em contraste com a ideia da consideração de fatos sobre o mundo, que é sustentada pela teoria da similaridade.

O pesquisador também explica que as metáforas conceptuais convencionais diferem das metáforas de imagem. Enquanto essas são criadas a partir da percepção de características compartilhadas, aquelas se originam da correlação experiencial entre domínios sensório-motores e domínios subjetivos, como já discutimos. Por exemplo, nas metáforas conceptuais *MAIS É PARA CIMA* e *PROPÓSITOS SÃO DESTINOS*, não há similaridades entre *mais* e *para cima* e entre *propósitos* e *destinos*. Nesses casos, dois conceitos distintos são relacionados cognitivamente porque eles estão fortemente relacionados na experiência.

A respeito da teoria objetivista da similaridade, descreditada por Grady (1997a), Lakoff e Turner (1989) a definem como uma falsa teoria sobre metáfora, por argumentar que a metáfora consiste no destaque de similaridades. Como vimos, a teoria da metáfora conceptual demonstra o equívoco do argumento da similaridade, pois o mapeamento conceptual não ocorre entre domínios similares, mas entre domínios que apresentam uma correlação experiencial. Quanto à ocorrência *Aquiles é um leão*, comumente utilizada para explicar a teoria da similaridade, os autores argumentam que, para a teoria ser verdadeira, a coragem do leão teria que ser a mesma propriedade literal da coragem de Aquiles. Contudo, literalmente, leões não têm coragem humana, a qual corresponde a uma propriedade do caráter dos homens; eles têm um comportamento instintivo que nós compreendemos metaforicamente em termos de coragem humana, explicam os pesquisadores. Portanto, nesse caso, caráter está sendo compreendido metaforicamente em termos de instinto.

Além disso, Lakoff e Turner (1989) destacam que a falsa teoria da similaridade não explica o mapeamento da estrutura esquemática entre as imagens. Ou seja, a perspectiva

objetivista não considera possíveis inferências sobre a “*coragem*” do leão que são atribuídas a Aquiles: “A natureza rígida e quintessencial da coragem do leão é mapeada na natureza da coragem de Aquiles, fazendo com que a coragem de Aquiles seja também concebida como forte e quintessencial” (p. 198). Podemos destacar, por fim, que a similaridade literal, advogada pela teoria da similaridade, seria, na perspectiva da linguística cognitiva, uma similaridade metafórica.

### 2.3.3 Personificação

Como temos evidenciado ao longo deste texto, devido ao caráter experiencial da conceptualização, é comum conceptualizarmos experiências abstratas em termos de entidades físicas, por exemplo, objetos, plantas, substâncias, pessoas. Lakoff e Johnson (1980) demonstram que a compreensão de experiências não físicas como experiências físicas nos permite tratar as experiências abstratas como entidades independentes e delimitadas, o que viabiliza que possamos fazer referência aos fenômenos abstratos, categorizá-los, agrupá-los, quantificá-los e, assim, pensarmos sobre eles.

A metáfora conceptual elementar EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS seria a essência do que os autores denominam metáforas ontológicas<sup>17</sup>, as quais seriam motivadas pelas nossas experiências com elementos físicos, em especial com nossos corpos, e nos permitem conceptualizar EVENTOS, ATIVIDADES, EMOÇÕES, IDEIAS como ENTIDADES FÍSICAS. Essa metáfora primária seria elaborada das mais variadas formas em outras metáforas ontológicas mais específicas que subjazem nossos conceitos. Por exemplo, no conceito de MENTE, a metáfora mais básica A MENTE É UMA ENTIDADE FÍSICA pode ser elaborada em metáforas conceptuais como A MENTE É UMA MÁQUINA (*Minha cabeça não está funcionando agora; Estou um pouco enferrujado*) ou A MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO (*Quebrei a cabeça para resolver aquele problema*).

Também é frequente, no processo de conceptualização, compreendermos algo não inanimado como algo animado (pessoa, animal, planta). Por exemplo, é comum

---

<sup>17</sup> Lakoff e Johnson (2003) esclarecem que a divisão de metáforas em três tipos – orientacional, ontológica e estrutural –, apresentada previamente, foi artificial. Ocorre que, no geral, as metáforas são estruturais e ontológicas e muitas delas são orientacionais.

conceptualizarmos uma variedade de experiências que não apresentam propriedades humanas em termos de características, motivações e atividades humanas. Nesses casos, também há uma metáfora conceptual, pois um domínio-fonte mais experienciável (algo animado, frequentemente o domínio PESSOA) é utilizado na elaboração de um domínio-alvo mais abstrato. O elemento animado seria a entidade física utilizada como domínio-fonte na conceptualização de um fenômeno abstrato. Esse tipo de mapeamento conceptual pode ser confirmado na análise de muitas metáforas linguísticas, tais como as seguintes, copiadas de Lakoff e Johnson (1980):

*A teoria explicou o comportamento dos animais.*

*Esse fato argumenta contra as teorias padrões.*

*A vida me enganou.*

*A inflação está comendo nossos lucros.*

*A religião dele diz que ele não pode beber vinho.*

*O câncer finalmente o alcançou.*

A teoria clássica de figuras de linguagem apresenta ocorrências desse tipo como sendo um fenômeno distinto da metáfora, chamado personificação ou prosopopeia. No entanto, na teoria contemporânea da metáfora, a personificação é uma metáfora conceptual. (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF; TURNER, 1989). Ela não se limita a metáforas gerais como VIDA É UMA PESSOA, DOENÇA É UMA PESSOA ou INFLAÇÃO É UMA PESSOA, mas se manifesta em metáforas muito mais específicas. No caso do domínio de inflação, Lakoff e Johnson (1980) destacam a metáfora conceptual INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, subjacente a expressões metafóricas como *A inflação atacou a base de nossa economia; Nosso grande inimigo agora é a inflação; O dólar tem sido destruído pela inflação.*

Os autores destacam que cada personificação difere em termos dos aspectos das pessoas que são considerados. Eles explicam que, para o domínio INFLAÇÃO, por exemplo, a metáfora conceptual INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO não apenas revela uma forma muito específica de pensar sobre a inflação, mas também uma forma de agir em relação a ela. Nós pensamos a inflação como um adversário que pode nos atacar, nos machucar, nos roubar, e até mesmo nos destruir. Dessa forma, essa personificação justifica ações políticas e econômicas por parte do governo: *declarar guerra à inflação, ajustar alvos, requerer sacrifícios, instalar uma nova linha de comando.*

Como seres humanos, provavelmente um dos melhores domínios-fonte para a nossa conceptualização sejamos nós mesmos. Por isso, frequentemente empregamos metáforas que revelam nossa compreensão de elementos diversos em termos de pessoas. Lakoff e Turner (1989) ratificam essa ideia: “A personificação nos permite usar nosso conhecimento sobre nós mesmos para maximizar efeitos, para usar percepções sobre nós mesmos para nos ajudar a compreender coisas como forças da natureza, eventos comuns, conceitos abstratos e objetos inanimados” (p. 72).

Lakoff (1993) revela que o estudo da personificação em geral permite identificar um padrão singular em que eventos são compreendidos em termos de ações realizadas por algum agente, sendo esse agente utilizado na personificação de um conceito. Assim, o autor propõe que a personificação seria uma metáfora complexa em que a metáfora EVENTOS SÃO AÇÕES se combina com outras metáforas independentes. São tomados como exemplos casos em que a MORTE é personificada como um MOTORISTA ou um COCHEIRO em textos literários. Esses casos estariam relacionados à metáfora mais básica MORTE É PARTIDA, sendo que partida é um evento que seria compreendido como a ação de um agente que causa a partida e esse agente seria empregado na personificação da morte. Dessa forma, o motorista ou o cocheiro, enquanto agentes de uma partida, podem personificar a morte.

Nas palavras de Lakoff e Turner (1989), “o processo de personificação ilustra o que é talvez o mais impressionante dos poderes do pensamento metafórico: o poder para criar, com naturalidade e facilidade” (p. 80). Os autores se referem ao processo de composição que dá origem a metáforas complexas de personificação, o qual envolve a combinação da metáfora conceptual EVENTOS SÃO AÇÕES com outras metáforas.

Grady (1997), partindo das evidências de Lakoff e Turner (1989), sugere que metáforas conceptuais de personificação teriam em sua base as metáforas primárias EVENTOS SÃO AÇÕES e FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS. Essas metáforas primárias seriam motivadas na nossa experiência, segundo o autor, pela correlação entre eventos e a presença de agentes humanos e pela correlação entre uma ação orientada para um objetivo e a interação com outras pessoas.

Resumindo o que apresentamos nesta subseção e retomando o alvo de nossa pesquisa, importa-nos destacar que a conceptualização do domínio da emoção, que corresponde a um domínio abstrato, baseia-se recorrentemente em nossas experiências com elementos físicos. Conceptualizar as emoções como algo físico, delimitado, independente, nos permite pensar e falar sobre elas. Sendo assim, no escopo deste trabalho, interessa-nos verificar como a metáfora primária EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS se

manifesta em um *corpus* de conceitos de emoção e também em que medida metáforas conceptuais de personificação são utilizadas para conceptualizar as experiências emocionais.

### 2.3.4 Metonímia Conceptual

A teoria da metáfora conceptual também prevê o papel da metonímia como mecanismo de projeção conceptual. Assim como a metáfora conceptual, a metonímia conceptual é considerada uma operação cognitiva responsável pela conceptualização. No entanto, é importante a distinção entre esses mecanismos. Enquanto a metáfora é responsável pelo mapeamento entre domínios, a metonímia é uma operação de mapeamento dentro de um mesmo domínio que destaca uma entidade do domínio para fazer referência à outra. Além disso, diferentemente da metáfora conceptual, que é estruturada por mapeamentos múltiplos em que dois ou mais elementos do domínio-fonte são mapeados a elementos do domínio-alvo, a metonímia conceptual é elaborada por um único mapeamento, em que um elemento do domínio representa outro elemento do mesmo (LAKOFF; JOHNSON, 2003).

Exemplos de metonímias conceptuais podem ser os mapeamentos do tipo PARTE PELO TODO, como ocorre na sentença *Há muitas cabeças inteligentes na universidade*, em que a parte (cabeça) representa o todo (pessoa). Outros exemplos podem ser os mapeamentos PRODUTOR PELO PRODUTO (*Ele tem um Picasso em seu gabinete*), OBJETO PELO USUÁRIO (*Os ônibus estão em greve*), INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS (*O Senado acha que o aborto é imoral*), entre muitos outros casos possíveis. O elemento que é utilizado para representar outro (por exemplo, produtor, objeto, instituição) é chamado de *entidade-veículo* ou *entidade-fonte*, enquanto o elemento a que se faz referência (por exemplo, produto, usuário, responsável) é conhecido como *entidade-alvo*.

Verifica-se que as expressões metonímicas, como demonstram os exemplos, são recorrentes na linguagem comum e cotidiana, pois, assim como as metáforas conceptuais, as metonímias conceptuais estruturam o pensamento e a conceptualização e, conseqüentemente, são pervasivas na linguagem. Lakoff e Johnson (1980) explicam que a metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. Já a metonímia tem principalmente uma função referencial, permitindo-nos usar uma entidade para representar outra. No entanto, destacam os autores, a metonímia não é meramente um recurso referencial, já que ela também tem a função de propiciar o

entendimento. Os teóricos defendem que, no caso da metonímia PARTE PELO TODO, por exemplo, há muitas partes que podem representar o todo. No entanto, a parte selecionada determina que aspectos do todo estamos enfatizando. No caso da expressão metonímica *Nós precisamos de corpos fortes para nosso time*, estamos usando CORPOS FORTES para nos referirmos a PESSOAS FORTES. Mas não é só a parte (corpo) que está sendo usada para representar o todo (pessoa), porém é selecionada uma característica particular da pessoa, ou seja, a força, que é associada ao corpo.

Outra exemplo de metonímia em nosso sistema conceptual é aquela expressa pelo mapeamento ROSTO PELA PESSOA, conforme verificamos nos exemplos *Ela é apenas um rosto bonito* e *Nós precisamos de caras novas por aqui*. Lakoff e Johnson (1980) destacam que essa metonímia reflete um aspecto importante de nossa cultura em que se costuma olhar o rosto de uma pessoa – mais do que o restante de seu corpo e seu comportamento – a fim de se ter uma informação básica de como a pessoa é. Assim, quando identificamos uma pessoa pelo rosto e agimos de acordo com essa percepção, nós estamos percebendo o mundo e agindo em termos de uma metonímia.

Verifica-se, portanto, que metonímias conceptuais também apresentam sistematicidade. As expressões linguísticas metonímicas não são arbitrárias ou aleatórias, mas são a expressão de mapeamentos metonímicos, os quais subjazem a conceptualização. “Os conceitos metonímicos nos permitem conceptualizar uma coisa por meio de sua relação com outra coisa”. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 39). Os autores também destacam que, assim como as metáforas conceptuais, as metonímias são baseadas na experiência. A metonímia PARTE PELO TODO, por exemplo, emergiria da nossa experiência com a forma com que as partes no geral são relacionadas aos todos. PRODUTOR PELO PRODUTO estaria baseada na relação causal e tipicamente física entre o produtor e seu produto. LUGAR PELO EVENTO seria motivada pela nossa experiência com a localização física de eventos e assim por diante. Ocorre que as metonímias são constituídas por um efeito de prototipicidade, pois os elementos que são mais representativos em nossa experiência de um domínio são aqueles que são utilizados para representar esse domínio. (LAKOFF, 1987).

Na mesma linha, Kövecses (2002a) argumenta que uma entidade-veículo pode oferecer acesso mental a uma entidade-alvo quando as duas entidades pertencem ao mesmo modelo cognitivo idealizado. Por exemplo, PRODUTOR e PRODUTO pertencem ao modelo cognitivo de PRODUÇÃO, em que há várias entidades, incluindo o PRODUTOR, o



PRODUTO, o LOCAL onde o produto é feito, o MATERIAL de que é feito o produto, etc.<sup>18</sup> Todos esses elementos formariam um todo coerente em nossa experiência, à medida que eles coocorrem repetidamente. O autor sugere que como esses elementos estão fortemente relacionados na experiência, algumas entidades podem ser utilizadas para indicar outras dentro do mesmo modelo cognitivo. Isso aconteceria, conforme a explicação do pesquisador, para permitir acesso cognitivo, mental, a uma entidade-alvo que é menos compreensível ou menos disponível: “tipicamente, uma entidade-veículo mais concreta ou saliente é utilizada para dar acesso a uma entidade-alvo mais abstrata ou menos saliente dentro do mesmo domínio” (p. 148).

Kövecses (2002a) defende a interação entre metonímias e metáforas conceptuais, sendo que muitas metáforas teriam em sua base metonímias. A relação metonímica que existe entre uma categoria e seus membros (MEMBRO DE UMA CATEGORIA PELA CATEGORIA) seria um desses casos. Por exemplo, MOVIMENTO é uma subcategoria de AÇÃO e FORÇA é uma subcategoria de CAUSA. Nesse sentido, diz-se que as metáforas conceptuais AÇÃO É MOVIMENTO e CAUSAS SÃO FORÇAS estariam relacionadas a tal relação metonímica. No argumento do autor, conceitos de emoção também refletiriam a interação metonímia e metáfora. Nesses casos, o efeito fisiológico do conceito de emoção seria metonimicamente tomado no lugar da emoção (metonímia EFEITO PELA EMOÇÃO) e essa relação metonímica seria subjacente a várias metáforas conceptuais. No caso da raiva, por exemplo, o efeito de calor provocado por ela estaria relacionado, entre outras, à metáfora conceptual RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE (*Ela explodiu de raiva*). Já no caso do medo, o efeito fisiológico de frio, característico dessa emoção, estaria na base da metáfora conceptual MEDO É GELO (*Nós congelamos de medo*).

Na linguística cognitiva, embora seja inquestionável a função conceptual da metonímia, não há consenso sobre o seu papel na elaboração de metáforas conceptuais. Em Grady (1997a) e Lakoff e Johnson (1999), por exemplo, como vimos na subseção 2.3.1, há o argumento de que as metáforas primárias passariam a existir independentemente de metonímias, sendo elaboradas a partir de correlações experienciais que são recorrentes. A respeito da proposta de metáforas primárias em contraste com a ideia de metonímias dando origem a metáforas, Grady e Johnson (2002) argumentam: “uma relação metonímica está relacionada a uma associação referencial e conceptual, enquanto nossa proposta se refere a

---

<sup>18</sup> Retoma-se aqui a noção de *frame*. Como vimos na subseção 2.2.3, *frame* é um caso de modelo cognitivo idealizado.

correlações no nível da experiência, e a padrões verdadeiramente metafóricos de conceptualização que partem dessas correlações”. (p. 540).

Não interessa-nos neste trabalho defender uma ou outra posição, até porque as mesmas não são opostas, dado o caráter experiencial tanto das metáforas primárias quanto das metonímias conceptuais. No entanto, para fins de análise do *corpus* de pesquisa, concentramo-nos na análise essencialmente metafórica e valemo-nos das noções de metáforas primárias e complexas, as quais debatemos na subseção 2.3.1, e buscamos identificá-las no *corpus*. Essas noções nos permitem verificar com clareza como metáforas básicas podem unificar-se na constituição de metáforas mais complexas e identificar relações entre metáforas. Contudo, reconhecemos que frequentemente há uma metonímia do tipo EFEITO PELA EMOÇÃO que estaria relacionada a metáforas conceptuais do domínio emocional.

Tendo detalhadas as metáforas e metonímias conceptuais neste último subcapítulo, encerramos o capítulo 2 deste texto, que objetivou apresentar a perspectiva experiencialista para a conceptualização, a qual é assumida pela linguística cognitiva, perspectiva teórica que embasa o desenvolvimento desta tese. No próximo capítulo, voltamos nossa atenção para discutir mais propriamente as emoções, foco de nossa análise. Discutiremos algumas perspectivas para o seu estudo, abordaremos como as mesmas podem ser definidas e, em especial, apresentaremos evidências adicionais de como conceitos de emoções têm sido descritos em termos de metáforas conceptuais.

### 3 O FENÔMENO EMOCIONAL E A SUA CONCEPTUALIZAÇÃO

No segundo capítulo teórico desta tese, focamos nossa atenção nas emoções, objeto de estudo deste trabalho. Interessa-nos explorar o que são as emoções e como as mesmas têm sido abordadas. Para isso, fazemos referência à filosofia, à biologia, à psicologia, à neurociência e à linguística. Acabamos recorrendo frequentemente à psicologia, pela sua forte atuação, na atualidade, na investigação dos fenômenos emocionais. A linguística cognitiva é retomada neste texto quando apresentamos resultados de pesquisas que estudam a conceptualização das emoções.

O primeiro subcapítulo (3.1) aborda diferentes perspectivas para o estudo da emoção. Na subseção 3.1.1, revisitamos a filosofia clássica, a teoria darwinista e as bases do estudo da emoção na psicologia. Na sequência, na subseção 3.1.2, apresentamos como as emoções são tratadas na psicologia moderna, sendo destacados diferentes modelos. Na subseção 3.1.3, são discutidos estudos inseridos na linguística que abordam a temática das emoções, os quais se dedicam à análise da linguagem das emoções. Procuramos, nessa última etapa, comentar como nossa proposta se aproxima ou se distancia de outras que também se voltam para a dimensão semântica e para o estudo da língua portuguesa.

Buscamos discutir o fenômeno emocional na sua complexidade no subcapítulo 3.2. A subseção 3.2.1 situa a problemática da definição de emoção, sinalizando divergências em diferentes disciplinas. Retomamos a definição de emoção na filosofia clássica e uma definição atual mais abrangente oriunda da psicologia, que descreve vários componentes constituintes dos fenômenos emocionais. A subseção 3.2.2 discorre sobre a diferença entre emoções, sentimentos e outros estados afetivos, destacando a perspectiva da psicologia da emoção, que prevê essa distinção com base nos componentes do fenômeno emocional. Já a subseção 3.2.3 trata da frequente discussão sobre a existência de emoções básicas, dadas biologicamente, e da ideia de emoções prototípicas, representativas do domínio emocional. Também abordamos nessa última etapa a noção de famílias de emoções que compartilham características com um protótipo.

A conceptualização das emoções é discutida em maiores detalhes no último subcapítulo (3.3), em que retomamos estudos voltados especificamente para a investigação de metáforas conceptuais e modelos cognitivos do domínio emocional. Na subseção 3.3.1, apontamos padrões verificados na conceptualização do domínio emocional em geral. Na subseção 3.3.2, verificamos que muitas metáforas subjacentes aos conceitos de emoção

emergem de um protótipo de emoção em torno do conceito de força. Evidenciamos também que as metáforas conceituais revelam determinados aspectos essenciais para a descrição das emoções. Para finalizar, na subseção 3.3.3, revisamos resultados apontados por estudos inseridos na linguística cognitiva sobre a conceptualização de RAIVA, MEDO, FELICIDADE e TRISTEZA, emoções tidas como prototípicas.

### 3.1 O ESTUDO DA EMOÇÃO

Muitas disciplinas se preocupam com o estudo da emoção, dadas a sua importância e complexidade. Neste subcapítulo, buscamos comentar brevemente algumas das muitas abordagens que se voltam ao fenômeno emocional, na tentativa de compreender diferentes pontos de vista e de apontar o que tem sido alvo de interesse nos estudos voltados a essa temática.

Na subseção 3.1.1, destacamos as origens dos estudos voltados à emoção desde a filosofia clássica, com Platão, Aristóteles e Descartes. A filosofia instaurou discussões importantes até a atualidade, como a associação da emoção com o corpo e a dicotomia entre mente e corpo, que resulta no debate sobre a separação ou não de cognição e emoção. Em uma perspectiva biológica, comentamos evidências da teoria darwinista, como o papel das emoções na sobrevivência e na adaptação e a universalidade de fatores emocionais. Adentrando as raízes do estudo da emoção na psicologia, indicamos o reconhecimento dessa disciplina das mudanças psicológicas relacionadas à emoção, do estímulo que induziria à emoção e dos padrões de resposta corporal e fisiológica aos fenômenos emocionais.

Pela sua relação intrínseca com o comportamento humano, o fenômeno emocional tem recebido especial atenção por parte da psicologia. Dessa forma, na subseção 3.1.2, discorreremos acerca do estudo das emoções pela psicologia moderna, destacando alguns modelos que se preocupam com a descrição do fenômeno. Os modelos dimensionais propõem diferentes dimensões para distinguir as emoções, tais como avaliação, motivação, valência. Já os modelos neuropsicológicos defendem a relação entre uma determinada emoção e certo circuito neural. Os modelos de emoções básicas compreendem um número restrito de emoções fundamentais, que seguiriam determinados padrões de ativação e reação. E os modelos orientados para o significado buscam desvendar o fenômeno psicológico a partir da análise da linguagem. Por último, os modelos componenciais reconhecem diferentes

componentes inerentes às emoções, as quais seriam evocadas por uma avaliação cognitiva e teriam diferentes domínios de resposta, como fisiologia, expressão, ação, sentimento.

Com o intuito de destacar outras propostas que, assim como esta tese, têm o seu foco de investigação voltado para a linguagem relacionada às emoções, a subseção 3.1.3 trata do estudo das emoções na linguística. Objetivamos demonstrar como a temática das emoções pode estar inserida em diferentes dimensões do estudo da linguagem, exemplificando com pesquisas oriundas de segmentos diversos dentro da linguística. Na sequência, nos voltamos a estudos que abordam as emoções na língua portuguesa, buscando contemplar especialmente algumas propostas que se voltam para a dimensão semântica. Por fim, vislumbramos trabalhos na língua portuguesa que, na mesma perspectiva desta tese, também recorrem a metáforas conceituais no tratamento de conceitos de emoção. Procuramos evidenciar como nossa proposta se distingue desses estudos.

### **3.1.1 Raízes do Estudo da Emoção: da Filosofia à Psicologia**

Na busca pela compreensão do fenômeno emocional, consideramos esclarecedor retomar alguns dos principais estudos que estiveram preocupados em investigá-lo desde a filosofia clássica. Essa retomada também é pertinente devido a alguns tópicos centrais no debate sobre emoções, introduzidos por estudos clássicos, se estenderem até as teorias atuais. Não queremos dizer que os resultados das investigações dos fenômenos emocionais realizadas outrora se repetem na atualidade, haja vista muitos componentes do complexo fenômeno emocional terem sido e estarem sendo vislumbrados, mas que muitas discussões já instaladas há muito tempo e muitas noções advindas de estudos anteriores são fundamentais para a compreensão das emoções.

Uma questão importante para a compreensão do fenômeno emocional tem origem na sugestão de Platão de que a alma tem uma estrutura tripartida composta de partes independentes: a mente, o corpo e o espírito. Essa ideia inauguraria um debate importante que teve seu foco principalmente no dualismo entre mente e corpo, problema investigado por filósofos e cientistas há longa data e essencial para a compreensão das emoções. Esse debate já foi sinalizado no capítulo anterior, ao debatermos a relação da cognição com a corporeidade e a oposição entre as propostas objetivista e experiencialista.

De acordo com o texto *A República* (2001/séc. IV a.C.), para Platão, as ideias da mente são representadas como independentes da sensibilidade do corpo. As ideias são eternas, imutáveis, invisíveis aos sentidos e perceptíveis somente pela inteligência. As ideias perfeitas são, portanto, vinculadas à realidade, que é independente de um mundo sensível, o qual é incompleto e limitado, suscita paixões (hoje compreendidas como emoções) e traz prejuízos às ideias puras.

Platão enfatiza que as ideias são qualificadas como únicas, perfeitas, imateriais e eternas, mostrando que o homem vive em um mundo de aparências e que é preciso libertar-se das influências da sensibilidade para se chegar ao mundo das ideias (da mente). Nessa concepção, para o homem alcançar a verdade e o bem, seria necessário que ele se libertasse dos sentidos: os apelos do corpo levariam os seres humanos a paixões descontroladas, as quais os afastariam da verdade.

Em síntese, podemos perceber que há implícita nessa argumentação uma separação completa entre o mundo pragmático das ideias e o mundo dos sentimentos. A estrutura tripartida da alma é hoje traduzida, nos estudos sobre emoção, para a tríade cognição, emoção e motivação. Seguindo essa influência, separar ou não esses sistemas tem sido historicamente uma controvérsia na psicologia da emoção e é a fonte do debate mais atual sobre o papel da cognição na emoção.

Contrariando seu mestre, Aristóteles (2005/séc. IV a.C.) argumentou sobre a impossibilidade de realizar tal separação entre os sistemas e sobre a existência de interação entre eles. Aristóteles distancia-se até certo nível das ideias de Platão por definir a alma como algo relacionado ao corpo, em uma relação de continuidade com ele. O filósofo critica o dualismo platônico entre mente e corpo, evidenciado que esses elementos são inseparáveis. Como consequência, para ele, crenças, movimentos corporais e mudanças fisiológicas não podem ser desassociados da emoção. Dessa forma, as emoções envolvem o racional, ou cognitivo, e o irracional, ou físico, e variam quanto ao grau de complexidade.

No entanto, mesmo sendo reconhecida a relação entre mente e corpo na constituição das emoções, verifica-se que Aristóteles não vislumbra uma ligação completa entre esses componentes. Zingano (1998) explica que, em Aristóteles, permanece uma oposição entre sensação e razão, no sentido de que há funções e características específicas atribuídas para cada uma delas. O autor evidencia essa oposição destacando as supostas etapas distintas de construção do conhecimento - a sensibilidade e o intelecto - que são vislumbradas na tese aristotélica: “o conhecimento humano procede de duas fontes muito distintas quanto à

natureza; algo é dado na sensibilidade e o intelecto produz a partir desse dado universal que a ele corresponde” (p. 9).

Como podemos ver, o debate foi muito produtivo na filosofia clássica e os seus resultados ficaram longe de trazer uma noção completa de como se constrói o conhecimento e de como ocorrem as emoções. No entanto, Aristóteles já indicava uma conexão importante entre a sensibilidade e o pensamento. Seguindo esse mesmo entendimento, muitas teorias modernas de emoção tentam superar uma análise fragmentada e destacar a conexão existente entre os processos cognitivos, motivacionais e emocionais.

A filosofia de Descartes, no século XVII, foca em processos mentais e fisiológicos, instigando o debate entre os fenômenos mentais e corporais que continua até hoje. Em *As paixões da alma* (1998/1649), o filósofo reconhece o valor das sensações, que são relacionadas a sentimentos de agitação física e excitação. Nessa linha, as emoções são de alguma forma relacionadas ao corpo, representando efeitos de interações mecânicas entre fluidos e partes do corpo. Contudo, conforme explica Solomon (2003), a concepção de emoção em Descartes ainda fragmenta mente e corpo, haja vista serem elas consideradas como meras agitações físicas e sensações, embora, por vezes, perceba-se uma tentativa de descrevê-las como oriundas de desejos e crenças.

Vale destacar que, para Descartes (1998/1649), a oposição entre sentimento e razão permanece de forma bem acentuada. Suas ideias partem do pressuposto de que a razão seria a única ferramenta confiável para se alcançar um entendimento do mundo. Como consequência, permanece até hoje a noção de que pensar *cartesianamente* significa excluir a dúvida, investigar causa e efeito e buscar identidade. Assim, nessa linha de pensamento, os sentimentos são negligenciados, pois impediriam o acesso à verdade objetiva. Para o filósofo, a racionalidade é a lei maior e as emoções não importam para o conhecimento. Essa visão cartesiana é descartada pelas teorias psicológicas atuais que apontam a influência das emoções na construção de significados para o mundo.

Outra referência histórica importante para o estudo das emoções é a obra de Darwin *A Expressão da emoção no homem e nos animais* (1998/1872), a qual corresponde à primeira teoria moderna de emoção, reconhecendo seu papel essencial na sobrevivência e na adaptação dos seres humanos e dos animais. Darwin tem uma grande influência na psicologia moderna e o seu trabalho é responsável pela forte ênfase dos estudos emocionais na expressão da emoção no corpo e na voz. A proposta darwinista da universalidade de um grande número de fatores emocionais, em especial da expressão da emoção, teria sido a base de uma forte corrente da psicologia moderna da emoção, representada por pesquisadores como Tomkins (1962) e

Ekman (1992), que se concentram em reações fisiológicas e corporais associadas às emoções, perspectiva comentada na subseção seguinte (3.1.2).

Em um contexto em que as emoções eram basicamente investigadas pela filosofia, sem atenção voltado para o componente biológico, não surpreende que a tese de Darwin tenha sido revolucionária e seguida por muitos pesquisadores. A sua teoria evolucionária defende que os homens herdaram um pequeno grupo de emoções básicas ao longo de sua evolução, as quais estariam relacionadas à sua sobrevivência e adaptação. As teorias que seguem essa perspectiva assumem que as emoções são reflexos inatos, sem um componente cognitivo.

Darwin (1998/1872) estuda fotografias e usa questionários para compreender a evolução das expressões comportamentais e emocionais comparando homens e animais. Ele então constrói uma taxonomia associando padrões comportamentais e emocionais a seis emoções básicas: felicidade, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa. Assim, o pesquisador demonstra que as emoções têm uma função adaptativa, no sentido de que elas auxiliam os indivíduos a encarar os perigos em seu ambiente e a sobreviver. Além disso, o trabalho de Darwin evidencia que as emoções têm uma função comunicativa, já que sua expressão serve para comunicar as intenções dos sujeitos, o que é ainda mais claro no caso dos animais.

Mas é com o trabalho de James (1884) que o estudo da emoção passa a ser um tema central na psicologia, com a também revolucionária sugestão de que os fenômenos emocionais correspondem à percepção de mudanças corporais diferenciadas e específicas para cada emoção. O autor defende que as emoções são acionadas pela percepção das mudanças psicológicas diretamente induzidas por um estímulo. Em acordo com a teoria darwiniana, há o argumento de que as emoções são genéticas e não sofrem a intervenção da mente. Conforme o pesquisador, as mudanças corporais seguem diretamente a percepção de um fato estimulante e nosso sentimento das mesmas mudanças à medida que elas ocorrem é a emoção.

Como se pode ver, o teórico acaba não fazendo uma distinção entre sentimento e emoção, o que acaba causando confusão entre as pesquisas psicológicas. Na atualidade, os pesquisadores demonstram uma preocupação com a diferenciação entre sentimento e emoção, bem como com a definição de outros fenômenos afetivos, para que se possa compreendê-los em uma dimensão mais completa. Trataremos dessa distinção na subseção 3.2.2.

Um diferencial na teoria de James (1884) é a ideia de que a motivação antecede a emoção. Na sua concepção, o indivíduo percebe sua motivação psicológica e deduz que seu corpo está se preparando para uma situação particular, por exemplo, para uma situação de raiva ou medo. Após esse processo, ele sente a emoção correspondente. Nessa perspectiva, James discorda de Darwin quanto à ordem cronológica dos acontecimentos. O último sugere a



sequência Evento-Emoção-Reação, enquanto o primeiro propõe a ordem Evento-Reação-Emoção.

Apesar da diferença, James (1884) mantém a noção central de que a emoção envolve uma liberação automática de um conjunto coordenado de repostas para um estímulo relevante (com a incorporação dessas repostas produzindo a experiência da emoção). O psicólogo se preocupa em investigar o componente da resposta imediata da equação da emoção; contudo, ele também considera a importante noção de que processos de controle estão em jogo no fenômeno emocional, na tentativa de regular a emoção, limitando a sua expressão.

Por fim, podemos destacar também as contribuições de Freud (1981/1915). O mesmo defende que as emoções podem ser conscientes ou inconscientes e que as emoções conscientes são expressas através de sentimentos, diferenciando, portanto, sentimento e emoção. Contudo, o autor focou seus estudos na investigação das emoções inconscientes, encontrando nelas explicações para uma variedade de fenômenos da vida humana, como comportamentos estranhos, conduta sexual não convencional, sentimento inapropriado ou falta de sentimento, medo excessivo, doenças somáticas sem uma causa orgânica. Freud (1981/1915) também dirigiu a sua atenção aos objetos alvos das emoções das pessoas (pessoas, coisas, eventos), sugerindo que esses podem ser também fantasias dos indivíduos.

O breve levantamento exposto acima aborda alguns dos muitos nomes importantes para os estudos vinculados à emoção, demonstrando a interface da emoção com a filosofia, a biologia e a psicologia, mais recentemente. Esses estudos influenciam o debate mais atual da emoção inserido na psicologia moderna, a qual rediscute muitos tópicos levantados no passado, aceitando alguns e rejeitando outros, mas, sobretudo, atualizando a discussão e aprofundando as evidências do que é e de como ocorre o fenômeno emocional.

### **3.1.2 Emoções na Psicologia Moderna**

A pesquisa psicológica moderna da emoção se manifesta em quatro modelos distintos que propõem a descrição do fenômeno emocional: modelo dimensional, modelo discreto, modelo orientado para o significado e o modelo componencial, conforme indica Scherer (2000).

Entre o chamado modelo dimensional, há os modelos unidimensional e multidimensional. Os pesquisadores que seguem o modelo unidimensional, embora

reconheçam várias distinções entre os fenômenos emocionais, defendem que uma dimensão é suficiente para explicar essas diferenças. Dependendo da teoria, essa dimensão preponderante é a motivação ou a valência. Duffy (1941), por exemplo, argumentava que a maior diferença entre os estados emocionais seria o grau de motivação (ou nível de excitação) que poderia variar de muito baixo a muito alto. O autor chegou até mesmo a propor a extinção do termo emoção e a adoção de um contínuo de termos que denotassem motivação.

Por outro lado, muitos psicólogos, como Schneirla (1959) defendiam que a dimensão mais importante para a diferenciação da emoção seria a valência, sendo que os sentimentos emocionais variariam de um polo negativo (ruim, desagradável, de insatisfação) a um polo positivo (bom, agradável, de satisfação). Essa dimensão levou a distinção entre emoções positivas e negativas.

Indo além da noção unidimensional, algumas pesquisas já sugeriam que o estado emocional era determinado por um sistema multidimensional, englobando mais de uma dimensão. Esse é o caso de Wundt (1905), que sugere três dimensões independentes: satisfação-insatisfação, descanso-ativação, relaxamento-atenção. Também Schlosberg (1952) usou um modelo bidimensional para estudar a expressão facial e Plutchik (1962) postulou um esquema bidimensional com emoções consideradas padrão colocadas em um círculo em um espaço de dimensões de valência e ativação.

Plutchik (1962) tornou-se especialmente conhecido, pois seu esquema ilustrava graficamente similaridades e diferenças entre emoções vizinhas em um espaço bidimensional. As emoções padrão distribuídas no esquema proposto por ele seriam aceitação, medo, surpresa, tristeza, nojo, raiva, expectativa e alegria, e, segundo o mesmo, a sua combinação daria origem a outras emoções secundárias. De acordo com o autor, as emoções têm um papel adaptativo, ajudando os animais a gerenciar seu ambiente quando há ameaça à sua sobrevivência.

Embora sejam reconhecidas limitações entre as pesquisas dimensionais por ainda não reconhecerem alguns aspectos pertinentes às emoções, vale destacar que a identificação e a investigação de determinadas dimensões, em especial da motivação e da valência, muito contribuem para a pesquisa na atualidade, haja vista serem essas dimensões reconhecidamente fundamentais para a compreensão do fenômeno emocional.

Entre os modelos discretos de emoções, podemos destacar as teorias de circuitos neurais e as de emoções básicas. Os modelos de circuitos neurais se comprometem com uma abordagem neuropsicológica das emoções, sugerindo que determinadas emoções

fundamentais e suas diferenças em relação às demais são determinadas por circuitos neurais desenvolvidos evolucionariamente no cérebro.

Panksepp (1982) explica que há circuitos fundamentais de comando emotivo que produzem sequências comportamentais bem organizadas incitadas por estimulação neural. A partir desses circuitos básicos, o pesquisador expõe que há sistemas de emoções básicas que seriam equivalentes a expectativa, raiva, medo, desejo, cuidado, pânico e alegria. Cada tipo de emoção corresponderia a um reflexo individual, complexo e herdado no nascimento, o qual, quando acionado, causaria uma síndrome de efeitos autônomos, hormonais e musculares. No argumento do autor, as interações entre os sistemas emocionais básicos levariam a estados emocionais de segunda ordem, ou seja, a emoções não fundamentais.

Seguindo as evidências dos modelos de circuitos neurais, muitas pesquisas psicológicas focaram seus esforços na tentativa de explicitar e investigar a existência de emoções tidas como básicas ou primárias, tais como raiva, medo, alegria, tristeza, estando situadas entre as teorias de emoções básicas. De forma similar às teorias de circuito e à abordagem darwiniana, essas teorias defendem que, durante o curso da evolução, muitas estratégias emocionais adaptativas se desenvolveram.

De acordo com as teorias discretas de emoções básicas, essas estratégias emocionais compreendem um número limitado de emoções fundamentais, o qual varia em diferentes estudos, mas fica entre 7 e 14, dependendo do teórico. Pressupõe-se que cada emoção tem condições próprias de ativação e segue padrões específicos de reação comportamental, expressiva e fisiológica.

Tomkins (1962) concentra-se em emoções primárias que consistiriam em respostas fisiológicas, corporais e faciais a estímulos, diretamente acionadas por ativação neural sem qualquer processamento cognitivo. O pesquisador direciona sua atenção para a retração facial como resposta e sustenta que a expressão facial influencia fortemente a indução e a determinação da emoção. Nesse sentido, são destacadas nove emoções primárias em associação a expressões faciais correspondentes: interesse, alegria, surpresa, ansiedade, medo, raiva, que são inatas, e desprezo, nojo, e vergonha, que são adquiridas. Por exemplo, surpresa corresponderia a sobrancelhas erguidas e piscar de olhos.

Fortemente influenciado por Tomkins (1962), Ekman (1992) estendeu a teoria e procurou obter evidências empíricas para emoções básicas, vinculadas a expressões faciais, investigando os padrões emocionais. O pesquisador argumenta que um número limitado de

emoções básicas está presente nos primatas e que elas têm sentimentos específicos<sup>19</sup>, sinais universais e mudanças psicológicas correspondentes. Obviamente, ele também concorda com a tese evolucionária, assumindo que as emoções são funções adaptativas herdadas. O autor explica que “o nosso passado como uma espécie negociando com as tarefas da vida influencia como nós avaliamos e respondemos a um evento de emoção e delimita as características únicas de famílias de emoções” (p. 193).

Na proposta desse teórico, as emoções são acionadas pela avaliação automática de eventos antecedentes universais e são caracterizadas por um início rápido, uma breve duração e uma ocorrência espontânea. Ele destaca seis emoções como sendo básicas, sendo que cada uma delas tem uma expressão universal, mesmo que essa possa ser inibida ou destacada por regras sociais e culturais: alegria, nojo, surpresa, tristeza, raiva e medo. No caso da alegria, por exemplo, essa emoção seria expressa por um sorriso verdadeiro, envolvendo uma contração espontânea do músculo orbicular do olho e o relaxamento do resto do corpo.

A perspectiva da existência de emoções básicas teve um forte impacto na psicologia e tem grande influência ainda hoje na psicologia da emoção e em outras áreas que interagem com o estudo do fenômeno emocional. Essa preponderância fica ainda mais acentuada pelo fato de essas emoções serem frequentes na linguagem, como é o caso da raiva e do medo, por exemplo. A discussão a respeito de emoções básicas não se esgota aqui, haja vista ela estar estritamente associada a noções de relevância para este trabalho, tais quais a familiaridade entre as emoções, a gradualidade de significado, a prototipicidade nas categorias afetivas. Dessa forma, na subseção 3.2.3, debateremos com mais propriedade esse assunto.

Quanto aos modelos emocionais orientados para o significado, os mesmos partem do pressuposto de que a linguagem ajudaria a desvendar a estrutura do fenômeno psicológico das emoções. Propostas desse tipo revelam uma interface entre a psicologia e a linguística, como é o caso dos modelos lexicais e dos modelos sócioconstrutivistas.

Os modelos lexicais têm como base a estrutura dos campos semânticos dos termos de emoção. Oatley e Johnson-Laird (1987), por exemplo, desenvolveram uma análise linguística de termos de emoção em que as emoções básicas são tratadas como primitivos semânticos que, em combinação com outros fatores, podem compor emoções mais complexas. Os autores apontam cinco emoções básicas: felicidade, tristeza, medo, raiva e nojo, sendo que cada uma delas estaria relacionada a planos e objetivos. Por exemplo, a felicidade estaria relacionada ao

---

<sup>19</sup> Na psicologia moderna da emoção, *sentimento* é um componente de *emoção*. Essa ideia é esclarecida no subcapítulo 3.2.

progresso em relação a um objetivo e a tristeza estaria ligada a falha na realização de um plano ou a perda de um objetivo.

Na procura por antecedentes cognitivos das emoções e propondo uma abordagem sistemática e compreensiva, Ortony, Clore e Collins (1988) realizam uma análise estrutural do léxico da emoção. Eles propõem uma estrutura hierárquica em que algumas emoções são apenas versões diferenciadas de outras. No modelo dos autores, as emoções partem da cognição, o que equivale a dizer que “elas são determinadas pela estrutura, pelo conteúdo e pela organização de representações do conhecimento e dos processos que operam nelas” (p. 4).

Já os modelos sócioconstrutivistas, também orientados para o significado, focam suas pesquisas no argumento de que o significado de uma emoção é geralmente construído sócio culturalmente e determinado por padrões de valores. Essa linha é seguida por Averill (1980) e Shweder (1993), que, embora reconheçam os componentes de reação psicobiológica das emoções, colocam em primeiro plano o léxico de emoções, por considerarem que os rótulos de emoção disponíveis em uma língua refletem as estruturas de significado emocional em um determinado contexto sociocultural.

Podemos acrescentar que a proposta da linguística cognitiva para a descrição de categorias de emoção, a qual foi debatida no primeiro capítulo e será retomada com maiores detalhes na subcapítulo 3.3, também corresponde a um modelo orientado para o significado. No entanto, a mesma não está inserida entre as abordagens psicológicas e não está comprometida diretamente com a caracterização do fenômeno emocional. A linguística cognitiva preocupa-se em investigar como a linguagem revela a estrutura mental que utilizamos para a construção de conceitos, tais como os de emoção. Contudo, as pesquisas realizadas evidenciam que o conhecimento dessa estrutura conceptual nos revela muito acerca do que são e de como ocorrem os fenômenos emocionais.

Por último, destacamos, como uma das abordagens mais visitadas entre as pesquisas psicológicas de emoção da atualidade, os modelos componenciais. De acordo com Scherer (2000), figura líder entre os pesquisadores de vertente componencial, os teóricos de modelos componenciais defendem que as emoções são evocadas por uma avaliação cognitiva (mas não necessariamente consciente ou controlada) de situações ou eventos precedentes e que a padronização das reações nos diferentes domínios de resposta (fisiologia, expressão, tendências de ação e sentimento) é determinada pelo resultado desse processo de avaliação.

Por seu reconhecimento do componente cognitivo de avaliação na determinação do fenômeno emocional, as abordagens componenciais são reconhecidas entre as teorias

psicológico-cognitivas e entre as teorias de *appraisal* (avaliação). Arnold (1960) foi o primeiro a introduzir o conceito de avaliação, que corresponderia ao processo que determinaria a significância de uma situação para o indivíduo, ou seja, se ela seria boa ou ruim para ele. Esse processo acionaria uma emoção que induziria a uma tendência de ação de atração ou de repulsão e a mudanças psicológicas correspondentes. O objetivo desse processo seria a adaptação ao ambiente.

O componente de avaliação é uma constante entre as teorias componenciais; contudo, as diferentes abordagens se diferenciam pelo reconhecimento de diferentes componentes emocionais, sendo algumas mais restritas e outras mais amplas. Assim como Arnold (1960), Lazarus (1991) também apresenta um dos modelos mais restritos, por se concentrar no componente de avaliação. De acordo com ele, as emoções resultam da avaliação cognitiva da interação entre um indivíduo e seu ambiente em relação às motivações do indivíduo. O autor faz a distinção entre avaliação primária e avaliação secundária. A primeira avaliaria a relevância e a congruência do estímulo para o bem estar do indivíduo, enquanto a segunda avaliaria os recursos disponíveis para lidar com o estímulo.

Uma posição intermediária entre as teorias componenciais seria ocupada entre outros por Frijda (1986), que foca nas tendências de ação induzidas pelas emoções. Para o autor, primeiramente, o estímulo passaria por várias etapas de avaliação, determinando suas características (causas e consequências, relevância e congruência com interesses, possibilidades de lidar com o estímulo, urgência). Um sinal de controle seria então gerado para interromper a ação corrente e uma preparação de ação seria incitada (plano de ação, tendência de ação, modo de ação), induzindo a mudanças psicológicas, e finalmente uma ação é selecionada e executada. Na teoria de Frijda, é a tendência de ação que diferencia uma emoção de outra.

E, no extremo das teorias componenciais mais amplas, está o modelo do processo de emoções por componentes, proposto por Scherer (1982, 2005), que advoga que há tantos estados emocionais diferentes quanto padrões diferenciados de resultados de avaliação. O autor propõe uma descrição abrangente do fenômeno emocional, que englobaria cinco componentes: o cognitivo (avaliação), o neurofisiológico, o motivacional, o da expressão motora e o do sentimento subjetivo. Esse modelo será retomado na subseção 3.2.1, em que abordamos a problemática da definição de emoção e os diferentes componentes emocionais. Pelo fato de o modelo de processo de emoções por componentes abordar de forma abrangente o fenômeno emocional em sua complexidade, considerando as suas várias facetas, ele

apresenta uma definição de emoção contundente no cenário atual, como veremos mais adiante.

Tendo apresentado uma breve caracterização das abordagens que se preocuparam em tratar do fenômeno emocional na psicologia moderna, pode-se dizer que as diferentes teorias buscaram identificar e explicar pelo menos algum aspecto que é pertinente para a compreensão das emoções. Ocorre que elas apresentam focos diferenciados, mas que muitas vezes são complementares. De forma geral, percebe-se que as diversas abordagens indicam o caráter complexo do fenômeno emocional.

### 3.1.3 Emoções na Linguística

Como vimos na subseção anterior, a psicologia pode se valer da análise da linguagem empregada na descrição das emoções para investigar as características psicológicas dos fenômenos emocionais. Outras disciplinas também recorrem à linguagem para explicar as emoções sob outras perspectivas, como a filosofia (por exemplo, SOLOMON, 1995) e a antropologia (BESNIER, 1990). Contudo, na linguística, a linguagem é o objeto de estudo, e o tema emoções pode estar inserido em diferentes dimensões do estudo da linguagem, como descreveremos brevemente.

Jespersen (1922) argumentou contra a arbitrariedade entre fonemas e seus significados, destacando a relação entre sons de palavras e emoções. Ele exemplifica com palavras da língua inglesa como *grumble* (resmungar) e *mumble* (murmurar). Essas palavras exprimem um estado mental de insatisfação e teriam seus sons associados a seus significados, pois o som remete a forma com que as pessoas falam quando experienciam esse estado mental. Já Whissell (1999) aponta relações entre categorias de fonemas e determinadas emoções. Por exemplo, em um conteúdo textual com alta incidência de consoantes bilabiais, há uma conotação de agressividade.

No escopo da morfologia, trabalhos como o de Silverstein (2001) indicam que afixos podem expressar significados como solidariedade, simpatia, intimidade, alegria, etc. O pesquisador também demonstra que o diminutivo marca avaliação positiva, enquanto o aumentativo expressa distancia emocional ou uma atitude negativa. Por outro lado, no tocante à sintaxe, há evidências de que elaborações sintáticas distintas sugerem diferentes construções de uma emoção, como mostra Haspelmath (2001), em pesquisa com línguas europeias.

Na dimensão semântica, são bem conhecidos trabalhos que propõem um léxico emocional, a exemplo de Wierzbicka (1999), para a língua inglesa. A autora distingue três níveis para a análise da emoção: o fenômeno psicológico, a conceptualização desse fenômeno e as palavras e expressões ligadas ao respectivo conceito. A sua pesquisa se concentra no último nível e sugere que o domínio emocional seja descrito em termos de primitivos semânticos, tais como *pensar, desejar, querer, mau, bom, causar, fazer, que* seriam itens lexicais irredutíveis que não precisam de uma explicação e que se combinam na constituição de significados mais complexos e abstratos. Esses primitivos seriam universais no léxico das línguas do mundo e permitiriam descrever qualquer significado, inclusive os de conceitos de emoção. Wierzbicka (1999) também considera a possibilidade de diferenças culturais no léxico de emoção, argumentando que a universalidade e a relatividade cultural são complementares. Outras iniciativas de estudar o léxico da emoção têm o seu olhar voltado especificamente para as diferenças entre línguas e culturas distintas, como Hasada (1998) e Györi (1998).

Como vimos no capítulo 2, a semântica cognitiva, que subsidia esta tese, aborda a conceptualização de forma geral, sendo uma alternativa para a descrição de como criamos categorias emocionais, atentando para a sua relação com a cognição e a experiência. A teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) não tem seu foco voltado exclusivamente para as emoções, mas explica como são formados conceitos para experiências abstratas, incluindo as emoções. O artigo de Lakoff e Kövecses (1983), sobre a conceptualização da RAIVA na língua inglesa, foi pioneiro na semântica cognitiva entre os trabalhos focados na conceptualização das emoções.

Kövecses (1990, 2000, 2005) é uma referência para estudos que investigam metáforas conceptuais para as emoções. Sua pesquisa é baseada especialmente na língua inglesa, mas prevê metáforas com grande potencial para a universalidade. Dessa forma, seus estudos inspiram pesquisas contrastivas entre o inglês e outras línguas, que visam a testar a universalidade de metáforas previstas e verificar a existência ou não de especificidades em línguas e culturas distintas. Alguns exemplos de propostas nesse sentido seriam Matsuki (1995), para o japonês; Yu (1995), para o mandarim; Barcelona e Soriano (2004), para o espanhol. A língua portuguesa carece de estudos lexicais dessa modalidade. Com esta tese, esperamos contribuir com alguns resultados para o português do Brasil.

Na interface da linguística com a computação, tem havido um crescente interesse na descrição da linguagem emocional para fins de processamento da linguagem natural, devido à popularidade da internet e ao grande volume de informação disponibilizada na *web*. Estudos



que seguem esse objetivo estão inseridos na linguística computacional e preocupam-se em criar *corpora* em que expressões de emoção são anotadas com informações semânticas e/ou sintáticas, a exemplo de Wiebe, Wilson e Cardie (2005).

As propostas que apresentam esse viés seguem a perspectiva de uma área de estudo recente e em ascensão denominada *Sentiment Analysis*. De acordo com Liu (2009), a proposta de análise de sentimento está direcionada à investigação de textos avaliativos sobre determinados elementos e objetiva identificar e descrever as emoções e as opiniões implícitas em comentários sobre esses elementos, que podem ser pessoas, produtos, serviços, partidos políticos, etc. Com o advento da internet, pesquisas nessa área buscam a identificação automática de emoções e opiniões.

Entre os estudos linguísticos voltados para a temática da emoção, também se destacam aqueles com uma abordagem discursiva. Plantin (2003), por exemplo, trata do papel das emoções no discurso e argumenta que as mesmas são a expressão de uma competência emocional de ordem interacional que o sujeito tem a partir das suas vivências. O autor busca investigar as emoções no contexto da retórica e da argumentação e foca a sua análise no sujeito da emoção e nas razões da emoção identificadas no discurso.

A relação da emoção com diferentes dimensões da linguagem também pode ser verificada em estudos realizados na língua portuguesa. Pesquisas que tratam a emoção sob o viés discursivo têm sido produtivas. Salgado (2003) aborda a expressão cultural da emoção na interação médico-paciente. Ramos (2008) trata da expressão da emoção no discurso da imprensa. Figueiredo, Divino e Ferreira (2012) verificam o tratamento dado às emoções femininas em obras de autoajuda destinadas às mulheres.

O estudo da emoção em contextos de ensino e aprendizagem também merece destaque. Aragão (2007) identifica emoções em narrativas de aprendizagem na tentativa de compreender as experiências de estudantes de uma língua. Barbosa (2009) investiga traços linguísticos emocionais nas interações entre alunos e professores. Brasileiro (2012) analisa quais emoções são mais recorrentes nas interações em sala de aula e como elas interferem no funcionamento das atividades propostas pelo professor.

Além dessas, outras perspectivas podem ser destacadas, como a de Barreto (2010), que avalia a reação emotiva à leitura de textos literários a partir da concepção de sensação de *flow* (CSIKSENTMIHALYI, 1990), que envolve variáveis como sensação e prazer na realização de atividades. Outra abordagem diferenciada é a de Vassoler e Martins (2013), que investigam a manifestação da emoção na fala, verificando como as mesmas podem estar relacionadas a indicadores prosódicos expressos pelos falantes.

Devido ao enfoque desta tese na conceptualização de categorias emocionais na língua portuguesa, interessa-nos mencionar, em especial, trabalhos nessa língua inseridos na semântica, para destacar pesquisas que de alguma forma se aproximam ou se distanciam da nossa. Uma pesquisa realizada na internet nos permitiu identificar que, mesmo havendo vários estudos voltados à temática da emoção em disciplinas diversas, entre as quais a linguística, são poucos os trabalhos que abordam a conceptualização da emoção na língua portuguesa sob o viés específico da semântica. Essa limitação fica ainda mais evidente se procurarmos por trabalhos que relacionam categorias de emoção a metáforas conceptuais, tal como nos propomos.<sup>20</sup> Contudo, comentamos alguns trabalhos a que tivemos acesso.

Sereno (1997) realiza uma análise intitulada sintático-semântica e textual dos verbos de afeto *amar* e *gostar*. A autora estuda um *corpus* de textos jornalísticos para identificar estruturas sintáticas e semânticas de que esses verbos são núcleos. Na dimensão sintática, é investigada a transitividade dos verbos em questão seguindo pressupostos funcionalistas (VILELA, 1992). A análise semântica ocorre em termos de cenas e *frames* associados aos verbos (FILLMORE, 1977).

Uma proposta mais abrangente é apresentada por Foschiera (2012), que conduz um estudo contrastivo da linguagem de emoção entre os idiomas português e espanhol. É realizada investigação semântica e sintática de verbos e adjetivos que descrevem a emoção com base nos recursos da FrameNet (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003), inspirada na semântica de *frames*, e da Roda das Emoções (SCHERER, 2005), relacionada à psicologia das emoções. Como produto resultante da pesquisa, é apresentado um léxico bilíngue de emoção com vistas a poder servir a aplicações computacionais na área de análise de sentimento, a qual comentamos há pouco.

Na interface da semântica com a ciência da computação, Pasqualotti (2008) propõe o desenvolvimento de uma base lexical de palavras de emoção na língua portuguesa, almejando o reconhecimento automático de conteúdo afetivo em textos. Esse léxico afetivo foi construído a partir das estruturas e relações presentes em outras bases fundamentadas na semântica lexical. Também se tomou como referência o modelo cognitivo psicológico de emoções OCC (ORTONY; CLORE; COLLINS, 1988), que apresenta como surgem as emoções a partir da descrição de processos cognitivos associados a elas.

---

<sup>20</sup> Outros pesquisadores, a exemplo de Barbosa (2009), apontam que são poucos os trabalhos que discutem a inscrição da emoção na linguagem. A respeito de emoções e metáforas conceptuais, Kövecses (2000) destaca que, entre outras possibilidades de manifestação da emoção na linguagem verbal, a linguagem figurada, embora utilizada amplamente, recebe menor atenção por parte dos estudiosos.

Na mesma linha, Rigo et al. (2013) investigam o léxico da emoção no contexto de ambientes virtuais de ensino e aprendizagem e visam à identificação automática de sentimentos como apoio à atividade docente. Como base teórica para a descrição de um *corpus* composto por mensagens textuais relacionadas a disciplinas na modalidade EAD, tomam-se princípios da linguística cognitiva, como a concepção de *frames* semânticos (FILLMORE et al., 2003). A partir da descrição linguística realizada, foi desenvolvida uma ferramenta computacional para identificação do léxico de emoção no contexto em questão.

No que tange à abordagem da conceptualização da emoção na língua portuguesa considerando a perspectiva da metáfora conceptual, podemos comentar o trabalho de Land (2007), que avalia as emoções suscitadas em três ataques terroristas utilizando como *corpus* textos da imprensa luso-americana. A análise da linguagem metafórica é tomada como um complemento à análise de descritores de emoção (por exemplo, *medo*) e de palavras que expressam a emoção (*terror*) ou a sua manifestação física (*tremor*). A partir desses elementos linguísticos e do destaque de passagens textuais em que os mesmos ocorrem, são apontados modelos cognitivos idealizados para alguns conceitos de emoção nesse contexto específico.

Outra proposta seria a pesquisa desenvolvida por Schröder (2009), que faz um estudo comparativo sobre a conceptualização metafórica de AMOR por brasileiros e alemães. Trata-se de uma investigação de *corpus* constituído por entrevistas realizadas nas duas línguas, a fim de apontar possíveis diferenças culturais entre essas duas comunidades de discurso.

Podemos destacar também o estudo de Vanin (2012), que propõe uma interface metateórica entre teorias ligadas à linguística cognitiva - teoria da metáfora conceptual e teoria da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) - e a teoria da relevância (SPERBER; WILSON, 1995) para descrever e explicar processos cognitivos subjacentes à conceptualização de emoções. A fim de ilustrar a estrutura e o funcionamento da interface proposta, foram analisados cinco textos extraídos da mídia eletrônica que abordavam conceitos de emoção, sendo três deles em língua inglesa e dois em língua portuguesa. Para cada texto, a análise demonstra um determinado modelo cognitivo idealizado para um conceito de emoção.

Considerando os trabalhos comentados que se voltam para a semântica da língua portuguesa, podemos perceber a recorrência de quase todos eles (com exceção de um) à linguística cognitiva, seja por meio da semântica de *frames*, da teoria da metáfora conceptual ou da teoria da integração conceptual, o que indica a produtividade dessa perspectiva teórica para pesquisas empenhados em investigar a conceptualização. Quanto aos três últimos

estudos, que também consideram a noção de metáfora conceptual para tratar de conceitos de emoção, importa destacar de que forma a proposta desta tese se distingue dos mesmos.

Retomando o trabalho de Land (2007), o mesmo aborda tanto a linguagem literal quanto a linguagem metafórica relacionada à emoção, enquanto este trabalho trata exclusivamente das metáforas. A autora aponta alguns modelos cognitivos idealizados de conceitos de emoção que emergem em um contexto específico: textos sobre três ataques terroristas publicados em português, mas na imprensa dos Estados Unidos. Diferentemente, nossa proposta não está focada em um contexto específico, sendo nosso *corpus* composto de expressões metafóricas de emoção relacionadas a assuntos diversos. Este trabalho não está comprometido com uma investigação discursiva, embora reconheçamos a importância de estudos nessa modalidade. Trata-se de um estudo focado na conceptualização de experiências emocionais. Interessa-nos especialmente identificar em um *corpus* modelos cognitivos frequentes para a conceptualização de emoções na língua portuguesa do Brasil e as expressões metafóricas associadas a eles, bem como indicar particularidades desses modelos.

Já a pesquisa de Schröder (2009) investiga exclusivamente a categoria AMOR e assume essencialmente uma perspectiva comparativa entre o português falado no Brasil e o alemão. Diferentemente, o estudo aplicado que realizamos nesta tese analisará os conceitos de TRISTEZA e FELICIDADE na língua portuguesa e não tem como foco principal um estudo comparativo, embora ilustre algumas evidências nesse sentido, contrapondo conceptualizações metafóricas identificadas no *corpus* em análise com modelos metafóricos apontados na literatura para a língua inglesa. A discussão e a análise realizadas no escopo desta tese se desdobram em outras direções, como retomamos logo a seguir.

No que se refere ao estudo de Vanin (2012), o seu foco está em apresentar uma nova perspectiva de análise para a conceptualização a partir da interface entre diferentes teorias. Já nosso trabalho concentra-se na análise de *corpus* para apresentar evidências de como podem ser criadas categorias de emoção em nossa língua. Enquanto a autora discute a conceptualização em termos mais gerais, trazendo exemplos de como emergem conceitos de emoção tanto na língua inglesa quanto na língua portuguesa (não em uma perspectiva comparativa), este trabalho se concentra mais especificamente na investigação da língua portuguesa falada no Brasil, para indicar possíveis padrões recorrentes nessa língua, ainda muito pouco explorada nesse viés.

Contrastando nossa proposta com os três trabalhos que mencionamos, podemos ressaltar ainda que este trabalho difere quanto à origem do *corpus* empregado. Enquanto Land (2007) e Vanin (2012) partem de textos de imprensa e de mídia eletrônica, respectivamente e

Schröder (2009) analisa a linguagem oriunda de entrevistas, o *corpus* analisado nesta tese foi composto a partir de mensagens postadas em uma rede social. Também acreditamos que nosso trabalho irá se converter em um estudo de *corpus* mais robusto para as emoções em análise na língua portuguesa, à medida que pretendemos apresentar evidências não só qualitativas, mas também quantitativas, com um maior número de ocorrências metafóricas analisadas e de modelos cognitivos identificados.

Queremos apontar também como uma particularidade desta tese que nossa proposta metodológica prevê a verificação de como metáforas primárias se combinam na formação de metáforas complexas, o que nos permite, como vimos no capítulo 2, compreender mais detalhadamente a conceptualização e a sua base experiencial, bem como a relação entre diferentes categorias emocionais. Outro diferencial deste trabalho, previsto em nossa metodologia, é a identificação de aspectos dos conceitos emocionais, como intensidade, passividade, controle, avaliação, dificuldade e dano, alguns dos quais também apontados pela psicologia como essenciais para a descrição do fenômeno emocional, como já comentamos anteriormente.

### 3.2 A COMPLEXIDADE DOS FENÔMENOS EMOCIONAIS

As emoções são fenômenos multimodais, relacionados a aspectos corporais, comportamentais, mentais, subjetivos, culturais. Sendo assim, elas assumem um caráter interdisciplinar, sendo revisitadas por várias ciências e teorias. A multimodalidade e a interdisciplinaridade indicam o caráter complexo das ocorrências emocionais. Dessa forma, neste subcapítulo, almejamos debater algumas das facetas dessa complexidade.

Na subseção 3.2.1, nos encarregamos de discutir a definição de emoção e os vários componentes emocionais. Inicialmente, apresentamos algumas noções de como eram vistas as emoções na filosofia clássica, a qual destaca o conteúdo instintivo das emoções e o contraste entre razão e emoção. Buscamos observar que os componentes cognitivos e subjetivos do fenômeno emocional há longa data geram controvérsias entre os pesquisadores. Contudo, demonstramos que é recorrente entre os estudos filosóficos e psicológicos da atualidade a compreensão da emoção como um fenômeno cognitivo. Seguindo a perspectiva da psicologia da emoção, discorreremos acerca da teoria componencial, que explica o fenômeno emocional a partir de seus diversos componentes.

Associados à problemática da definição de emoção também estão os debates sobre a diferença entre sentimento e emoção e sobre a distinção de emoção em relação a outros fenômenos afetivos. A subseção 3.2.2 trata dessas questões. A respeito de emoção e sentimento, buscou-se evidenciar que os estudos filosóficos e psicológicos mais recentes apontam o sentimento como um aspecto mental, relacionado à subjetividade e à cognição, sendo integrante da emoção. No tocante a emoções e outros fenômenos afetivos, retomamos a defesa psicológica de que é possível delimitar diferentes fenômenos a partir da investigação da manifestação dos diferentes componentes emocionais. Dessa forma, emoções se distinguem de outros fenômenos como preferências, atitudes, humor, disposições afetivas e postura social.

Outra discussão produtiva na temática das emoções é a delimitação entre diferentes categorias emocionais. Nesse sentido, o debate quanto a emoções básicas, emoções prototípicas e famílias de emoções, como nos propomos na subseção 3.2.3, é pertinente. Observamos que é comum entre os pesquisadores o pressuposto da existência de emoções básicas, dadas biologicamente, mais fundamentais do que outras e que podem estar na base da constituição de outras emoções mais complexas. Contudo, evidenciamos que outras propostas mais atuais defendem que não haveria emoções básicas, mas componentes básicos das emoções, os quais também teriam uma raiz biológica e seriam comuns em diferentes ocorrências. Essa última perspectiva considera as emoções básicas como prototípicas, representativas de uma categoria. Discorremos também acerca da defesa de algumas teorias quanto à existência de relações de família entre os fenômenos emocionais, as quais demonstram que as emoções podem ter elementos em comum e compartilhar ou não características.

### **3.2.1 A Problemática da Definição de Emoção e os Componentes Emocionais**

Revisitando diversas teorias que dissertaram a respeito dos fenômenos emocionais, algumas das quais comentamos no subcapítulo 3.1, percebe-se que o conceito de emoção é problemático, haja vista a complexidade do fenômeno que historicamente deu margem a várias interpretações. Mas afinal o que é uma emoção? Certamente temos dificuldade para responder a essa pergunta, e ela raramente gera a mesma resposta entre leigos ou cientistas.

Dadas as divergências, há um número muito grande de definições para o vocábulo emoção. Kleinginna e Kleinginna (1981) apontaram que esse número chegara a mais de cem.

Conforme já destacamos, as emoções interessaram por muito tempo os filósofos, que costumavam considerá-las como algo que deveria ser expurgado dos homens. Platão (2008/séc. IV a.C.) sugere que as emoções, como cavalos selvagens, nos levam a lugares que não escolhemos visitar e, dessa forma, precisam ser controladas e reprimidas. Na mesma linha está a ideia de catarse presente em Aristóteles (1992/séc. IV a.C.), que significaria purificação ou purgação. Segundo o filósofo grego, a catarse refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama.

O francês Descartes (1998/1649), como já anunciamos, vê as emoções como instintos animais que a razão humana tem que regular. As emoções corresponderiam a perturbações, acompanhadas de desorientação e arrebatamento. E, para o filósofo holandês Spinoza (2008/1677), elas são associadas com ideias inadequadas e com a passividade da mente, em oposição à razão.

Frijda (2008) explica que, para falar sobre as emoções, o grego antigo usou o termo *pathèma*, e o francês e o inglês antigo usaram *passion*, hoje traduzidos como paixão. Ambos corresponderiam a um evento mental envolvendo passividade. Nesse sentido, as paixões se diferenciariam das ações, no sentido de que têm uma origem passiva, não partindo de uma iniciativa. O autor esclarece ainda que o equivalente do latim para emoção seria o vocábulo *affectus*, que correspondia a um evento ou experiência em que o indivíduo é afetado. De forma similar, o sânscrito teria empregado *bhava*, com o significado de um estado mental que aparece no indivíduo.

Mas qual seria a melhor definição para emoção? Como já evidenciamos, muitas são as propostas para explicar esse fenômeno e persistem as controvérsias. No entanto, como destaca Scherer (2005), esse tipo de discussão de definição e de conceptualização pode ter um efeito estimulante, tendo importantes consequências para o avanço no estudo das emoções e para a pesquisa colaborativa entre diferentes disciplinas.

Na língua portuguesa, como indica Cunha (1982), o vocábulo emoção seria proveniente do latim *motionis* (movimentar), ao que parece já remetendo etimologicamente à noção de mudança que ocorre com o indivíduo ou à ideia de reação a um estímulo. Na psicologia moderna, Pinto (2001) define emoção como uma experiência subjetiva que envolve a pessoa toda, a mente e o corpo. Seria uma reação complexa desencadeada por um estímulo ou pensamento e envolveria reações orgânicas e sensações pessoais. O autor acrescenta ainda que se trata de uma resposta que envolve diferentes componentes, tais como uma reação

observável, uma excitação fisiológica, uma interpretação cognitiva e uma experiência subjetiva.

Em especial, os componentes cognitivos e subjetivos do fenômeno emocional geram polêmica entre os cientistas. Como já apontamos, James (1884) defendia uma perspectiva fisiológica das emoções, em que as mesmas seriam o resultado de estados fisiológicos (por exemplo, falta de ar, palpitação, angústia) desencadeados por estímulos ou situações ambientais. Restringindo a sua visão de emoção à percepção de mudanças corporais, o autor não reconhece que a cognição e a subjetividade estejam relacionadas ao fenômeno emocional.

Inspirado por James, o neurocientista Antônio Damásio também identifica as emoções como um processo corporal. Damásio (2013a) afirma que a emoção é um conjunto de todas as respostas motoras que o cérebro faz aparecer no corpo em resposta a algum evento. É um programa de movimentos como a aceleração ou desaceleração do batimento do coração, tensão ou relaxamento dos músculos e assim por diante. Nessa concepção, haveria um programa para cada emoção. O autor também parte de uma perspectiva evolucionista, em que as emoções são vistas como uma forma que a natureza encontrou para proporcionar aos organismos comportamentos rápidos e eficazes orientados para a sua sobrevivência. Segundo Damásio (2000), a emoção tem duas funções biológicas: a primeira produz uma reação específica para a situação que estimula a emoção e a segunda função regula o estado interno do organismo, visando a essa reação específica.

Nessa perspectiva da neurociência, a emoção é desatrelada dos componentes cognitivos e subjetivos, sendo relacionada exclusivamente a reações inatas, automáticas e inconscientes que acontecem dentro do corpo. A cognição e a subjetividade, contudo, estariam associadas aos sentimentos, que, nessa concepção, não fazem parte das emoções, mas nascem delas, como veremos na próxima subseção, que trata da distinção entre emoções e sentimentos.

No entanto, nos estudos psicológicos de emoção na atualidade, é recorrente a defesa de que a cognição constitui um componente essencial da emoção. A respeito desse argumento, Deigh (2010) explica que considerar as emoções como estados essencialmente cognitivos implica reconhecer a avaliação ou a percepção que seguem um determinado estímulo como um elemento essencial da emoção, e não apenas como algo concomitante à emoção. Na explicação do autor, essa compreensão é a que prevalece hoje entre filósofos e psicólogos que estudam as emoções.

Nesse contexto, uma definição abrangente de emoção é oferecida pelo modelo de processo de emoções por componentes, já anunciado anteriormente no texto. Esse modelo



destaca-se entre as pesquisas psicológicas da atualidade e diferencia-se por reconhecer a emoção como um fenômeno complexo constituído por distintos componentes e por buscar evidências de como se manifestam esses componentes em diferentes emoções.<sup>21</sup>

De acordo com essa abordagem componencial, a emoção é definida como um episódio de mudanças inter-relacionadas e sincronizadas nos estados de todos ou da maioria dos cinco subsistemas do organismo (indicados no quadro 1 logo abaixo), em resposta à avaliação de um evento estimulante. (SCHERER, 2005). Nessa perspectiva, cada um dos componentes do fenômeno emocional estaria associado a um dos subsistemas e, para a compreensão das ocorrências de emoção, seria necessário atentar para a investigação de cada um dos componentes.

Os componentes do fenômeno emocional identificados neste modelo teórico são os seguintes: componente cognitivo (avaliação), componente neurofisiológico (sintomas corporais), componente motivacional (tendências de ação), componente da expressão motora (expressão facial e vocal), componente do sentimento (experiência subjetiva dos indivíduos). O quadro a seguir mostra a relação entre a função da emoção, o subsistema do organismo e o componente de emoção.

Quadro 1 - Relações entre subsistemas do organismo, funções e componentes emocionais

<b>Função da emoção</b>	<b>Subsistema do organismo</b>	<b>Componente emocional</b>
Avaliação de objetos e eventos	Processamento de informação (CNS)	Componente cognitivo (avaliação)
Regulação do sistema	Suporte (CNS, NES, ANS)	Componente neurofisiológico (sintomas corporais)
Preparação e direção da ação	Executivo (CNS)	Componente motivacional (tendências de ação)
Comunicação de reação e intenção de comportamento	Ação (SNS)	Componente de expressão motora (expressão facial e vocal)
Monitoramento do organismo e da interação com o ambiente	Monitor (CNS)	Componente do sentimento (experiência subjetiva)

Observação: CNS = sistema nervoso central; NES = sistema neuroendócrino; ANS = sistema nervoso autônomo; SNS = sistema nervoso somático.

Fonte: Scherer (2005, p. 698).

<sup>21</sup> O modelo de processo de emoções por componentes é liderado pelo professor e pesquisador Klaus Scherer, responsável pelo reconhecido Centro de Ciências Afetivas, localizado na Universidade de Genebra.

Scherer (2004) argumenta que, embora todos os subsistemas implícitos nos componentes de emoção funcionem independentemente, a natureza especial da emoção consiste na coordenação e na sincronização de todos esses sistemas em conjunto durante um episódio de emoção induzido por avaliação, a qual é inerente ao componente cognitivo.

O modelo de processo de emoções por componentes também argumenta que determinados indicadores do fenômeno emocional, os quais estariam associados aos componentes emocionais mencionados, seriam pontos de acesso para a descrição das emoções. Alguns desses indicadores seriam o evento antecedente à emoção, a avaliação positiva ou negativa, a sincronização de resposta emocional, a rapidez da mudança em um episódio de emoção, o impacto comportamental, a intensidade, a duração de uma emoção, entre outros.

As pesquisas inseridas nesse modelo analisam a linguagem utilizada por falantes na descrição de suas experiências emocionais. Há o entendimento de que a linguagem evidencia esses indicadores inerentes às emoções, contribuindo para a compreensão dos fenômenos emocionais e para a descrição dos campos semânticos das diversas categorias de emoção. Dada a sua relevância, esses indicadores têm orientado muitas pesquisas psicológicas empenhadas em descrever as emoções. A seguir, partindo de Scherer (2005), comentamos brevemente como as emoções podem ser descritas considerando alguns dos indicadores possíveis.

### **Evento antecedente**

As emoções são geralmente evocadas por um evento que provoca um estímulo, ou seja, alguma coisa acontece ao organismo que o estimula ou provoca uma resposta depois de ter sido avaliada a significância dessa ocorrência. Frequentemente, esses eventos estão relacionados a uma entidade externa, por exemplo, a uma pessoa ou a um objeto. Em outros casos, o nosso próprio comportamento pode ser o evento que provoca a emoção. Também eventos internos podem ser provocadores de emoção, como mudanças neuroendócrinas ou psicológicas ou, mais tipicamente, memórias ou imagens que podem vir a nossa mente.

### **Avaliação**

As emoções resultam da avaliação positiva ou negativa de um evento estimulante, que pode ser automática ou consciente. A avaliação intrínseca avalia a característica de um objeto ou de uma pessoa independente das necessidades e dos objetivos do avaliador, com base na genética (por exemplo, sabor doce) ou em preferências aprendidas (comida acre-doce, por

exemplo). A avaliação extrínseca avaliaria eventos e suas consequências com respeito a suas contribuições para necessidades, desejos ou objetivos do avaliador.

### **Sincronização de resposta**

Considerando a importância do evento estimulante de uma emoção, que interrompe o fluxo de comportamento, todos ou a maioria dos subsistemas do organismo devem contribuir para preparação de uma resposta. A mobilização massiva dos subsistemas é sincronizada.

### **Rapidez da mudança**

Os processos emocionais passam por modificação constante permitindo um reajuste rápido de acordo com mudanças de circunstâncias ou avaliações.

### **Impacto comportamental**

As emoções têm impacto no comportamento dos indivíduos. Frequentemente interrompem sequências de comportamento em progresso e geram novos objetivos e planos.

### **Intensidade**

Dada a importância das emoções para a adaptação comportamental, a intensidade dos padrões de resposta da experiência emocional é relativamente alta.

### **Duração**

Como as emoções implicam resposta sincronizada de sistemas do organismo, a sua duração deve ser relativamente curta de forma a não sobrecarregar os recursos do organismo e permitir flexibilidade comportamental.

A ideia de elementos intrínsecos às emoções que revelariam diferentes componentes do fenômeno emocional parece encontrar respaldo na linguística cognitiva com a concepção de aspectos dos conceitos de emoção (KÖVECSES, 2000). Esses aspectos corresponderiam a focos semânticos que nos dariam acesso a propriedades das categorias emocionais, como demonstraremos no subcapítulo 3.3. Entre os aspectos previstos na perspectiva da linguística cognitiva estão a passividade, a intensidade, o controle, a avaliação, a dificuldade, o dano.

### 3.2.2 Emoções, Sentimentos e Estados Afetivos

Atrelada à complexa discussão sobre o que é emoção, também surge a questão do que é sentimento, em especial se o sentimento é um componente da emoção ou não. Como vimos, James (1884) definiu emoção como um sentimento de mudanças corporais provocadas por um estímulo. Nesse sentido, os sentimentos foram tratados na sua teoria apenas como indicadores de processos corporais. Contudo, pesquisadores como Freud (1981/1915) já reconheciam o sentimento como um fenômeno significativo, sendo a expressão subjetiva e consciente das emoções. Por exemplo, a emoção vergonha seria expressa pelo sentimento de parecer desvalorizado perante outros que defendem determinados valores. O pesar seria expresso pelo sentimento de perda.

Não distante de Freud quanto à compreensão do que é sentimento, Damásio defende que o sentimento é um fenômeno subsequente à emoção. Como vimos, para o autor, a emoção seria um conjunto de reações corporais automáticas e inconscientes. Por outro lado, os sentimentos seriam a experiência mental, a consciência do que se passa no corpo. (DAMÁSIO, 2013b). O autor explica que, enquanto as emoções são perceptíveis pelos movimentos, pela pele, pela voz etc., o sentimento não se pode ver, é interior e pode ser disfarçado. Assim, a diferença entre emoção e sentimento residiria, para o neurocientista, entre aquilo que é comportamental (a emoção) e aquilo que é mental (o sentimento).

Na psicologia da emoção da atualidade, também se percebe que o sentimento é reconhecido como um fenômeno mental, estando relacionado à subjetividade e à cognição. Contudo, a tendência entre os estudos psicológicos é considerar o sentimento como um componente da emoção e não um fenômeno que ocorre após ela. Lazarus (1991), um expoente entre os estudiosos da emoção, considera sentimento e emoção como conceitos inter-relacionados, sendo que a emoção englobaria o sentimento de forma que o sentimento seria o componente subjetivo ou cognitivo das emoções.

A inseparabilidade de emoção e sentimento também é advogada recorrentemente na filosofia mais recente. Goldie (2000) defende que os sentimentos são um elemento essencial da experiência de emoção. Na tese do filósofo, uma experiência de emoção é um estado intencional que consiste em parte em sentimentos em direção ao objeto da emoção. Nós não poderíamos, na visão do autor, tratar os sentimentos como uma parte independente da emoção, ao passo que eles são um constituinte do fenômeno emocional.

Seguindo a tendência psicológica e filosófica atual, as abordagens componenciais de emoção, apresentadas na subseção 3.1.2, compreendem o sentimento como um dos componentes da emoção: o componente da experiência subjetiva. Scherer (2005) define sentimento como “uma representação cognitiva subjetiva, refletindo uma experiência única de mudanças mentais e corporais no contexto de confronto com um evento particular” (p. 18).

O psicólogo explica também que, enquanto o comportamento não verbal (por exemplo, expressão facial e vocal, movimentos) e outros indicadores psicológicos (por exemplo, padrões neurais) podem ser usados para inferir um estado emocional, não há métodos objetivos para medir a experiência subjetiva de uma pessoa durante um episódio de emoção. É nesse sentido que se justifica a escolha metodológica do modelo de processo de emoções por componentes, que parte da análise da linguagem utilizada pelos indivíduos para relatar suas emoções.

Contudo, há estudos que indicam que não é apenas o componente do sentimento que pode ser acessado a partir da investigação linguística. Rosenthal (1998), por exemplo, demonstra a relação entre a linguagem utilizada para comunicar emoções, com destaque para a metáfora, e as respostas fisiológicas associadas aos fenômenos emocionais. Essas evidências corroboram a defesa da linguística cognitiva de que a conceptualização tem uma base corpórea e experiencial. Além disso, compreendemos que a relação entre linguagem e diferentes componentes do fenômeno emocional, evidenciada por ciências como a psicologia e a fisiologia, argumenta a favor desta tese, que se vale da análise da linguagem para descrever como criamos sentido para nossas experiências emocionais.

Tendo destacada a distinção entre sentimento e emoção, importa ainda comentar que, no senso comum, também é frequente a confusão entre emoção e outros estados afetivos. A abordagem componencial da emoção trata desse tema e argumenta que há vários fenômenos afetivos, entre os quais está a emoção. Scherer (2005) sugere que cinco tipos de fenômenos sejam distinguidos de emoção: preferências, atitudes, humor, disposições afetivas e postura social.

Para realizar tal distinção, o autor defende que indicadores dos fenômenos emocionais sejam levados em consideração. Conforme comentamos na subseção anterior, esses indicadores poderiam ser o evento antecedente à emoção, a avaliação, a sincronização de resposta, a rapidez da mudança, o impacto comportamental, a intensidade e a duração do fenômeno. Seguindo a exposição apresentada por Scherer (2005), passamos a descrever brevemente os fenômenos afetivos que se diferenciam das emoções, considerando os elementos mencionados.

## **Preferências**

Seriam julgamentos avaliativos estáveis, como gostar ou não gostar de um estímulo, ou preferi-lo ou não em relação a outros objetos ou estímulos. Por definição, as preferências estáveis deveriam gerar avaliação intrínseca, independente de necessidades ou objetivos, mas tem se verificado que esses também podem modular a avaliação.

Esses estados afetivos, originados do encontro atrativo ou aversivo com um estímulo, diferentemente das emoções, são estáveis, de relativamente baixa intensidade e não produzem pronunciada sincronização de resposta. As preferências costumam gerar sentimentos positivos ou negativos não específicos, com baixo impacto comportamental.

## **Atitudes**

Crenças relativamente permanentes e predisposições em relação a objetos específicos ou pessoas são geralmente chamados de atitudes. Alvos de atitudes podem ser coisas, eventos, pessoas. As atitudes não precisam ser acionadas por avaliações de evento, embora elas possam se tornar mais salientes quando houver o encontro com ou o pensamento no alvo da atitude.

Odiar, valorizar, desejar são exemplos de fenômenos afetivos induzidos por uma atitude saliente. A intensidade e a sincronização de resposta são geralmente fracas e tendências comportamentais são frequentemente anuladas por restrições situacionais. Nesse sentido, amor é tratado como uma atitude com um componente de afeto positivo muito forte ao invés de uma emoção, o que causa estranheza principalmente entre os leigos. A noção de amar implica uma disposição afetiva de longa data ao invés de um sentimento episódico breve, embora pensamentos sobre ou a interação com a pessoa amada possam produzir emoções fortes e complexas baseadas em avaliações intrínsecas e extrínsecas caracterizadas por forte sincronização de resposta.

## **Humor**

No modelo componencial em questão, o humor é considerado como um estado afetivo difuso, caracterizado por uma relativa predominância de certos tipos de sentimentos subjetivos que afetam a experiência e o comportamento de uma pessoa. Estados de humor podem frequentemente emergir sem uma causa aparente que seria claramente relacionada a um evento ou a avaliações específicas. Eles são geralmente de baixa intensidade e mostram

pequena sincronização de resposta, mas podem durar por horas ou dias. Exemplos seriam estar alegre, estar animado, estar triste, estar desanimado, estar deprimido.

### **Disposições afetivas**

Muitos traços de personalidade e tendências de comportamento têm um forte centro afetivo, por exemplo, nervoso, ansioso, irritado, impulsivo, mal humorado, hostil, invejoso, ciumento. Estas disposições descrevem a tendência de uma pessoa experimentar certos estados de humor mais frequentemente ou tenderem a reagir com certos tipos de emoções mesmo com uma pequena provocação.

Certos termos enquadrados nessa categoria podem descrever tanto disposições afetivas quanto humores momentâneos ou emoções e é, portanto, importante especificar se o termo respectivo é usado para qualificar uma disposição de personalidade ou um estado episódico. Disposições afetivas também incluem patologias emocionais. Estar com estado de humor deprimido é bastante normal, mas estar sempre deprimido pode ser um sinal de distúrbio afetivo, como uma síndrome clínica de depressão, requerendo atenção médica.

### **Postura social**

Trata-se de um estilo afetivo que se desenvolve espontaneamente ou é estrategicamente empregado na interação com uma pessoa ou com um grupo de pessoas, contribuindo para a interação social naquela situação (por exemplo, ser polido, distante, frio, caloroso, receptivo, solícito, orgulhoso). Posturas sociais são frequentemente acionadas por eventos, tais como o contato com certa pessoa, mas são menos modeladas por avaliações espontâneas. São mais influenciadas por disposições afetivas, atitudes sociais e, principalmente, por intenções estratégicas. Um exemplo seria quando, após um encontro com um indivíduo considerado desagradável, uma pessoa adota uma postura social de hostilidade na interação com esse indivíduo. Este fenômeno afetivo se diferencia dos outros por causa da sua ocorrência específica em um encontro social e do seu caráter intencional e estratégico.

Como síntese, o quadro a seguir resume os perfis dos diferentes fenômenos afetivos, e suas respectivas características, conforme propõe o modelo de processo de emoções por componentes.

Quadro 2 - Características psicológicas de diferentes fenômenos afetivos

Fenômeno	Foco no evento	Avaliação intrínseca	Avaliação extrínseca	Sincronização de resposta	Rapidez de mudança	Impacto comportamental	Intensidade	Duração
<i>Preferências</i>	MB	MA	M	MB	MB	M	B	M
<i>Atitudes</i>	MB	B	B	MB	B	B	M	A
<i>Humor</i>	B	M	B	B	M	A	M	A
<i>Disposições afetivas</i>	MB	B	MB	MB	MB	B	B	MA
<i>Postura social</i>	A	B	B	B	MA	A	M	M
<i>Emoções estéticas</i> <sup>22</sup>	A	MA	B	MA	A	B	B-M	B
<i>Emoções utilitárias</i> <sup>23</sup>	MA	M	MA	MA	MA	MA	A	B

Observação: MB = muito baixo; B = baixo; M = médio; A = alto; MA = muito alto.

Fonte: Scherer (2005, p. 704).

Tendo concluído o debate sobre a distinção e a relação entre emoção e sentimento e tendo sido vislumbradas as diferenças entre as ocorrências emocionais e outras manifestações afetivas, a próxima subseção é reservada para a produtiva discussão sobre emoções básicas e prototípicas, bem como para apresentar a noção de famílias de emoções que compartilham características.

### 3.2.3 Emoções Básicas, Emoções Prototípicas e Famílias de Emoções

Uma questão importante que os estudos voltados às emoções tentam elucidar é quanto à classificação das emoções. Delimitar diferentes ocorrências emocionais historicamente se tornou uma necessidade, na tentativa de explicar o que é específico de cada emoção, e assim compreender mais a fundo cada estado, e de identificar o que é comum a todo fenômeno emocional, fazendo comparações entre as categorias.

Nesse âmbito de discussão, as pesquisas em emoção se dividem entre aquelas que defendem a existência de emoções básicas ou primária e aquelas que contrariam essa ideia. Já destacamos, no capítulo anterior, pesquisas, a exemplo de Tomkins (1962) e Ekman (1992),

<sup>22</sup> Scherer (2005) diferencia as emoções em estéticas e utilitárias. Na próxima subseção (3.2.3), é esclarecida a diferença entre esses dois tipos de emoções.

<sup>23</sup> Idem.



que focam a sua atenção no levantamento e na análise de emoções básicas e, por isso, são chamadas de teorias discretas de emoções básicas. No entanto, não são apenas as pesquisas que concentram seu trabalho nesse debate que concordam com a ideia de emoções básicas e sugerem quantas e quais seriam essas, como é o caso, entre muitos outros estudos, da abordagem biológica de Darwin (1872/1998) e do esquema bidimensional de Plutchik (1962), já comentados.

Mapeando diferentes pesquisas adeptas à noção de emoções básicas, Ekman (1999) distingue três linhas distintas:

- 1) A perspectiva evolucionária, que compreende que as emoções básicas são aquelas projetadas ao longo da evolução para solucionar problemas específicos. Nessa concepção, as emoções fundamentais correspondem a respostas inatas programadas nos indivíduos. Esse é o caso das pesquisas de Darwin (1998/1872), que propõe como emoções básicas felicidade, tristeza, medo, nojo, raiva, surpresa; de Ekman (1992), que apresenta alegria, tristeza, medo, nojo, raiva, surpresa; e de Oatley e Johnson-Laird (1987), que identifica raiva, nojo, ansiedade, felicidade, tristeza como básicas.
- 2) A perspectiva de emoções discretas, que se preocupa em diferenciar uma emoção de outra sem comprometimento com uma teoria evolucionária, como é o caso de Tomkins (1962) e Izard (1992). O primeiro autor destaca entre emoções mais básicas raiva, interesse, desprezo, nojo, agonia, medo, alegria, vergonha e surpresa. O segundo identifica raiva, desprezo, nojo, agonia, medo, culpa, interesse, alegria, vergonha e surpresa. Essa visão se opõe a abordagens chamadas contínuas, as quais consideram que as emoções são todas similares em essência e apenas se diferenciam pelos valores de algumas dimensões como intensidade ou valência.
- 3) A perspectiva de blocos, verificada, por exemplo, na abordagem de Plutchik (1962), que compara as emoções básicas a cores primárias e constrói emoções complexas combinando as emoções básicas. Essa linha contraria a noção evolucionária de emoções básicas quando assume a possibilidade de coexistência de várias emoções básicas ao mesmo tempo. Entre as emoções básicas apontadas pelo autor estão aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza e surpresa.

Em complemento, podemos destacar também a classificação de Damásio (2004), que considera que as emoções são inatas e podem recorrer a um grau mínimo de exposição ao ambiente. O pesquisador propõe três categorias emocionais: emoções de fundo, emoções

primárias e emoções sociais. Exemplos de emoções de fundo seriam o entusiasmo, o mal-estar, a ansiedade, o tédio. Essas emoções não seriam proeminentes e o seu diagnóstico dependeria de manifestações sutis, como movimentos do corpo, expressões faciais, voz, entonação. A lista das emoções primárias incluiria o medo, a raiva, o nojo, a surpresa, a tristeza e a felicidade. Essas seriam assim definidas porque as suas causas e os comportamentos que as definem são igualmente consistentes em diversas culturas e espécies.

Já as emoções sociais, embora também inatas, estariam mais relacionadas às noções de sociedade e cultura. Esse último grupo incluiria a simpatia, a compaixão, o embaraço, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, a admiração, o espanto, a indignação e o desprezo. Conforme o autor, numerosas reações regulatórias e componentes das emoções primárias são parte integrante, em diversas combinações, das emoções sociais. Por exemplo, a emoção social desprezo utiliza elementos da emoção primária medo, como as expressões faciais.

Conforme podemos perceber, as teorias que preveem emoções básicas concordam quanto à existência de um número limitado de emoções primárias, mas não há um consenso quanto ao número de emoções e a especificação de quais são elas. Como consequência disso e também devido às muitas ocorrências que ficam à margem dessa classificação, muitos autores não se limitam à ideia de emoções básicas e ampliam a sua proposta de análise.

Uma argumentação contrária à ideia de emoções básicas é oferecida por Ortony e Turner (1990). Os autores argumentam ser mais vantajoso considerar certos componentes de emoções como sendo básicos e dados biologicamente do que atribuir essa propriedade às próprias emoções, refutando, portanto, o argumento de emoções básicas.

Os autores reconhecem que nós poderíamos ordenar as emoções em termos de sua prevalência. Seria o caso de apontar, por exemplo, o medo como sendo mais frequente do que inveja e embaraço. Contudo, os mesmos destacam que a conclusão de que as emoções variam quanto ao grau em que elas são recorrentes não significa defender uma dicotomia entre emoções básicas e não básicas. Parte-se do ponto de vista de que a predominância das emoções tidas como básicas indica que certos componentes da resposta emocional podem ser básicos, mas não de que há emoções básicas.

Nesse sentido, pesquisas que seguem essa linha defendem que as diferenças nas respostas psicológicas são melhor interpretadas não como indicadores da presença de emoções específicas, mas como sinalizadores da presença de certos componentes dissociáveis de emoções, como avaliações específicas ou determinadas respostas. Em outras palavras,

sugere-se analisar as expressões emocionais em termos de suas características e de seus componentes, como causas e respostas, por exemplo, e não em termos de emoções básicas.

Seguindo essa orientação, Ortony e Turner (1990) explicam que diferentes emoções podem emergir simplesmente de configurações diferentes de avaliações emocionais e de outros elementos constituintes das emoções, não sendo, portanto, necessário vê-las como originárias de outras emoções mais básicas. Na teoria dos autores, as emoções podem se relacionar por meio de generalização ou de especialização. Na generalização, uma diferente emoção é formada quando alguns componentes que formam outra emoção são eliminados. Por exemplo, a raiva sem o componente de reação a algo ou a alguém seria a frustração.

Já a especialização emocional seria o resultado da adição de componentes a determinadas emoções. Por exemplo, o pesar pode ser a especialização de sofrimento, já que, nesse caso, se restringe o evento indesejável à perda de algo desejado, querido. De forma similar, também outras emoções seriam resultado da especialização do sofrimento. O medo seria o sofrimento resultante da possibilidade de um evento indesejável, enquanto o desapontamento seria o sofrimento com a ocorrência de um determinado evento indesejável que contraria uma expectativa existente.

As teorias componenciais concordam com o argumento de Ortony e Turner (1990), pois defendem a ideia de que uma resposta emocional completa corresponde à reunião de componentes diversos, os quais se manifestam de diferentes maneiras de acordo com o fenômeno emocional em questão e podem ou não estar presentes. Ocorre que alguns desses componentes são básicos (dados biologicamente) e outros não, mas não se entende que algumas emoções são mais básicas do que outras.

Quanto aos questionamentos se haveria um número específico de emoções e quais delas seriam básicas, Scherer (2005) responde que, até o momento, não foi possível determinar quantas emoções existem e que as emoções tidas pelas teorias discretas como básicas, na verdade, não seriam uma base para as demais, mas recorrentes na experiência ou prototípicas, em especial, a raiva e a alegria.

O autor classifica as emoções em utilitárias e estéticas. As emoções utilitárias seriam as emoções prototípicas, reconhecidas comumente como básicas ou primárias e estudadas frequentemente na pesquisa de emoção: raiva, medo, alegria, nojo, tristeza, vergonha e culpa. Essas emoções podem ser consideradas utilitárias no sentido de se adaptarem aos eventos que têm consequências importantes para nosso bem estar. Entre as funções adaptativas estariam a preparação de reações, tais como recuperação e reorientação, intensificação motivacional ou a criação de obrigações sociais (reparação). Por causa de sua importância para a sobrevivência e

para o bem estar, muitas emoções utilitárias são identificadas como reações de alta intensidade, envolvendo a sincronização de muitos subsistemas do organismo.

Já no caso das emoções estéticas, a funcionalidade de uma adaptação imediata a um evento e o potencial enfrentamento, verificados nas emoções utilitárias, são ausentes ou muito menos pronunciados. Kant (1993/1790), a discutir o conceito de juízo estético, já sinalizava a existência de emoções estéticas, definidas por ele como “prazer desinteressado”, com a completa ausência de considerações utilitárias. Dessa forma, a experiência estética de um trabalho de arte visual ou de uma música não é formada pela habilidade de avaliação para satisfazer necessidades corporais, objetivos ou planos ou para corresponder a valores sociais. As emoções estéticas, como indica Scherer (2005), são produzidas pela apreciação de qualidades intrínsecas da beleza da natureza, de qualidades de um trabalho de arte ou de uma performance artística. Exemplos destas emoções seriam estar comovido, admirado, maravilhado, extasiado, fascinado, entusiasmado.

Scherer (2005) destaca que a ausência de funções utilitárias nas emoções estéticas não significa que elas não têm relação com o corpo. A música e muitas outras formas de arte produzem mudanças psicológicas e comportamentais. Contudo, essas mudanças corporais não estão a serviço da disposição comportamental ou da preparação de tendências específicas de ações de adaptação. Os sintomas corporais mais comumente relatados para experiências estéticas intensas são arrepios, tremores, olhos úmidos ou respostas difusas que contrastam fortemente com as respostas específicas de muitas emoções utilitárias.

A respeito das emoções prototípicas ou utilitárias, consideradas tradicionalmente emoções básicas ou primárias<sup>24</sup>, Scherer (1994) enfatiza que há pouco consenso quanto aos critérios de como as emoções básicas seriam definidas. O autor acrescenta que o pequeno número de emoções básicas na literatura - algo entre 6 e 14, dependendo da teoria -, como podemos observar pelos estudos retomados acima, é pouco representativo para a gama da emocionalidade humana. Assim, no modelo de processo de emoções por componentes (SCHERER, 1982, 2005), há uma abordagem ampla aos diferentes fenômenos afetivos, buscando evidenciar como os diferentes componentes emocionais se configuram nas diversas manifestações afetivas. O autor defende que “há tantas emoções diferentes quanto perfis diferentes distinguíveis de avaliação com seu padrão de resposta correspondente”. (SCHERER, 2005, p. 13).

---

<sup>24</sup> O quadro 9 (p. 138) retoma e sistematiza as emoções consideradas básicas ou prototípicas na literatura.

Nessa perspectiva de pesquisa, as diferentes ocorrências emocionais não são vistas isoladamente, mas compreende-se que existem relações de família entre as emoções, sendo que algumas apresentam um padrão em comum, pertencendo à mesma família, e outras seguem um padrão diferenciado, encaixando-se em famílias distintas. A ideia de semelhança familiar é herdada da teoria de protótipos (ROSCH, 1975, 1978; ROSCH; MERVIS, 1975). Nesse sentido, as emoções se enquadram em uma dada família não porque elas compartilham características com todos os membros daquele grupo, mas porque elas têm características em comum com protótipos daquela família. Por exemplo, ocorrências como tédio, chateação, aborrecimento, enfado, indiferença, abatimento pertenceriam à mesma família afetiva, conforme propõe Scherer (2005).

Ekman (1992), conquanto limitado às emoções básicas, voltou-se à noção de famílias de emoção no desenvolvimento de sua teoria e fez considerações pertinentes às abordagens que compartilham desse pressuposto. Na perspectiva do autor, cada emoção não seria um estado afetivo único, mas uma família de estados relacionados composta por vários termos de emoção. Uma família de emoções seria um grupo de emoções relacionadas por características comuns. Assim, cada membro de uma família de emoção compartilharia determinadas características, como a expressão da emoção, a atividade fisiológica envolvida, a natureza dos eventos antecedentes à emoção e os processos de avaliação que dão origem às emoções.

Para Ekman (1992), cada família de emoção seria constituída de um tema e de variações deste tema, que seria composto de características únicas daquela família. O autor aponta determinadas características que qualificariam uma família, as quais estão relacionadas com expressões faciais e do corpo, com a fisiologia, com os eventos antecedentes às emoções, com as suas respostas, com a espontaneidade da emoção, com a forma como ela inicia e com sua duração.

No caso, por exemplo, dos eventos antecedentes às emoções pertencentes à mesma família, haverá elementos comuns nos contextos em que as emoções ocorrem. Isto não significa, conforme argumenta Ekman (op.cit.), que cada contexto social de uma emoção será o mesmo para todas as pessoas ou culturas. Por exemplo, a falta de algo significativo seria um antecedente para a família da tristeza, comum a provavelmente todas as culturas. Já um evento antecedente para a família do medo seria um dano físico ou psicológico.

Valendo-se da noção de familiaridade entre emoções e investigando diferentes famílias afetivas de acordo com a manifestação dos componentes emocionais, as pesquisas no modelo de processamento de emoções por componentes extrapolam a visão de emoções básicas e propõe um tratamento válido para a amplitude dos estados afetivos. Compreende-se

aqui que essa nova possibilidade complementa as perspectivas teóricas que destacam um número reduzido de emoções básicas, na medida em que busca investigar as relações e as distinções existentes entre os muitos fenômenos emocionais. Nessa visão, a ideia de básico é uma gradualidade que caracteriza a relação entre emoções. Importa ressaltar novamente que a recusa em aceitar a hipótese de emoções básicas não significa rejeitar a ideia de que possam existir componentes básicos a partir dos quais emoções são construídas.

A perspectiva componencial para a descrição das emoções, que prevê que os componentes do fenômeno emocional se manifestam nas diversas modalidades de emoção e podem se configurar de formas similares ou diferenciadas, parece-nos ser compatível com a proposta desta tese de investigação da conceptualização de emoções. A linguística cognitiva prevê aspectos em comum na base da conceptualização de distintos fenômenos emocionais, o que se reflete em metáforas conceptuais que estruturam diferentes categorias de emoção. Por exemplo, algumas das metáforas primárias comuns no domínio emocional em geral seriam ESTADOS SÃO LOCAIS (LAKOFF E TURNER, 1989), EMOÇÕES SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA (LAKOFF E JOHNSON, 1980), EMOÇÕES SÃO FORÇAS FÍSICAS (LAKOFF E JOHNSON, 1999), DANO EMOCIONAL É UM DANO FÍSICO (GRADY, 1997a), entre outras.

Contudo, como vimos no capítulo 2, as diferentes categorias do domínio emocional podem elaborar de formas variadas metáforas básicas como essas, especificando-as ou combinando-as em mapeamentos complexos, revelando particularidades dos conceitos de emoção. Dessa forma, a linguística cognitiva também demonstra a existência de aspectos comuns e específicos entre as emoções, mas no nível conceptual. Além disso, a ideia de emoções prototípicas que apresentam componentes mais básicos e o argumento da relação de gradualidade entre diferentes ocorrências emocionais, defendidos pelo modelo componencial de emoções, estariam em acordo com a perspectiva teórica desta tese.

Concluimos, assim, o subcapítulo 3.2, que discutiu a complexidade dos fenômenos afetivos, tratando da definição de emoção e dos componentes que a integram, da diferença entre emoções, sentimentos e outros estados afetivos, e, por fim, abordando as concepções de emoções básicas e prototípicas e a possibilidade de relações de família entre categorias de emoção. O subcapítulo 3.3 trata das emoções sob o ponto de vista da sua conceptualização, apresentando estudos focados nas metáforas conceptuais do domínio emocional.

### 3.3 EMOÇÕES E METÁFORAS CONCEPTUAIS

O debate inserido neste subcapítulo parte de pressupostos já discutidos no capítulo 2, como a existência de metáforas conceptuais que operam no raciocínio, o caráter amplamente figurativo de experiências abstratas como as emoções, a importância da metáfora para a compreensão da conceptualização da emoção, o caráter potencialmente universal de metáforas de emoção e a possibilidade da identificação de particularidades na linguagem metafórica de diferentes línguas e culturas.

Revisitamos, nesta etapa final do referencial teórico, estudos preocupados especificamente com a conceptualização de emoções sob o viés da metáfora conceptual. Baseamo-nos, em especial, nas evidências apresentadas por Kövecses (1990, 2000, 2002b, 2008), referência universal na temática metáfora e emoção. As expressões metafóricas que ilustramos ao longo do texto foram inspiradas nos exemplos oferecidos pelo teórico para a língua inglesa, sendo que algumas foram selecionadas em detrimento de outras por apresentarem uma correspondência com a língua portuguesa e outras foram adaptadas para o português.

Na subseção 3.3.1, argumenta-se que muitas das expressões que compõem a linguagem das emoções são figurativas e são apresentados conceitos de emoção que têm sido investigados na linguística cognitiva. Além disso, partindo-se de evidências de estudos que analisam metáforas conceptuais para categorias de emoção, são descritos alguns padrões identificados para o domínio emocional, como domínios-fonte comuns às emoções em geral e domínios-fonte mais específicos de determinadas emoções.

Demonstrando possíveis relações entre as diversas metáforas conceptuais do domínio emocional, discorreremos acerca da existência de um protótipo do conceito de emoção na subseção 3.3.2. A metáfora EMOÇÃO É FORÇA seria prototípica do domínio emocional e, portanto, conceitos prototípicos seriam aqueles que podem ser caracterizados em termos do modelo cognitivo associado a essa metáfora. Também apresentamos, nesta subseção, a ideia de que metáforas conceptuais que estruturam conceitos emocionais revelam determinados aspectos das emoções, como intensidade, passividade, controle (tentativa ou perda), avaliação (positiva ou negativa), dificuldade, desejo, dano, ou simplesmente a existência da emoção. A investigação desses aspectos nos permitiria identificar similaridades ou particularidades entre as categorias emocionais.

Por fim, na subseção 3.3.3, retomamos resultados de estudos que investigam a estrutura conceptual dos conceitos de emoção considerados prototípicos na linguística cognitiva (RAIVA, MEDO, FELICIDADE e TRISTEZA). São apontadas metáforas conceptuais características para esses conceitos. Os estudos a que fazemos referência foram realizados para a língua inglesa, mas podem ser evidências universais para a conceptualização das emoções. Assim, na mesma linha de estudos que têm sido realizados para outras línguas, na parte aplicada deste trabalho, procuraremos verificar em que medida essas previsões se confirmam em um *corpus* da língua portuguesa.

### 3.3.1 O Domínio Emocional

Como temos destacado, na perspectiva da linguística cognitiva, o estudo da linguagem de emoção está frequentemente vinculado às pesquisas relacionadas à metáfora, tal como nos propomos nesta tese, pois se pressupõe que a ocorrência da metáfora corresponderia a um mecanismo cognitivo que estaria implícito na compreensão humana e na criação de conceitos abstratos, como é o caso do conceito de emoção.

O maior expoente entre os estudos envolvendo emoção e metáfora é o linguista cognitivo Zoltán Kövecses, principal referência adotada neste texto para tratar da relação entre metáfora e emoção. Kövecses (2002b) explica que há muitas expressões linguísticas utilizadas na conceptualização de diferentes categorias de emoção. No caso da língua inglesa, a categoria RAIVA, por exemplo, teria mais de 150 expressões, enquanto a categoria AMOR seria representada por mais de 300 expressões, sendo que a média para outras categorias ficaria em torno de 100. E, segundo as pesquisas do autor, essa alta produtividade das categorias de emoção se repetiria para outras línguas. A respeito destas ocorrências, o pesquisador destaca que “Se examinarmos as centenas de expressões linguísticas que são comumente usadas pelos falantes nativos para falar sobre emoções, descobrimos que a maioria delas são figurativas, ou seja, metafóricas ou metonímicas em sua natureza”. (p. 111).

Em Kövecses (2000), são destacados três grupos em que pode se manifestar a linguagem de emoção: os termos expressivos, os termos que literalmente descrevem tipos particulares de emoção e as expressões figurativas que descrevem aspectos de uma emoção. Entre a linguagem expressiva da emoção, temos ocorrências como *droga!*, *uau!*, *oba!*. Considerando os termos que literalmente descrevem emoção, são exemplos *raiva*, *tristeza*,



*medo, alegria, amor*. Já em sentenças como *Ele está explodindo hoje, Eu estou nas nuvens, Joana se apagou depois do resultado, O professor ficou de coração partido*, temos a ocorrência de expressões figurativas que descrevem emoções. Conforme o pesquisador, as palavras e expressões que pertencem a esse último grupo demonstram vários aspectos dos conceitos de emoção, como intensidade, avaliação, dano, etc., como exploraremos mais adiante, e podem ser metafóricas e metonímicas.

A respeito destas três possibilidades de manifestação da emoção, o autor argumenta que o grupo das expressões figuradas é o mais amplo e que, contudo, o mesmo tem recebido menor atenção no estudo da linguagem da emoção. As considerações trazidas pelo referido teórico justificam o interesse de sua pesquisa em analisar a linguagem emocional a partir da investigação de mecanismos conceptuais e são importantes para a proposta desta tese, pois ratificam a ideia de que a linguagem metafórica é recorrente na expressão da emoção e confirmam a relevância de estudos que se atenham às expressões figurativas que descrevem a emoção.

Vale mencionar ainda, a título de curiosidade, que há pesquisas, a exemplo de Györi (1998), que demonstram que palavras de emoção que consideramos tradicionalmente como sendo literais são etimologicamente figurativas, como seria o caso de *anger, grief, happy* (inglês); *rad, gore, ljubov* (russo); *hass, zorn* (alemão); e *düh, méreg, szeret, szomorú* (húngaro), que são termos de emoção comuns nessas línguas e teriam em sua base metáforas e metonímias.

Kövecses (2000) explica que os conceitos de emoção que têm recebido atenção na linguística cognitiva são RAIVA, MEDO, FELICIDADE TRISTEZA, AMOR, DESEJO, ORGULHO, VERGONHA e SURPRESA. O autor justifica o foco nesses conceitos pelo fato de esses serem uma amostragem representativa dos conceitos de emoção, sendo que a maioria deles são conceitos prototípicos de emoção e ocorrem em muitas listas de emoções básicas.

As pesquisas que investigam esses conceitos focam em seus aspectos metafóricos e argumentam que a metáfora não apenas é predominante na linguagem que as pessoas usam para falar sobre as emoções, mas também é essencial para a compreensão da maioria dos aspectos da conceptualização da emoção e da experiência emocional. Essa perspectiva pode ser evidenciada nas palavras de Johnson (1987) a respeito da projeção metafórica no domínio emocional:

É importante ver que nós não estamos considerando aqui apenas como nós falamos sobre nossas emoções ou como nós conceptualizamos nossa experiência emocional. Nós estamos também descrevendo a estrutura da nossa experiência com emoções. Quando eu estou afetado emocionalmente, eu me sinto *desequilibrado*. Meu mundo assume uma forma diferente daquela que ele normalmente tem. Quando eu me sinto *desequilibrado* emocionalmente, eu estou experienciando um sentido de aflição psicológica – Eu estou sentindo algo que eu não posso articular proposicionalmente. (p. 89).

Listamos abaixo algumas metáforas conceptuais relacionadas aos conceitos mencionados, as quais estão acompanhadas de metáforas linguísticas que as exemplificam. Vale destacar que os conceitos de emoção estudados nesta tradição teórica são compreendidos por um grande número de metáforas conceptuais, variando de 3, no caso de SURPRESA, a 24, para AMOR. Neste momento, nos limitamos a apresentar um exemplo para cada conceito.

RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE

*Ela está fervendo de raiva*

MEDO É UM TORTURADOR

*Minha mãe foi torturada pelo medo*

FELICIDADE É PARA CIMA

*Eles estavam para cima naquele dia*

TRISTEZA É ESCURO

*Ele está vivendo no escuro*

AMOR É FOGO

*O casal está ardendo em paixão*

DESEJO É INSANIDADE

*Você está me deixando louco*

ORGULHO É UM SUPERIOR SOCIAL

*O seu orgulho não a deixou fazer o que pretendia*

VERGONHA É UMA PESSOA DESPIDA

*Eu me senti nua com o acontecido*

SURPRESA É UMA FORÇA FÍSICA

*Ficamos impactados com a notícia*

Revisitando estudos que investigam metáforas conceptuais do domínio emocional, Kövecses (2000) busca apontar alguns padrões importantes para os conceitos de emoção. Conforme o autor, há domínios-fonte metafóricos que se aplicam a todos os conceitos de

emoção, dando origem a metáforas conceptuais associadas ao conceito de emoção em geral, como é o caso de EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É PRESENÇA (*Todo afeto se foi*), EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É ESTAR EM UM ESPAÇO DELIMITADO (*Preciso me libertar desse sentimento*), EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É POSSE DE UM OBJETO (*Ela tem muito orgulho*) e EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO (*O medo dele cresceu*).

A respeito de metáforas conceptuais gerais como as listadas acima, Kövecses (1990) explica que, embora haja mapeamentos mais específicos que contribuem para a delimitação de diferentes categorias de emoção, por horas as emoções são conceptualizadas em metáforas mais neutras. Esse também seria o caso de EMOÇÃO É UM OBJETO (*Ele perdeu todas as suas emoções; Ela tentou se livrar de suas emoções; Você escondeu suas emoções*). Elaboraões desse mapeamento seriam EMOÇÃO É UM OBJETO VALIOSO (*Suas emoções são seu grande tesouro; Ela guardou suas emoções*) e EMOÇÃO É UM OBJETO FRÁGIL (*Meu coração ficou em pedaços; Aquele evento triturou minhas emoções*).

Segundo o pesquisador, quando uma emoção é conceptualizada como um objeto, ela é tida como uma entidade independente da pessoa, em relação a qual é possível agir, como ocorre em ocorrências em que uma emoção é escondida, é disfarçada, guardada, é danificada, etc. Há casos em que essa entidade independente é um organismo vivo, dando margem à metáfora EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO (PLANTA, ANIMAL, PESSOA), como mencionamos há pouco, verificada em expressões como *Suas emoções morreram / murcharam; Eu feri os sentimentos dela*. A partir dessa metáfora, a emoção não apenas é uma entidade desvinculada da pessoa, mas possui uma vida própria e é capaz de ação independente.

Em Kövecses (2000), também são apontados domínios-fonte que se aplicam à maioria dos conceitos de emoção, mas não a todos, como é o caso dos seguintes: RECIPIENTE (*Ela foi preenchida pela tristeza*), que se aplica a todos os conceitos listados há pouco e corresponderia ao principal domínio-fonte para as emoções; FORÇA DA NATUREZA ou FORÇA FÍSICA (*Uma onda de felicidade me invadiu*), vinculado a todos os conceitos prototípicos com exceção de ORGULHO e VERGONHA; SUPERIOR SOCIAL ou DOMINADOR (*Ele foi dominado pelo medo*), encontrado entre os conceitos de RAIVA, MEDO, TRISTEZA, FELICIDADE, AMOR e ORGULHO; Oponente, ANIMAL CATIVO, INSANIDADE (*Eu tive que lutar contra minha raiva; Você liberou o animal que havia em mim; Sara está louca por Pedro*), compartilhados pelos conceitos RAIVA, MEDO, FELICIDADE, TRISTEZA, AMOR, DESEJO; SER DIVIDIDO (*Ela ficou fora de si de raiva*), encontrado nas emoções listadas, com exceção de ORGULHO e SURPRESA;

CARGA (*A vergonha pesou demais sobre ele*), domínio utilizado para conceptualização de RAIVA, MEDO, TRISTEZA e VERGONHA; DOENÇA (*O tempo irá curar sua tristeza*), para emoções negativas, como MEDO, TRISTEZA, AMOR INDESEJADO e VERGONHA.

Além desses, os estudos retomados pelo autor também indicam domínios-fonte que não se aplicam à maioria dos conceitos de emoção, mas a alguns deles, pelo menos a dois, a exemplo de CALOR / FOGO, para RAIVA, AMOR e DESEJO (*O chefe estava cuspiendo fogo*); QUENTE / FRIO, CLARO / ESCURO, PARA CIMA / PARA BAIXO e VITALIDADE / FALTA DE VITALIDADE, para FELICIDADE e TRISTEZA (*Ela se iluminou com a notícia; Sua vida é uma escuridão*); VALOR ECONÔMICO, para ORGULHO e VERGONHA (*Não se subestime*); NUTRIENTE / ALIMENTO, GUERRA e JOGO, para AMOR e DESEJO (*Ela me conquistou; Ele é um amante voraz*); MÁQUINA, AGRESSÃO ANIMAL e FOME, para RAIVA e DESEJO (*Ana ficou rosnando depois do que eu falei; Quero te devorar por inteiro*); ÊXTASE, ALTURA e OBJETO ESCONDIDO, para FELICIDADE e AMOR (*Eu ainda vou encontrar a felicidade*); MÁGICA e VIAGEM, para AMOR e DESEJO (*Marta ficou hipnotizada pelo garoto*); DANO FÍSICO, para ORGULHO e VERGONHA (*Seu orgulho foi ferido*).

Kövecses (2000) explica que a maior parte dos domínios-fonte dos mapeamentos metafóricos associados aos conceitos emocionais não são exclusivos do domínio emocional. Contudo, ele destaca que há domínios-fonte que aparentam ser limitados às emoções e específicos de determinados conceitos. Como exemplo, teríamos os domínios-fonte de TRANSGRESSÃO DE UM LIMITE e PERTURBAÇÃO FÍSICA, para RAIVA, como se verifica nas metáforas conceptuais A CAUSA DA RAIVA É TRANSGRESSÃO DE UM LIMITE (*Ele ficou furioso, pois seu filho ultrapassou os limites*) e A CAUSA DA RAIVA É PERTURBAÇÃO FÍSICA (*Você está me cutucando!*); de CAÇADOR e SER SOBRENATURAL, para MEDO (*Fomos perseguidos pelo medo; Ele foi assombrado pelo medo por muito tempo*); de ESTAR NO CÉU, UM ANIMAL QUE VIVE BEM e SENSACÃO FÍSICA PRAZEROSA, para FELICIDADE (*O céu é aqui; Ficou feliz como um passarinho*); e de ESTAR DESPIDO, para VERGONHA (*Eu me senti completamente despida*).

O autor sugere que a especificidade desses mapeamentos nos conceitos de emoção se deve a dois fatores: as causas e os efeitos das emoções que seriam exclusivos de certos fenômenos emocionais. Nesse sentido, as seguintes metáforas conceptuais derivariam de causas específicas de determinadas emoções: RAIVA É TRANSGRESSÃO (a transgressão de algo causa raiva), RAIVA É INCÔMODO FÍSICO, MEDO É UM CAÇADOR, MEDO É

UM SER SUPERNATURAL, UMA PESSOA FELIZ É UM ANIMAL QUE VIVE BEM, FELICIDADE É UMA SENSAÇÃO FÍSICA PRAZEROSA, VERGONHA É ESTAR DESPIDO.

Já exemplos de metáforas conceptuais que demonstram efeitos específicos de algumas emoções seriam FELICIDADE É ESTAR FORA DO CHÃO (as pessoas pulam, dançam quando estão felizes), VERGONHA É REDUÇÃO DE TAMANHO, TER VERGONHA É BLOQUEAR O MUNDO (as pessoas tendem a se encolher ou a se esconder quando estão com vergonha). Segundo Kövecses (2000), a natureza das metáforas associadas a causas e efeitos das emoções é metonímica, pois, nesses casos, toma-se a causa ou o efeito pela emoção.

### 3.3.2 Protótipo de Emoção e Aspectos dos Conceitos Emocionais

A investigação da conceptualização do domínio emocional, tal como sinalizamos no subcapítulo anterior, tem evidenciado que as metáforas de emoção não estão isoladas e sem relação entre si, mas formam um sistema complexo e coerente que é organizado em torno do conceito genérico de FORÇA. Segundo Kövecses (2000), vários domínios-fonte dos conceitos de emoção (por exemplo, FOGO, Oponente, FORÇA DA NATUREZA, etc.) são realizações do conceito de FORÇA, o que dá origem a uma metáfora geral para o domínio das emoções: EMOÇÃO É FORÇA. Essa metáfora estaria baseada no esquema de imagem de FORÇA<sup>25</sup>, que seria formado pelos seguintes elementos, como explica Talmy (1988):

- Entidades de força:
  - Agonista
  - Antagonista
- Tendência de força:
  - Em direção à ação
  - Em direção à inatividade
- Resultado da interação de forças:
  - Ação
  - Inatividade
- Balanco das forças:
  - A entidade mais forte
  - A entidade mais fraca

<sup>25</sup> FORÇA é um dos esquemas de imagem que estruturam nosso sistema conceptual, como vimos no subcapítulo 2.1.4.

Kövecses (2008a) explica como o esquema de força está presente no domínio emocional. O cenário fundamental do conceito de emoção seria aquele em que (1) uma causa leva a uma emoção e (2) a emoção leva a alguma resposta. Considerando que CAUSAS SÃO FORÇAS (metáfora da estrutura de evento, LAKOFF, 1993), a causa (parte 1 do cenário) e a emoção (parte 2) são tomadas como forças. O autor expõe que, nas duas etapas do cenário emocional, o agonista (a entidade que tende à inatividade) será a pessoa, sendo que a mesma se torna emocional na parte 1 e produz uma resposta na parte 2. Já o antagonista (a entidade que tende à ação) será a causa da emoção na primeira parte e a própria emoção na segunda parte.

A metáfora EMOÇÃO É FORÇA, seria, portanto, prototípica do domínio emocional e seria subjacente a muitas metáforas de emoção, embora não a todas, como indica Kövecses (2008a). Para o autor, domínios-fonte que tendem a focar na primeira parte do cenário emocional são principalmente FORÇAS FÍSICAS, tanto mecânicas quanto magnéticas. Por outro lado, domínios-fonte que tendem a focar na segunda parte incluiriam, por exemplo, as noções de Oponente, Força Natural, Dominador.

O modelo cognitivo associado ao mapeamento conceptual EMOÇÃO É FORÇA prevê as seguintes etapas presentes na constituição genérica de um conceito de emoção, conforme expõe Kövecses (2002b):

0. Estado emocional neutro  
O sujeito está emocionalmente calmo.
1. Causa  
Algo acontece ao sujeito.  
O evento causa um impacto repentino e forte no sujeito.  
A emoção passa a existir.  
O sujeito é passivo em relação à emoção.
2. Existência da emoção  
A emoção age como uma força sobre o sujeito.  
Parte da emoção é um desejo de que o sujeito realize uma ação.  
O sujeito sabe que a ação é socialmente perigosa ou inaceitável.  
A ação, se realizada, pode satisfazer o desejo envolvido na emoção.  
A intensidade da emoção é alta, é próxima a um limite que o sujeito pode controlar.
3. Controle  
O sujeito sabe que ele tem a obrigação de resistir ao desejo e de não realizar a ação.

Sujeito aplica uma força contrária para impedir que a ação aconteça.  
Contudo, a intensidade da emoção cresce como uma força acima do limite que o sujeito pode controlar.

4. Perda de controle

O sujeito é incapaz de controlar a força que age sobre ele.  
A força faz com que o sujeito realize a ação.

5. Ação

O sujeito realiza a ação.  
O sujeito não é responsável pela ação, porque ele foi motivado por uma força maior.  
O desejo referente à emoção é satisfeito.  
A emoção deixa de existir.

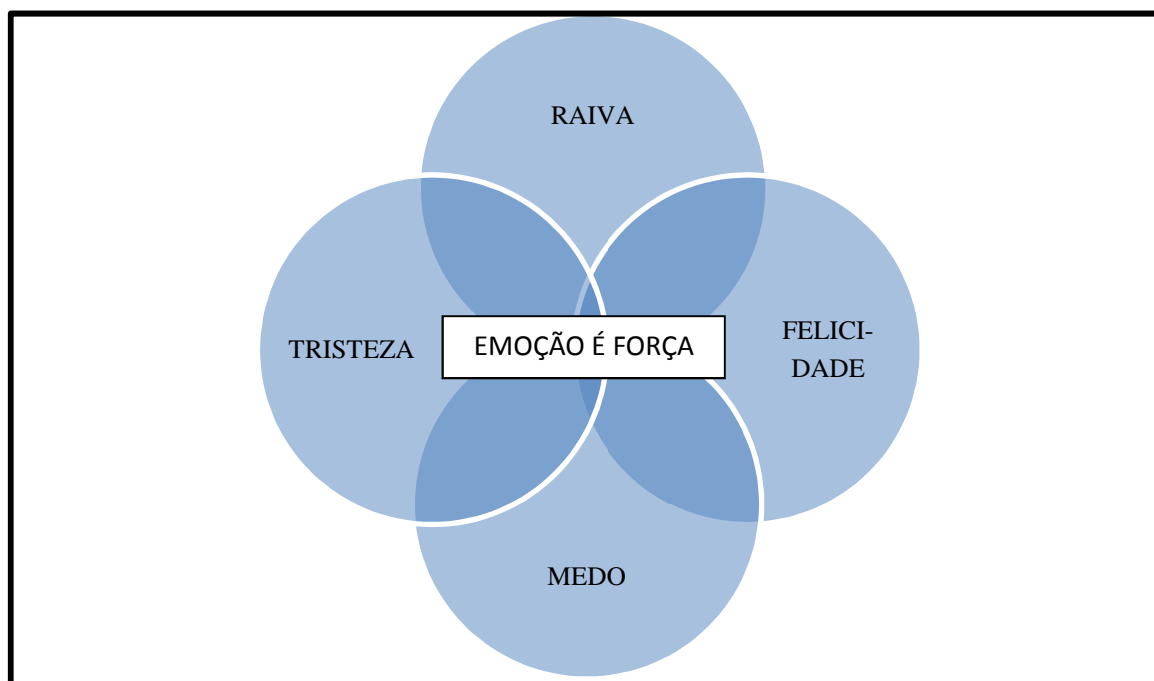
0. Estado emocional neutro

O sujeito está calmo novamente.

Esse modelo dá origem a uma estrutura de nível genérico para o conceito de EMOÇÃO, que pode ser dada como causa → emoção → resposta. O mesmo evidencia que tanto a emoção quanto a causa dela são vistas metaforicamente como forças concretas, como já sinalizamos. A causa como força produz a emoção e a emoção como força produz a resposta. O sujeito é também visto como um agente de força que tenta controlar a emoção, mas, na maioria dos casos, acaba cedendo a uma força maior.

No argumento de Kövecses (2002b), o modelo cognitivo descrito traz o sentido prototípico de emoção e, nesse sentido, emoções prototípicas seriam RAIVA, MEDO, FELICIDADE, e TRISTEZA, as quais poderiam ser caracterizadas em termos do modelo apresentado, como ilustra a figura 1. Contudo, o autor destaca que esse é apenas um dos muitos modelos para essas emoções que as pessoas podem ter. Esse seria apenas um caso central a partir do qual muitos desvios são possíveis. Situações menos prototípicas para esses conceitos incluiriam, por exemplo, situações em que a questão do controle não aparece ou em que o sujeito não se acalma ao final de um intenso episódio emocional, entre outras possibilidades.

Figura 1 – Emoções prototípicas



Fonte: elaborada pela autora.

Enquanto os conceitos RAIVA, MEDO, FELICIDADE e TRISTEZA são considerados prototípicos no domínio emocional por serem compatíveis com o modelo prototípico de emoção, podendo revelá-lo ou não, há outros conceitos que são tidos como não prototípicos, como ORGULHO e RESPEITO, por exemplo (KÖVECSES, 1990). Esses conceitos, se comparados com os conceitos emocionais mais representativos, têm um nível de intensidade menor. Conseqüentemente, o componente de desejo de ação não é tão saliente e não é provável que levem a uma perda de controle. No conceito de ORGULHO, o papel da pessoa é diferente daquele desempenhado para os conceitos prototípicos, pois, normalmente, em vez de algo acontecer ao sujeito que provoque a emoção, é o mesmo que realiza algo que motiva o orgulho. Quanto ao conceito de RESPEITO, não se trata de uma resposta a uma situação particular, mas de uma disposição relacionada à moral da pessoa. Essas distorções de conceitos afetivos em relação ao protótipo de emoção se revelam nas metáforas conceptuais. Assim, por exemplo, mapeamentos focados no componente de resposta de conceitos não prototípicos como ORGULHO e RESPEITO não terão como base domínios como INSANIDADE ou FORÇA NATURAL, previstos normalmente para RAIVA, MEDO, TRISTEZA e FELICIDADE, pois em ORGULHO e RESPEITO não há o componente de falta de controle.



Percebe-se, portanto, que a estrutura genérica para os conceitos de emoção em torno da metáfora conceptual EMOÇÃO É FORÇA, ao mesmo tempo em que demonstra certa coerência na conceptualização de diferentes emoções, ilustra o que mais é geral e prototípico para o domínio de emoção. Já a respeito das diferenças entre os vários conceitos de emoção, Kövecses (2000) expõe que as metáforas conceptuais associadas às diversas categorias emocionais podem manifestar a metáfora EMOÇÃO É FORÇA de formas diferenciadas, e que, além disso, há metáforas que se distanciam desse protótipo, capturando aspectos diferentes da experiência emocional e demonstrando o detalhamento e a riqueza da conceptualização emocional. Nesse sentido, entende-se que a análise da linguagem metafórica relacionada a emoções nos permite acessar não só o que é geral ao domínio emocional, mas também especificidades de conceitos particulares.

Outro ponto que queremos destacar neste subcapítulo é que há mapeamentos metafóricos subjacentes aos conceitos de emoção que revelam determinados aspectos das emoções. Segundo Kövecses (2000), os aspectos são existência da emoção, avaliação (positiva ou negativa), intensidade, desejo, dificuldade, controle (tentativa, perda ou falta), passividade e dano.<sup>26</sup> Esses aspectos são considerados importantes para a investigação de conceitos de emoção e podem ser evidenciados de formas diferenciadas na conceptualização de distintos fenômenos emocionais. O autor exemplifica várias metáforas conceptuais que demonstram esses aspectos, mas deixa claro que, dependendo do modelo cognitivo subjacente à conceptualização de uma categoria emocional, outras metáforas podem indicá-los.

O aspecto da existência da emoção é evidenciado por algumas metáforas conceptuais que têm como seu principal foco expressar a ocorrência ou não de uma emoção, como é o caso dos mapeamentos EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É PRESENÇA, EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É ESTAR EM UM ESPAÇO DELIMITADO, EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É POSSE DE UM OBJETO. Essas metáforas são muito gerais e se aplicam a todos os conceitos de emoção, como vimos anteriormente ao destacar domínios-fonte gerais para o domínio emocional.

A avaliação positiva ou negativa seria o aspecto mais geral em que as emoções são classificadas, daí a produtividade de metáforas que evidenciam essa avaliação, por exemplo, EMOÇÃO NEGATIVA É DOENÇA, EMOÇÃO POSITIVA É SAÚDE. No geral, as metáforas que focam nesse aspecto têm um escopo mais amplo do que o domínio das

---

<sup>26</sup> Conforme Kövecses (2000), os aspectos listados seriam comuns a conceitos prototípicos de emoção. Contudo o autor também destaca outros aspectos mais específicos, como a unidade não física e o progresso, que são restritos aos conceitos de AMOR e DESEJO.

emoções. COISAS BOAS, no geral, têm como domínio-fonte DIREÇÃO PARA CIMA, CLARIDADE, CALOR, VALOR, etc., enquanto COISAS RUINS tomam como referência DIREÇÃO PARA BAIXO, ESCURIDÃO, FRIO, FALTA DE VALOR, etc.

A intensidade é um aspecto da emoção que é destacado por várias metáforas, sendo que os conceitos de emoção prototípicos são tidos como altamente intensos. As seguintes metáforas conceptuais exemplificariam o foco na intensidade: INTENSIDADE DA EMOÇÃO É QUANTIDADE, INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR, INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CRESCIMENTO, INTENSIDADE DA EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO.

A noção de desejo ou necessidade aparece nos conceitos de emoção na forma de desejo por parte do sujeito da emoção em realizar uma ação, como ocorre no conceito de RAIVA, por exemplo, ou na forma de desejo de ter uma emoção, no caso do conceito de AMOR. Esse aspecto pode ser exemplificado pela metáfora conceptual DESEJO EMOCIONAL É FOME.

Outras metáforas de emoção focam no aspecto da dificuldade, pois muitos conceitos de emoção são vistos como estados difíceis de lidar para o sujeito da emoção. Esse aspecto é destacado, por exemplo, pelo domínio-fonte CARGA: DIFICULDADES EMOCIONAIS SÃO CARGAS.

Também o controle é um aspecto característico dos conceitos de emoção, o qual pode ser desmembrado em três estágios: tentativa de controle (TENTATIVA DE CONTROLE EMOCIONAL É TENTAR SUPERAR UM Oponente, TENTATIVA DE CONTROLE EMOCIONAL É TENTAR CONTER UM ANIMAL CATIVO, etc.), perda de controle (PERDA DE CONTROLE EMOCIONAL É PERDA DE CONTROLE SOBRE UMA FORÇA) e falta de controle (FALTA DE CONTROLE EMOCIONAL É INSANIDADE, FALTA DE CONTROLE EMOCIONAL É MÁGICA, etc.).

O foco no aspecto de passividade é esperado para os conceitos de emoção, haja vista sua característica central de experiência “sofrida”. A passividade se refletiria, por exemplo, na metáfora conceptual A PASSIVIDADE EMOCIONAL É O EFEITO FÍSICO DE FORÇAS FÍSICAS / DA NATUREZA.

Por fim, destaca-se o aspecto de dano, que é evidenciado principalmente em conceitos como ORGULHO, VERGONHA, RAIVA, AMOR e SURPRESA. A metáfora DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO demonstra esse aspecto. No quadro a seguir, sistematizamos esses aspectos inerentes aos conceitos emocionais e exemplos de metáforas conceptuais que podem estar associadas aos mesmos.

Quadro 3 - Aspectos dos conceitos emocionais e alguns exemplos de metáforas que os indicam

<b>Aspecto do conceito emocional</b>	<b>Exemplos de metáforas conceptuais</b>
<b>Existência de emoção</b>	EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É PRESENÇA EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É ESTAR EM UM ESPAÇO DELIMITADO EXISTÊNCIA DE EMOÇÃO É POSSE DE UM OBJETO
<b>Avaliação</b>	EMOÇÃO POSITIVA É SAÚDE EMOÇÃO POSITIVA É PARA CIMA EMOÇÃO POSITIVA É CLARIDADE EMOÇÃO POSITIVA É CALOR EMOÇÃO POSITIVA É VALOR EMOÇÃO NEGATIVA É DOENÇA EMOÇÃO NEGATIVA É PARA BAIXO EMOÇÃO NEGATIVA É ESCURO EMOÇÃO NEGATIVA É FRIO EMOÇÃO NEGATIVA É FALTA DE VALOR
<b>Intensidade</b>	INTENSIDADE DA EMOÇÃO É QUANTIDADE INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CRESCIMENTO INTENSIDADE DA EMOÇÃO É FORÇA DE EFEITO
<b>Desejo</b>	DESEJO EMOCIONAL É FOME
<b>Dificuldade</b>	DIFICULDADES EMOCIONAIS SÃO CARGAS
<b>Controle</b>	TENTATIVA DE CONTROLE EMOCIONAL É TENTAR SUPERAR UM Oponente TENTATIVA DE CONTROLE EMOCIONAL É TENTAR CONTER UM ANIMAL CATIVO PERDA DE CONTROLE EMOCIONAL É PERDA DE CONTROLE SOBRE UMA FORÇA FALTA DE CONTROLE EMOCIONAL É INSANIDADE FALTA DE CONTROLE EMOCIONAL É MÁGICA
<b>Passividade</b>	A PASSIVIDADE EMOCIONAL É O EFEITO FÍSICO DE FORÇAS FÍSICAS / DA NATUREZA
<b>Dano</b>	DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO

Fonte: elaborado pela autora.

Compreendemos que os aspectos apontados são uma noção importante para a investigação e a descrição de conceitos de emoção, sendo que eles funcionariam como focos semânticos que nos permitem identificar características peculiares de cada categoria emocional. Dessa forma, pretende-se verificar na análise a ser realizada se esses aspectos são evidentes nos conceitos investigados, quais metáforas os indicam e como eles são lexicalizados em ocorrências na língua portuguesa.

Assim, podemos dizer que evidenciamos até aqui alguns padrões recorrentes na conceptualização do domínio emocional, vislumbramos o que seria um protótipo do conceito

de emoção e destacamos aspectos inerentes aos conceitos emocionais. E, para concluir a etapa teórica deste trabalho, o último subcapítulo tratará mais especificamente da conceptualização dos quatro conceitos prototípicos de emoção – RAIVA, MEDO, FELICIDADE e TRISTEZA.

### 3.3.3 Raiva, Medo, Felicidade e Tristeza

O estudo da emoção passa a receber atenção na linguística cognitiva com a publicação do artigo de Lakoff e Kövecses (1983) sobre a conceptualização da RAIVA na língua inglesa, o qual voltou a ser publicado em Lakoff (1987) e Kövecses (1990). Esse trabalho inspirou e inspira investigações sobre conceitos de emoção em línguas diversas e, provavelmente por essa razão, o conceito RAIVA figura entre os mais estudados. A seguir, comentamos os resultados apontados pelos pesquisadores no referido artigo.

Inicialmente, Lakoff e Kövecses (1983) indicam a teoria dos efeitos fisiológicos da raiva: aumento de calor corporal, aumento de pressão interna (pressão sanguínea, pressão muscular), agitação, percepção alterada. À medida que a raiva aumenta, os seus efeitos fisiológicos aumentam. Há um limite a partir do qual os efeitos fisiológicos prejudicam o funcionamento normal. Essa teoria em associação com a metonímia geral EFEITO DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO daria origem a várias metáforas conceptuais para RAIVA.

Conforme os autores, o calor como efeito fisiológico da raiva formaria a base da metáfora RAIVA É CALOR. Haveria duas versões para essa metáfora, uma em que o calor é aplicado a fluidos (RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE) e outra em que o calor é aplicado a sólidos (RAIVA É FOGO).

A versão aplicada a fluidos é considerada a mais produtiva para RAIVA na língua inglesa e seria oriunda da combinação das metáforas O CORPO É UM RECIPIENTE PARA AS EMOÇÕES e RAIVA É CALOR, dando origem a ocorrências como *Você faz meu sangue ferver* e *Fique frio*. Associado a essa metáfora haveria um sistema rico de inferências metafóricas, as quais devem ser indicadas por metáforas linguísticas. Entre essas inferências metafóricas destacam-se as seguintes: quando a intensidade da raiva aumenta, o fluido aumenta; raiva intensa produz fumaça; raiva intensa produz pressão no recipiente; quando a raiva se torna muito intensa, a pessoa explode; quando uma pessoa explode, partes dela se espalham pelo ar; quando uma pessoa explode, o que estava dentro dela é liberado.

Quanto à versão de RAIVA É CALOR aplicada a sólidos, os autores explicam que a metáfora RAIVA É FOGO poderia contribuir para destacar a causa da raiva (*O que você disse inflamou a discussão*), a sua intensidade (*Ela queimou de raiva*) ou o dano provocado pela raiva (*Você estava cuspidando fogo*).

Retomando os efeitos fisiológicos da raiva, Lakoff e Kövecses (1983) destacam que o componente da agitação daria origem à metáfora RAIVA É INSANIDADE (*Meu pai ficou histérico com o acontecido; Eu comecei a subir pelas paredes*). Esse mapeamento revela as seguintes correspondências: assim como uma pessoa insana não se comporta normalmente, uma pessoa com raiva além do que ela possa controlar não se comporta normalmente; assim como uma pessoa insana pode ser perigosa para os outros, uma pessoa com raiva além do seu controle pode também ser perigosa.

Os pesquisadores apontam que, no geral, a raiva é compreendida como uma emoção negativa, que produz reações fisiológicas indesejáveis, leva a uma incapacidade de se comportar normalmente e é perigosa aos outros. Essa compreensão levaria à metáfora RAIVA É UM Oponente (EM UMA LUTA): *Eu lutei contra minha raiva; Ele conseguiu vencer sua raiva*. De acordo com essa metáfora conceptual, o oponente é a raiva, ganhar é controlar a raiva, perder é quando a raiva passa a exercer controle, render-se é permitir que a raiva assumo o controle, os recursos necessários para ganhar a luta correspondem à energia necessária para controlar a raiva.

Percebe-se, portanto, que a metáfora RAIVA É UM Oponente tem como foco o controle da raiva e o perigo da perda de controle para a própria pessoa que está com raiva. Além dessa, os autores apresentam outra metáfora que também foca na questão do controle, mas que se concentra especialmente no aspecto do dano aos outros: RAIVA É UM ANIMAL PERIGOSO: *É perigoso despertar a minha raiva; A mulher liberou a sua raiva; A raiva dele é insaciável*. Nesse caso, a raiva é conceptualizada como um animal que é perigoso acordar, que pode crescer e se tornar perigoso, que tem que ser segurado e como algo que tem um apetite perigoso.

Em complemento, Kövecses (2000) evidencia para o conceito de RAIVA também os mapeamentos RAIVA É CARGA (*Ele carregou a sua raiva por muito tempo*), RAIVA É UMA MÁQUINA EM FUNCIONAMENTO (*O acontecido acionou a sua raiva em potência máxima*), RAIVA É UM SUPERIOR SOCIAL (*Suas ações foram governadas pela raiva*), A CAUSA DA RAIVA É TRANSGRESSÃO DE UM LIMITE (*Ele ficou furioso, pois seu filho ultrapassou os limites*) e A CAUSA DA RAIVA É PERTURBAÇÃO FÍSICA (*Você está me cutucando!*).

Passando agora ao conceito de MEDO, nos valem dos resultados previstos por Kövecses (1990), que investiga um grande número de expressões metafóricas utilizadas para expressar essa emoção na língua inglesa. Para o conceito de MEDO, também haveria um mapeamento metafórico que se vale do domínio-fonte RECIPIENTE. Assim como ocorre com o conceito de RAIVA, na metáfora MEDO É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, o conteúdo corresponde à emoção e o recipiente ao corpo da pessoa (*Ela foi preenchida de medo; Ele não conseguia conter seu medo*). Contudo, diferentemente do caso de raiva, nessa metáfora, não há indicação de que o conteúdo seja um fluido aquecido, sendo que seu foco seria principalmente o aspecto da existência da emoção, sugerindo que o medo existe como uma entidade independente dentro do corpo da pessoa.

Conforme o autor, outras metáforas recorrentes para o conceito de MEDO indicariam a causa típica dessa emoção - um perigo. É o que ocorre com a metáfora MEDO É UM CAÇADOR (HUMANO OU ANIMAL): *O medo a espreitava; Ele foi perseguido pelo medo*. Essa metáfora conceptual retrata o medo como um caçador escondido que, por exemplo, cerca a pessoa, persegue, caça a mesma. Um inimigo desse tipo apresenta uma ameaça à sobrevivência da pessoa. Outro exemplo seria a metáfora MEDO É UM ATORMENTADOR, em que o medo é alguém que atinge a pessoa com grande impacto ou dor: *Eles foram atormentados / torturados pelo medo*. Também há o destaque para a metáfora MEDO É UMA DOENÇA: *Fiquei doente de medo; A cidade foi contaminada pelo medo*.

Além dessas, Kövecses (1990) aponta a metáfora MEDO É UM SER SOBRENATURAL: *Fomos assombrados pelo medo*. O mapeamento retrata o medo como uma entidade sobrenatural que causa grande angústia à pessoa. No geral, as metáforas delimitadas para o conceito de MEDO caracterizam essa emoção como uma entidade que pode causar sofrimento mental ou físico ou até a morte. Contudo, elas também indicam certas causas possíveis para o medo: um inimigo, uma doença, um ser sobrenatural, etc., permitindo uma descrição mais detalhada da categoria PERIGO que antecede o medo.

Por fim, o autor destaca a metáfora MEDO É UM Oponente: *Estávamos lutando contra nosso medo; Foram derrotados pelo medo*. No seu argumento, como o medo é tido como algo que pode ameaçar nossas vidas e causar sofrimento físico ou mental, é natural a sua conceptualização como um oponente que temos que derrotar. Outra razão para essa caracterização seria a expectativa social de muitas culturas de que não se deve demonstrar ou sentir medo.

Kövecses (2000) atualiza a discussão sobre o conceito de MEDO, prevendo ainda as metáforas MEDO É UMA CARGA (*O medo pesou fortemente sobre ele*) e MEDO É UM SUPERIOR SOCIAL (*Seu comportamento foi liderado pelo medo*).

Para tratar do conceito de FELICIDADE, consultamos os estudos de Kövecses (2000, 2008b), que destaca dois tipos de metáforas conceptuais estruturando esse conceito na língua inglesa. Primeiramente, são apontadas metáforas que revelam uma avaliação altamente positiva inerente à emoção: FELICIDADE É LUZ (*Ela ficou iluminada*), FELICIDADE É LEVEZA (*Estou me sentindo muito leve*), FELICIDADE É PARA CIMA (*Você estava para cima ontem*), FELICIDADE É ESTAR NO CÉU (*Ele sentiu-se no céu*), FELICIDADE É SAÚDE (*Aquilo me fez sentir muito bem*). Nesses casos de metáforas que expressam avaliação, o autor esclarece que domínios-fonte opostos aos utilizados para FELICIDADE, como ESCURO, PESO, PARA BAIXO e DOENÇA seriam esperados para o conceito de TRISTEZA. Contudo, Tissari (2008) argumenta que ESTAR NO INFERNO não parece conceptualizar a concepção contemporânea de TRISTEZA.

Por outro lado, são indicadas metáforas fenomenológicas subjacentes ao conceito de FELICIDADE, que estariam baseadas nas causas e nas respostas expressivas, fisiológicas e comportamentais dessa emoção. Metáforas de caráter fenomenológico seriam FELICIDADE É UM ANIMAL QUE VIVE BEM (*Ele estava feliz como um passarinho*), FELICIDADE É UMA SENSAÇÃO FÍSICA PRAZEROSA (*Um prazer imenso percorria o meu corpo*), FELICIDADE É ESTAR BÊBADO (*Foi uma sensação entorpecente*), FELICIDADE É VITALIDADE (*Estou mais vivo do que nunca*), FELICIDADE É CALOR (*Isto aqueceu meu espírito*), FELICIDADE É ESTAR FORA DO CHÃO (*Eu estava tão feliz que meus pés mal tocavam o chão*).

Kövecses (2008b) sugere que o conceito FELICIDADE teria dois modelos genéricos mais salientes: felicidade como uma resposta imediata e felicidade como um valor. No primeiro caso, comumente tratado como alegria, trata-se de uma resposta imediata a um resultado desejado. Esse seria o modelo de felicidade mais intensa, com uma forte propensão a falta de controle e, nesse sentido, as metáforas típicas desse protótipo sugeririam que a pessoa está intensamente feliz e prestes a perder o controle: FELICIDADE É UMA FORÇA NATURAL, FELICIDADE É UM Oponente, FELICIDADE É UM ANIMAL CATIVO, FELICIDADE É INSANIDADE (*Fui tomado pela felicidade; Enlouqueci naquele momento*).

Em contraste, felicidade como um valor não é caracterizada como uma forte emoção em relação a qual o indivíduo que a experiencia se opõe, tentando controlá-la, mas é constituída por um estado mais calmo sem respostas muito visíveis, com um componente de

controle menos significativo e com uma causa que não é claramente identificada. Essa forma de felicidade seria frequentemente capturada pelas seguintes metáforas conceptuais: FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO DESEJADO (*Agora eu encontrei a felicidade*), FELICIDADE É UM BEM VALIOSO (*Você não pode comprar a felicidade*), FELICIDADE É LUZ (*Iluminou-se de felicidade*), FELICIDADE É LEVEZA (*Estou me sentindo muito leve*), FELICIDADE É PARA CIMA (*Estou para cima hoje*), FELICIDADE É ESTAR NO CÉU (*Sentiu-se no céu*).

Das quatro emoções tidas como prototípicas na linguística cognitiva, o conceito de TRISTEZA parece ser o menos estudado, em contraponto a RAIVA, como já dissemos. Essa percepção é compartilhada por Moradi e Mashak (2013), que realizam estudo contrastivo da conceptualização de TRISTEZA entre o inglês e o persa. Na língua inglesa, metáforas para TRISTEZA foram analisadas por Barcelona (1986), as quais são retomadas em Kövecses (2000): TRISTEZA É PARA BAIXO (*Fiquei para baixo com aquela conversa*), TRISTEZA É ESCURO (*Ele está vivendo no escuro*), TRISTEZA É FALTA DE CALOR (*A morte de seu pai apagou a chama que existia dentro dele*), TRISTEZA É FALTA DE VITALIDADE (*Ela ficou esmorecida com a notícia*), TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE (*Sua vida foi preenchida de tristeza*), TRISTEZA É UMA FORÇA FÍSICA (*Foi uma força intensa que a abateu*), TRISTEZA É UMA FORÇA DA NATUREZA (*Ele sofreu ondas de depressão*), TRISTEZA É UMA DOENÇA (*O tempo cura todas as dores*), TRISTEZA É INSANIDADE (*Ficou maluco de tanta tristeza*), TRISTEZA É CARGA (*Eles não suportaram a dor*), TRISTEZA É UM ORGANISMO VIVO (*Ele afogou sua mágoa na bebida*), TRISTEZA É UM ANIMAL CATIVO (*Sua tristeza escapou do controle*), TRISTEZA É UM Oponente (*Ele lutou contra sua tristeza*), TRISTEZA É UM DOMINADOR/SUPERIOR SOCIAL (*A tristeza controlava sua vida*).

Retomando os resultados apontados ao longo deste capítulo quanto à conceptualização de emoções prototípicas na língua inglesa, resumimos as evidências dos estudos para essa língua nos quadros abaixo. As previsões apontadas para essas emoções serão úteis para verificarmos, na análise, se os mesmos padrões previstos para a língua inglesa se manifestam na língua portuguesa. No quadro 4, retomamos as metáforas conceptuais que seriam comuns a qualquer emoção prototípica e, nos quadros 5, 6, 7 e 8, indicamos aquelas que seriam mais específicas para cada categoria.



Quadro 4 - Metáforas gerais para as emoções prototípicas na língua inglesa

<b>Metáfora conceptual</b>	<b>Metáfora linguística</b>
EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO	<i>Minha emoção cresceu.</i>
EMOÇÃO É UM OBJETO	<i>Ele perdeu todas as suas emoções.</i>
EMOÇÃO É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE	<i>Ela foi preenchida pela emoção.</i>
EMOÇÃO É UMA FORÇA FÍSICA OU DA NATUREZA	<i>Uma onda de emoção me arrebatou.</i>
EMOÇÃO É UM Oponente	<i>Tive que lutar contra minhas emoções.</i>
EMOÇÃO É UM DOMINADOR/SUPERIOR SOCIAL	<i>Fomos dominados pela emoção.</i>
EMOÇÃO É UM ANIMAL CATIVO	<i>Libere sua emoção!</i>
EMOÇÃO É INSANIDADE	<i>Enlouqueci de tanta emoção.</i>
EMOÇÃO É UM INDIVÍDUO DIVIDIDO	<i>Com tanta emoção, ele ficou fora de si.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 5 - Metáforas para RAIVA na língua inglesa

<b>Metáfora conceptual</b>	<b>Metáfora linguística</b>
RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE	<i>Você faz meu sangue ferver.</i>
RAIVA É FOGO	<i>Ela queimou de raiva.</i>
RAIVA É UM ANIMAL PERIGOSO	<i>É perigoso despertar a minha raiva.</i>
RAIVA É CARGA	<i>Ele carregou a sua raiva por muito tempo.</i>
RAIVA É UMA MÁQUINA EM FUNCIONAMENTO	<i>O acontecido acionou a sua raiva em potência máxima.</i>
A CAUSA DA RAIVA É TRANSGRESSÃO DE UM LIMITE	<i>Ele ficou furioso, pois seu filho ultrapassou os limites.</i>
A CAUSA DA RAIVA É PERTURBAÇÃO FÍSICA	<i>Você está me cutucando!</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 6 - Metáforas para MEDO na língua inglesa

<b>Metáfora conceptual</b>	<b>Metáfora linguística</b>
MEDO É UM CAÇADOR (HUMANO OU ANIMAL)	<i>O medo a espreitava.</i>
MEDO É UM ATORMENTADOR	<i>Eles foram torturados pelo medo.</i>
MEDO É UMA DOENÇA	<i>A cidade foi contaminada pelo medo.</i>
MEDO É UM SER SOBRENATURAL:	<i>Fomos assombrados pelo medo.</i>
MEDO É UMA CARGA	<i>O medo pesou fortemente sobre ele.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 7 - Metáforas para FELICIDADE na língua inglesa

<b>Metáfora conceptual</b>	<b>Metáfora linguística</b>
FELICIDADE É LUZ	<i>Ela ficou iluminada.</i>
FELICIDADE É LEVEZA	<i>Estou me sentindo muito leve.</i>
FELICIDADE É PARA CIMA	<i>Você estava para cima ontem.</i>
FELICIDADE É ESTAR NO CÉU	<i>Ele sentiu-se no céu.</i>
FELICIDADE É UM ANIMAL QUE VIVE BEM	<i>Ele estava feliz como um passarinho.</i>
FELICIDADE É SAÚDE	<i>Aquilo me fez sentir muito bem.</i>
FELICIDADE É UMA SENSACÃO FÍSICA PRAZEROSA	<i>Um prazer imenso percorria o meu corpo.</i>
FELICIDADE É ESTAR BÊBADO	<i>Foi uma sensação entorpecente.</i>
FELICIDADE É VITALIDADE	<i>Estou mais vivo do que nunca.</i>
FELICIDADE É CALOR	<i>Isto aqueceu meu espírito.</i>
FELICIDADE É ESTAR FORA DO CHÃO	<i>Eu estou pulando de felicidade até agora.</i>
FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO DESEJADO	<i>Agora eu encontrei a felicidade.</i>
FELICIDADE É UM BEM VALIOSO	<i>Você não pode comprar a felicidade.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 8 - Metáforas para TRISTEZA na língua inglesa

<b>Metáfora conceptual</b>	<b>Metáfora linguística</b>
TRISTEZA É PARA BAIXO	<i>Fiquei para baixo com aquela conversa.</i>
TRISTEZA É ESCURO	<i>Ele está vivendo no escuro.</i>
TRISTEZA É FALTA DE CALOR	<i>A morte de seu pai apagou a chama que existia dentro dele.</i>
TRISTEZA É FALTA DE VITALIDADE	<i>Ela ficou esmorecida com a notícia.</i>
TRISTEZA É UMA DOENÇA	<i>O tempo cura todas as dores.</i>
TRISTEZA É CARGA	<i>Eles não suportaram a dor.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Então, focando mais especificamente nas quatro emoções tidas como prototípicas na linguística cognitiva – a raiva, o medo, a felicidade e a tristeza –, encerramos esta subcapítulo e o referencial teórico desta tese. Ao longo deste texto, procuramos evidenciar o papel essencial da metáfora na conceptualização de categorias de emoção. Assim, na parte aplicada deste trabalho, procuraremos investigar como conceitos emocionais são estruturados metaforicamente em um *corpus* da língua portuguesa do Brasil. Nesta última subseção, retomamos o que se tem previsto em termos de metáforas conceptuais subjacentes às categorias mais representativas do domínio emocional. E, na análise prevista, verificaremos em que medida essas metáforas se manifestam em um *corpus* do português e se podem ser

apontadas tendências e particularidades para essa língua. No próximo capítulo, expomos os procedimentos metodológicos adotados para a investigação a ser realizada.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Concluída a revisão da literatura que fundamenta teoricamente esta tese, tratamos, neste capítulo, dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da investigação proposta. Este estudo aplicado busca identificar evidências da conceptualização de categorias de emoção na língua portuguesa do Brasil a partir da análise de um *corpus* de linguagem metafórica relacionado ao domínio emocional.

A pesquisa segue uma forte tendência na linguística cognitiva de combinar métodos qualitativos e quantitativos para analisar dados autênticos da língua (cf. MITTLEBERG; FARMER; WAUGH, 2006). Busca-se observar, compreender e descrever empiricamente ocorrências linguísticas metafóricas empregadas para discorrer sobre experiências de emoção, mas também se pretende verificar questões relativas à quantidade e à frequência dos dados.

No subcapítulo 4.1, explicamos como foram selecionadas emoções prototípicas entre diversos fenômenos emocionais e apresentamos os conceitos de emoção que elegemos para análise. Já no subcapítulo 4.2, discorreremos sobre a fonte do *corpus* que foi compilado para análise e justificamos essa escolha. Na sequência, no subcapítulo 4.3, tratamos dos procedimentos para extração do *corpus* e para identificação de ocorrências metafóricas. E, por fim, no subcapítulo 4.4, apresentamos perguntas de pesquisa que norteiam este estudo aplicado e as etapas que compõem a proposta de análise. As perguntas destacadas estendem as questões gerais desta tese ilustradas na introdução.

### 4.1 SELEÇÃO DE EMOÇÕES PROTOTÍPICAS

Considerando a amplitude dos fenômenos afetivos, que compreendem, além de emoções, preferências, atitudes, humor, disposições afetivas e posturas sociais (como demonstrado no quadro 2, da página 109), e levando em conta a existência de várias categorias emocionais, temos que delimitar quais serão os conceitos a serem investigados neste trabalho. Interessa-nos eleger conceitos fortemente representativos do domínio emocional.

Um critério de delimitação de categorias de análise poderia ser a escolha de conceitos emocionais que se encontram na maioria das listas de emoções previstas pelos pesquisadores.

Se tomarmos como base os vários autores mencionados no capítulo 3, expoentes na pesquisa sobre emoção, oriundos principalmente da psicologia, podemos visualizar as principais emoções consideradas básicas ou prototípicas na literatura. Como vimos, as mesmas podem ser consideradas básicas ou primárias por alguns autores, no sentido de que elas seriam inatas e a partir delas se formariam emoções mais complexas. Em outra perspectiva, as mesmas são tratadas como prototípicas, por apresentarem componentes básicos das emoções e serem representativas da categoria emocional. O quadro 9 sistematiza quais seriam essas emoções mais fundamentais.

Quadro 9 - Emoções básicas ou prototípicas de acordo com vários autores

<b>Autor</b>	<b>Emoções básicas ou prototípicas</b>
Darwin	felicidade, tristeza, medo, nojo, raiva, surpresa
Ekman	alegria, tristeza, medo, nojo, raiva, surpresa
Oatley e Johnson-Laird	raiva, nojo, ansiedade, felicidade, tristeza
Tomkins	raiva, interesse, desprezo, nojo, agonia, medo, alegria, vergonha, surpresa
Izard	raiva, desprezo, nojo, agonia, medo, culpa, interesse, alegria, vergonha, surpresa
Plutchik	aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza, surpresa
Damásio	medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza, felicidade
Scherer	raiva, medo, alegria, nojo, tristeza, vergonha, culpa
Kövecses	raiva, medo, tristeza, felicidade

Fonte: elaborado pela autora.

Outro critério poderia ser seguir a orientação dos estudos inseridos na linguística cognitiva. Como vimos no subcapítulo 3.3, as pesquisas que seguem essa perspectiva têm dedicado sua atenção à análise dos conceitos RAIVA, MEDO, FELICIDADE, TRISTEZA, AMOR, DESEJO, ORGULHO, VERGONHA e SURPRESA, por esses fazerem parte das principais listas de emoções básicas. Contudo, na linguística cognitiva, RAIVA, MEDO, FELICIDADE e TRISTEZA são considerados conceitos prototípicos do domínio emocional por revelarem a estrutura genérica EMOÇÃO É FORÇA.

Como temos a intenção de investigar um *corpus* com um número representativo de sentenças metafóricas do domínio emocional e de fazer uma análise detalhada de modelos cognitivos metafóricos subjacentes a categorias de emoção contemplando vários indicadores, como detalharemos no subcapítulo 4.4, decidimo-nos por focar na análise de dois conceitos de emoção: TRISTEZA e FELICIDADE. Essa escolha se deu em razão de essas categorias receberem destaque na perspectiva teórica adotada por esta tese e também figurarem com

distinção nas principais listas de emoções básicas ou prototípicas, conforme ilustra o quadro 9, da página anterior. Além disso, como evidenciamos no subcapítulo 3.3.3, TRISTEZA seria um conceito ainda pouco estudado na linguística cognitiva, em contraponto a RAIVA, por exemplo. Já a escolha por FELICIDADE se deveu também ao nosso interesse em incluir na análise uma emoção positiva, a única entre as quatro emoções prototípicas.

Ocorrências metafóricas para esses conceitos na língua portuguesa do Brasil compõem, então, o *corpus* de análise deste trabalho. No próximo subcapítulo, explicamos a origem desse *corpus*.

## 4.2 O TWITTER COMO *CORPUS*

O *corpus* de análise deste estudo foi compilado a partir do Twitter.<sup>27</sup> Esse recurso é uma rede social devido ao grupo de comunicação que se forma em torno do usuário, em que as pessoas adicionam ou seguem umas às outras. Ao mesmo tempo, corresponde à concepção de *microblog* (um blog em formato reduzido), pois, assim como nos *blogs*, o usuário se cadastra e recebe uma página própria para publicar seus textos, chamados de *postagens* ou *posts*, e também há atualizações contínuas e entrada de conteúdo na ordem cronológica inversa. (ORIHUELA, 2007).

O Twitter foi criado em 2006 por uma empresa de *podcasting* de São Francisco, nos Estados Unidos (O'REILLY; MILSTEIN, 2009), e figura entre as redes sociais mais populares. Conforme pesquisa divulgada pelo guia Ebusiness<sup>28</sup>, em janeiro de 2015, considerando o acesso a *sites* de redes sociais ao redor do mundo, o Twitter viria em segundo lugar, com trezentos e dez milhões de usuários. No Brasil, em 2014, de acordo com *ranking* disponibilizado pela Serasa Experian<sup>29</sup>, ele aparece em quarto lugar, atrás do Facebook, do YouTube e do Yahoo! Answers Brasil. Pesquisando a geografia do Twitter, Leetaru et al. (2013) colocam São Paulo em terceiro lugar e Rio de Janeiro em oitavo na lista que indica as vinte cidades do mundo com maior número de *postagens* no Twitter. No mesmo estudo, a língua portuguesa é apontada como a terceira mais utilizada nessa rede social.

---

<sup>27</sup> Disponível em <<http://twitter.com/>>.

<sup>28</sup> Disponível em <<http://www.ebizmba.com/articles/social-networking-websites>>. Acesso em 08 jan. 2015.

<sup>29</sup> Disponível em <<http://noticias.serasaexperian.com.br/facebook-e-lider-entre-redes-sociais-em-julho-no-brasil-de-acordo-com-hitwise/>>. Acesso em 02 set. 2014.

Através desse recurso, são enviadas e recebidas mensagens curtas e instantâneas, os *tweets*, que, em tese, respondem à pergunta “O que está acontecendo?”.<sup>30</sup> Contudo, o conteúdo das mensagens extrapola muito a pergunta proposta e muitos são os temas que circulam no Twitter. Em pesquisa realizada com usuários do *microblog* no Brasil<sup>31</sup>, em 2009, pela agência Bullet, 79% dos entrevistados disseram usar o serviço para compartilhar *links* e informações, 70% mencionaram que compartilham opiniões e aproximadamente 50% declararam falar o que pensam ou conversar com outros usuários. Além disso, 90% dos participantes da pesquisa disseram usar o Twitter para manterem-se informados.

Os *tweets* limitam-se a cento e quarenta caracteres, o que foi estabelecido para permitir a publicação usando SMS (mensagem de texto enviada pelo celular), pois, quando o serviço foi lançado, pouca gente tinha celular com conexão à internet. (SPYER, 2009). Ao mesmo tempo em que as mensagens curtas facilitam o acesso às atualizações que chegam a todo momento, também há o desafio de sintetizar a informação respeitando o limite máximo de caracteres. Dada a limitação de espaço, é comum encontrarmos nas mensagens abreviações e links para outras páginas. Vale destacar também que, muitas vezes, nos deparamos com uma linguagem informal no Twitter, em que são percebidos, por exemplo, problemas de acentuação, de pontuação, erros de digitação, o uso de palavrões e gírias.

O olhar desta pesquisa para ocorrências linguísticas extraídas do Twitter se deve, em um primeiro momento, ao interesse nas redes sociais, que alcançaram grande popularidade na atualidade e que veiculam um grande volume de informação. Contudo, uma forte razão para termos escolhido especificamente o Twitter como fonte de *corpus* para essa pesquisa é o fato de o conteúdo dos *tweets* ser disponibilizado para o público, o que faz dele uma alternativa ética para coletar e analisar um grande volume de dados linguísticos. Essa rede social, ao contrário de outras como, por exemplo, o Facebook, possibilita o acesso à sua base de dados por meio da abertura da sua API.<sup>32</sup> Leetaru et al. (2013) destacam essa vantagem do Twitter:

Diferentemente da maioria dos sites de redes sociais, o Twitter torna quase todos os seus dados disponíveis via APIs que permitem acesso em tempo real ao seu enorme arquivo de sete anos. Essa disponibilidade e a facilidade de uso fez do Twitter uma das mais populares fontes para o estudo da comunicação social (p. 2).

---

<sup>30</sup> O Twitter propõe que o usuário responda em sua página a pergunta “O que está acontecendo?”. Essa pergunta substituiu, em 2009, a pergunta anterior “O que você está fazendo?” para atender a tendência do conteúdo publicado nesta rede social.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/16042227/Twitter-no-Brasil>>. Acesso em 12 fev. 2012.

<sup>32</sup> API é o acrônimo de *Application Programming Interface* ou, em português, Interface de Programação de Aplicativos.

Além disso, outra razão para escolhermos o Twitter é o argumento de várias pesquisas, com destaque para aquelas inseridas na área de análise de sentimento, de que a linguagem que circula no Twitter revela frequentemente emoções dos autores das postagens. Estudos como o de Gill et al. (2008), o de Pak e Paroubek (2010) e o de Bann e Bryson (2012) indicam que uma boa proporção dos *tweets* projeta a emoção dos usuários, o que se verifica linguisticamente nas mensagens. O Twitter é tomado pelos autores como uma amostra válida da expressão emotiva humana e, assim, é considerado um *corpus* adequado para propostas de análise de conteúdo emocional. Na mesma linha, Dang-Xuan et al. (2013) explicam que, dado o rápido crescimento das mídias sociais, as pessoas expressam mais do que nunca suas opiniões, avaliações, atitudes e emoções em fóruns, blogs, redes sociais. “Por exemplo, uma mensagem pode conter informação sobre o estado emocional do autor ou seu julgamento ou avaliação de certa pessoa ou tópico.” (p. 799).

Tendo situado o Twitter como fonte do *corpus* a ser analisado nesta tese, fica claro o comprometimento deste trabalho com a análise de ocorrências linguísticas extraídas de um contexto real de uso, em que os falantes manifestam-se espontaneamente. Este estudo de *corpus* colabora com a premissa da linguística cognitiva de ser uma abordagem baseada no uso. A respeito do uso de *corpus* em pesquisas sobre metáfora, tal qual nos propomos, Gibbs (2010) defende que esse tem sido um dos avanços importantes da pesquisa em metáfora nos últimos dez anos:

Os pesquisadores de metáfora estão cada vez mais se voltando a *corpora* disponíveis para melhor testar várias hipóteses sobre a frequência e a forma das metáforas, o que tem resultado em uma maior cautela por parte da comunidade envolvida com metáfora em relação a pesquisadores que se baseiam apenas em suas próprias intuições. (p. 6-7).

Também Deignan (1999) argumenta que o estudo de *corpus* pode dar informação sobre a frequência da ocorrência de sentidos metafóricos e sobre o uso de metáforas linguísticas que de outra forma são difíceis de acessar. A autora distingue diferentes abordagens entre as pesquisas em metáfora que se valem de *corpus*. Na análise crítica do discurso, os *corpora* seriam menores e construídos para fins específicos. O objetivo dessas pesquisas seria principalmente ideológico: averiguar atitudes implícitas e tornar explícitos



vários mecanismos persuasivos, identificando metáforas e desvendando suas suposições e implicaturas. Para a autora, a análise que realiza é diferente, pois usa amplos *corpora* não especializados e porque seus objetivos são principalmente linguísticos: estudar padrões sintáticos, colocacionais e semânticos de metáforas linguísticas.

Segundo Deignan (1999), há também outras possibilidades que se abrem com a análise de *corpora*, como os estudos diacrônicos (comparação do uso da metáfora em textos históricos e contemporâneos, traçando o desenvolvimento dos usos metafóricos desde sua primeira aparição como metáforas novas até se tornarem sentidos completamente estabelecidos) e aqueles baseados em gêneros textuais, delineando a realização metafórica em determinados tipos de textos e até mesmo comparando gêneros.

Entendemos que esta tese segue a mesma direção do estudo realizado pela pesquisadora citada, pois também nos valem de *corpus* na busca por evidências essencialmente linguísticas. Objetivamos investigar a estrutura conceitual que elabora conceitos de emoção e fazer um levantamento de metáforas linguísticas e conceituais do domínio emocional na língua portuguesa do Brasil. E, para explicar como se deu a construção do *corpus* investigado, trataremos, no próximo subcapítulo, da metodologia de extração do *corpus* e de marcação das ocorrências metafóricas.

#### 4.3 A EXTRAÇÃO DE POSTAGENS DO TWITTER E A IDENTIFICAÇÃO DE OCORRÊNCIAS METAFÓRICAS

O *corpus* de análise desta tese é composto de postagens na rede social Twitter que apresentam linguagem metafórica relacionada aos conceitos de emoção em análise – TRISTEZA e FELICIDADE. Contudo, a extração de ocorrências metafóricas foi feita em um segundo momento, sendo que, primeiramente, tivemos que selecionar mensagens relacionadas às emoções em questão. No Twitter, há a opção de *busca avançada*, que permite a busca de *tweets* a partir de uma palavra, expressão ou frase, de um usuário, de uma data, entre outros. A busca através dessa ferramenta nos permite visualizar as mensagens na própria página do Twitter, mas não há um recurso disponibilizado na interface dessa rede social para a extração dos *tweets*.

Sendo assim, a opção pelo uso exclusivo dessa ferramenta para coleta de *corpus* exige que o pesquisador realize um trabalho manual de *copia e cola* do Twitter para outro

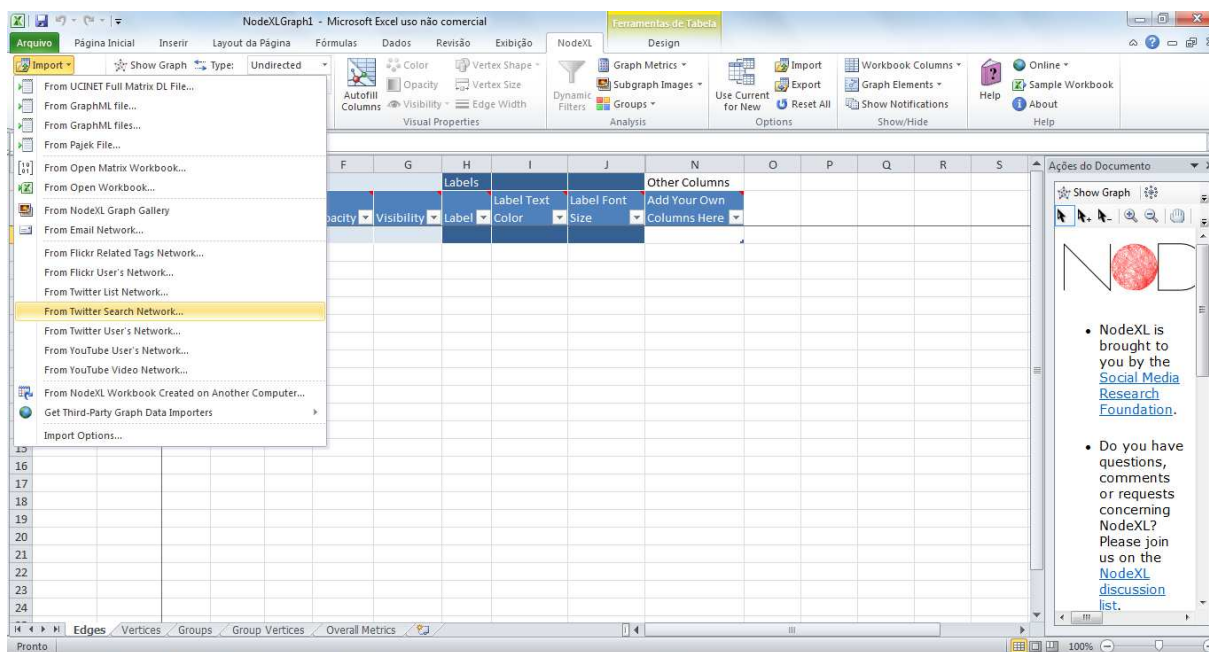
aplicativo, de forma a editar e salvar os dados. Essa tarefa exige muito tempo e trabalho, porque os resultados são exibidos gradativamente na página do Twitter, exigindo várias operações de *copia e cola*. Além disso, a tarefa também se torna difícil porque os dados necessitam de limpeza, sendo que as mensagens vêm acompanhadas da foto e do nome do usuário, da data, de ícones, do número de respostas àquele *tweet*, entre outras informações dispensáveis.

Dessa forma, decidimo-nos pela utilização de um sistema de *crawling* ou rastreamento, que localiza, obtém e indexa dados da web (CHO; GARCIA-MOLINA, 2000). Há vários *crawlers* disponíveis, mas optamos pelo NodeXL<sup>33</sup> (versão 1.0.1.245), por ser um recurso voltado para a extração e manipulação de conteúdo de redes sociais, além de ser gratuito e com uma interface de uso relativamente fácil. O NodeXL (*Network Overview, Discovery and Exploration add-in for Excel*) funciona na plataforma do Microsoft Excel e é projetado para importar, visualizar e analisar (calculando estatísticas e gerando gráficos) dados da *Web* (SMITH et al., 2009).

Hoje o NodeXL importa dados do Twitter, do YouTube, do Flickr, e pode ser programado para extrair dados de redes sociais privadas (por exemplo, a rede utilizada por uma empresa) e de redes de *email*. Outros sites de mídias sociais poderão ser incluídos no futuro, como indicam Smith et al. (2009). A abertura da API do Twitter, a qual mencionamos no subcapítulo anterior, foi um fator motivador da inclusão dessa rede social entre as fontes de busca desse *crawler*, diferentemente do que acontece com outras redes sociais que dificultam a operação de rastreadores desse tipo. A imagem a seguir ilustra a interface de acesso ao NodeXL.

---

<sup>33</sup> Disponível para download em <<http://nodexl.codeplex.com/>>.

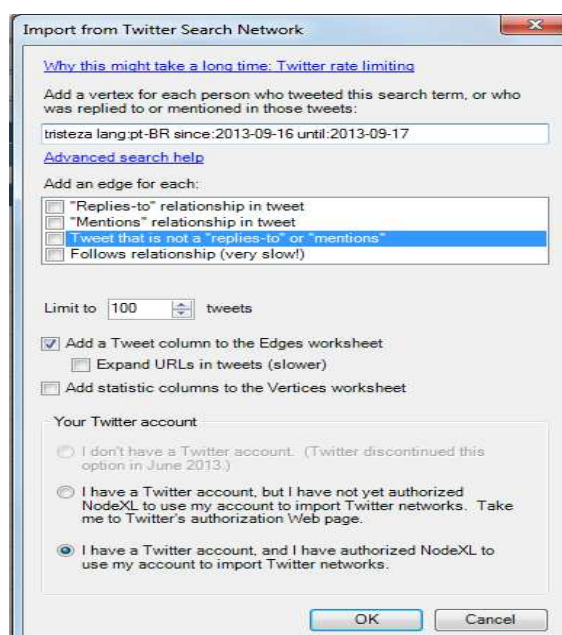
Figura 2 – Interface do *crawler* NodeXL

Fonte: <<http://nodexl.codeplex.com/>>.

Contudo, o Twitter ainda impõe algumas restrições a *softwares* gratuitos como o NodeXL. Como consta na página desse aplicativo, o mecanismo de busca do NodeXL não resgata um número exaustivo de postagens, mas uma amostragem representativa dos mesmos, retornando um percentual dos *tweets* relacionados a um determinado termo de busca. Além disso, o NodeXL só consegue importar mensagens recentes, de até sete dias anteriores à data da pesquisa. Para acessar dados mais antigos, é necessário acessar serviços que vendem arquivos do Twitter.

Para a importação de mensagens do Twitter através do NodeXL, primeiramente, temos que autorizar o aplicativo a utilizar nossa conta no Twitter para buscar os dados. Então, dando início à busca, o pesquisador tem a opção de informar um termo de busca (uma palavra ou expressão que consta no *tweet*), um número limite de *tweets*, a língua utilizada nas postagens e um determinado período, respeitando o limite de sete dias anteriores. A figura 3 ilustra o mecanismo de busca no NodeXL.

Figura 3 – Interface de busca no NodeXL



Fonte: <<http://nodexl.codeplex.com/>>.

Assim, fazendo uso do *crawler* em questão, fizemos um estudo piloto para verificar a extensão dos dados retornados pela ferramenta e também para analisar a incidência de metáforas nos resultados encontrados. Entre os meses de setembro e outubro de 2013, foram feitas importações periódicas, pelo prazo de um mês, de mensagens na língua portuguesa do Brasil que continham os termos de busca “felicidade” e “tristeza”, conceitos de emoção em análise. Obtivemos postagens de 04/09/2013 a 03/10/2013 relacionadas aos dois conceitos, totalizando 8.606 *tweets*, número que surpreendeu nossa expectativa. As mensagens foram distribuídas em dois arquivos Excel, um para cada conceito. Os dados já vêm limpos, não sendo necessário excluir imagens, ícones, entre outros itens dispensáveis relacionados às postagens. O quadro a seguir indica o número de *tweets* encontrados para cada emoção.

Quadro 10 - N<sup>o</sup> de *tweets* com as palavras “tristeza” e “felicidade” no período de um mês

<b>Emoção</b>	<i>Tristeza</i>	<i>Felicidade</i>	TOTAL
<b>N<sup>o</sup> de <i>tweets</i></b>	4.843	3.763	8.606

Fonte: elaborado pela autora com o auxílio do aplicativo NodeXL.

Na sequência do estudo piloto, visando agora a avaliar a incidência de metáforas, passamos a analisar os *tweets* retornados para “tristeza”. Com base nas noções sobre metáfora conceptual discutidas ao longo desta tese e no Procedimento de Identificação de Metáforas –

PIM (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007), foram identificadas mensagens com linguagem metafórica relacionada ao conceito de TRISTEZA. Seguindo a metodologia do PIM, foram marcadas como metafóricas aquelas unidades lexicais dos *tweets* que apresentaram um significado contextual diferente do seu significado mais básico em outros contextos e que puderam ser compreendidas em comparação a esse significado mais elementar.

Essa foi uma etapa trabalhosa devido à extensão do *corpus*, que poderia ser facilitada com o emprego de um recurso automático para identificação de possíveis metáforas em *corpus*. Contudo, programas desse tipo são escassos e o único de que tivemos notícia para a língua portuguesa é o Identificador de Metáforas (SARDINHA, 2007), que já esteve disponível para o público, mas que se encontra desatualizado e não tem o seu uso recomendado, conforme informação do próprio responsável pela ferramenta.

Deignan (1999) aponta a dificuldade para se acessar automaticamente as realizações linguísticas de uma metáfora conceptual, destacando a necessidade de análise textual por parte do pesquisador: “O pesquisador utiliza sua intuição para decidir se uma dada citação de uma palavra é metafórica, considerando sua própria definição de metáfora. Intuição é também necessária para decidir se uma metáfora linguística é a realização de certa metáfora conceptual.” (p. 180).

O estudo piloto para o conceito de TRISTEZA nos permitiu identificar uma alta incidência de *tweets* com linguagem metafórica. Esse resultado associado aos fatos de que propomos, nesta tese, uma análise manual do *corpus* e de que buscamos, em nossa investigação, também evidências qualitativas sinalizaram a necessidade de estabelecer um ponto de corte para a extração do *corpus*. Dessa forma, voltamo-nos para a análise das 200 primeiras ocorrências metafóricas para TRISTEZA com o intuito de verificar a produtividade das mesmas para ilustrar modelos cognitivos metafóricos para esse conceito.

Como indicado na revisão teórica, as categorias ricas e complexas do domínio emocional podem apresentar vários modelos cognitivos metafóricos, que se aproximam e se distanciam entre si e em relação ao protótipo (EMOÇÃO É FORÇA). Retomando-se, por exemplo, os quadros 4, 5, 6, 7 e 8 (p. 134 e 135), que ilustram metáforas conceptuais para conceitos de emoção na língua inglesa, percebe-se a variedade de modelos que seriam representativos para as categorias emocionais prototípicas nessa língua. Como demonstram os quadros, uma categoria pode revelar tanto modelos metafóricos gerais para o domínio emocional, quanto modelos mais específicas de um conceito. Conforme Kövecses (2000), estudos que investigam a conceptualização de AMOR, por exemplo, indicam mais de 20 metáforas conceptuais recorrentes para esse conceito.

Assim, como na análise das 200 ocorrências metafóricas para TRISTEZA identificamos 21 modelos cognitivos metafóricos utilizados na conceptualização dessa emoção, os quais ilustraremos no capítulo dedicado à análise, decidimo-nos por fixar o ponto de corte de 200 ocorrências metafóricas para cada conceito em análise. Obviamente, não objetivamos apontar todas as possibilidades de conceptualização metafórica desses conceitos, o que também não ocorre em estudos realizados para outras línguas, mas interessa-nos identificar tendências de manifestação na língua portuguesa. Acreditamos que um estudo de *corpus* de 200 ocorrências metafóricas para cada um dos conceitos nos permita evidenciar modelos salientes para essa língua.

Concluído o estudo piloto com TRISTEZA, também foram extraídas 200 mensagens com conteúdo metafórico para o conceito FELICIDADE, as quais, em conjunto com as 200 já coletadas para TRISTEZA, compuseram o *corpus* de análise, que totalizou 400 *tweets* com ocorrências metafóricas. Esses *tweets* foram distribuídos em dois novos arquivos Excel (metáforas para tristeza e metáforas para felicidade). Para se ter uma ideia da extensão do *corpus*, o quadro abaixo indica o número de palavras do mesmo.

Quadro 11 - Extensão do *corpus* de ocorrências metafóricas

<b>Emoção</b>	<i>Tristeza</i>	<i>Felicidade</i>	TOTAL
<b>Nº de <i>tweets</i></b>	200	200	400
<b>Nº de palavras</b>	2.610	2.710	5.320

Fonte: elaborado pela autora.

Então, tendo discorrido acerca do procedimento metodológico para compilação do *corpus* em investigação nesta tese, passamos a expor mais detalhadamente, no próximo subcapítulo, a proposta de análise deste estudo.

#### 4.4 A PROPOSTA DE ANÁLISE

Com o objetivo de investigar a conceptualização metafórica na língua portuguesa do Brasil das categorias emocionais TRISTEZA e FELICIDADE a partir de um estudo de *corpus*, a proposta de análise desta tese visa a responder às seguintes perguntas de pesquisa, que estendem as questões gerais apresentadas na introdução:

- 1- Quais modelos cognitivos metafóricos para a conceptualização de TRISTEZA e FELICIDADE são encontrados na investigação de um *corpus* da língua portuguesa do Brasil?
- 2- Como são lexicalizados esses modelos cognitivos, ou seja, quais as metáforas linguísticas encontradas?
- 3- Quais metáforas conceptuais subjazem esses modelos cognitivos?
- 4- Os modelos cognitivos identificados revelam aspectos dos conceitos de emoção, como existência da emoção, intensidade, passividade, controle, avaliação, dificuldade e dano?
- 5- Em que medida os modelos cognitivos revelados no *corpus* se aproximam ou se distanciam do protótipo previsto para o domínio emocional (EMOÇÃO É FORÇA)?
- 6- Quais modelos cognitivos são comuns aos dois conceitos e quais são mais específicos?
- 7- As metáforas conceptuais do domínio emocional encontradas para a língua portuguesa correspondem àsquelas identificadas para a língua inglesa ou é observada alguma especificidade para o português?

Esses questionamentos estão fundamentados na discussão teórica realizada ao longo da tese, retomando, sobretudo, as teorias da metáfora conceptual, dos modelos cognitivos idealizados, das metáforas primárias e complexas, e os pressupostos dos aspectos de conceitos de emoção, do protótipo de emoção e da possibilidade de universalidade e de variação cultural de metáforas conceptuais do domínio emocional. De forma a responder às perguntas de pesquisa, a proposta de análise deste estudo foi desmembrada nas seguintes etapas:

- 1- Análise das ocorrências do *corpus* vinculadas a cada uma das categorias de emoção e identificação de modelos cognitivos metafóricos para TRISTEZA e FELICIDADE revelados pelas expressões metafóricas.
- 2- Sistematização das metáforas linguísticas recorrentes no *corpus* para cada categoria emocional em análise.
- 3- Identificação de metáforas conceptuais subjacentes aos modelos cognitivos apontados.
- 4- Verificação de metáforas conceptuais que indiquem aspectos dos conceitos de emoção (existência da emoção, avaliação, intensidade, desejo, dificuldade, controle, passividade e dano).
- 5- Comparação dos modelos cognitivos encontrados na análise do *corpus* com o protótipo de emoção (EMOÇÃO É FORÇA).
- 6- Verificação de como as categorias TRISTEZA e FELICIDADE se aproximam ou se distanciam a partir dos modelos cognitivos que as estruturam.
- 7- Comparação entre os modelos cognitivos metafóricos do domínio emocional encontrados na língua portuguesa e os modelos identificados na língua inglesa (conforme quadros 4, 5, 6, 7 e 8, das p. 134 e 135), para apontar correspondências entre as línguas e possíveis especificidades do português.

No próximo capítulo, passamos a apresentar e a discutir os resultados encontrados com a análise realizada.



## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise de *corpus* de ocorrências metafóricas do domínio emocional objetivou responder às perguntas expostas no capítulo anterior, seguindo as atividades previstas naquela seção. De forma a expor os resultados, organizamos este capítulo em três subcapítulos.

Nos subcapítulos 5.1 e 5.2, apresentamos, respectivamente, resultados encontrados para cada um dos conceitos emocionais analisados (TRISTEZA e FELICIDADE). Para cada categoria emocional, foram identificados no *corpus* modelos cognitivos metafóricos subjacentes à conceptualização, sistematizadas as metáforas linguísticas encontradas, identificadas metáforas conceptuais que estruturam os modelos cognitivos localizados e verificadas metáforas conceptuais que indicam aspectos dos conceitos de emoção para cada modelo (etapas 1, 2, 3 e 4, previstas no capítulo anterior).

Por fim, no subcapítulo 5.3, discutimos os resultados, contrapondo os modelos cognitivos metafóricos identificados para cada categoria com o protótipo de emoção (EMOÇÃO É FORÇA), verificando como as categorias se aproximam ou se distanciam a partir dos modelos que as estruturam e comparando os modelos metafóricos encontrados para a língua portuguesa com aqueles apontados para a língua inglesa (etapas 5, 6 e 7, expostas na subseção anterior). Ao longo do capítulo damos exemplos das ocorrências metafóricas analisadas, mas o *corpus* na íntegra encontra-se em anexo a este texto.

### 5.1 A CONCEPTUALIZAÇÃO DE TRISTEZA

A análise das ocorrências metafóricas do *corpus* nos permitiu identificar para a conceptualização de TRISTEZA 21 modelos cognitivos metafóricos, que puderam ser divididos em quatro grupos mais amplos - TRISTEZA COMO ORGANISMO VIVO, TRISTEZA COMO OBJETO OU SUBSTÂNCIA, TRISTEZA COMO DANO FÍSICO e TRISTEZA COMO FORÇA FÍSICA - e outros quatro grupos mais específicos - TRISTEZA COMO ORIENTAÇÃO PARA BAIXO, TRISTEZA COMO ESCURIDÃO, TRISTEZA COMO VAZIO e TRISTEZA COMO PRISÃO. Consideramos os quatro primeiros grupos mais amplos, em especial os dois primeiros, porque apresentaram um número maior de

ocorrências metafóricas e foram mais elaborados em submapeamentos. Resumimos, no quadro a seguir, os modelos cognitivos idealizados metafóricos identificados no *corpus* para o conceito de TRISTEZA e o número de sentenças metafóricas localizadas.

Quadro 12 - Modelos cognitivos metafóricos para TRISTEZA

Modelo cognitivo	Nº de ocorrências
<b>TRISTEZA COMO SER VIVO</b>	
TRISTEZA É UM SER VIVO	4
TRISTEZA É UMA PLANTA	5
TRISTEZA É UM VISITANTE INDESEJADO	28
TRISTEZA É UM DOMINADOR	17
TRISTEZA É UM Oponente	14
TRISTEZA É UM HABITANTE	3
<b>TRISTEZA COMO OBJETO OU SUBSTÂNCIA</b>	
TRISTEZA É UM OBJETO INDESEJADO	31
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE	4
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE	7
TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE	13
TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE	2
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO	9
<b>TRISTEZA COMO DANO FÍSICO</b>	
TRISTEZA É UM DANO FÍSICO	15
TRISTEZA É UMA DOENÇA	14
TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO	2
<b>TRISTEZA COMO FORÇA FÍSICA</b>	
TRISTEZA É FORÇA FÍSICA	3
TRISTEZA É CARGA	11
<b>TRISTEZA COMO ORIENTAÇÃO PARA BAIXO</b>	6
<b>TRISTEZA COMO ESCURIDÃO</b>	5
<b>TRISTEZA COMO VAZIO</b>	4
<b>TRISTEZA COMO PRISÃO</b>	3

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro abaixo, sistematizamos as metáforas linguísticas recorrentes no *corpus* para cada um dos modelos cognitivos metafóricos identificados para TRISTEZA.

Quadro 13 - Metáforas linguísticas para TRISTEZA

<b>Modelo cognitivo</b>	<b>Metáforas linguísticas</b>
TRISTEZA É UM SER VIVO	matar a tristeza, manter a tristeza viva, a tristeza ressuscita.
TRISTEZA É UMA PLANTA	cultivar tristeza, plantar tristeza, colher tristeza, semear tristeza, regar a tristeza.
TRISTEZA É UM VISITANTE INDESEJADO	tristeza volta, tristeza bate na porta, tristeza chega, tristeza chega sem avisar, tristeza vem, tristeza vai, tristeza vem para ficar, tristeza se hospeda, tristeza atravessa a esquina, tristeza passa por aqui, tristeza é mandada embora, tristeza é deixada ir embora, tristeza visita, xô tristeza, bye bye tristeza, tristeza vai, tristeza é levada embora, fazer a tristeza ir embora, tristeza sai, abrir a porta para a tristeza, tristeza se manda, enxotar a tristeza, a tristeza foge.
TRISTEZA É UM DOMINADOR	tristeza reina, tristeza domina, tristeza toma conta, tristeza invade.
TRISTEZA É UM OPOSITOR	se render à tristeza, vencer a tristeza, fugir da tristeza, ser alcançado pela tristeza, ser uma vítima da tristeza, combater a tristeza, ser pego pela tristeza, pelear contra a tristeza, arma contra tristeza, combater a tristeza, enfrentar a tristeza, ser derrubado pela tristeza, ser ultrapassado pela tristeza, ser perseguido pela tristeza.
TRISTEZA É UM HABITANTE	a tristeza habita, a tristeza faz morada, a tristeza faz ninho.
TRISTEZA É UM OBJETO INDESEJADO	tristeza é deixada, tristeza é deixada de lado, tristeza é deixada para lá, tristeza é deixada de canto, tristeza é deixada em casa, tristeza é deixada para trás, tristeza é afastada, tristeza é levada, tristeza é arrastada para longe, tristeza é largada, tristeza é guardada, jogar a tristeza para o ar, jogar a tristeza para cima, jogar a tristeza para o alto, colocar a tristeza em um balão, jogar a tristeza no mar, tristeza é levada pelo vento, tristeza é levada pela correnteza, tristeza é levada pela maré.
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE	tristeza dentro do corpo, tristeza entra no corpo, tristeza sai do corpo, tristeza cabe no corpo.
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE	transbordar de tristeza, ter a tristeza subindo por dentro, botar/por a tristeza para fora, tristeza sai em lágrimas, explodir de tristeza, ter a tristeza escorrendo pelos olhos.
TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE	arrancar a tristeza, tirar a tristeza, tirar os resíduos de tristeza, tristeza é difícil de sair, tristeza não sai.
TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE	tristeza bloqueia o coração, tristeza fecha o coração.
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO	buraco de tristeza, tristeza funda, tristeza profunda, poço de tristeza.
TRISTEZA É UM DANO FÍSICO	tristeza dói, tristeza corrói, tristeza mata, tristeza consome, tristeza enfraquece, desfalecer de tristeza, tristeza destrói, tristeza líquida, tristeza acaba/termina com alguém.

TRISTEZA É UMA DOENÇA	remédio contra tristeza, tristeza é curada, tristeza contagia/contamina/pega.
TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO	antídoto contra tristeza, soro contra tristeza.
TRISTEZA É UMA FORÇA FÍSICA	ser arrastado pela tristeza, a tristeza é devastadora, uma onda de tristeza, tristeza leva tudo, ser arrebatado pela tristeza.
TRISTEZA É UMA CARGA	segurar a tristeza, o peso da tristeza, aguentar a tristeza, estar cansado/desanimado por causa da tristeza, carregar/levar a tristeza, descarregar a tristeza, descontar a tristeza.
TRISTEZA É PARA BAIXO	estar para baixo de tristeza, estar de cabeça baixa de tristeza, afundar-se na tristeza, o vale da tristeza.
TRISTEZA É ESCURIDÃO	a escuridão da tristeza, o negro da tristeza, ausência de sol da tristeza, a falta de luz da tristeza, a nuvem cinzenta da tristeza.
TRISTEZA É VAZIO	o vazio da tristeza.
TRISTEZA É PRISÃO	grades da tristeza, ser libertado da tristeza, estar livre da tristeza.

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro 14, apresentamos o resultado de nossa análise quanto às metáforas conceituais (primárias e complexas) que estruturam os modelos cognitivos metafóricos identificados. Na segunda coluna, os modelos cognitivos são ilustrados com *tweets* que compõem o *corpus*.<sup>34</sup>

Quadro 14 - Metáforas conceituais para os modelos cognitivos de TRISTEZA

Metáforas conceituais	Exemplos
<b>TRISTEZA É UM SER VIVO</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS <sup>35</sup> ATIVIDADE É VIDA <sup>36</sup>	O prazer de saber que você existe é o suficiente para <i>matar</i> a tristeza de nem sempre estar ao seu lado.
<b>TRISTEZA É UMA PLANTA</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA SISTEMAS COMPLEXOS ABSTRATOS SÃO PLANTAS <sup>37</sup>	A tristeza que você <i>planta</i> hoje no coração alheio, <i>colhe</i> em si mesmo amanhã
<b>TRISTEZA É UM VISITANTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES <sup>38</sup> FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS <sup>39</sup>	Quando eu acho que vou ser feliz, a tristeza <i>vem</i> e <i>bate</i> denovo <i>na minha porta</i> .

<sup>34</sup> As mensagens extraídas do Twitter são apresentadas tal como aparecem nesse recurso, não tendo sido corrigidos deslizes gramaticais.

<sup>35</sup> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS INDEPENDENTES (PESSOA, ANIMAL, PLANTA, OBJETO), metáfora ontológica conforme Lakoff e Johnson (1980).

<sup>36</sup> Conforme Grady (1997a).

<sup>37</sup> Conforme Kövecses (2002a).

<sup>38</sup> Conforme Lakoff e Turner (1989) e Grady (1997a).

EXISTÊNCIA É PRESENÇA <sup>40</sup>	
<b>TRISTEZA É UM DOMINADOR</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS FORÇA PSICOLÓGICA É FORÇA FÍSICA <sup>41</sup> DIFICULDADE É UM Oponente <sup>42</sup>	sei la, a tristeza ta me dominando...
<b>TRISTEZA É UM Oponente</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS FORÇA PSICOLÓGICA É FORÇA FÍSICA DIFICULDADE É UM Oponente	E não posso froxa, vou <i>pelear contra</i> essa tristeza pq se não, essa não seria eu
<b>TRISTEZA É UM HABITANTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS O CORPO É UM RECIPIENTE <sup>43</sup> O CORPO É UMA MORADA EXISTÊNCIA É PRESENÇA	Sobre a tristeza: Essa que <i>habita dentro do meu ser.</i>
<b>TRISTEZA É UM OBJETO INDESEJADO</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS EXISTÊNCIA É PRESENÇA	As vezes me conformo, <i>guardo</i> a tristeza,mas quando <i>pego</i> ela <i>de volta</i> ,é muito ruim
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS O CORPO É UM RECIPIENTE	e quanta tristeza <i>cabe</i> em um coração ?
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS O CORPO É UM RECIPIENTE INTENSIDADE É QUANTIDADE <sup>44</sup> INTENSIDADE É CALOR <sup>45</sup> TENSÃO EMOCIONAL É PRESSÃO DENTRO DE UM RECIPIENTE <sup>46</sup>	De fato eu estava <i>transbordando</i> de tristeza naquele dia
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS O CORPO É UM RECIPIENTE EXISTÊNCIA É PRESENÇA	"E tristeza <i>entrou</i> novamente no meu peito de forma que realmente <i>vai ser difícil sair.</i> "
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS O CORPO É UM RECIPIENTE INTENSIDADE É QUANTIDADE / QUANTIDADE É TAMANHO <sup>47</sup> DIFICULDADE É OBSTÁCULO <sup>48</sup>	a tristeza é tão <i>grande</i> que tá <i>bloqueando</i> meu coração.
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS O CORPO É UM RECIPIENTE	Sinto um <i>buraco</i> no peito repleto de tristeza

<sup>39</sup> Conforme Lakoff e Turner (1989) e Grady (1997a).

<sup>40</sup> Conforme Lakoff (1987) e Grady (1997a).

<sup>41</sup> Conforme Lakoff (1993).

<sup>42</sup> Conforme Grady (1997a).

<sup>43</sup> Conforme Lakoff (1987).

<sup>44</sup> Conforme Grady (1997a).

<sup>45</sup> Conforme Grady (1997a).

<sup>46</sup> Conforme Kövecses (2000).

<sup>47</sup> Conforme Grady (1997a).

<sup>48</sup> Conforme Lakoff (1993).

INTENSIDADE É QUANTIDADE	
<b>TRISTEZA É UM DANO FÍSICO</b> DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO <sup>49</sup>	a tristeza me corrói nesse momento :((((((((((((
<b>TRISTEZA É UMA DOENÇA</b> DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO	Talvez a loucura seja o único <i>remédio contra</i> a tristeza.
<b>TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO</b> DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO	Preciso de um <i>antídoto contra</i> tristeza.
<b>TRISTEZA É UMA FORÇA FÍSICA</b> FORÇA PSICOLÓGICA É FORÇA FÍSICA EFEITO É CONTATO FÍSICO <sup>50</sup>	Tristeza sempre <i>nos arrasta</i> para a realidade.
<b>TRISTEZA É UMA CARGA</b> FORÇA PSICOLÓGICA É FORÇA FÍSICA DIFICULDADE É PESO <sup>51</sup>	Daqui a pouco vou começar a <i>andar caindo pro lado esquerdo</i> com todo esse <i>peso</i> (de tristeza) no meu peito.
<b>TRISTEZA É PARA BAIXO</b> TRISTE É PARA BAIXO <sup>52</sup> ESTADOS SÃO LOCAIS <sup>53</sup>	Mais que tristeza que eu to ! Vocês não medem o quanto <i>estou pra baixo</i> ! Enfim vou indo , boa noite : )
<b>TRISTEZA É ESCURIDÃO</b> MAU É ESCURIDÃO <sup>54</sup>	Meu coração está voltado para tristeza: só <i>escuridão</i> . Que a minha alma encontre o <i>caminho do sol</i> .
<b>TRISTEZA É VAZIO</b> O CORPO É UM RECIPIENTE TRISTEZA É FALTA DE CONTEÚDO NO RECIPIENTE	bateu uma tristeza agora... um <i>vazio</i> tão grande poxa .....
<b>TRISTEZA É PRISÃO</b> ESTADOS SÃO LOCAIS DIFICULDADE É OBSTÁCULO	Por mais que tudo esteja difícil... #SORRIAA ! Porque com o sorriso, <i>destruímos as grades da tristeza</i> E temos... <a href="http://t.co/WaHpXfzB9k">http://t.co/WaHpXfzB9k</a>

Fonte: elaborado pela autora.

Dado o nosso interesse em também verificar no *corpus* mapeamentos metafóricos que indiquem aspectos de conceitos de emoção (existência da emoção; avaliação positiva ou negativa; intensidade; desejo; dificuldade; tentativa, perda ou falta de controle; passividade e dano), revisamos, na literatura, metáforas primárias subjacentes à conceptualização desses aspectos, conforme indica o quadro abaixo.

<sup>49</sup> Conforme Grady (1997a).

<sup>50</sup> Conforme Lakoff e Johnson (1980).

<sup>51</sup> Conforme Grady (1997a).

<sup>52</sup> Conforme Lakoff e Johnson (1980) e Grady (1997a).

<sup>53</sup> Conforme Lakoff (1993) e Grady (1997a).

<sup>54</sup> Conforme Grady (1997a).

Quadro 15 - Metáforas primárias para aspectos dos conceitos de emoção

EXISTÊNCIA É PRESENÇA (LAKOFF, 1987; GRADY, 1997a)
AVALIAÇÃO POSITIVA É UMA COISA BOA (ex.: DIREÇÃO PARA CIMA, CLARIDADE, CALOR, VALOR, SAÚDE) (KÖVECSES, 2000)
AVALIAÇÃO NEGATIVA É UMA COISA RUIM (ex.: DIREÇÃO PARA BAIXO, ESCURIDÃO, FRIO, FALTA DE VALOR, DOENÇA) (KÖVECSES, 2000)
INTENSIDADE É QUANTIDADE (KÖVECSES, 2000)
INTENSIDADE É CALOR (GRADY, 1997a)
INTENSIDADE É FORÇA DE EFEITO (KÖVECSES, 2000)
DESEJO É FOME (GRADY, 1997a)
DESEJO/PROPÓSITO É UM OBJETO DESEJADO (GRADY, 1997a)
DESEJO/PROPÓSITO É UM DESTINO (GRADY, 1997a)
DIFICULDADE É OBSTÁCULO (LAKOFF, 1993)
DIFICULDADE É PESO (GRADY, 1997a)
DIFICULDADE É Oponente (GRADY, 1997a)
CONTROLE É SEGURAR (KÖVECSES, 2002a)
CONTROLE É EXERCER FORÇA (KÖVECSES, 2000)
CONTROLE É RACIONALIDADE (LAKOFF; JOHNSON, 1980)
PASSIVIDADE É SOFRER O EFEITO FÍSICO DE UMA FORÇA (KÖVECSES, 2000)
DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO (GRADY, 1997a)

Fonte: elaborado pela autora.

Buscamos verificar na análise realizada como os modelos cognitivos metafóricos identificados no *corpus* podem elaborar essas metáforas primárias em metáforas mais complexas, as quais também seriam subjacentes à conceptualização das categorias emocionais. Como os aspectos descritos são comuns às emoções prototípicas, o quadro 15 servirá de referência não só ao estudo de TRISTEZA, mas também à análise do conceito de FELICIDADE, apontada no próximo subcapítulo.

No quadro 16, apresentamos os resultados da investigação dos aspectos emocionais para TRISTEZA. Conforme discutimos no capítulo 3, cada construção metafórica foca em algum(s) aspecto(s) específico(s). Dessa forma, procuramos observar nas ocorrências do *corpus* quais aspectos foram mais pronunciados para cada um dos modelos cognitivos identificados, como passamos a demonstrar.

Quadro 16 - Aspectos do conceito de TRISTEZA

<p><b>TRISTEZA É UM SER VIVO</b>  EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É VIDA DE UM SER  AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UM SER VIVO INDESEJADO  DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE MATAR UM SER VIVO  TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTAR MATAR UM SER VIVO</p>	<p>E pra <i>matar a tristeza</i> nessa mesa de bar, quero tomar todas vou me embriagar se eu pegar no sono me deite no chão . .</p> <p>A tristeza acaba de <i>resussitar</i></p>
---	--

<p><b>TRISTEZA É UMA PLANTA</b>  EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É VIDA DE UMA PLANTA  DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE MATAR UMA PLANTA  TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTAR MATAR UMA PLANTA INDESEJADA</p>	<p>Não vou <i>cultivar</i> tristeza ficar sofrendo é besteira</p> <p>Está na hora de você parar de <i>regar</i> essa tristeza..</p>
<p><b>TRISTEZA É UM VISITANTE</b>  EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É PRESENÇA DE UM VISITANTE  AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UM VISITANTE INDESEJADO  DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE NÃO RECEBER A VISITA DE ALGUÉM INDESEJADO  TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTAR MANDAR EMBORA UM VISITANTE INDESEJADO</p>	<p>As vezes a tristeza <i>vem</i> e se <i>hospeda</i> um tempo.</p> <p>Tristeza, não me <i>visite</i> nunca mais, por favor!!!</p> <p>Eu <i>enxotei</i> a tristeza e ela <i>fugiu</i>.</p>
<p><b>TRISTEZA É UM DOMINADOR</b>  INTENSIDADE DA TRISTEZA É FORÇA DE UM DOMINADOR  DIFICULDADE PARA LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE PARA LIDAR COM UM DOMINADOR  PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É NÃO CONSEGUIR CONTER UM DOMINADOR  PASSIVIDADE NA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO DE UM DOMINADOR</p>	<p>Tristeza <i>reinando</i> =(</p> <p>Que Deus tire de mim a tristeza que <i>invade</i> meu coração.</p> <p>E de repente Bum! A tristeza <i>toma conta</i>...e eu não sei o que fazer.</p>
<p><b>TRISTEZA É UM Oponente</b>  INTENSIDADE DA TRISTEZA É FORÇA DE UM Oponente  DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE PARA VENCER OU PARA LIVRAR-SE DE UM Oponente  TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTAR VENCER OU LIVRAR-SE UM Oponente  PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É SER VENCIDO OU ALCANÇADO POR UM Oponente</p>	<p><i>fugi</i> da tristeza mas quando ela chegou em mim me <i>derrubou</i></p> <p>"Acelero o passo, para que a tristeza não me <i>ultrapasse</i></p> <p>Triste pra cacete, péssimo dia! Champignon, Mais um cara que <u>se rendeu</u> a tristeza, que perdeu a fé, que perdeu a vontade de viver...</p>
<p><b>TRISTEZA É UM HABITANTE</b>  EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É PRESENÇA DE UM HABITANTE INDESEJADO  AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UM HABITANTE INDESEJADO  DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE UM HABITANTE  TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTAR LIVRAR-SE DE UM HABITANTE INDESEJADO</p>	<p>Não deixe que a tristeza faça de ti uma <i>morada!</i></p> <p>A tristeza <i>pousou</i> em minha cabeça e fez um <i>ninho</i> em mim</p>
<p><b>TRISTEZA É UM OBJETO INDESEJADO</b>  EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É PRESENÇA DE UM OBJETO  AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UM OBJETO INDESEJADO  DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE NÃO TER A PRESENÇA DE UM OBJETO  TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTATIVA DE AFASTAR UM OBJETO INDESEJADO</p>	<p><i>Afastando pra longe</i> toda tristeza, hoje o que eu quero é só sorrir.</p> <p>Que o <i>vento leve</i> toda a minha tristeza.</p> <p><i>Larga</i> dessa tristeza e volte a sorrir.</p>
<p><b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</b>  EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É PRESENÇA DE CONTEÚDO DENTRO DO CORPO</p>	<p>Cara nao sei uq e essa tristeza <i>dentro de mim</i> namoral :/</p>
<p><b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO AQUECIDO OU EM GRANDE QUANTIDADE EM UM RECIPIENTE</b>  INTENSIDADE DA TRISTEZA É QUANTIDADE DE CONTEÚDO NO RECIPIENTE  INTENSIDADE DA TRISTEZA É CALOR DO CONTEÚDO NO RECIPIENTE  DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE PARA CONTER UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</p>	<p>De fato eu estava <i>transbordando</i> de tristeza naquele dia;</p> <p>To <i>explodindo</i> de tristeza</p> <p>Por não <i>cabem</i> mais no meu peito essa tristeza está <i>saindo</i> em lágrimas;</p>



<p>PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É NÃO CONSEGUIR CONTER CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</p> <p>PASSIVIDADE NA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO FÍSICO DE UM CONTEÚDO EXTRAVASANDO UM RECIPIENTE</p>	<p>Desculpe gente, mas tive que <i>por pra fora</i> um pouco da minha tristeza;</p>
<p><b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE</b></p> <p>DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É OBSTÁCULO À REMOÇÃO DE CONTEÚDO DO RECIPIENTE</p> <p>DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE REMOVER CONTEÚDO DO RECIPIENTE</p> <p>PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É NÃO CONSEGUIR REMOVER O CONTEÚDO DO RECIPIENTE</p> <p>PASSIVIDADE NA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO DE UM CONTEÚDO RETIDO NO RECIPIENTE</p>	<p>Não sei mais o que faço pra <i>arrancar</i> do meu peito essa tristeza;</p> <p>Alguém pra <i>tirar</i> essa tristeza do meu corpo. É que eu já não tô dando conta de fazer isso sozinha.</p>
<p><b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE</b></p> <p>INTENSIDADE DA TRISTEZA É TAMANHO DO CONTEÚDO NO RECIPIENTE</p> <p>DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É UM CONTEÚDO BLOQUEANDO O RECIPIENTE</p> <p>DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE REMOVER UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE</p>	<p>a tristeza é tão <i>grande</i> que tá <i>bloqueando</i> meu coração.</p> <p>A alegria <i>abre</i>, a tristeza <i>fecha</i> o coração.</p>
<p><b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO</b></p> <p>INTENSIDADE DA TRISTEZA É PROFUNDIDADE DE CONTEÚDO NO RECIPIENTE</p> <p>DIFICULDADE DE LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE PARA FECHAR O RECIPIENTE</p>	<p>Tem horas que teu coração aperta e aparece a tristeza mais <i>funda</i> do mundo</p> <p>to com uma tristeza tão grande no meu coração, parece que esse <i>buraco</i> de dor nunca vai se <i>fechar</i> :'(</p>
<p><b>TRISTEZA É UM DANO FÍSICO</b></p> <p>AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UM DANO FÍSICO</p> <p>PASSIVIDADE DA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO DE UM DANO FÍSICO</p> <p>DANO DA TRISTEZA É UM DANO FÍSICO</p>	<p>A tristeza <i>dói</i> e os olhos ardem até caírem lágrimas</p> <p>K maldita tristeza k esta <i>acabando comigo</i>, é algo que eu não consigo evitar</p>
<p><b>TRISTEZA É UMA DOENÇA</b></p> <p>AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UMA DOENÇA</p> <p>PASSIVIDADE DA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO DE UMA DOENÇA</p> <p>DANO DA TRISTEZA É UMA DOENÇA</p>	<p>A <i>cura</i> para a tristeza é sentir-se AMADO</p> <p>Medo da minha tristeza de hoje ser tão grande a ponto de <i>contagiar</i> toda a vizinhança</p>
<p><b>TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO</b></p> <p>AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO</p> <p>PASSIVIDADE DA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO DE UM ENVENENAMENTO</p> <p>DANO DA TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO</p>	<p>Preciso de um <i>antídoto</i> contra tristeza.</p> <p>O <i>veneno</i> que jogaram na minha alegria, virou <i>soro</i> contra a minha tristeza</p>
<p><b>TRISTEZA É UMA FORÇA FÍSICA</b></p> <p>INTENSIDADE DA TRISTEZA É O EFEITO DE UMA FORÇA FÍSICA</p> <p>PASSIVIDADE NA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO DE UMA FORÇA FÍSICA</p> <p>DANO DA TRISTEZA É DANO FÍSICO DE SER IMPACTADO POR UMA FORÇA FÍSICA</p>	<p>As vezes a tristeza vem assim, <i>repentina</i> e <i>devastadora</i>, levando tudo com ela</p> <p>Tristeza sempre nos <i>arrasta</i> para a realidade.</p>
<p><b>TRISTEZA É UMA CARGA</b></p> <p>INTENSIDADE DA TRISTEZA É PESO DE UMA CARGA</p> <p>DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE PARA CARREGAR UMA CARGA</p> <p>PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É NÃO CONSEGUIR SEGURAR OU CARREGAR UMA CARGA</p>	<p>Daqui a pouco vou começar a <i>andar caindo pro lado esquerdo</i> com todo esse <i>peso</i> (de tristeza) no meu peito.</p> <p>Eu nao to conseguido <i>segurar</i> minha tristeza eu to chorando :(((</p>

PASSIVIDADE NA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO FÍSICO DE UMA CARGA DANO DA TRISTEZA É DANO FÍSICO DE CARREGAR UMA CARGA	aiiii...que tristeza...que eu estou... <i>desanimada cansadaa...</i>
<b>TRISTEZA É PARA BAIXO</b> AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É PARA BAIXO INTENSIDADE DA TRISTEZA É EXTENSÃO DA INCLINAÇÃO OU PROFUNDIDADE DE UMA LOCALIZAÇÃO PARA BAIXO PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É NÃO CONSEGUIR MANTER UMA POSIÇÃO ERETA OU NÃO CONSEGUIR SAIR DE UMA LOCALIZAÇÃO PARA BAIXO	Mais que tristeza que eu to ! Vocês não medem o quanto estou <i>pra baixo</i> ! Enfim vou indo , boa noite : )  Já estou <i>me afundando</i> em tristeza agora, e pra completar estou ouvindo "Wake Me Up When September Ends"
<b>TRISTEZA É ESCURIDÃO</b> AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É ESCURIDÃO DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE EM LIDAR COM A ESCURIDÃO	A tristeza é o <i>lado negro</i> . Não vá para esse lado.  Aprendi que nem tudo são flores, <i>nem todos os dias têm sol</i> . Mas não há tristeza que não passe
<b>TRISTEZA É VAZIO</b> AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É VAZIO INTENSIDADE DA TRISTEZA É NÍVEL DO VAZIO NO RECIPIENTE TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTATIVA DE PREENCHER O VAZIO	bateu uma tristeza agora... um <i>vazio</i> tão grande poxa .....  Ei princesa, não é um namorado que vai <i>preencher o vazio</i> da tristeza no seu coração. É Deus quem faz isto! Não confunda as coisas
<b>TRISTEZA É PRISÃO</b> AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É PRISÃO DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE PARA SAIR DE UMA PRISÃO	#SORRIAA ! Porque com o sorriso, destruimos <i>as grades</i> da tristeza  Se não soubermos esquecer, nunca estaremos <i>livres</i> de tristeza.

Fonte: elaborado pela autora.

Seguindo as mesmas etapas da investigação do conceito de TRISTEZA, apresentamos, no próximo subcapítulo, os resultados encontrados com a análise do conceito de FELICIDADE.

## 5.2 A CONCEPTUALIZAÇÃO DE FELICIDADE

Com a análise das sentenças metafóricas do *corpus* para o conceito de FELICIDADE, identificamos 14 modelos cognitivos idealizados metafóricos, sendo que os mesmos podem ser enquadrados em dois grupos mais amplos - FELICIDADE COMO SER VIVO e FELICIDADE COMO OBJETO OU SUBSTÂNCIA - e em quatro grupos mais específicos - FELICIDADE COMO DESTINO ALMEJADO, FELICIDADE COMO DESCONTROLE FÍSICO, FELICIDADE COMO INSANIDADE e FELICIDADE COMO LUZ. Destacamos,

no quadro abaixo, os modelos detectados e o número de ocorrências metafóricas associadas a cada um deles.

Quadro 17 - Modelos cognitivos metafóricos para FELICIDADE

Modelo cognitivo	Nº de ocorrências
<b>FELICIDADE COMO SER VIVO</b>	
FELICIDADE É UMA PESSOA	10
FELICIDADE É UM VISITANTE BEM-VINDO	20
FELICIDADE É UM DOMINADOR	12
FELICIDADE É UM HABITANTE	5
FELICIDADE É UM VÍRUS	9
<b>FELICIDADE COMO OBJETO OU SUBSTÂNCIA</b>	
FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO	22
FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO	24
FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO	20
FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE	7
FELICIDADE É UM CONTEÚDO AQUECIDO OU EM GRANDE QUANTIDADE EM UM RECIPIENTE	14
<b>FELICIDADE COMO DESTINO ALMEJADO</b>	20
<b>FELICIDADE COMO DESCONTROLE FÍSICO</b>	17
<b>FELICIDADE COMO INSANIDADE</b>	13
<b>FELICIDADE COMO LUZ</b>	7

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro 18, foram sistematizadas as metáforas linguísticas encontradas no *corpus* para cada modelo cognitivo metafórico identificado para o conceito de FELICIDADE.

Quadro 18 - Metáforas linguísticas para FELICIDADE

Modelo cognitivo	Metáforas linguísticas
FELICIDADE É UMA PESSOA	a felicidade sorri, andar de mão com a felicidade, a felicidade anda lado a lado, a felicidade encontra alguém ou se deixa ser encontrada, a felicidade segue alguém, a felicidade vem ao encontro e fica, a felicidade abandona, a felicidade fala, felicidade acompanha.
FELICIDADE É UM VISITANTE BEM-VINDO	felicidade bate à porta, felicidade volta, felicidade chega, felicidade parte, felicidade é bem-vinda, felicidade entra, fechar a porta na cara da felicidade, felicidade vai, felicidade vem, felicidade corre para longe, felicidade é esperada, felicidade vem ver alguém, felicidade demora a chegar, felicidade vem junto, felicidade traz alguém, felicidade para e fica, felicidade fica com alguém, felicidade vai embora, felicidade vem para ficar, felicidade leva alguém.
FELICIDADE É UM DOMINADOR	felicidade domina, felicidade invade, felicidade toma

	conta, felicidade impera, felicidade reina, felicidade manda.
FELICIDADE É UM HABITANTE	a felicidade mora, o endereço da felicidade.
FELICIDADE É UM VÍRUS	felicidade contamina, felicidade é contagiosa, felicidade contagiante, felicidade pega, felicidade contagia, vírus da felicidade.
FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO	comprar felicidade, devolver a felicidade, quebrar a felicidade, deixar/colocar a felicidade nas mãos de alguém, felicidade é tirada de alguém, dar felicidade, trazer felicidade, ter a felicidade nas mãos, destruir a felicidade, o artífice da felicidade, pegar a felicidade, por a felicidade, atrair felicidade, felicidade está em algum lugar, estragar a felicidade, roubar a felicidade, ser dono da felicidade.
FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO	buscar a felicidade, procurar a felicidade, encontrar a felicidade, cadê a felicidade?, segredo da felicidade, estar atrás da felicidade, achar a felicidade, conseguir a felicidade, atingir a felicidade.
FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO	dividir a felicidade, compartilhar felicidade, espalhar felicidade, esbanjar felicidade, partilhar felicidade.
FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE	felicidade está dentro, felicidade no olhar, felicidade vem de nós.
FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO OU EM UM RECIPIENTE	ter uma grande felicidade dentro do peito, encher alguém de felicidade, felicidade não cabe em alguém, explodir de felicidade, olhos cheios de felicidade, transpirar felicidade, felicidade exala, arrebentar de felicidade, felicidade emana.
FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO	o caminho para a felicidade, ser conduzido à felicidade, caminhar para a felicidade, ter como destino a felicidade, fronteira para a felicidade, fazer as malas e ir rumo à felicidade, apontar e remar para a felicidade, onde fica a felicidade?, a(s) porta(s) da felicidade, passo para a felicidade, estação da felicidade, chave da felicidade, atalho que leva à felicidade.
FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO	babar de felicidade, parir de felicidade, chorar de felicidade, pular de felicidade, morrer de felicidade, desmaiar de felicidade, gritar de felicidade, saltitar de felicidade.
FELICIDADE É INSANIDADE	pirar de felicidade, estar no chão esperneando e berrando de felicidade, enlouquecer de felicidade, botar fogo em tudo de felicidade, dar um beijo na boca da vó de tanta felicidade, gritar de felicidade, quebrar o quarto de tanta felicidade, estar insano de felicidade, atirar-se da ponte de tanta felicidade, surtar de felicidade.
FELICIDADE É LUZ	Iluminar-se de felicidade, brilho de felicidade, ter luz nos olhos de felicidade, a luz da felicidade, brilhar de felicidade.

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro 19, logo abaixo, apresentamos as metáforas conceptuais que, em nossa análise, seriam subjacentes aos modelos cognitivos metafóricos encontrados para FELICIDADE.

Quadro 19 - Metáforas conceptuais para os modelos cognitivos de FELICIDADE

Metáforas conceptuais	Exemplos
<p><b>FELICIDADE É UMA PESSOA</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS</p>	<p>Depende de nós pra felicidade <i>voltar a sorrir</i> para a gente.</p>
<p><b>FELICIDADE É UM VISITANTE BEM-VINDO</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS EXISTÊNCIA É PRESENÇA</p>	<p>"Vontade de dormir e só acordar com o barulho da felicidade <i>batendo na porta.</i>"</p>
<p><b>FELICIDADE É UM DOMINADOR</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS FORÇA PSICOLÓGICA É FORÇA FÍSICA</p>	<p>E a felicidade que me <i>domina</i> agora? Não consigo parar de sorrir *...* <a href="http://t.co/nhwJwasHGj">http://t.co/nhwJwasHGj</a></p>
<p><b>FELICIDADE É UM HABITANTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EVENTOS SÃO AÇÕES FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS EXISTÊNCIA É PRESENÇA</p>	<p>— A minha felicidade. — O que tem ela? — <i>Mora</i> ai. — Onde? — naquela paisagem.</p>
<p><b>FELICIDADE É UM VÍRUS</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS ATIVIDADE É VIDA EXISTÊNCIA É PRESENÇA</p>	<p>E ele realmente <i>pegou o vírus</i> da felicidade, é só olhar para saber.</p>
<p><b>FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS EXISTÊNCIA É PRESENÇA PROPÓSITO É UM OBJETO DESEJADO</p>	<p>Preciso de dinheiro para <i>comprar</i> mais felicidade.</p>
<p><b>FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS EXISTÊNCIA É PRESENÇA PROPÓSITO É UM OBJETO DESEJADO DIFICULDADE É OBSTÁCULO</p>	<p>Agora eu vou ... <i>Buscar</i> a minha felicidade. Seja na terra, na água, no céu, aqui, ou em outra cidade...</p>
<p><b>FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS EXISTÊNCIA É PRESENÇA COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS É COMPARTILHAR OBJETOS<sup>55</sup></p>	<p>boa noite a todos internautas hoje estou feliz e quero <i>partilhar</i> a minha felicidade com todos vocês</p>
<p><b>FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS O CORPO É UM RECIPIENTE</p>	<p>A felicidade <i>está dentro de nós</i>, não <i>fora</i>, portanto, não depende do que temos, mas do que</p>

<sup>55</sup> Conforme Kövecses (2000).

	somos.
<b>FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO OU EM UM RECIPIENTE</b> EXPERIÊNCIAS ABSTRATAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS O CORPO É UM RECIPIENTE INTENSIDADE É QUANTIDADE INTENSIDADE É CALOR TENSÃO EMOCIONAL É PRESSÃO DENTRO DE UM RECIPIENTE	Quando eu soube que os meninos estavam concorrendo ao EMA , eu nao acreditei to muito feliiiiiz ahah to <i>arrebentando</i> de tanta felicidade
<b>FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO</b> ESTADOS SÃO LOCAIS PROPÓSITOS SÃO DESTINOS	Agente leva a vida inteira pra <i>achar o caminho</i> da felicidade.
<b>FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO</b> CONTROLE É SEGURAR FALTA DE CONTROLE É NÃO CONSEGUIR CONTER-SE FISICAMENTE AUTOCONTROLE É TER PÉS NO CHÃO, É ESTAR EM UMA POSIÇÃO NORMAL <sup>56</sup>	Já <i>pulei e gritei</i> de tanta felicidade; Já vivi de amor e fiz muitas juras eternas... "quebrei a cara muitas vezes!"
<b>FELICIDADE É INSANIDADE</b> CONTROLE É RACIONALIDADE <sup>57</sup> FALTA DE CONTROLE É INSANIDADE	É TANTA FELICIDADE QUE <i>TO BOTANDO FOGO EM TUDO!!</i>
<b>FELICIDADE É LUZ</b> BOM É LUZ <sup>58</sup>	Ele leu os SMS que a Lari me mandou, e se <i>iluminou</i> de felicidade quando viu um em especial

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro 20, indicamos, para cada modelo cognitivo, os aspectos dos conceitos emocionais mais evidentes na análise da conceptualização de FELICIDADE e exemplificamos com ocorrências do *corpus*.

Quadro 20 - Aspectos do conceito de FELICIDADE

<b>FELICIDADE É UMA PESSOA</b> EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UMA PESSOA AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UMA PESSOA ESTIMADA	E a felicidade <i>veio ao meu encontro e ficará</i> para sempre <i>comigo</i>  <i>ando de mão dada</i> com a felicidade, não importa quem esteja do meu lado, é assim que vai ser.
<b>FELICIDADE É UM VISITANTE</b> EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UM VISITANTE AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UM VISITANTE ESTIMADO DESEJO DE EXPERIENCIAR A FELICIDADE É DESEJO DE RECEBER OU MANTER A VISITA DE UM VISITANTE ESTIMADO PERDA DE CONTROLE DA FELICIDADE É NÃO CONSEGUIR SEGURAR UM VISITANTE ESTIMADO	<i>Receba</i> bem a sua própria felicidade, antes que ela <i>corra</i> pra longe de você.  Tô cansando dessa felicidade que <i>bate na porta e sai correndo</i> .

<sup>56</sup> Conforme Lakoff e Johnson (1999).

<sup>57</sup> Conforme Lakoff e Johnson (1980).

<sup>58</sup> Conforme Grady (1997a).

<p><b>FELICIDADE É UM DOMINADOR</b>          INTENSIDADE DA FELICIDADE É FORÇA DE UM DOMINADOR          PASSIVIDADE NA FELICIDADE É SOFRER O EFEITO DE UM DOMINADOR</p>	<p>E a felicidade que me <i>domina</i> agora?          Não consigo parar de sorrir *--*  <a href="http://t.co/nhwJwasHGj">http://t.co/nhwJwasHGj</a>          ~ Entre o certo e o errado a felicidade <i>ta mandando</i> !!</p>
<p><b>FELICIDADE É UM HABITANTE</b>          EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UM HABITANTE          AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UM HABITANTE ESTIMADO          DESEJO DE EXPERIENCIAR A FELICIDADE É DESEJO DE ENCONTRAR A RESIDÊNCIA DE ALGUÉM ESTIMADO          TENTATIVA DE CONTROLE DA FELICIDADE É TENTAR SABER ONDE ALGUÉM ESTIMADO RESIDE</p>	<p>- Uma passagem, por favor. - E qual destino? - Não sei. Onde <i>mora</i> a felicidade?          segue seu rumo!<i>procura o endereço</i> da sua felicidade mesmo que sofra</p>
<p><b>FELICIDADE É UM VÍRUS</b>          EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UM VÍRUS          INTENSIDADE DA FELICIDADE É FORÇA DE EFEITO DE UM VÍRUS          PERDA DE CONTROLE É NÃO CONSEGUIR CONTER UM VÍRUS          PASSIVIDADE NA FELICIDADE É SOFRER O EFEITO DE UM VÍRUS</p>	<p>E ele realmente <i>pegou o vírus</i> da felicidade, é só olhar para saber.          A FELICIDADE DO ZAYN QUANDO TA COM A PERRIE É IMPRESSIONANTE <i>SUPER CONTAGIOSA</i> NOSSA MEU DEUS          Fui <i>contaminada</i> pela felicidade do Pedro Henrique. Vejam só!!!</p>
<p><b>FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO</b>          EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UM OBJETO DESEJADO          AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO          INTENSIDADE DA FELICIDADE É QUANTIDADE DE UM OBJETO DESEJADO          DESEJO DE EXPERIENCIAR A FELICIDADE É DESEJO DE TER UM OBJETO          DIFICULDADE DA FELICIDADE É DIFICULDADE DE TER OU MANTER UM OBJETO DESEJADO</p>	<p>Fale comigo sempre que você estiver triste, eu lhe <i>darei</i> muita felicidade          Doce ilusão de vocês pensarem que irei ficar assistindo de braços cruzados minha felicidade <i>sendo tirada de mim</i>. Não vai ser fácil viu!? ;)          Ela ama <i>estragar</i> a minha felicidade... Só pode</p>
<p><b>FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO</b>          EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UM OBJETO DESEJADO          AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO          DESEJO DE EXPERIENCIAR A FELICIDADE É DESEJO DE ENCONTRAR UM OBJETO          DIFICULDADE DA FELICIDADE É UM OBSTÁCULO PARA ENCONTRAR UM OBJETO DESEJADO ESCONDIDO</p>	<p>Desesperadamente <i>busquei</i> a felicidade, desesperado aceitei qualquer coisa como felicidade, desesperadamente me perdi, até q achei em verdade          O <i>segredo para encontrar</i> felicidade é parar de comparar a sua vida, com a vida dos outros... tudo é vaidade, viva o seu, com o que você tem.</p>
<p><b>FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO</b>          EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UM BEM          AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UM BEM          INTENSIDADE DA FELICIDADE É QUANTIDADE DE UM BEM          PERDA DE CONTROLE DA FELICIDADE É DIVIDIR UM BEM</p>	<p>iiiih tou muito muito feliz,gostaria d <i>compartilhar</i> com alguem a minha felicidade poow          Não aguentei, é tanta felicidade, precisei <i>dividir</i> com alguém.</p>
<p><b>FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</b>          EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE CONTEÚDO DENTRO DO CORPO</p>	<p>' A FELICIDADE MAIOR <i>ESTA DENTRO DE NOS</i> " BOA NOITE</p>
<p><b>FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO OU EM UM RECIPIENTE</b></p>	

<p>INTENSIDADE DA FELICIDADE É QUANTIDADE DE CONTEÚDO NO RECIPIENTE</p> <p>INTENSIDADE DA FELICIDADE É CALOR DO CONTEÚDO NO RECIPIENTE</p> <p>DIFICULDADE DA FELICIDADE É DIFICULDADE PARA CONTER O CONTEÚDO NO RECIPIENTE</p> <p>PERDA DE CONTROLE DA FELICIDADE É NÃO CONSEGUIR CONTER O CONTEÚDO NO RECIPIENTE</p>	<p>ñ ta <i>cabendo</i> tanta felicidade <i>em mim</i> !!!</p> <p>Festa surpresa! Parabéns pra mim! Eu vou <i>explodir de felicidade</i>!!!</p> <p><a href="http://t.co/tynFWWavap">http://t.co/tynFWWavap</a></p>
<p><b>FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO</b></p> <p>AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO</p> <p>DESEJO DE EXPERIENCIAR A FELICIDADE É DESEJO DE CHEGAR A UM DESTINO ALMEJADO</p> <p>DIFICULDADE DA FELICIDADE É OBSTÁCULO PARA ENCONTRAR OU PARA CHEGAR A UM DESTINO ALMEJADO</p>	<p>Viver Feliz <i>Onde fica a fronteira</i> para a felicidade?</p> <p>O <i>caminho</i> para felicidade ainda existe, é uma <i>trilha estreita em meio a selva triste</i>.</p>
<p><b>FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO</b></p> <p>INTENSIDADE DA FELICIDADE É NÍVEL DO DESCONTROLE FÍSICO</p> <p>DIFICULDADE DA FELICIDADE É DIFICULDADE DE CONTROLE FÍSICO</p> <p>FALTA DE CONTROLE DA FELICIDADE É FALTA DE CONTROLE FÍSICO</p> <p>PASSIVIDADE NA FELICIDADE É SOFRER O EFEITO DO DESCONTROLE FÍSICO</p> <p>DANO DA FELICIDADE É DANO FÍSICO PROVOCADO PELO DESCONTROLE</p>	<p>pensa numa tia <i>babando</i> de felicidade *-</p> <p>DIA 26/10 VAI TER SHOW DOS MENINOS AQUI EM SALVADOR, CARALHO. TO <i>SALTITANDO</i> DE FELICIDADE</p> <p>Não tenho como controlar, to <i>desmaiando</i> de felicidade</p>
<p><b>FELICIDADE É INSANIDADE</b></p> <p>INTENSIDADE DA FELICIDADE É O NÍVEL DA INSANIDADE</p> <p>DIFICULDADE DA FELICIDADE É DIFICULDADE EM MANTER A RACIONALIDADE</p> <p>FALTA DE CONTROLE DA FELICIDADE É FALTA DE CONTROLE DA RACIONALIDADE</p> <p>PASSIVIDADE NA FELICIDADE É SOFRER O EFEITO DA INSANIDADE</p> <p>DANO DA FELICIDADE É DANO FÍSICO PROVOCADO PELA INSANIDADE</p>	<p><i>Dando um beijo na boca da minha vó,</i> tamanha a felicidade</p> <p>CARA N TO ACREDITANDO, Q FELICIDADE MONSTRA,VOU <i>GRITAR, QUEBRAR MEU QUARTO TODO</i></p> <p>Eu me <i>atirava da ponte</i> de tanta felicidade #MPN #JustinBieber</p> <p><a href="http://t.co/9ODOUbeNvx">http://t.co/9ODOUbeNvx</a></p>
<p><b>FELICIDADE É LUZ</b></p> <p>AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É LUZ</p> <p>INTENSIDADE DA FELICIDADE É INTENSIDADE DA LUZ</p>	<p>A felicidade é uma <i>luz que não deixa escurecer a sua vida</i>..</p> <p>vcs podem ver a <i>luz nos meus olhos</i> de felicidade em ter essa nova oportunidade</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Concluídas as etapas de identificação em *corpus* de modelos cognitivos metafóricos para TRISTEZA e FELICIDADE, sistematização de metáforas linguísticas para cada categoria em análise, identificação de metáforas conceptuais subjacentes aos modelos cognitivos encontrados e verificação de como são conceptualizados aspectos dos conceitos de emoção, passamos a seguir a discutir esses dados. No último subcapítulo, buscamos verificar em que medida os modelos cognitivos metafóricos identificados se aproximam do protótipo



de emoção, apontar similaridades e diferenças entre as duas categorias analisadas, retomar a manifestação dos aspectos de conceitos de emoção nos modelos analisados e comparar os resultados evidenciados para a língua portuguesa com aqueles encontrados para a língua inglesa.

### 5.3 DISCUSSÃO DOS DADOS

Como discutimos na revisão teórica, pesquisas dedicadas à investigação do domínio emocional em outras línguas têm apontado a metáfora EMOÇÃO É FORÇA como um protótipo de emoção, sendo que o domínio-fonte FORÇA poderia ser elaborado de várias formas nas metáforas conceptuais implícitas nos conceitos de emoção, como, por exemplo, força da natureza, fogo, oponente, etc.

Analisando os modelos cognitivos metafóricos que identificamos para os conceitos TRISTEZA e FELICIDADE, podemos indicar vários modelos que se aproximam desse protótipo na língua portuguesa. Primeiramente, para o conceito de TRISTEZA, destacamos o modelo TRISTEZA É UMA FORÇA FÍSICA, em que os exemplos do *corpus* descrevem essa emoção como uma força que age fisicamente sobre o sujeito, causando-lhe um impacto (*Às vezes a tristeza vem assim, repentina e devastadora, levando tudo com ela; Não sei por que, mas uma onda de tristeza e de vontade de chorar me arrebateu*). Outra elaboração evidente do protótipo seria o modelo TRISTEZA É UMA CARGA, em que a tristeza é tomada como um peso que tem que ser sustentado ou carregado por aquele que experiencia a emoção, o que ocorre com dificuldade (*Não aguento mais carregar tanta tristeza dentro do meu peito; Para onde você for vai levar essa tristeza com você*).

Também o modelo TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE se aproxima do protótipo, pois, nesse caso, a tristeza é conceptualizada como um conteúdo que exerce força contra o recipiente (o corpo do indivíduo), tendendo a extravasar o recipiente (*Vai me subindo uma tristeza por dentro; Tô explodindo de tristeza*). Essa mesma concepção de força também é verificada na conceptualização de FELICIDADE, em que, do mesmo modo, identificamos o modelo FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE (*A festa encheu as pessoas de felicidade; E o coração explode na maior felicidade de ter uma oportunidade assim*).

Os modelos TRISTEZA É UM DOMINADOR e FELICIDADE É UM DOMINADOR elaboram o domínio-fonte de força à medida que conceptualizam os conceitos de TRISTEZA e FELICIDADE como um agente que exerce domínio e poder em relação ao sujeito, subjugando-o, como podemos perceber nas passagens extraídas do *corpus* (*Até quando você vai deixar a tristeza tomar conta de você?; Há dias que a tristeza me invade; Cara, felicidade imperando!; Sabe, quando a felicidade invade quando pensa na imagem da pessoa*). De forma similar, para TRISTEZA, identificamos o modelo metafórico TRISTEZA É UM Oponente, em que a emoção é tomada como um agente de força que corresponde a uma pessoa em uma posição contrária, contra a qual o sujeito tende a travar um embate, podendo vencer ou perder (*Sorri pra vencer a tristeza; Eu sou uma vítima da tristeza*).

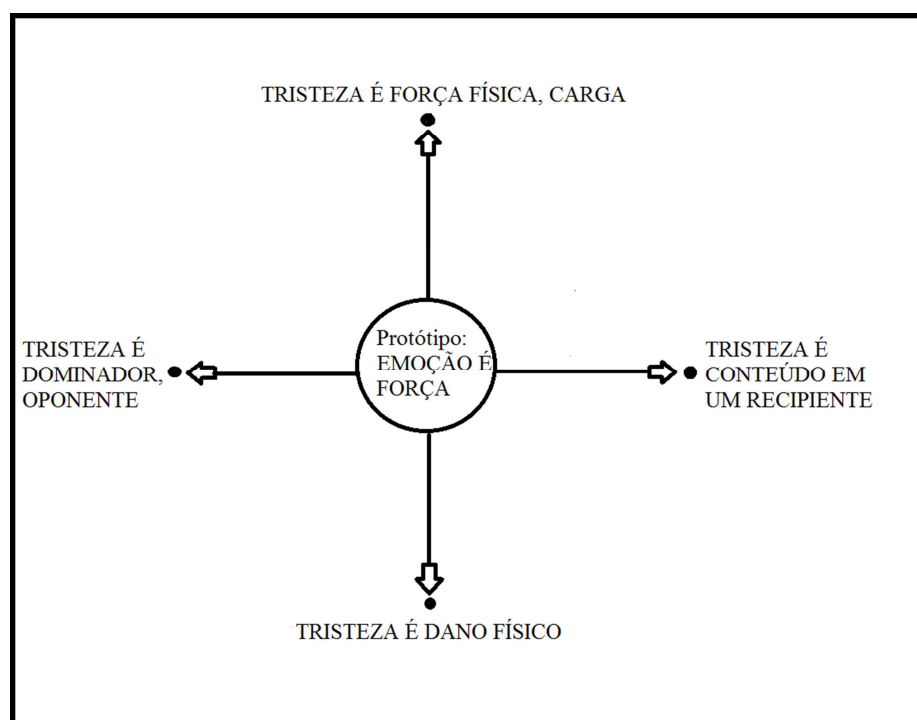
Os modelos cognitivos vislumbrados que focam no aspecto do dano associado à tristeza (TRISTEZA É DANO FÍSICO, TRISTEZA É DOENÇA e TRISTEZA É ENVENENAMENTO) também aparecem como uma elaboração do modelo genérico EMOÇÃO É FORÇA. Nesses casos, a categoria TRISTEZA é conceptualizada como uma força que age contra o sujeito para enfraquecê-lo ou destruí-lo, causando um impacto físico ao mesmo, como um ferimento, uma doença, um envenenamento (*Tristeza que me enfraquece; Às vezes queria poder ter a cura da tristeza de algumas pessoas*).

Para o conceito de FELICIDADE, outra elaboração do domínio FORÇA seria aquela vislumbrada pelo modelo cognitivo FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO, sendo que a emoção, nesse caso, é compreendida como uma força intensa que age sobre o sujeito, provocando o seu descontrole físico, levando o mesmo a ter reações que não teria em estado normal, como se percebe nas ocorrências do *corpus* (*saltitando de felicidade, desmaiando de felicidade*). Similarmente, no modelo metafórico FELICIDADE É INSANIDADE, nota-se que o domínio-fonte de FORÇA também é compreendido como uma força intensa que provoca descontrole do sujeito. Contudo, o descontrole provocado por essa força é um descontrole mental, que prejudica a sua racionalidade, por isso a conceptualização de FELICIDADE em termos de INSANIDADE (*Pirei de felicidade...; É tanta felicidade que tô botando fogo em tudo*).

Por fim, destacamos também o modelo FELICIDADE É UM VÍRUS como um desdobramento da noção de FORÇA. Nesse modelo, o significado da emoção é expresso em termos de um organismo vivo que age sobre o sujeito e que é de difícil controle. Pela sua força superior ao sujeito, a FELICIDADE, compreendida como VÍRUS, contagia facilmente as pessoas (*Felicidade pega; Laura tá tão feliz que até eu me contagiei pela felicidade dela*).

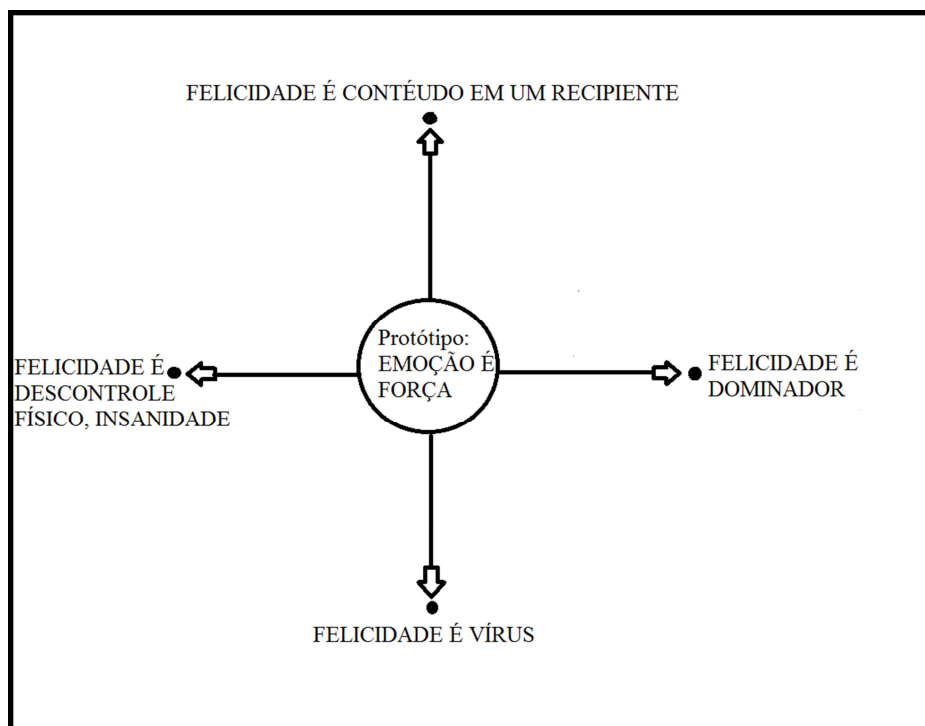
A título de ilustração, sistematizamos, nas figuras 4 e 5, as elaborações mais evidentes do protótipo de emoção que identificamos nos dados analisados, como acabamos de expor.

Figura 4 - Elaborações do protótipo de emoção no conceito de TRISTEZA na língua portuguesa



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 5 - Elaboraões do protótipo de emoção no conceito de FELICIDADE na língua portuguesa



Fonte: elaborada pela autora.

O fato de modelos cognitivos metafóricos que estruturam os conceitos de TRISTEZA e FELICIDADE se aproximarem do protótipo de emoção revela a relação existente entre esses conceitos e a coerência com o domínio emocional, que seria organizado prototipicamente em termos do conceito genérico de FORÇA. Contudo, como apontávamos na discussão teórica, EMOÇÃO É FORÇA é apenas um caso central e um dos vários modelos metafóricos que podem ser evidenciados por categorias emocionais. Dessa forma, a análise de *corpus*, como vimos nos subcapítulos 5.1 e 5.2, também nos permitiu identificar outros modelos cognitivos que não se aproximam do protótipo ou que pelo menos não têm uma correspondência tão clara com esse modelo central. Esse seria o caso, por exemplo, dos mapeamentos de TRISTEZA como UMA PLANTA, UM HABITANTE, UM OBJETO INDESEJADO, ESCURIDÃO, VAZIO, ou de FELICIDADE como UM VISITANTE, UM OBJETO ESCONDIDO, UM DESTINO ALMEJADO, LUZ.

Além da relação com o protótipo, a existência de modelos cognitivos metafóricos em comum entre as duas categorias analisadas também indica correspondências entre as mesmas. Como comentamos há pouco, os modelos de DOMINADOR e de CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO DENTRO DE UM RECIPIENTE estruturam os dois conceitos na língua portuguesa. Também os modelos de VISITANTE, de HABITANTE

e de OBJETO foram comuns a essas categorias. No primeiro caso, tanto TRISTEZA quanto FELICIDADE são personificadas em um VISITANTE que visita o sujeito da emoção. Esse modelo se destacou como um dos mais produtivos para as duas categorias, tendo sido identificadas 28 ocorrências para TRISTEZA e 20 para FELICIDADE. O VISITANTE TRISTEZA é indesejado (*Há dias que a tristeza chega sem avisar*), ao passo que o VISITANTE FELICIDADE é bem-vindo (*Sabia que uma hora a felicidade iria bater na minha porta de novo*).

TRISTEZA e FELICIDADE também foram personificadas como um HABITANTE. No entanto, no caso de TRISTEZA, o habitante reside ou tende a residir no indivíduo (*Não deixe que a tristeza faça de ti uma morada!*), enquanto, para o conceito de FELICIDADE, o habitante reside em outro lugar, às vezes em um lugar desconhecido (*Procura o endereço da sua felicidade mesmo que sofra*). No caso do modelo de OBJETO, TRISTEZA é conceptualizada como um OBJETO INDESEJADO, que deve ser afastado, levado, guardado (*A chuva que vem pra arrastar pra longe a tristeza*), em oposição a FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO, em que se busca ter, preservar, manter perto o objeto (*Por favor, devolva a felicidade*). Esse modelo também figurou entre os mais representativos para as duas categorias, sendo 31 ocorrências para TRISTEZA e 22 ocorrências para FELICIDADE.

A recorrência ao domínio de LUZ (presença de luz ou ausência de luz) para conceptualizar os dois conceitos em análise também indica uma aproximação entre as categorias. Verificamos entre as ocorrências investigadas os modelos TRISTEZA É ESCURIDÃO (*Nada vale a nuvem cinzenta de uma tristeza*) e FELICIDADE É LUZ (*Chegou a luz, chegou a felicidade*).

Podemos destacar ainda que tanto TRISTEZA quanto FELICIDADE foram conceptualizadas em termos de um ser vivo, confirmando a previsão de outros estudos, como apontamos na revisão teórica, da metáfora geral EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO. Entre as ocorrências do *corpus*, TRISTEZA foi conceptualizada como UM ORGANISMO VIVO, que tem vida, morre, ressuscita (*Ele insiste em manter viva minha tristeza*) e, mais especificamente, como UMA PLANTA, que é cultivada, semeada, regada (*E eu aqui semeando a tristeza entre os inimigos*). Já FELICIDADE foi conceptualizada como uma PESSOA, que sorri, fala, anda, etc. (*Verá a felicidade andar lado a lado com você*).

Contudo, com a análise realizada, detectamos vários modelos cognitivos que não foram comuns aos dois conceitos, indicando possíveis particularidades de cada uma das categorias. Um dos modelos detectados exclusivamente para TRISTEZA é TRISTEZA É UM Oponente, em que a emoção é conceptualizada como um oponente que concorre com o

sujeito ou que o persegue. Essa construção foca no aspecto de tentativa de controle da TRISTEZA, pois o indivíduo tenta escapar do oponente ou vencê-lo, mas nem sempre ele consegue (*Vou pelear contra essa tristeza; Tristeza me pegou agora*).

TRISTEZA e FELICIDADE compartilham os domínios-fonte de CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE e CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE, como já apontamos. Contudo, a análise nos permitiu verificar que a conceptualização de TRISTEZA parece elaborar mais o domínio de CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, apresentando construções não identificadas para FELICIDADE, como TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE (*Não sei mais o que faço para arrancar do meu peito essa tristeza*), TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE (*A tristeza é tão grande que tá bloqueando meu coração*) e TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO (*Parece que esse buraco de dor nunca vai se fechar*).

Entre os modelos cognitivos exclusivos do conceito de TRISTEZA destacam-se também TRISTEZA É UM DANO FÍSICO, TRISTEZA É UMA DOENÇA, TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO. Essas construções focam no aspecto do dano emocional provocado pela TRISTEZA, sendo que o mesmo é conceptualizado como um dano físico, tal como um ferimento, uma doença, um desgaste físico, um envenenamento (*Eu desfaleci de tristeza por sua ida; Tristeza que me consome*).

O domínio-fonte de FORÇA FÍSICA é previsto para as emoções prototípicas. Contudo, entre as ocorrências do *corpus*, apenas o conceito de TRISTEZA foi conceptualizado especificamente nesses termos (*Tristeza sempre nos arrasta para a realidade*). Isso pode indicar que essa categoria, em comparação à FELICIDADE, é estruturada mais frequentemente com base na noção de FORÇA FÍSICA e que a força de efeito da tristeza sobre o sujeito pode ser maior do que aquela oriunda da felicidade. Por outro lado, o domínio CARGA é previsto exclusivamente para emoções negativas, o que se confirmou nos exemplos do *corpus* que evidenciam o modelo metafórico TRISTEZA É UMA CARGA (*Não aguento mais carregar tanta tristeza*).

Outros modelos cognitivos específicos para TRISTEZA, de acordo com as ocorrências do *corpus*, foram TRISTEZA É PARA BAIXO, TRISTEZA É VAZIO e TRISTEZA É PRISÃO. O modelo TRISTEZA É PARA BAIXO (postura para baixo ou localização para baixo), estruturado pela metáfora primária TRISTE É PARA BAIXO, relaciona diretamente a emoção à nossa experiência corpórea, pois quando ficamos tristes tendemos a ficar cabisbaixos e a não manter uma postura ereta (*Erga essa cabeça: acabe com a tristeza!*).

O modelo cognitivo TRISTEZA É VAZIO é elaborado a partir da metáfora primária O CORPO É UM RECIPIENTE, sendo que a tristeza é conceptualizada como ausência de conteúdo no recipiente (*Ao olhar para o céu nublado sentiu tristeza, um vazio a caminho do trabalho*). Essa elaboração foca nos aspectos de avaliação negativa e de intensidade da emoção. Por fim, no modelo TRISTEZA É PRISÃO, que ressalta os aspectos de avaliação negativa e de dificuldade para lidar com a emoção, o sujeito sente-se preso, e a tristeza é a sua prisão (*Finalmente fui libertado da tristeza*).

Já entre os modelos cognitivos metafóricos exclusivos para FELICIDADE, de acordo com o *corpus*, destacam-se FELICIDADE É UM VÍRUS, FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO, FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO, FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO, FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO e FELICIDADE É INSANIDADE.

No caso de FELICIDADE É UM VÍRUS, a emoção é intensa a ponto de contagiar facilmente outras pessoas, como no caso de um vírus, que se propaga com facilidade (*O Samuel contagia todo mundo com a felicidade dele*). O modelo evidencia, em especial, os aspectos de intensidade, de perda de controle e de passividade em relação à emoção. Na mesma direção, o modelo FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO, também foca nesses aspectos ao conceptualizar a felicidade como um bem que o sujeito tem em grande quantidade e deseja ou sente a necessidade de compartilhar com outros (*Alguém quer um pouco da minha felicidade?*).

No modelo metafórico FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO, a emoção é tomada como um objeto que o indivíduo deseja ter, mas que está escondido em algum lugar, havendo alguma dificuldade para localizar esse objeto (*Para de procurar, a felicidade pode estar ao seu lado*). Similarmente, em FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO, a felicidade corresponde a um local aonde o indivíduo deseja chegar, mas que ele não sabe onde fica ou enfrenta obstáculos para alcançar (*Acho que descobri o atalho que leva à felicidade*). Nesses casos, podemos destacar os aspectos de desejo de experienciar a emoção e de dificuldade em conseguir experienciar a emoção.

Quanto aos modelos metafóricos FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO e FELICIDADE É INSANIDADE, já comentados há pouco, os mesmos focam nos aspectos de intensidade, dificuldade e, em especial, falta de controle da emoção. Nos modelos em questão, a felicidade é conceptualizada como um estado de descontrole do sujeito, sendo esse físico, no primeiro caso (*parindo de tanta felicidade*), e mental, no segundo (*Eu tava insana de tanta felicidade*).

O quadro 21 retoma a discussão realizada quanto à identificação de similaridades e particularidades na conceptualização das categorias em análise, ilustrando um comparativo entre elas.

Quadro 21- Comparativo entre os modelos cognitivos identificados no *corpus* para TRISTEZA e FELICIDADE

<b>TRISTEZA</b>	<b>FELICIDADE</b>
<i>Similaridades</i>	
TRISTEZA É UM SER VIVO, É UMA PLANTA	FELICIDADE É UMA PESSOA
TRISTEZA É UM VISITANTE INDESEJADO	FELICIDADE É UM VISITANTE BEM-VINDO
TRISTEZA É UM DOMINADOR	FELICIDADE É UM DOMINADOR
TRISTEZA É UM HABITANTE	FELICIDADE É UM HABITANTE
TRISTEZA É UM OBJETO INDESEJADO	FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE	FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE
TRISTEZA É ESCURIDÃO	FELICIDADE É LUZ
<i>Particularidades</i>	
TRISTEZA É UM Oponente	FELICIDADE É UM VÍRUS
TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE, CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE, CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO	FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO
TRISTEZA É DANO FÍSICO, DOENÇA, ENVENENAMENTO	FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO
TRISTEZA É FORÇA FÍSICA	FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO
TRISTEZA É CARGA	FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO
TRISTEZA É PARA BAIXO	FELICIDADE É INSANIDADE
TRISTEZA É VAZIO	
TRISTEZA É PRISÃO	

Fonte: elaborado pela autora.

Como destacamos na parte teórica deste trabalho, pesquisas empenhadas em descrever a conceptualização emocional sugerem dois modelos genéricos mais salientes para a conceptualização de FELICIDADE: felicidade como uma resposta imediata, sinônimo de alegria, que revela uma experiência com foco na intensidade e na falta de controle; e felicidade como um valor, que corresponde a uma experiência menos intensa e controlável. As ocorrências metafóricas do *corpus* para o conceito de FELICIDADE também indicaram essas duas possibilidades para a língua portuguesa.

A felicidade como uma resposta imediata foi evidenciada nos modelos cognitivos metafóricos FELICIDADE É UM DOMINADOR, FELICIDADE É UM VÍRUS, FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO, FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE, FELICIDADE É



DESCONTROLE FÍSICO, FELICIDADE É INSANIDADE, que destacam os aspectos de intensidade e de tentativa, perda ou falta de controle da intensidade e dos efeitos da emoção.

Por outro lado, a felicidade como um valor pode ser identificada nos modelos FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO, FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO, FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO, FELICIDADE É UM VISITANTE, FELICIDADE É UM HABITANTE, em que o destaque não está nos aspectos de intensidade e controle, mas no desejo, propósito de experienciar a emoção. Nessa faceta da conceptualização da felicidade, a emoção foi revelada no *corpus* como algo que se deseja ter, achar, conquistar, alcançar ou como alguém que se deseja ter perto ou descobrir onde está.

No tocante ao comparativo entre as categorias TRISTEZA e FELICIDADE, vale destacar ainda que, entre as ocorrências do *corpus*, foi detectado um número maior de modelos cognitivos metafóricos para TRISTEZA (21) em relação ao conceito de FELICIDADE (14). Esse resultado demonstra a riqueza da conceptualização de TRISTEZA na língua portuguesa do Brasil e pode indicar que a conceptualização de TRISTEZA, nessa língua, seja mais complexa do que a de FELICIDADE.

Demonstramos, na análise referente à conceptualização de TRISTEZA e FELICIDADE (quadros 16 e 20, das p. 157 e 164, respectivamente), e temos evidenciado nessa discussão como os aspectos de conceitos de emoção estão implícitos nos modelos cognitivos metafóricos que estruturam os conceitos TRISTEZA e FELICIDADE. Como já havíamos sinalizado, determinados modelos ressaltam certos aspectos emocionais. Assim, importa também retomar nessa discussão quais aspectos ficaram em evidência nas metáforas conceptuais associadas aos modelos investigados.

O aspecto da existência da emoção, que tem em sua base a metáfora primária EXISTÊNCIA É PRESENÇA (LAKOFF, 1987; GRADY, 1997a), pode ser observado na forma de vida, presença de um ser vivo ou de presença de um objeto ou substância. É o que ocorre, em especial, nas metáforas conceptuais EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É VIDA DE UM SER, VIDA UMA PLANTA, PRESENÇA DE UM VISITANTE, DE UM HABITANTE, DE UM OBJETO INDESEJADO, DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE; EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É PRESENÇA DE UMA PESSOA, DE UM VISITANTE, DE UM HABITANTE, DE UM VÍRUS, DE UM OBJETO DESEJADO, DE UM OBJETO ESCONDIDO, DE UM BEM QUE É DIVIDIDO, DE CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE.

A avaliação positiva ou negativa ficou evidente em vários modelos pela conotação positiva ou negativa dos domínios-fonte que conceptualizaram as categorias. A avaliação

negativa no conceito de TRISTEZA pode ser demonstrada pelas metáforas conceptuais AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É UM SER VIVO INDESEJADO, UM VISITANTE INDESEJADO, UM HABITANTE INDESEJADO, UM OBJETO INDESEJADO, UM DANO FÍSICO, UMA DOENÇA, UM ENVENENAMENTO, PARA BAIXO, ESCURIDÃO, VAZIO, PRISÃO. A avaliação positiva para a categoria FELICIDADE pode ser evidenciada nos mapeamentos AVALIAÇÃO POSITIVA DA FELICIDADE É UMA PESSOA ESTIMADA, UM VISITANTE ESTIMADO, UM HABITANTE ESTIMADO, UM OBJETO DESEJADO, UM BEM, UM DESTINO ALMEJADO, LUZ.

O aspecto de intensidade é estruturado pelas metáforas primárias INTENSIDADE É CALOR (GRADY, 1997a), INTENSIDADE É QUANTIDADE (KÖVECSES, 2000), INTENSIDADE É FORÇA DE EFEITO (KÖVECSES, 2000). A intensidade foi elaborada nos modelos na forma de metáforas conceptuais como INTENSIDADE DA TRISTEZA É FORÇA DE UM DOMINADOR, FORÇA DE UM Oponente, QUANTIDADE, TAMANHO, PROFUNDIDADE OU CALOR DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, EFEITO DE UMA FORÇA FÍSICA, PESO DE UMA CARGA, EXTENSÃO DE UMA INCLINAÇÃO OU PROFUNDIDADE DE UMA LOCALIZAÇÃO PARA BAIXO, NÍVEL DE VAZIO EM UM RECIPIENTE; INTENSIDADE DA FELICIDADE É FORÇA DE UM DOMINADOR, FORÇA DE EFEITO DE UM VÍRUS, QUANTIDADE DE UM OBJETO DESEJADO, QUANTIDADE DE UM BEM, QUANTIDADE OU CALOR DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, NÍVEL DE DESCONTROLE FÍSICO, NÍVEL DE INSANIDADE.

Como vimos na revisão teórica, o aspecto de desejo emocional pode se manifestar nas formas de desejo de realizar uma ação ou de ter uma emoção. Nas ocorrências analisadas, o desejo foi evidenciado na conceptualização de TRISTEZA e FELICIDADE na forma de desejo, propósito de experienciar a emoção (FELICIDADE) ou de não ter a experiência (TRISTEZA). Esse aspecto tem em sua base metáforas primárias como PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS (GRADY, 1997a; LAKOFF; JOHNSON, 1999) e PROPÓSITOS SÃO DESTINOS (LAKOFF, 1993; GRADY, 1997a). O mesmo foi identificado para FELICIDADE nas metáforas conceptuais DESEJO DE EXPERIENCIAR A FELICIDADE É DESEJO DE TER UM OBJETO, DESEJO DE ENCONTRAR UM OBJETO ESCONDIDO, DESEJO DE CHEGAR A UM DESTINO, DESEJO DE RECEBER OU MANTER A VISITA DE UM VISITANTE ESTIMADO, DESEJO DE ENCONTRAR A RESIDÊNCIA DE ALGUÉM ESTIMADO. Quanto à tristeza, o desejo de não experienciar a emoção é

detectado pelas metáforas DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É DESEJO DE NÃO TER A PRESENÇA DE UM OBJETO, DESEJO DE REMOVER UM CONTEÚDO DE UM RECIPIENTE, DESEJO DE NÃO RECEBER UMA VISITA, DESEJO DE NÃO TER A PRESENÇA DE UM HABITANTE, DESEJO DE MATAR UM SER VIVO.

A dificuldade, característica das experiências emocionais, pode ser conceptualizada em termos das metáforas primárias DIFICULDADE É OBSTÁCULO (LAKOFF, 1993), DIFICULDADE É Oponente (GRADY, 1997a), DIFICULDADE É PESO (GRADY, 1997a). Esse aspecto foi pronunciado especialmente nos modelos metafóricos subjacentes à TRISTEZA. Identificamos a dificuldade em lidar com a tristeza ou em controlá-la a partir das metáforas conceptuais DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É DIFICULDADE PARA LIDAR COM UM DOMINADOR, DIFICULDADE PARA LIDAR COM UM Oponente, DIFICULDADE PARA CONTER UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, OBSTÁCULO À REMOÇÃO DE CONTEÚDO DE UM RECIPIENTE, UM CONTEÚDO BLOQUEANDO UM RECIPIENTE, DIFICULDADE PARA FECHAR UM RECIPIENTE, DIFICULDADE PARA CARREGAR UMA CARGA, DIFICULDADE EM LIDAR COM A ESCURIDÃO, DIFICULDADE PARA SAIR DE UMA PRISÃO.

O aspecto de dificuldade foi vislumbrado para o conceito de FELICIDADE nas formas de dificuldade para controlar a emoção e de dificuldade para conseguir experienciar a emoção. No primeiro caso, destacam-se, em especial, as metáforas conceptuais DIFICULDADE PARA CONTROLAR A FELICIDADE É DIFICULDADE PARA CONTER UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, DIFICULDADE DE CONTROLE FÍSICO, DIFICULDADE EM MANTER A RACIONALIDADE. Já a dificuldade para conseguir experienciar a emoção, foi retratada pelas metáforas conceptuais DIFICULDADE DA FELICIDADE É DIFICULDADE DE TER OU MANTER UM OBJETO DESEJADO, OBSTÁCULO PARA ENCONTRAR UM OBJETO ESCONDIDO, OBSTÁCULO PARA ENCONTRAR OU PARA CHEGAR A UM DESTINO ALMEJADO.

O aspecto de controle emocional (tentativa, perda ou falta), que é elaborado pelas metáforas CONTROLE É SEGURAR (KÖVECSES, 2002a), CONTROLE É EXERCER FORÇA (KÖVECSES, 2000), foi mais evidente, na conceptualização de TRISTEZA nos modelos estruturados pelas seguintes metáforas conceptuais: TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É TENTAR VENCER OU LIVRAR-SE DE UM Oponente, TENTAR MANDAR EMBORA UM VISITANTE INDESEJADO, TENTAR LIVRAR-SE DE UM HABITANTE INDESEJADO, TENTAR AFASTAR UM OBJETO INDESEJADO,

TENTAR PREENCHER UM VAZIO, TENTAR MATAR UM SER VIVO; PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É NÃO CONSEGUIR CONTER UM DOMINADOR, SER VENCIDO OU ALCANÇADO POR UM Oponente, NÃO CONSEGUIR CONTER UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, NÃO CONSEGUIR REMOVER CONTEÚDO DE UM RECIPIENTE, NÃO CONSEGUIR SEGURAR OU CARREGAR UMA CARGA, NÃO CONSEGUIR MANTER UMA POSIÇÃO ERETA ou NÃO CONSEGUIR SAIR DE UMA LOCALIZAÇÃO PARA BAIXO.

Para o conceito de FELICIDADE, a noção de controle foi identificada como controle de intensidade e de efeitos da felicidade ou como controle da ocorrência da emoção e da continuidade da experiência emocional. O foco no controle de intensidade ou efeito pode ser percebido nas metáforas conceptuais PERDA DE CONTROLE DA FELICIDADE É DIVIDIR UM BEM, NÃO CONSEGUIR CONTER UM VÍRUS, NÃO CONSEGUIR CONTER UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE; FALTA DE CONTROLE DA FELICIDADE É FALTA DE CONTROLE FÍSICO, FALTA DE CONTROLE DA RACIONALIDADE. Já a ênfase no controle da ocorrência ou da continuidade da emoção foi denunciada pelos modelos que revelam as metáforas conceptuais TENTATIVA DE CONTROLE DA FELICIDADE É TENTAR SABER ONDE UM HABITANTE RESIDE, TENTAR ENCONTRAR UM OBJETO ESCONDIDO, TENTAR CHEGAR A UM DESTINO ALMEJADO; PERDA DE CONTROLE DA FELICIDADE É NÃO CONSEGUIR SEGURAR UM VISITANTE.

A passividade é conceptualizada como SOFRER O EFEITO FÍSICO DE UMA FORÇA (KÖVECSSES, 2000). Para as emoções em análise, o aspecto da passividade em relação à emoção foi mais pronunciado nos modelos que revelam as metáforas conceptuais PASSIVIDADE NA TRISTEZA É SOFRER O EFEITO DE UMA FORÇA, DE UMA CARGA, DE UM DOMINADOR, DE UM CONTEÚDO EXTRAVASANDO UM RECIPIENTE, DE UM CONTEÚDO RETIDO EM UM RECIPIENTE, DE UM DANO FÍSICO, DE UMA DOENÇA, DE UM ENVENENAMENTO; PASSIVIDADE NA FELICIDADE É SOFRER O EFEITO DE UM DOMINADOR, DE UM CONTEÚDO EXTRAVASANDO UM RECIPIENTE, DE UM VÍRUS, DE UM DESCONTROLE FÍSICO, DA INSANIDADE.

A metáfora primária DANO EMOCIONAL É DANO FÍSICO (GRADY, 1997a) está na base do aspecto de dano para os conceitos de emoção. Esse aspecto ficou mais evidente na conceptualização de TRISTEZA através das seguintes metáforas conceptuais identificadas na análise: DANO DA TRISTEZA É DANO FÍSICO, DOENÇA, ENVENENAMENTO,

DANO FÍSICO DE SER IMPACTADO POR UMA FORÇA, DANO FÍSICO DE CARREGAR UMA CARGA. Quanto à felicidade, o aspecto dano pode ser verificado em termos das metáforas DANO DA FELICIDADE É UM DANO PROVOCADO POR UM DESCONTROLE FÍSICO e DANO DA FELICIDADE É UM DANO PROVOCADO PELA INSANIDADE.

Resumimos as evidências discutidas quanto à manifestação dos aspectos de conceitos de emoção nas categorias TRISTEZA e FELICIDADE nos quadros 22 e 23, ilustrados a seguir.

Quadro 22 - Aspectos do conceito de TRISTEZA em diferentes modelos cognitivos identificados em *corpus* da língua portuguesa

Aspecto do conceito <b>TRISTEZA</b>	<b>Metáforas conceptuais</b>
EXISTÊNCIA	EXISTÊNCIA DA TRISTEZA É... VIDA DE UM SER VIDA DE UMA PLANTA PRESENÇA DE UM VISITANTE PRESENÇA DE UM HABITANTE PRESENÇA DE UM OBJETO INDESEJADO PRESENÇA DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE
AVALIAÇÃO NEGATIVA	AVALIAÇÃO NEGATIVA DA TRISTEZA É... UM SER VIVO INDESEJADO UM VISITANTE INDESEJADO UM HABITANTE INDESEJADO UM OBJETO INDESEJADO UM DANO FÍSICO UMA DOENÇA UM ENVENENAMENTO PARA BAIXO ESCURIDÃO VAZIO PRISÃO
INTENSIDADE	INTENSIDADE DA TRISTEZA É... FORÇA DE UM DOMINADOR FORÇA DE UM Oponente QUANTIDADE DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE TAMANHO DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE PROFUNDIDADE DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE CALOR DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE EFEITO DE UMA FORÇA FÍSICA PESO DE UMA CARGA EXTENSÃO DE UMA INCLINAÇÃO OU PROFUNDIDADE DE UMA LOCALIZAÇÃO PARA BAIXO NÍVEL DE VAZIO EM UM RECIPIENTE
DESEJO	DESEJO DE NÃO EXPERIENCIAR A TRISTEZA É... DESEJO DE NÃO TER A PRESENÇA DE UM OBJETO DESEJO DE REMOVER UM CONTEÚDO DE UM RECIPIENTE DESEJO DE NÃO RECEBER UMA VISITA DESEJO DE NÃO TER A PRESENÇA DE UM HABITANTE DESEJO DE MATAR UM SER VIVO
	DIFICULDADE EM LIDAR COM A TRISTEZA É... DIFICULDADE PARA LIDAR COM UM DOMINADOR

DIFICULDADE	DIFICULDADE PARA LIDAR COM UM Oponente DIFICULDADE PARA CONter UM CONteúdo EM UM RECIPIENTE OBSTÁCULO À REMOÇÃO DE CONteúdo DE UM RECIPIENTE UM CONteúdo BLOQUEANDO UM RECIPIENTE DIFICULDADE PARA FECHAR UM RECIPIENTE DIFICULDADE PARA CARREGAR UMA CARGA DIFICULDADE EM LIDAR COM A ESCURIDÃO DIFICULDADE PARA SAIR DE UMA PRISÃO
CONTROLE	TENTATIVA DE CONTROLE DA TRISTEZA É... TENTAR VENCER OU LIVRAR-SE DE UM Oponente TENTAR MANDAR EMBORA UM VISITANTE INDESEJADO TENTAR LIVRAR-SE DE UM HABITANTE INDESEJADO TENTAR AFASTAR UM OBJETO INDESEJADO TENTAR PREENCHER UM VAZIO TENTAR MATAR UM SER VIVO  PERDA DE CONTROLE DA TRISTEZA É... NÃO CONSEGUIR CONter UM DOMINADOR SER VENCIDO OU ALCANÇADO POR UM Oponente NÃO CONSEGUIR CONter UM CONteúdo EM UM RECIPIENTE NÃO CONSEGUIR REMOVER CONteúdo DE UM RECIPIENTE NÃO CONSEGUIR SEGURAR OU CARREGAR UMA CARGA NÃO CONSEGUIR MANTER UMA POSIÇÃO ERETA OU SAIR DE UMA LOCALIZAÇÃO PARA BAIXO
PASSIVIDADE	PASSIVIDADE NA TRISTEZA É... SOFRER O EFEITO DE UMA FORÇA SOFRER O EFEITO DE UMA CARGA SOFRER O EFEITO DE UM DOMINADOR SOFRER O EFEITO DE UM CONteúdo EXTRAVASANDO UM RECIPIENTE SOFRER O EFEITO DE UM CONteúdo RETIDO EM UM RECIPIENTE SOFRER O EFEITO DE UM DANO FÍSICO SOFRER O EFEITO DE UMA DOENÇA SOFRER O EFEITO DE UM ENVENENAMENTO
DANO	DANO DA TRISTEZA É... DANO FÍSICO DOENÇA ENVENENAMENTO DANO FÍSICO DE SER IMPACTADO POR UMA FORÇA DANO FÍSICO DE CARREGAR UMA CARGA

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 23 - Aspectos do conceito de FELICIDADE em diferentes modelos cognitivos identificados em *corpus* da língua portuguesa

Aspecto do conceito FELICIDADE	Metáforas conceptuais
EXISTÊNCIA	EXISTÊNCIA DA FELICIDADE É... PRESENÇA DE UMA PESSOA PRESENÇA DE UM VISITANTE PRESENÇA DE UM HABITANTE PRESENÇA DE UM VÍRUS PRESENÇA DE UM OBJETO DESEJADO PRESENÇA DE UM OBJETO ESCONDIDO PRESENÇA DE UM BEM QUE É DIVIDIDO PRESENÇA DE CONteúdo EM UM RECIPIENTE
AValiação	AValiação POSITIVA DA FELICIDADE É... UMA PESSOA ESTIMADA UM VISITANTE ESTIMADO UM HABITANTE ESTIMADO

POSITIVA	UM OBJETO DESEJADO UM BEM UM DESTINO ALMEJADO UMA LUZ
INTENSIDADE	INTENSIDADE DA FELICIDADE É... FORÇA DE UM DOMINADOR FORÇA DE EFEITO DE UM VÍRUS QUANTIDADE DE UM OBJETO DESEJADO QUANTIDADE DE UM BEM QUANTIDADE OU CALOR DE UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE NÍVEL DE DESCONTROLE FÍSICO NÍVEL DE INSANIDADE
DESEJO	DESEJO DE EXPERIENCIAR A FELICIDADE É... DESEJO DE TER UM OBJETO DESEJO DE ENCONTRAR UM OBJETO ESCONDIDO DESEJO DE CHEGAR A UM DESTINO DESEJO DE RECEBER OU MANTER A VISITA DE UM VISITANTE ESTIMADO DESEJO DE ENCONTRAR A RESIDÊNCIA DE ALGUÉM ESTIMADO
DIFICULDADE	DIFICULDADE PARA CONTROLAR A FELICIDADE É... DIFICULDADE PARA CONTER UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE DIFICULDADE DE CONTROLE FÍSICO DIFICULDADE EM MANTER A RACIONALIDADE  DIFICULDADE PARA CONSEGUIR EXPERIENCIAR A FELICIDADE É... DIFICULDADE DE TER OU MANTER UM OBJETO DESEJADO OBSTÁCULO PARA ENCONTRAR UM OBJETO ESCONDIDO OBSTÁCULO PARA ENCONTRAR OU PARA CHEGAR A UM DESTINO ALMEJADO
CONTROLE	PERDA DE CONTROLE DE INTENSIDADE E EFEITOS DA FELICIDADE É... DIVIDIR UM BEM NÃO CONSEGUIR CONTER UM VÍRUS NÃO CONSEGUIR CONTER UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE  FALTA DE CONTROLE DE INTENSIDADE E EFEITOS DA FELICIDADE É... FALTA DE CONTROLE FÍSICO FALTA DE CONTROLE DA RACIONALIDADE  TENTATIVA DE CONTROLE DE OCORRÊNCIA OU CONTINUIDADE DA FELICIDADE É... TENTAR SABER ONDE UM HABITANTE RESIDE TENTAR ENCONTRAR UM OBJETO ESCONDIDO TENTAR CHEGAR A UM DESTINO ALMEJADO  PERDA DE CONTROLE DA CONTINUIDADE DA FELICIDADE É NÃO CONSEGUIR SEGURAR UM VISITANTE
PASSIVIDADE	PASSIVIDADE NA FELICIDADE É... SOFRER O EFEITO DE UM DOMINADOR SOFRER O EFEITO DE UM CONTEÚDO EXTRAVASANDO UM RECIPIENTE SOFRER O EFEITO DE UM VÍRUS SOFRER O EFEITO DE UM DESCONTROLE FÍSICO SOFRER O EFEITO DA INSANIDADE
DANO	DANO DA FELICIDADE É... DANO PROVOCADO POR UM DESCONTROLE FÍSICO DANO PROVOCADO PELA INSANIDADE

Fonte: elaborado pela autora.

Como uma última etapa deste capítulo dedicado à análise e à discussão dos dados, interessou-nos também comparar os modelos cognitivos idealizados metafóricos encontrados

no *corpus* para a conceptualização de TRISTEZA e FELICIDADE na língua portuguesa com aqueles identificados mais frequentemente para a língua inglesa (resumidos nos quadros 5, 8 e 9, p. 134 e 135).

Como demonstramos na revisão teórica, os estudos que investigam o domínio emocional na língua inglesa evidenciam modelos metafóricos gerais em termos dos quais as emoções prototípicas são conceptualizadas. EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO, EMOÇÃO É UM OBJETO, EMOÇÃO É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE e EMOÇÃO É UM DOMINADOR são exemplos desses modelos metafóricos comuns a diferentes emoções. A análise das ocorrências do *corpus* confirmou a existência desses modelos também na língua portuguesa, pois os mesmos estão implícitos na conceptualização tanto de TRISTEZA quanto de FELICIDADE, como já evidenciamos.

Contudo, EMOÇÃO É UMA FORÇA FÍSICA OU DA NATUREZA, EMOÇÃO É UM Oponente e EMOÇÃO É INSANIDADE, também identificados na língua inglesa como gerais do domínio emocional, não foram verificados para as duas categorias. Entre as ocorrências analisadas, os domínios de FORÇA FÍSICA e Oponente foram exclusivos para TRISTEZA, ao passo que INSANIDADE foi específico da FELICIDADE. Os dados do *corpus* não sugerem que esses domínios não são empregados na língua portuguesa na conceptualização das duas categorias, mas que FORÇA FÍSICA e Oponente parecem ser mais característicos da conceptualização da TRISTEZA, enquanto INSANIDADE seria mais recorrente para FELICIDADE.

Ainda quanto aos modelos metafóricos gerais do domínio emocional apontadas para a língua inglesa, destacam-se também as metáforas EMOÇÃO É UM ANIMAL CATIVO e EMOÇÃO É UM INDIVÍDUO DIVIDIDO. No entanto, entre as ocorrências analisadas para a língua portuguesa, esses modelos não foram identificados para a conceptualização tanto de TRISTEZA quanto de FELICIDADE. Nesse caso, podemos dizer que os dados sugerem que ANIMAL CATIVO e INDIVÍDUO DIVIDIDO não são salientes na conceptualização dos conceitos em análise na língua portuguesa.

Em complemento aos modelos gerais previstos para o domínio emocional, as pesquisas realizadas para a língua inglesa sobre a conceptualização das emoções também indicam modelos mais específicos para os conceitos de TRISTEZA e FELICIDADE. Os modelos TRISTEZA É PARA BAIXO, TRISTEZA É ESCURO, TRISTEZA É UMA DOENÇA, TRISTEZA É UMA CARGA, FELICIDADE É LUZ, FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO e FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO, que identificamos



entre as ocorrências da língua portuguesa, também são apontados para a língua inglesa como característicos dessas emoções.

Contudo, os resultados para a língua inglesa indicam outras metáforas conceituais para esses conceitos que não identificamos no *corpus* da língua portuguesa, tais como TRISTEZA É FALTA DE CALOR, FELICIDADE É LEVEZA, FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É ESTAR NO CÉU, FELICIDADE É UM ANIMAL QUE VIVE BEM, FELICIDADE É UMA SENSAÇÃO FÍSICA PRAZEROSA, FELICIDADE É ESTAR BÊBADO, FELICIDADE É VITALIDADE, FELICIDADE É CALOR, o que sugere que essas elaborações metafóricas podem não ser tão evidentes na língua portuguesa como são na língua inglesa.

Por outro lado, há modelos que identificamos para a língua portuguesa entre as ocorrências do *corpus* que não estão previstos entre os resultados para a língua inglesa, indicando possíveis particularidades do português. Para o conceito de TRISTEZA, os modelos metafóricos mais característicos do português por não terem uma correspondência evidente com o inglês são TRISTEZA É UM VISITANTE, TRISTEZA É UM HABITANTE, TRISTEZA É UM CONTEÚDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE, TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE, TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE, TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO, TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO, TRISTEZA É VAZIO, TRISTEZA É PRISÃO.

A respeito das elaborações destacadas acima da metáfora do conteúdo em um recipiente, importa destacar que os resultados para a língua inglesa preveem a metáfora geral para o domínio emocional EMOÇÃO É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, mas a elaboração em termos de UM CONTEÚDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE é prevista apenas para o conceito RAIVA, não para TRISTEZA e FELICIDADE. Já os submapeamentos CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE, CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE e CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO não estão entre as previsões da língua inglesa, indicando uma tendência da língua portuguesa de elaborar a metáfora CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE para o conceito de TRISTEZA.

Conforme os estudos para o inglês, o domínio-fonte CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE seria o mais produtivo para as emoções prototípicas. A forte recorrência a esse modelo também foi verificada neste estudo de *corpus* da língua portuguesa. O domínio CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE, considerando-se as suas diferentes elaborações,

conceptualizou o maior número de ocorrências para TRISTEZA (35) e figurou entre os mais representativos para FELICIDADE (21).

No tocante ao conceito FELICIDADE, os modelos metafóricos mais específicos do português, por não encontrarem uma contrapartida evidente na língua inglesa, são FELICIDADE É UM VISITANTE, FELICIDADE É UM HABITANTE, FELICIDADE É UM VÍRUS, FELICIDADE É UM BEM DIVIDIDO, FELICIDADE É UM CONTEÚDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE, FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO, FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO.

Em relação ao modelo da língua portuguesa FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO, as pesquisas consultadas para a língua inglesa indicam mais especificamente a metáfora conceptual FELICIDADE É ESTAR FORA DO CHÃO (*Estou pulando de felicidade*). Contudo, verificamos na língua portuguesa, além da expressão metafórica *pular de felicidade* ou similares, várias outras que indicam um estado de descontrole físico do sujeito (*babar de felicidade, parir de felicidade, desmaiar de felicidade*, etc.). Percebe-se, portanto, que a conceptualização metafórica dessas expressões não se restringiu ao domínio-fonte ESTAR FORA DO CHÃO, mas se deu em termos de um domínio mais amplo (DESCONTROLE FÍSICO), revelando, portanto, uma particularidade da língua portuguesa.

Por fim, podemos destacar ainda que as pesquisas para a língua inglesa têm indicado um número maior de modelos metafóricos para FELICIDADE do que para TRISTEZA, como ilustram os quadros 7 e 8, da p. 135. Contudo, entre os dados do *corpus*, como já dissemos, identificamos um número maior de modelos para TRISTEZA. Sendo assim, enquanto as evidências para a língua inglesa apontam para uma complexidade maior de FELICIDADE, os dados do *corpus* sugerem que TRISTEZA seria uma categoria mais complexa na língua portuguesa.

Retomando os modelos cognitivos identificados no *corpus* para a conceptualização de TRISTEZA e FELICIDADE na língua portuguesa, indicamos, no quadro 24, as correspondências desses modelos com aqueles apontados na literatura para a língua inglesa e as particularidades que verificamos para o português, tendo em vista que os modelos que identificamos não estão previstos entre os resultados encontrados para o inglês. Vale destacar que as evidências de particularidades não indicam que os modelos encontrados para o português não ocorrem na língua inglesa, mas que eles possivelmente não são recorrentes nessa língua para a conceptualização de TRISTEZA e FELICIDADE, embora pareçam ser representativos da conceptualização desses conceitos no português.

Quadro 24 - Correspondências com o inglês e particularidades do português de modelos cognitivos metafóricos para TRISTEZA e FELICIDADE

<b>Correspondências português/inglês</b>
TRISTEZA E FELICIDADE SÃO UM ORGANISMO VIVO
TRISTEZA E FELICIDADE SÃO UM OBJETO
TRISTEZA E FELICIDADE SÃO UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE
TRISTEZA E FELICIDADE SÃO UM DOMINADOR
TRISTEZA É FORÇA FÍSICA
TRISTEZA É UM Oponente
TRISTEZA É PARA BAIXO
TRISTEZA É ESCURO
TRISTEZA É DOENÇA
TRISTEZA É CARGA
FELICIDADE É INSANIDADE
FELICIDADE É LUZ
FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO
FELICIDADE É ESTAR FORA DO CHÃO
<b>Particularidades do português</b>
TRISTEZA É UM VISITANTE
TRISTEZA É UM HABITANTE
TRISTEZA É UM CONTEÚDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE
TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE
TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE
TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO
TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO
TRISTEZA É VAZIO
TRISTEZA É PRISÃO
FELICIDADE É UM VISITANTE
FELICIDADE É UM HABITANTE
FELICIDADE É UM VÍRUS
FELICIDADE É UM BEM DIVIDIDO
FELICIDADE É UM CONTEÚDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE
FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO
FELICIDADE É DESCONTROLE FÍSICO

Fonte: elaborado pela autora.

As correlações verificadas entre as línguas portuguesa e inglesa evidenciam o caráter potencialmente universal da conceptualização metafórica das emoções, que está estruturada na nossa experiência mais básica, moldada pela corporeidade, a qual tende a ser universal. Contudo, os dados sugerem que podem ser verificadas diferenças entre línguas, principalmente em termos de preferência de uso de determinadas metáforas conceptuais ou elaborações diferentes da mesma metáfora. As particularidades que podem ser observadas para uma dada língua demonstram que a conceptualização também é fundamentada por nossas experiências culturais.

Assim, encerramos este capítulo de análise e discussão dos dados, acreditando ter indicado o papel fundamental da metáfora na conceptualização de categorias de emoção, a

complexidade e a riqueza da conceptualização do domínio emocional e a importância de um estudo de *corpus* para identificar com propriedade modelos cognitivos idealizados característicos de uma língua.

Na tentativa de trazer evidências sobre a conceptualização das categorias complexas TRISTEZA e FELICIDADE na língua portuguesa do Brasil, identificamos modelos cognitivos metafóricos subjacentes a esses conceitos, ilustrando as suas realizações linguísticas e as metáforas conceptuais primárias e complexas que os estruturam; apontamos a relação desses modelos identificados com o protótipo de emoção (EMOÇÃO É FORÇA); indicamos similaridades e possíveis particularidades entre os conceitos TRISTEZA e FELICIDADE; demonstramos que os aspectos dos conceitos de emoção (existência, avaliação positiva ou negativa, intensidade, desejo, dificuldade, controle, passividade e dano) são de fato recorrentes nesses conceitos e evidenciamos como esses aspectos foram revelados nos modelos cognitivos metafóricos identificados no *corpus*; e, por fim, indicamos quais modelos cognitivos metafóricos subjacentes aos conceitos TRISTEZA e FELICIDADE na língua portuguesa correspondem àqueles previstos para a língua inglesa e quais modelos do português revelam possíveis especificidades dessa língua.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última etapa do trabalho, buscamos retomar as evidências apontadas por este trabalho, tanto a partir da discussão teórica quanto a partir do estudo aplicado, no tocante à conceptualização metafórica de emoções. Para isso, voltamo-nos às perguntas gerais de pesquisa que apresentamos na introdução e que buscamos responder ao longo desta tese:

- 1- Como ocorre a conceptualização metafórica de categorias emocionais?
- 2- Há um protótipo de emoção?
- 3- Existem relações entre diferentes categorias emocionais e especificidades de uma categoria?
- 4- Como diferentes componentes do fenômeno emocional podem se manifestar metaforicamente nos conceitos de emoção?
- 5- A conceptualização metafórica de emoções é igual em diferentes línguas e culturas ou podem ser identificadas particularidades?

Quanto ao primeiro questionamento, esta tese apresentou evidências de que a conceptualização de categorias emocionais é altamente estruturada por metáforas que operam na cognição e que elaboram esses conceitos abstratos com base em conceitos mais concretos, relacionados à nossa corporeidade. Vimos que um número reduzido de esquemas de imagem, derivados de nossas experiências sensório-motoras, constituem a base de nossa conceptualização e são projetados metaforicamente na elaboração de domínios abstratos. Essa projeção metafórica é denominada metáfora conceptual.

Podemos perceber que várias metáforas conceptuais podem atuar na conceptualização de um domínio e que uma metáfora primária, mais básica, pode ser elaborada em submapeamentos mais específicos ou combinar-se a outras metáforas primárias na elaboração de metáforas complexas. Também verificamos que a conceptualização é moldada por modelos cognitivos idealizados, que correspondem a estruturas que operam no raciocínio, organizando nosso conhecimento, e que são o resultado de nossas experiências culturais. Modelos cognitivos idealizados metafóricos são constituídos por metáforas conceptuais e atuam na conceptualização de categorias emocionais. Foi possível observar que categorias complexas, como as do domínio emocional, podem envolver um conjunto de diferentes modelos cognitivos.

No estudo aplicado que realizamos, podemos perceber que a linguagem metafórica foi recorrente no conteúdo textual extraído para as emoções investigadas. A partir da análise das

metáforas linguísticas, foram identificados diferentes modelos cognitivos metafóricos subjacentes aos conceitos TRISTEZA e FELICIDADE, confirmando que os conceitos de emoção representam categorias complexas constituídas por vários modelos cognitivos. Para cada modelo verificado, foram apontadas metáforas conceptuais primárias que os estruturaram e que foram elaboradas ou combinadas em metáforas complexas, indicando a atuação de diferentes metáforas conceptuais na base de modelos metafóricos para o domínio emocional.

Sobre a pergunta relacionada à existência de um protótipo de emoção, primeiramente vimos que estudos psicológicos indicam a existência de emoções prototípicas que são recorrentes na experiência e que apresentam padrões de manifestação mais básicos. Demonstrou-se que diferentes fenômenos não estão isolados, mas podem compartilhar características e aproximar-se ou distanciar-se de ocorrências mais centrais e representativas. Na mesma linha, estudos inseridos na linguística cognitiva apontam que modelos metafóricos que estruturam conceitos de emoção teriam relações entre si e que vários deles seriam elaborações de um caso mais central ou prototípico em que as emoções são conceptualizadas como forças. Os fenômenos emocionais que revelam esse protótipo seriam considerados emoções prototípicas. Contudo, foi possível observar que desvios desse protótipo também são possíveis e que inclusive emoções prototípicas podem ser conceptualizadas a partir de modelos divergentes.

Assim, na investigação realizada, buscamos observar se o protótipo de emoção foi revelado entre os modelos metafóricos detectados para TRISTEZA e FELICIDADE. Foi possível verificar que vários modelos se aproximaram desse protótipo, mas elaboraram a metáfora EMOÇÃO É FORÇA de formas diferenciadas, revelando diferentes aspectos da conceptualização emocional. Por outro lado, outros modelos não apresentaram uma relação clara com o protótipo, evidenciando ainda novas facetas na elaboração desses conceitos de emoção.

A terceira pergunta questiona sobre a existência de relações entre diferentes categorias e sobre a possibilidade de identificação de particularidades para uma categoria. Como comentamos, à medida que modelos cognitivos metafóricos para diferentes emoções se aproximam do protótipo, podem ser percebidas relações entre categorias distintas. Além disso, também discutimos neste trabalho evidências de pesquisas na linguística cognitiva de que há metáforas conceptuais comuns ao domínio emocional em geral e outras mais específicas de uma ou outra categoria.

Nesse sentido, a análise conduzida verificou em que medida domínios-fonte empregados na conceptualização de TRISTEZA foram identificados para FELICIDADE e vice-versa, para se ter uma noção do nível de proximidade entre as categorias revelado pelo *corpus*. Foram observados domínios-fonte comuns às duas categorias, mas verificamos que, mesmo nesses casos, podem ser percebidas particularidades para um conceito, pelas diferentes elaborações de um domínio. Por outro lado, também identificamos domínios-fonte que, entre as ocorrências analisadas, serviram de base para a conceptualização de apenas uma das emoções, sugerindo que um dado mapeamento metafórico seja mais característico de uma categoria, enquanto é mais improvável em outra.

A questão de número quatro está direcionada à manifestação de diferentes componentes do fenômeno emocional na sua conceptualização. Na busca por uma definição de emoção e pela compreensão do complexo fenômeno emocional, discutimos, neste trabalho, o argumento da psicologia de que as emoções são constituídas por diferentes componentes, os quais se manifestam de maneiras variadas em diversos eventos emocionais e seriam indicadores para a descrição da emoção. Partindo dessa concepção, esta tese evidenciou uma possível relação entre os componentes emocionais apontados pela psicologia e a previsão da linguística cognitiva de que haveria distintos aspectos emocionais que são revelados na conceptualização de categorias emocionais. Esses aspectos demonstrariam propriedades dos conceitos e seriam indicados por diferentes metáforas conceptuais.

Então, na análise de *corpus*, objetivamos também avaliar como aspectos de conceitos de emoção (existência da emoção, avaliação positiva ou negativa, intensidade, desejo, dificuldade, tentativa ou falta de controle, passividade e dano) foram revelados nos modelos cognitivos apontados. Podemos verificar que esses aspectos são estruturados por metáforas primárias que são elaboradas de diversas formas nos diferentes modelos que conceptualizam uma emoção. Evidenciamos também que determinados aspectos são mais característicos de um ou de outro modelo. Em resumo, foi possível observar que as metáforas conceptuais que revelam esses aspectos também estruturam a conceptualização das categorias, demonstrando particularidades de modelos metafóricos e a riqueza do domínio emocional.

Já a última pergunta indaga sobre as possibilidades de universalidade e de variações culturais na conceptualização metafórica das emoções. Retomando estudos realizados para outras línguas, expomos neste texto que há fortes chances de muitas metáforas conceptuais serem potencialmente universais, considerando que as mesmas são motivadas por experiências corpóreas, que tendem a ser universais. Em complemento, debatemos que a

linguística cognitiva também reconhece que a conceptualização pode variar entre línguas e culturas, pois também está baseada nas experiências culturais.

Dessa forma, no estudo aplicado, buscamos verificar se os modelos cognitivos metafóricos que identificamos na análise do *corpus* correspondiam a modelos detectados na conceptualização metafórica emocional da língua inglesa, indicados na revisão teórica. Podemos observar que alguns modelos previstos na língua inglesa, tanto para o domínio emocional em geral quanto para TRISTEZA e FELICIDADE, se manifestaram no *corpus* da língua portuguesa, sugerindo que há correspondências entre as línguas e confirmando o forte caráter universal da conceptualização metafórica. Por outro lado, podemos perceber também que modelos metafóricos apontados para a língua inglesa não ocorreram no *corpus* da língua portuguesa e que modelos identificados neste trabalho para o português não estão entre aqueles detectados para o inglês. Desse modo, aventamos que conceptualizações metafóricas que seriam representativas no inglês podem não ter destaque no português, assim como conceptualizações metafóricas que podem ser recorrentes no português para TRISTEZA e FELICIDADE podem não ser tão evidentes naquela língua. Acreditamos, assim, que os dados indicam possíveis particularidades determinadas culturalmente.

Retomadas as evidências que nos ajudaram a responder às perguntas norteadoras deste trabalho, importa também destacar nessas considerações finais que podemos perceber a aplicabilidade do Twitter como fonte de *corpus* de conteúdo emocional. Observamos entre as ocorrências extraídas e analisadas que, na comunicação veiculada nessa rede social, os indivíduos comentam sobre emoções experienciadas por eles ou por outros, expõem como são compreendidas essas emoções, como lidam com elas, seus efeitos. Acreditamos que uma das razões para essa comunicação espontânea sobre as emoções seja o espaço marcadamente informal que caracteriza esse recurso e a relação de proximidade que é constituída entre usuários que “seguem” uns aos outros nesse meio.

Por fim, reconhecemos como uma limitação desta pesquisa a extensão do *corpus*, que, se fosse composto por um número maior de ocorrências, poderia evidenciar outros modelos cognitivos metafóricos para a conceptualização das emoções em análise e indicar ainda outras expressões metafóricas que estejam associadas aos modelos identificados. Destaca-se também que o fato de não termos disponível para a língua portuguesa um recurso de identificação automática de possíveis metáforas dificulta estudos de *corpora* mais extensos. Todavia, acreditamos que conseguimos vislumbrar, a partir desta pesquisa, algumas tendências para a conceptualização metafórica do domínio emocional na língua portuguesa falada no Brasil, que ilustram como compreendemos, elaboramos e verbalizamos nossas emoções.



De modo geral, podemos dizer que esta tese aponta perspectivas para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre a conceptualização emocional na língua portuguesa, tais como a investigação de outros conceitos de emoção, o estudo comparativo com outras línguas e a ampliação de evidências quanto à conceptualização de TRISTEZA e FELICIDADE pelo estudo de *corpora* mais amplos e oriundos de fontes diversas.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, R. C. *São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992. Originalmente publicado no séc. IV a.C.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. In: MESQUITA, A. P. (ed.). Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. Originalmente publicado no séc. IV a.C.
- ARISTÓTELES. *Organon*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2009. Originalmente publicado no séc. IV a.C.
- ARNOLD, M.B. *Emotion and personality*. New York: Columbia University Press, 1960.
- AVERILL, J.R. A constructivist view of emotion. In: PLUTCHIK, R.; KELLERMAN, H. (eds.). *Emotion: theory, research, and experience*. New York: Academic Press, p. 305-340, 1980.
- BANN, E. Y.; BRYSON, J. J. The conceptualization of emotion qualia: semantic clustering of emotional tweets. *Proceedings of the 13th Neural Computation and Psychology Workshop (NCPW13)*, San Sebastian/Spain, p. 1- 15, 2012.
- BARBOSA, M. V. Linguagem e Emoções. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 6. n. 2, p. 104-124, 2009.
- BARCELONA, A. On the concept of depression in American English: a cognitive approach. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, n. 12, p. 7-33, 1986.
- BARCELONA, A; SORIANO, C. Metaphorical conceptualization in English and Spanish. *European Journal of English Studies*, v. 18, n. 3, p. 295-307, 2004.
- BARRETO, J. J. *Leitura literária e emoção: um estudo empírico*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BESNIER, N. Language and affect. *Annual Review of Anthropology*, 19, p. 419-451, 1990.

BLACK, M. Metaphor. *Proceedings of the Aristotelian Society*, v. 55, p. 273-294, 1954.

BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

BOERS, F.; DEMECHELEER, M. A metaphorical models in (Western) economic discourse. In: LIEBERT, W.; REDEKER, G.; WAUGH, L. (eds.). *Discourse and perspective in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, p. 115-129, 1997.

BOKOR, Z. Body-based constructionism in the conceptualization of anger. *Clear Series*, Budapest: Department of English, Hamburg University and the Department of American Studies, ELTE, n. 17, 1997.

BRASILEIRO, A. M. M. *A emoção na sala de aula: impactos na interação professor/aluno/objeto de ensino*. Tese (Doutorado em Letras – Língua Portuguesa e Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CHO, J.; GARCIA-MOLINA, H. (2000). The evolution of the web and implications for an incremental crawler. *Proceedings of the 26th International Conference on Very Large Data Bases*, Cairo/Egypt, p. 200-209, 2000.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

COLERIDGE, S. T. *Biographia literaria*. 2004. Originalmente publicado em 1817. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/6081/6081-h/6081-h.htm>. Acesso em: 20 dez. 2013.

COMTE, A. *Curso de filosofia positiva*. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Originalmente publicado em 1830.

CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, v.4, p. 335-370, 1993.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: the psychology of optimal experience*. New York: Harper Collins, 1990.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DAMÁSIO, A. *O sentimento de si*. Lisboa: Europa-América, 2000.

DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, A. *Entrevista com António Damásio*. [29 junho 2013a]. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/os-sentimentos-sao-fundamentais-para-a-sociedade-diz-antonio-damasio>. Acesso em: 02 set. 2013. Entrevista concedida à Revista Veja.

DAMÁSIO, A. *António Damásio – A diferença entre emoção e sentimento*. [05 agosto 2013b]. Disponível em: <http://incalculavel-imperfeicao.blogspot.com.br/2014/02/antonio-damasio-diferenca-entre-emocao.html>. Acesso em: 10 set. 2013. Entrevista concedida à Revista Galileu – Globo TV.

DANG-XUAN, L.; STIEGLITZ, S.; WLADARSCH, J.; NEUBERGER, C. An investigation of influencers and the role of sentiment in political communication on Twitter during election periods. *Information, Communication & Society*, v. 16, n. 5, p. 795-825, 2013.

DARWIN, C. R. *The expression of emotions in man and animals*. London: John Murray, 1998. Originalmente publicado em 1872.

DAVIDSON, D. The logical form of action sentences. In: RESCHER, N. (ed.). *The Logic of decision and action*. Pittsburgh, PA: The University of Pittsburgh Press, p. 81-95, 1967.

DAVIDSON, D. What metaphors mean. *Critical Inquiry*, n. 5, p. 31-47, 1978.

DEIGH, J. Concepts of emotion in modern philosophy and psychology. In: GOLDIE, P. (ed.). *The Oxford Handbook of philosophy of emotion*. Oxford: Oxford University Press, p. 17-40, 2010.

DEIGNAN, A. Corpus-based research into metaphor. In: CAMERON, L.; LOW, G. *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 177-199, 1999.

DEIGNAN, A.; LIMA, A.; LÓPEZ-MORA, R. Metaphor, culture and the classroom. 31<sup>st</sup> IATEFL Conference, University of Manchester, England, 1998.

DESCARTES, R. *As paixões da alma*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Originalmente publicado em 1649.

DIJK, T. A. van. Formal semantics of metaphorical discourse. *Poetics*, n. 4, p. 173-198, 1975.

DUFFY, E. An explanation of “emotional” phenomena without the use of the concept “emotion”. *Journal of General Psychology*, n. 25, p. 283-293, 1941.

EKMAN, P. An argument for basic emotions. *Cognition and emotion*, 6, p. 169-200, 1992.

EKMAN, P. Basic emotions. In: DALGLEISH, T.; POWER, M. (ed.). *Handbook of cognition and emotion*. Sussex, UK: JohnWiley and Sons, 1999.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind’s hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FELDMAN, J. *From molecule to metaphor*. Cambridge, USA: MIT Press, 2006.

FIGUEIREDO, A. M.; DIVINO, M. D.; FERREIRA, T. A. A dicotomia razão e emoção na obra *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?* Uma breve análise do tratamento dado às emoções femininas. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos integrados em Discurso e Argumentação*, n. 2, p. 15-28, 2012.

FILLMORE, C. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North-Holland Company, p. 55-81, 1977.

FILLMORE, C.; JOHNSON, C.; PETRUCK, M. *Background to FrameNet*. *International Journal of Lexicography*, vol.16, n. 3, p. 235-250, 2003.

FOSCHIERA, S. M. P. *A semântica da emoção: um estudo contrastivo a partir da FrameNet e da Roda das Emoções*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2012.

FREUD, S. The unconscious. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud (S.E)*, v. 14. London: Hogarth Press, 1981. Originalmente publicado em 1915.

FRIJDA, N. H. *The emotions*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1986.

FRIJDA, N.H. The psychologist's point of view. In: LEWIS, M.; HAVILAND-JONES, J.M.; BARRETT, L.F. (eds.). *Handbook of emotions*. New York: Guilford Press, p. 68-84, 2008.

GEERAERTS, D. Cognitive Linguistics. In: VERSCHUEREN, J. et al. (eds.). *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, p. 111-116, 1995.

GIBBS, R. The wonderful, chaotic, creative, heroic, challenging world of researching and applying metaphor: a celebration of the past and some peeks into the future. In: LOW, G.; TODD, Z.; DEIGNAN, A.; CAMERON, L. (eds.). *Researching and applying metaphor in the real world*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

GILL, A. J.; GERGLE, D.; FRENCH, R. M.; OBERLANDER, J. Emotion rating from short blog texts. *Proceedings of the 26th Annual SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, Florence/Italy, p. 1121-1124, 2008.

GOLDIE, P. *The emotions: a philosophical exploration*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997a. Tese (Doutorado em Linguística) – Divisão de pós-graduação da Universidade da Califórnia, Berkeley.

GRADY, J. E. Theories are buildings revisited. *Cognitive Linguistics*, 8-4, p. 267-290, 1997b.

GRICE, P. *Studies in the way of words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.

GRADY, J.; JOHNSON, C. Converging evidence for the notions of subscene and primary scene. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. New York: Mouton de Gruyter, p. 533-554, 2002.

GYÖRI, G. Cultural variation in the conceptualization of emotions: a historical study. In: Athanasiadou, A.; Tabakowska, E. (eds.). *Speaking of emotions: conceptualization and expression*. Amsterdam: John Benjamins, p. 99-124, 1998.

HARRÉ, R. An outline of the social constructionist viewpoint. In: HARRÉ, R. (ed.). *The social construction of emotion*. Oxford: Basil Blackwell, p. 2-14, 1986.

HASADA, R. Sound symbolic emotion words in Japanese. In: Athanasiadou, A.; Tabakowska, E. (eds.). *Speaking of emotions: conceptualization and expression*. Amsterdam: John Benjamins, p. 83-98, 1998.

HASPELMATH, M. Non-canonical marking of core arguments in European languages. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W.; ONISHI, M. (eds.). *Non-canonical marking of subjects and objects*. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins, p. 53-83, 2001.

HOBBS, T.H. *Elementos de filosofia*. Tradução e adaptação de José Oscar Marques. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005. Originalmente publicado em 1839.

IZARD, C. E. Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological review*, v. 99, n. 3, p. 561-565, 1992.

JAMES, W. What is an emotion? *Mind*, 9, p.188-205, 1884.

JESPERSEN, O. *Language: its nature, development and origin*. London, UK: G. Allen & Unwin, 1922.

JOHNSON, C. The acquisition of the “What’s X doing Y” construction. *Proceedings of the 21<sup>st</sup> Boston University Conference on Language Development 2*, Somerville, Mass.: Cascadia Press, 1997.

JOHNSON, C. Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy: the case of *see*. In: HIRAGA, M.; SINHA, C.; WILCOX, S. (eds.). *Cultural, psychological and typological Issues in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, p. 155-169, 1999.

JOHNSON, M. *The body in the mind*. The bodily basis of meaning, imagination and reason. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense, 1993. Originalmente publicado em 1790.

KLEINGINNA, P.R.; KLEINGINNA, A.M. A categorized list of emotion definitions with suggestions for a consensual definition. *Motivation and emotion*, n. 5, p. 345-379, 1981.

KÖVECSES, Z. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag, 1990.

KÖVECSES, Z. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002a.

KÖVECSES, Z. Emotion concepts: social constructionism and cognitive linguistics. In: Fussel, S. (ed.). *The verbal communication of emotions*. New York: Psychology Press, p. 109-124, 2002b.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture. Universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Z. Metaphor and emotion. In: GIBBS, R. W. (ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 380-396, 2008a.

KÖVECSES, Z. The conceptual structure of happiness. In: TISSARI, H.; PESSI, A. B.; SALMELA, M. (eds.). *Happiness: cognition, experience, language. Studies across Disciplines in the Humanities and Social Sciences 3*. Helsinki: Helsinki Collegium for Advanced Studies, p. 131-143, 2008b.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas? *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 202-251, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.



LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. With a new afterword. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G.; KÖVECSES, Z. The cognitive model of anger inherent in American English. 1983. Disponível em: <http://georgelakoff.files.wordpress.com/2011/04/the-cognitive-model-of-anger-inherent-in-american-english-lakoff-and-kovecses-1983.pdf>. Acesso em: 10 out. 2012.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAND, A. I. C. M. *Heróis, vilões, vítimas e emoções no discurso jornalístico em reação ao terrorismo: De Nova York a Madri e Londres. Uma abordagem cognitiva*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: practical applications*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Concept, image, and symbol*. The cognitive basis of grammar. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

LANGACKER, R. The contextual basis of cognitive semantics. In: NUYTS, J.; PEDERSON, E. (eds.). *Language and conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 229-252, 1997.

LAZARUS, R.S. *Emotion and adaptation*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1991.

LEETARU, K. H.; WANG, S.; CAO, G.; PADMANABHAN, A.; SHOOK, E. Mapping the global Twitter heartbeat: the geography of Twitter. *First Monday*: peer-reviewed journal on the internet, v. 18, n. 5, p. 1-33, 2013. Disponível em: <http://firstmonday.org/article/view/4366/3654>>. Acesso em: 31 maio 2013.

LEWIS, D. General semantics. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. (eds.). *Semantics of natural language*. Dordrecht: D. Reidel, p. 169-218, 1972.

LIU, B. Opinion mining. In: LIU, L.; ÖZSU, M. (eds.). *Encyclopedia of Database Systems*. Nova York: Springer, p. 1986-1990, 2009.

MATSUKI, K. Metaphors of anger in Japanese. In: TAYLOR, J. R.; MacLAURY, R. (eds). *Language and the cognitive construal of the world*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 137-151, 1995.

MICHOLAJCZUK, A. The metonymic and metaphoric conceptualization of anger in Polish. In: ATHANASIADOU, A.; TABAKOWSKA, E. (eds.). *Speaking of emotions: conceptualization and expression*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 153-191, 1998.

MONTAGUE, R. Universal grammar. *Theoria*, n. 36, p. 373-398, 1970.

MORADI, M. R.; MASHAK, S. P. A comparative and contrastive study of sadness conceptualization in Persian and English. *English Linguistics Research*, v. 2, n. 1, p. 107-112, 2013.

MUNRO, P. ANGER IS HEAT: Some data for a cross-linguistic survey. Manuscript, Department of Linguistics, UCLA, 1991.

NÚÑES, R.; SWEETSER, E. Spatial embodiment of temporal metaphors in Aymara: blending source-domain gesture with speech. International Cognitive Linguistics Conference, University of California, Santa Barbara, 2001.

OATLEY, K.; JOHNSON-LAIRD, P.N. Towards a cognitive theory of emotions. *Cognition and emotion*, v. 1, n. 1, p. 29-50, 1987.

O'REILLY, T.; MILSTEIN, S. *Desvendando o Twitter*. Tradução de Eduardo Fraguas. São Paulo: Digerati Books, 2009.

ORIHUELA, J. L. Twitter y el boom del microblogging. *Perspectivas del mundo de la comunicación*, n. 43, p. 2-3, 2007.

ORTONY, A. Metaphor, language, and thought. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-16, 1993.

ORTONY, A.; CLORE, G.; COLLINS, A. *The cognitive structure of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ORTONY, A.; TURNER, T. J. What's basic about emotions? *Psychological Review*, v. 97, n. 3, p. 315-331, 1990.

PAK, A.; PAROUBEK, P. Twitter as a corpus for sentiment analysis and opinion mining. *Proceedings of the Seventh International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'10)*, Valletta/Malta, p. 1320-1326, 2010.

PANKSEPP, J. Toward a general psychobiological theory of emotions. *Behavioral and brain sciences*, v. 5, n. 3, p. 407-467, 1982.

PASQUALOTTI, P. R. Reconhecimento de expressões de emoções na interação mediada por computador. Dissertação (Mestrado em Computação Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2008.

PINTO, A. C. *Psicologia Geral*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

PLANTIN, C. Structures verbales de l'émotion parlé et la parole émue. In: COLLETA, J.; TCHERKASSOF, A. (eds.). *Les émotions: cognition, langage et développement*. Belgique: Mardaga, p. 97-130, 2003.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Originalmente publicado no séc. IV a.C.

PLATÃO. *Phaedrus*. Translated by Benjamin Jowett. The Project Gutenberg EBook, 2008. Originalmente publicado no séc. IV a.C. Disponível em: [http://www.gutenberg.org/files/1636/1636-h/1636-h.htm#link2H\\_4\\_0002](http://www.gutenberg.org/files/1636/1636-h/1636-h.htm#link2H_4_0002). Acesso em: 23 jan. 2013.

PLUTCHIK, R. *The emotions: facts, theories, and a new model*. New York: Random House, 1962.

PRAGGLEJAZ GROUP. PIM: um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. Tradução de Dalby Dienstbach Hubert. *Cadernos de Tradução*, n. 25, p. 77-120, 2009. Originalmente publicado em 2007.

RAMOS, R. Argumentação e emoção no discurso sobre o ambiente na imprensa portuguesa. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs.). *Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso. Emoções, Ethos e Argumentação*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

REDDY, M. The conduit metaphor. A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-297, 1979.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rethoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

RICOEUR, P. *Main trends in philosophy*. New York: Holmes & Meier Publishers, 1979.

RIEMER, N. *Introducing Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

RIGO, S. J.; ALVES, I. M.; GAZOLA, O.; BELAU, F.; BARBOSA, J. L. V.; COSTA, C. Abordagem linguística para identificação da dimensão afetiva expressa em textos de ambientes virtuais de aprendizagem – um léxico da emoção. *Anais do II Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2013)*. Campinas, São Paulo/SP: UNICAMP, 2013.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, n. 104, p. 192-233, 1975.

ROSCH, E. *Human categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

ROSCH, E.; MERVIS, C. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, n. 7, p. 573-605, 1975.

ROSENTHAL, L. H. *Talking about feelings: the language of emotion and its relationship to physiology*. Dissertation (PhD in Psychology) - University of California, Berkeley, 1998.

SALGADO, M. G. S. Subjetividade, gênero e poder: a expressão cultural da emoção na integração médico-paciente. *Mal-Estar e Subjetividade*, v. 3, n. 2, p. 311-352, 2003.

SARDINHA, T. B. Análise de metáfora em corpora. *Ilha do Desterro*, n. 52, p. 167-199, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Séchehaye. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHERER, K. R. Emotion as a process: function, origin, and regulation. *Social Science Information*, n. 21, p. 555-570, 1982.

SCHERER, K. R. Toward a concept of modal emotions. In: EKMAN, P.; DAVIDSON, R.J. (ed.). *The nature of emotion: fundamental questions*. New York/Oxford: Oxford University Press, p. 25-31, 1994.

SCHERER, K. R. Psychological models of emotion. In: BOROD, J. (ed.). *The neuropsychology of emotion*. Oxford/New York: Oxford University Press, p. 137-162, 2000.

SCHERER, K. R. Feelings integrate the central representation of appraisal-driven response organization in emotion. In: MANSTEAD, A.S.R.; FRIJDA, N.H.; FISCHER, A.H. (eds.). *Feelings and emotions: the Amsterdam Symposium*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 136-157, 2004.

SCHERER, K. R. What are emotions? And how can they be measured? *Social Science Information*, v. 44, n. 4, p. 695–729, 2005.

SCHLOSBERG, H. The dimensions of emotion. *Psychological Review*, n. 61, p. 81-88, 1952.

SCHNEIRLA, T.C. An evolutionary and developmental theory of biphasic processes underlying approach and withdrawal. In: JONES, M.R. (ed.). *Nebraska Symposium on Motivation*. Lincoln: University of Nebraska Press, v. 7, p. 1-42, 1959.

SCHRÖDER, U. A. Preferential metaphorical conceptualizations in everyday discourse about love in the Brazilian and German speech communities. *Metaphor and Symbol*, n. 24, v. 2, p. 105-120, 2009.

SEARLE, J. R. Metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 83-111, 1993.

SERENO, M. H. S. Entre *gostar e amar*: análise sintático-semântica e textual. *Línguas e Literaturas*, Porto, XIV, p. 141-163, 1997.

SHWEDER, R.A. The cultural psychology of the emotions. In: LEWIS, M.; HAVILAND, J.M. (eds.). *Handbook of emotions*. New York: Guilford Press, p. 417-434, 1993.

SILVERSTEIN, M. The limits of awareness. In: DURANTI, A. (ed.). *Linguistic anthropology: a reader*. Malden, MA: Blackwell Publishing, p. 382–401, 2001.

SMITH, M.; SHNEIDERMAN, B.; MILIC-FRAYLING, N.; RODRIGUES, E.M.; BARASH, V.; DUNNE, C.; CAPONE, T.; PERER, A.; GLEAVE, E. [Analyzing \(Social Media\) Networks with NodeXL](#). *Proceedings of the Fourth International Conference on Communities and Technologies (C&T '09)*, Pennsylvania/USA: Springer, p. 1-9, 2009.

SOLOMON, R. Some Notes on Emotion, East and West. *Philosophy East and West*, v. 45, n. 2, p. 171-202, 1995.

SOLOMON, R. *What is an emotion?* Classic and contemporary readings. New York: Oxford University Press, 2003.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Originalmente publicado em 1677.

SPYER, J.; FERLA, L. A.; PAIVA, M.; AMORIM, F. *Tudo o que você precisa saber sobre twitter você já aprendeu em uma mesa de bar*. 2009. Disponível em: <<http://www.talk2.com.br/conteudos-extras/talk-show-sobre-o-twitter/>>. Acesso em: 20 jul 2011.

STERN, J. Metaphor as demonstrative. *Journal of Philosophy*, n. 82, p. 677-710, 1985.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. New York: Cambridge University Press, 1990.

SWEETSER, E. The suburbs of your good pleasure: cognition, culture and the bases of metaphoric structure. In: BRADSHAW, G.; BISHOP, T.; TURNER, M. (eds.). *The Shakespearean International Yearbook*, v.4: Shakespeare studies today. Aldershot, England: Ashgate Publishing, p. 24-55, 2004.

TALMY, L. How language structures space. In: PICK, H.; ACREDOLO, L. (eds.). *Spatial orientation: theory, research, and application*. New York: Plenum Press, p. 225-282, 1983.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, n. 12, p. 49-100, 1988.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

TAYLOR, J.; MBENSE, T. Red dogs and rotten mealies: how Zulus talk about anger. In: ATHANASIADOU, A.; TABAKOWSKA, E. (eds.). *Speaking of emotions: conceptualization and expression*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 191-226, 1998.

TISSARI, H. On the concept of sadness: looking at words in contexts derived from corpora. In: Tomaszczyk, B. (ed.). *Corpus linguistics, computer tools, and applications: state of the art*. Frankfurt: Peter Lang, p. 291-208, 2008.

TOMKINS, S.S. *Affect, imagery, consciousness: the positive affects*. New York: Springer, 1962.

VANIN, A. A. *À flor da pele: a emergência de significados de conceitos de emoção*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2012.

VASSOLER, A. M. O; MARTINS, M. V. M. A entoação em falas teatrais: uma análise da raiva e da fala neutra. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 42 (1), p. 9-18, 2013.

VICO, G. *A ciência nova*. Tradução, prefácio e notas de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 1999. Originalmente publicado em 1744.

VILELA, M. Gramática de valências: teoria e aplicação. Coimbra: Almedina, 1992.

WERTHEIMER, M. *Productive thinking*. New York, NY: Harper, 1945.

WHISSELL, C. Phonosymbolism and the emotional nature of sounds: Evidence of the preferential use of particular phonemes in texts of differing emotional tone. *Perceptual and Motor Skills*, 89, p. 19-48, 1999.

WIEBE, J.; WILSON, T.; CARDIE, C. Annotating expressions of opinions and emotions in language. *Language Resources and Evaluation*, v. 39, n. 2-3, p. 165-210, 2005.

WIERZBICKA, A. *Emotions across languages and cultures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. New York: Macmillan, 1953.

WUNDT, W. *Fundamentals of physiological psychology*. Leipzig: Engelmann, 1905.

YU, N. Metaphorical expression of anger and happiness in English and Chinese. *Metaphor and Symbolic Activity*, n. 10, p. 223-245, 1995.

YU, N. *The contemporary theory of metaphor. A perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

ZINGANO, M. *Razão e sensação em Aristóteles: um ensaio sobre De Anima III 4-5*. Porto Alegre: L& PM, 1998.



<b>APÊNDICE A - CORPUS DE OCORRÊNCIAS METAFÓRICAS PARA 'TRISTEZA'</b>
<b>TRISTEZA É UM ORGANISMO VIVO</b>
O prazer de saber que você existe é o suficiente para matar a tristeza de nem sempre estar ao seu lado.
A tristeza acaba de ressuscitar
E pra matar a tristeza nessa mesa de bar ,quero tomar todas vou me embriagar se eu pegar no sono me deite no chão . .
Ele insiste em manter viva minha tristeza
<b>TRISTEZA É UMA PLANTA</b>
Não vou cultivar tristeza ficar sofrendo é besteira
00: 53 ~ não vou andar por aí a cultivar a minha tristeza, ficar a sofrer por besteiras e ver os outros a rirem-se de mim.
A tristeza que você planta hoje no coração alheio, colhe em si mesmo amanhã
E eu aqui semeando a tristeza entre os inimigos
Está na hora de você parar de regar essa tristeza..
<b>TRISTEZA É UM VISITANTE INDESEJADO</b>
Sei lá, acho q aquela minha tristeza ta voltando =x
Quando a tristeza bater na sua porta, abra um belo sorriso e diga: Desculpa, mas hoje a felicidade chegou primeiro.
Tristeza é algo chega quando todo o resto não se importa mais com a gente.
De momento tá tudo bem, do nada a tristeza vem.
As vezes a tristeza vêm e vai, mais as vezes ela vem pra ficar .
As vezes a tristeza vem e se hospeda um tempão
Há dias que a tristeza chega sem avisar....
Quando eu acho que vou ser feliz, a tristeza vem e bate denovo na minha porta.
É no frio que a carência abraça o coração sozinho e a tristeza atravessa devagar a esquina.
A tristeza não passará por aqui denovo
Erga essa cabeça mete o pé e vai na fé,manda essa tristeza embora
Tristeza, estou te pedindo: vá embora. Deus ama meu sorriso!!
Tristeza, não me visite nunca mais, por favor!!!
Tristeza, já Deixo Você ir Embora!
xo tristeza pra longe de mim!
Toda a minha tristeza de hoje ta indo embora! Kkkk
<a href="http://t.co/hNN2BLsudy">http://t.co/hNN2BLsudy</a> por algum motivo essa música sempre leva embora minha tristeza. q
Bye bye tristeza adeus solidão
Às vezes você não pode decidir quando entra a tristeza em sua vida, mas se você pode fazê-la ir embora logo.
Ai...nossa...q dias terríveis...vai-te embora tristeza...aki não tem lugar p vc. ##### boanoite ##### se sentindo angustiada
Tristeza por favor vai embora...
sai pra la tristeza saaaaai
tristeza vá embora sua mal criada !
xôoooooooooooo tristeza !
- sai daqui tristeza sai
xô tristeza, não te quero aqui.
se eu tivesse o poder faria de novo meu peito sorrir,abriria a porta pra tristeza se mandar..
Eu enxotei a tristeza e ela fugiu.
<b>TRISTEZA É UM DOMINADOR</b>

Tristeza reinando =(
sei la, a tristeza ta me dominando...
E de repente Bum! A tristeza toma conta...e eu não sei o que fazer.
A tristeza invade o meu rosto, quando eu lembro teu cheiro, teu gosto e a farra q a gnt fazia. Onde foi nossa magia? Nosso mundo encantado?
"até quando voce vai deixar a tristeza tomar conta de voce? pensa nisso..."
Há dias que a tristeza me invade e, então, certas memórias tomam conta de mim. Em um instante,toda minha vida parece passar como em um flash
As vezes uma tristeza sem explicação toma conta de mim, não sei explicar, é como se me faltasse algo, não sei bem o que é...
E quando tudo parece estar bem, uma decepção aparece e a tristeza te invade. A dor que hoje me machuca, é a que amanhã me ensina...
a tristeza amigo nao pode reinar (8**
e do nada a tristeza me domina
a tristeza tomou conta de mim agr :(
Eh incrível como a tristeza toma conta de mim, em questoes de segundos
Não vou deixa a tristeza me dominar
Que Deus tire de mim a tristeza que invade meu coração e faz com que eu pense mil bobearas
Felizes e perfeitos são aqueles que não deixam a tristeza tomar conta de suas vidas.
Apague com um sorriso, toda a tristeza que lhe invade a alma. Assim não dará os que te odeiam a alegria de te ver... <a href="http://t.co/nddFwdVyWi">http://t.co/nddFwdVyWi</a>
Mas aconteceu, magoou, doeu , eu chorei, a tristeza me invadiu , mas o lá de cima não me deixou cair.
<b>TRISTEZA É UM Oponente</b>
Triste pra cacete, péssimo dia! Champignon, Mais um cara que se rendeu a tristeza, que perdeu a fé, que perdeu a vontade de viver...
A gente sorri pra não chorar. Sorri pra não estragar o dia do outro. Sorri pra vencer a tristeza.
é, nao tem como fugir da tristeza ;((
voce pode fugir da tristeza mas ela sempre te alcança
Eu sou uma vítima da tristeza
tristeza se combate com cerveja ;p
tristeza me pegou agora, tudo o que eu não queria
E não posso froxa, vou pelear contra essa tristeza pq se não, essa não seria eu
O sorriso é a melhor arma para combater a tristeza, sorria mais, seja feliz... A vida... <a href="http://t.co/eSDcdUx5CQ">http://t.co/eSDcdUx5CQ</a>
fugi da tristeza mas quando ela chegou em mim me derrubou
"Acelero o passo, para que a tristeza não me ultrapasse
"Para chegar a felicidade, primeiramente enfrentará a tristeza. Uma é consequência da outra." — O pastor me contou.
"A tristeza me persegue." - IncOncertavel (via incOncertavel) <a href="http://t.co/Baz3pOZnOE">http://t.co/Baz3pOZnOE</a>
<b>TRISTEZA É UM HABITANTE</b>
Sobre a tristeza: Essa que habita dentro do meu ser.
Não deixe que a tristeza faça de ti uma morada!
A tristeza pousou em minha cabeça e fez um ninho em mim
<b>TRISTEZA É UM OBJETO INDESEJADO</b>
Deixa a tristeza de lado e bora ser feliz.. @ my house <a href="http://t.co/ZJdbpUSM4q">http://t.co/ZJdbpUSM4q</a>
deeeixa a tristeza pra lá, cabeça pra frente e pensando só no futuro feliz
Vamos botar chapéu de burro na cabeça do rei, deixar a tristeza no canto e sair pra batucar na Rio Branco às seis
Ler Harry Potter afasta toda a tristeza
Dinheiro não traz felicidade mas afasta a tristeza !

Deixando a tristeza de lado, vamos a mais um rolê top boa nooite # @ Brito's House <a href="http://t.co/LuCTLsDChz">http://t.co/LuCTLsDChz</a>
As vezes me conformo, guardo a tristeza, mas quando pego ela de volta, é muito ruim
A VIDA É TÃO TÃO BREVE APROVEITE DEIXE A TRISTEZA DE LADO AME SEJA FELIZ ,POR QUE... <a href="http://t.co/FxB8D9WeWf">http://t.co/FxB8D9WeWf</a>
Afastando pra longe toda tristeza, hoje o que eu quero é só sorrir. <a href="http://t.co/SJa5CArD4E">http://t.co/SJa5CArD4E</a>
Que essa nova conquista me traga toda a falcidade que mereço e leve toda tristeza. Agora q se inicia uma nova caminhada! =D
a chuva que vem pra arrastar pra longe a tristeza e que traz de volta aquela saudade boa de sentir, que esquento o coração
Deixo a tristeza e trago a esperança em seu lugar, que o nosso amor pra sempre viva
Deixa a tristeza em casa, tu pode dar o melhor então vai lá e extravasa cor : vermelho numero: 1
precisava da carolina toda brava me dizendo agora " sua idiota larga dessa tristeza e volte a sorrir antes q eu te surre"
@AprovadosDPBA E o pior de tudo é que casos como o Monte Santo ficam registrados em cifras negras. Só famílias carentes guardam a tristeza.
Bora se preocupar com o que interessa deixando a tristeza para tras...
Melhor se cuidar com toda a tristeza que eu posso levar.
Dormir é a melhor coisa que tem na vida, não traz tristeza
Nao sabia que uma foto poderia trazer tanta tristeza assim pra mim
Que o tempo leve toda tristeza.
Procure não guardar em seu coração tristeza. Siga em frente!
Jogue a tristeza pro ar
Que o vento leve toda a minha tristeza.
Jogue a tristeza pra cima e goze a vida com vontade #boanoite <a href="http://t.co/AVNWwwS8Zw">http://t.co/AVNWwwS8Zw</a>
Deixa o vento levar toda essa tristeza que existe
Deixa a correnteza levar a tristeza pro mar,'
“Coloca essa tristeza em um balão e deixa voar.”
a tristeza se acabou, mal que a maré levou, quando o dia anunciou e veio um aviso
Eu vou jogar a tristeza no mar, e vou pedir pro sol me iluminar
Que o vento leve toda a tristeza embora !
Faça da sua tristeza confete e jogue para o alto.
A tristeza vai pra longe com o vento
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</b>
Cara nao sei uq e essa tristeza dentro de mim namoral :/
eu respiro e entra tristeza
Uma hora tudo vai ficar bem, questão de tempo sai tristeza que esse corpo não te pertence..
e quanta tristeza cabe em um coração ?
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE</b>
De fato eu estava transbordando de tristeza naquele dia
Vai me subindo uma tristeza por dentro sabe. :/
Foi terrível ver o meu melhor amigo chateado, sem conseguir botar a tristeza pra fora, e saber que eu não podia fazer nada !
Por não caber mais no meu peito essa tristeza está saindo em lágrimas.
To explodindo de tristeza
Desculpe gente, mas tive que por pra fora um pouco da minha tristeza por não poder ir no show do JeM esse mês
Tão jovem e a tristeza já vive escorrendo pelos olhos .
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO DE DIFÍCIL REMOÇÃO DO RECIPIENTE</b>
Bora lembrar de algo inevitável, pra arrancar essa tristeza de mim.

Toda a tristeza Ele pode tirar. Abra o teu coração e deixe Ele entrar.
Alguém pra tirar essa tristeza do meu corpo. É que eu já não tô dando conta de fazer isso sozinha.
nao sei mais o que faco pra arrancar do meu peito essa tristeza..
E arranque do peito a tristeza da noite, do dia que você me deixou
Sorria, tira essa tristeza da cara.
A minha vontade era de tirar toda essa dor e tristeza que está dentro dele.
É disso que eu preciso pra tirar esses resíduos de tristeza/saudade do meu peito !... <a href="http://t.co/7roRWK3PKq">http://t.co/7roRWK3PKq</a>
Como eu posso recuperar seu amor? Como tirar a tristeza do meu coração?
"E tristeza entrou novamente no meu peito de forma que realmente vai ser difícil sair."
Preciso de um abraço bem forte!!Pra ver se essa tristeza sai um pouco de mim :(
chega de saudade, a realidade e que sem ela não há paz não há beleza é só tristeza que não sai de mim não sai...
Dia após dia e a tristeza não sai de mim... Como sempre!
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO QUE BLOQUEIA O RECIPIENTE</b>
a tristeza é tão grande que tá bloqueando meu coração.
A alegria abre, a tristeza fecha o coração.
<b>TRISTEZA É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE FUNDO</b>
to com uma tristeza tão grande no meu coração, parece que esse buraco de dor nunca vai se fechar :(
Sinto um buraco no peito repleto de tristeza
Tem horas que teu coração aperta e aparece a tristeza mais funda do mundo
Despedida de um suicida: Uma dor inexplicável no coração De profunda tristeza De incertezas e decepções
Uma tristeza profunda... é muito triste olhar para a direita, esquerda para traz, frente e não ter nenhum amigo
engraçado que as pessoas pensam que a gente ta voando mas no fundo ta numa tristeza profunda
É necessário passar por momentos de tristeza profunda para conseguir identificar e valorizar a felicidade quando ela chegar.
— A mais profunda tristeza é ser decepcionado por alguém que jamais esperávamos ser enganados.
Toda eu sou um poço de tristeza, tipo 24h por dia, 7 dias por semana, 52 semanas por ano.
<b>TRISTEZA É DANO FÍSICO</b>
A tristeza dói e os olhos ardem até caírem lágrimas
a tristeza me corrói nesse momento :((((((((((((
aiaia tristeza ta me matando :( #mpn #luasantana
K maldita tristeza k esta acabando comigo, é algo que eu não consigo evitar
Que tristeza é essa que ta me consumindo dia após dia?
Tristeza que me enfraquece :(
a tristeza ta matando
Eu desfaleci de tristeza por sua ida.
A falta do que fazer ... Tristeza que me consome... PQP <a href="http://t.co/OUmAzkWtGd">http://t.co/OUmAzkWtGd</a>
Tristeza acumulada está me destruindo...
RT @aboutsuidal: "E de repente não havia mais nada para se fazer, pois a tristeza já havia terminado com ela."
E essa tal tristeza que vai me matando dia após dia
A tristeza acaba com qualquer um.
Amors, o que fazer quando a tristeza te liquida?
Esse jogo ainda me mata de tristeza...
<b>TRISTEZA É UMA DOENÇA</b>
Talvez a loucura seja o único remédio contra a tristeza.
"O que ela tinha de tristeza no olhar, o sorriso dele prometeu curar."

"@gordousado: meu remédio é a comida" Cura qualquer tristeza
A cura para a tristeza é sentir-se AMADO, abra seu coração e experimente o GRANDE AMOR de Deus por você
Ouvir musica é o melhor remédio pra tristeza
Medo da minha tristeza de hoje ser tão grande a ponto de contagiar toda a vizinhança
Bora sorrir, pq tristeza não se cura com mais tristeza . . .
FUNK = Melhor Remédio pra Tristeza !
To numa fase da vida que a minha vontade é de ficar o dia todo contaminando as pessoas com a minha tristeza nas redes sociais
Na verdade, n é nem contaminar as pessoas com a minha "tristeza", é só pra ficar falando mesmo e depois a pessoa te fazer rir e passar td
Cuidado, tristeza pega !
O melhor remédio para tristeza é dormir.
As vezes queria poder ter a cura da tristeza de algumas pessoas, mais algumas vezes não posso fazer mais nada .. :/
Melhor coisa pra curar tristeza é dormir
<b>TRISTEZA É UM ENVENENAMENTO</b>
Preciso de um antídoto contra tristeza.
O veneno que jogaram na minha alegria, virou soro contra a minha tristeza
<b>TRISTEZA É UMA FORÇA FÍSICA</b>
Tristeza sempre nos arrasta para a realidade.
As vezes a tristeza vem assim, repentina e devastadora, levando tudo com ela
n sei pq mas uma onda de tristeza e de vontade de chorar me arrebateu
<b>TRISTEZA É UMA CARGA</b>
Eu nao to conseguindo segurar minha tristeza eu to chorando :(((
Daqui a pouco vou começar a andar caindo pro lado esquerdo com todo esse peso (de tristeza) no meu peito.
Eu tenho dó de quem descarrega sua tristeza eu si mesmo....
não aguento isso mais é tristeza que não tem fim
#McDalesteTeJuramosAmorEterno to cansada dessa vida,dessa tristeza
aiiii...que tristeza...que eu estou...desanimada cansadaa...
Ai do nada vem aquela vontade de ir pra bem longe, dai você lembra que pra onde você for vai levar essa tristeza com você (..)
"Talves descontar a tristeza desse modo não seja tão ruim" - Desabilitando <a href="http://t.co/QhCy1mG58D">http://t.co/QhCy1mG58D</a>
To sem internet, sem namoradim, sem vida social, n posso descontar a tristeza na comida, sem dinheiro, sem nddd
Ela vive falando mal dos outros p descontar a tristeza de ter nascido com o cabelo tão ruim q nem pega chapinha mesmo se passar 72 vezes
Não aguento mais carregar tanta tristeza dentro do meu peito.
<b>TRISTEZA É PARA BAIXO</b>
Mais que tristeza que eu to ! Vocês não medem o quanto estou pra baixo ! Enfim vou indo , boa noite : )
Erga essa cabeça: acabe com a tristeza!!
Já estou me afundando em tristeza agora, e pra completar estou ouvindo "Wake Me Up When September Ends"
Estou vivendo no vale de tristeza
Me afundei na tristeza depois desse ato
lauren triste,eu fico triste,vcefica triste,nos ficamos triste,fandom fica triste,td mundo entra em depressao,e nos afundamos na tristeza
<b>TRISTEZA É ESCURIDÃO</b>
A tristeza é o lado negro. Não vá para esse lado.
Meu coração está voltado para tristeza: só escuridão. Que a minha alma encontre o caminho do sol.

Apreendi que nem tudo são flores, nem todos os dias têm sol. Mas não há tristeza que não passe, nem felicidade que dure para sempre.
Nada vale a nuvem cinzenta de uma tristeza, nada justifica a falta de alegria.
Lá onde mora o amor não há dor, não há tristeza, lá tem luz, lá tem bem, lá tem nobreza.
<b>TRISTEZA É VAZIO</b>
bateu uma tristeza agora... um vazio tão grande poxa .....
Hoje você saiu cedinho de casa e, ao olhar para o céu nublado senti tristeza, um vazio a caminho do trabalho?... <a href="http://t.co/2MxkNn0NWV">http://t.co/2MxkNn0NWV</a>
Transformando noite em dia, tristeza em alegria. E aquilo que era vazio acabou
Ei princesa,não é um namorado que vai preencher o vazio da tristeza no seu coração. É Deus quem faz isto! Não confunda as coisas
<b>TRISTEZA É PRISÃO</b>
Por mais que tudo esteja difícil... #SORRIAA ! Porque com o sorriso, destruimos as grades da tristeza E temos... <a href="http://t.co/WaHpXfzB9k">http://t.co/WaHpXfzB9k</a>
Meu coração criou asas E voou, voou, voou, voou. Finalmente fui libertado da tristeza e a Felicidade me encontrou.
Se não soubermos esquecer, nunca estaremos livres de tristeza.

<b>APÊNDICE B - CORPUS DE OCORRÊNCIAS METAFÓRICAS PARA 'FELICIDADE'</b>
<b>FELICIDADE É UMA PESSOA</b>
Depende de nós pra felicidade voltar a sorrir para a gente.
ando de mão dada com a felicidade, não importa quem esteja do meu lado, é assim que vai ser.
vou ser claro eu quero vc ,quero te fazer feliz basta vc dizer q sim q vc vera a felicidade andar lado a lado com vc
Enfim, a felicidade me encontrou. Felicíssima!
"E que as delicadezas sejam o tapete que tu estendes para que a felicidade te siga."
E a felicidade veio ao meu encontro e ficará para sempre comigo
Querida Felicidade: me encontra ou deixa eu te encontraaaaar ar ar
Por fim, a felicidade me abandonou
Por mt tmp gritei, bati o pé,fiz birra.Quis calar o mundo cm palavras,mas acabou.Hj sou eu qm me calo e dx a minha felicidade falar mais alto.
Do que me adianta viver na cidade se a felicidade não me acompanhar.
<b>FELICIDADE É UM VISITANTE</b>
"Vontade de dormir e só acordar com o barulho da felicidade batendo na porta."
E amanhã a minha felicidade volta. Porque o que interessa mesmo é futebol americano #NFL #Pats #Brady
Não se preocupa. As coisas são assim mesmo, uma hora dá certo e a outra não. Mas do nada a felicidade chega e... <a href="http://t.co/nt4ijZLD5z">http://t.co/nt4ijZLD5z</a>
Depois de muitos dias, a felicidade partiu
seja mais do que bem-vinda felicidade <a href="http://t.co/XsBEAIE63">http://t.co/XsBEAIE63</a>
Ultimamente qualquer pequeno gesto tá sendo motivo pra um sorriso meu.. Sabia que uma hora a felicidade iria bater na minha porta de novo rs
Quer ser feliz ? Lembre-se apenas que a felicidade não entra em portas trancadas, vamos nos permitir !!!
as vezes fechamos a porta na cara da felicidade'
felicidade um dia vai no outro vem .
Receba bem a sua própria felicidade, antes que ela corra pra longe de você.
As pessoas esperam toda vida pela felicidade. Mas ás vezes ela nunca chega.
Sei que a felicidade ainda vem me ver de novo.
Às vezes, a felicidade demora a chegar, Aí é que a gente não pode deixar de sonhar.
Dia 22 chegando e a minha felicidade vindo junto.
Que a felicidade venha, mas que ela não esqueça de trazer as pessoas certas com ela.
Tô cansando dessa felicidade que bate na porta e sai correndo.
A felicidade me encontrou (8) ela chegou,parou e ficou haha' #MegaFeliz @ House Bia Medina <a href="http://t.co/rTpQk90eby">http://t.co/rTpQk90eby</a>
Felicidade é Passageira fica com a gente depois vai embora..* <a href="http://t.co/ajTaDU5Ava">http://t.co/ajTaDU5Ava</a>
E que a Felicidade venha pra ficar,e se não for ficar,que me leve...
"Felicidade bate na porta, mas não gira a maçaneta. Quem decide se quer que ela entre ou não, é você!"
<b>FELICIDADE É UM HABITANTE</b>
— A minha felicidade. — O que tem ela? — Mora ai. — Onde? — naquela paisagem.
- Uma passagem, por favor. - E qual destino? - Não sei. Onde mora a felicidade?
A felicidade Morava tão vizinha Que, de tolo Até pensei que fosse minha.
segue seu rumo!procura o endereço da sua felicidade mesmo que sofra
Nas coisas simples é que mora a felicidade.
<b>FELICIDADE É UM DOMINADOR</b>
E a felicidade que me domina agora? Não consigo parar de sorrir *-* <a href="http://t.co/nhwJwasHGj">http://t.co/nhwJwasHGj</a>

Sabe, quando a felicidade invade quando pensa na imagem da pessoa
Quando você resolve entregar sua vida a Deus e sente que tudo muda, a felicidade toma conta de você *_*
Cara, felicidade imperando!!
... e que felicidade invada as nossas vidas todos os dias
"Queria ter asas para te levar junto a mim a um lugar onde a felicidade reinasse em todos os lados. Onde..." <a href="http://t.co/PnzRGiOglu">http://t.co/PnzRGiOglu</a>
felicidade quase me invadiu hj
E q a felicidade cada dia mais...tome conta de mim!!!□□□□□□ <a href="http://t.co/0Lf3NR6ZkB">http://t.co/0Lf3NR6ZkB</a>
<b>FELICIDADE TOMANDO CONTA DE MIM</b>
a felicidade invade meu peito
Nossa felicidade quer reinar de verdade
~ Entre o ceerto e o errado a felicidade ta mandando !!
<b>FELICIDADE É UM OBJETO DESEJADO</b>
Preciso de dinheiro para comprar mais felicidade
por favor, devolva a felicidade e diz com sinceridade, sem mim você é metade ♪
Quão mais próximo a pessoa é de vc , mais facilmente ela consegue quebrar sua felicidade
Burrice é deixar a sua felicidade na mão de outra pessoa
Doce ilusão de vocês pensarem que irei ficar assistindo de braços cruzados minha felicidade sendo tirada de mim. Não vai ser fácil viu!?)
Fale comigo sempre que você estiver triste, eu lhe darei muita felicidade
Por favor, meu amor, me traga a felicidade
Não faça isso, não me tire a felicidade de falar com ele --'
É, a felicidade esta em suas mãos, é so perder o medo e viver
Se realmente ama alguém, a única coisa que deseja para ela é sua felicidade, ainda que você não a possa dar.
Mas essa gata adora destruir a felicidade dos outros né?... — Ah mano Vou nem comentar na moral ! Tenso dms <a href="http://t.co/5tmGyx9bN0">http://t.co/5tmGyx9bN0</a>
Quando o homem toma consciência que é o construtor de si mesmo,o artífice de sua felicidade,ele não tem problemas.
Mude, deixe de colocar sua felicidade na mão dos outros.
Pega sua felicidade e vá embora
Amar e ser Amado e tão bom viver apaixonado com vc eu tenho a felicidade em minhas mãos
Ídolo é aquele que mesmo sem saber nada de mim consegue me arrancar enormes risadas e por a felicidade na minha vida. #MPN #P9
Sorria. Lágrimas não curam dor, e além disso, sorrisos atraem felicidade. <a href="http://t.co/XR1bWdICiJ">http://t.co/XR1bWdICiJ</a>
felicidade é a única coisa q podemos dar sem possuir
A felicidade de fato está nas coisas simples e elementares da vida...
Ela ama estragar a minha felicidade... Só pode
Me faz muito mais feliz ou me deixa em paz. Porque feliz eu já sou, e me roubarem a felicidade, eu não deixo mais.
Eu sou dono da minha felicidade e não entrego ela a ninguém.”
<b>FELICIDADE É UM OBJETO ESCONDIDO</b>
Agora eu vou ... Buscar a minha felicidade. Seja na terra, na água, no céu, aqui, ou em outra cidade...
Pare de procurar eternamente; a felicidade está bem ao seu lado.
Dizem que a felicidade pode ser encontrada mesmo nas horas mais escuras. Você só precisa lembrar de acender a luz.
Sinceramente? Eu tô em busca dessa tal felicidade que tanto falam por ai.. rs
O segredo para encontrar felicidade é parar de comparar a sua vida, com a vida dos outros... tudo é vaidade, viva o seu, com o que você tem.
Desesperadamente busquei a felicidade, desesperado aceitei qualquer coisa como felicidade, desesperadamente



me perdi, até q achei em verdade
Enquanto uns buscam a perfeição, eu só procuro a felicidade!
" Uma coisa é certa, todos devem e tem o direito de buscar sua felicidade e bem estar..."
Afinal, cadê a minha felicidade?
"Se errou. Recomece. Se caiu, levante. Se está insatisfeito, mude. Não gostou, troque. Se está triste, vá em busca da sua felicidade..."
Felicidade , cadê você ?
Saber encontrar a alegria na alegria dos outros, é o segredo da felicidade.
Um dia eu vo encontrar minha felicidade, eu ja perdoei as maldades q vc me fez 🎵
Ele: Por que você me esqueceu? Ela: Por que eu estava atrás de felicidade, não de sofrimento!
Pessoas so sabem me Julgar , Porra não posso correr atras da minha felicidade não ? Ou não posso ser feliz ? Não fode -'-
E eu me pergunto, porque simplesmente eu não poderia sumir com uma muchila nas costas buscando a felicidade?
A felicidade não está no fim da jornada, e sim em cada curva do caminho que percorremos para encontrá-la.
Vc tem tudo e n da valor a sua vida, enquanto tem gente q n tem nada e faz um maior esforco para procurar a felicidade.
O segredo da felicidade está em olhar todas as maravilhas do mundo e nunca se esquecer da sua missão ou do seu objetivo.
Felicidade se acha é em horinhas de descuido.
Para de procurar, a felicidade pode estar ao seu lado.
A vida pode te surpreender Em tudo que fizer E no lugar onde não imagina Encontrará a felicidade (8) <a href="http://t.co/Ss1E72IPjP">http://t.co/Ss1E72IPjP</a>
"O caminho para se conseguir a felicidade é fazendo as outras pessoas felizes."
A felicidade é difícil de se atingir, pois só a atingimos tornando felizes os outros.
<b>FELICIDADE É UM BEM QUE É DIVIDIDO</b>
Devemos sempre dividir a felicidade com aqueles que gostamos
iiiih tou muito muito feliz,gostaria d compartilhar com alguem a minha felicidade poow
A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.
Vamos espalhar felicidade é a copa de todo mundo vamos juntar o mundo todo pra batucar, pra batucar....
Ver um brigadeiro feito pelo Mano me esperando, isto é, esbanjando felicidade
Ai sempre,sorrir e chorar e ter alguém pra compartilhar,sempre Viver para alguém que me ama e dividir sempre a felicidade
"Às vezes ela se sentia vazia. E você sabe, ela só precisava de alguém pra dividir a felicidade,..." <a href="http://t.co/ReNhQf77Sx">http://t.co/ReNhQf77Sx</a>
Acho q vou comprar um poster daquele vocalista td de bom kkkkkk vamos espalhar felicidade kkk
boa noite a todos internautas hoje estou feliz e quero partilhar a minha felicidade com todos vocês
Alguém quer um pouco da minha felicidade??
Eu: "Olha Alineeeee!" E ela ao invés de compartilhar felicidade comigo, fica com cara de NADA!
Eu divido minha felicidade com os cara e eles são grosso aff
Sorrir chorar e ter alguém pra compartilhar a Felicidade...
Fui compartilhar minha felicidade com as pessoas, um me mandou eu me foder e minha mae ficou me olhando cmo se eu fosse louca kkkkkkkk
Esbanje Felicidade, Goze do amor ;)
&lt;3Aquele que é feliz espalha felicidade. Enquanto puderes erguer os olhos para o céu, sem medo, saberás que tens... <a href="http://t.co/ljpSvldYYw">http://t.co/ljpSvldYYw</a>
Viver p alguém que me ama e dividir a felicidade
Não aguentei, é tanta felicidade, precisei dividir com alguém.
Dance comigo no meio da rua e esbanje felicidade.

O meu pai faz anos hoje, prenda melhor que entrar em Direito era impossível ! Melhor do mundo é poder partilhar a minha felicidade com ele !
<b>FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM UM RECIPIENTE</b>
A felicidade está bem dentro de nós
A felicidade está dentro de nós, não fora, portanto, não depende do que temos, mas do que somos.
A vida é maravilhosa viva e busca a felicidade que existe dentro de vc.
<b>A FELICIDADE MAIOR ESTA DENTRO DE NOS " BOA NOITE</b>
Batia o cartão, saía, felicidade no olhar, Partia, comprava a flor mais bonita pra te agradecer...
A felicidade e a infelicidade vêm de nós próprios.
Não busque a verdadeira felicidade pois ela ja está dentro de você: Jesus! #DeusSonhouComigo!
<b>FELICIDADE É UM CONTEÚDO EM GRANDE QUANTIDADE OU AQUECIDO EM UM RECIPIENTE</b>
Sinto uma grande felicidade aqui dentro do meu peito.
A festa encheu as pessoas de felicidade
ñ ta cabendo tanta felicidade em mim !!!
Festa surpresa! Parabéns pra mim! Eu vou explodir de felicidade!!! <a href="http://t.co/tynFWWavap">http://t.co/tynFWWavap</a>
Lá está ela, correndo sorrindo com os olhos cheios de felicidade.
Eu transpiro felicidade
E o coração explode na maior felicidade de ter uma oportunidade assim
kimi saiu 13º e chegou em 3º na corrida de hoje.af tá uma foto dele explodindo de felicidade com esse resultado HAHA <a href="http://t.co/fa1UIPseq1">http://t.co/fa1UIPseq1</a>
Felicidade exalando de mim *-----*
Ai que saudade daquele menino correndo e sorrindo com os olhos cheios de felicidade (8'
Encontrei meu irmão, amanhã vou p guaru cedinho, felicidade exalando
Quando eu soube que os meninos estavam concorrendo ao EMA , eu nao acreditei to muito feliiiiiz ahah to arrebrandando de tanta felicidade
quanto mais tempo passo sozinho, percebo que aquele ditado que diz "antes só do que mal acompanhado" é muito verdade, felicidade exalando ;)
"como você consegue ser assim? Eu sei que voce ta cheia de problemas mas quando olho pra você parece que emana felicidade"
<b>FELICIDADE É UM DESTINO ALMEJADO</b>
Você encontrará o caminho para felicidade plena quando o coração andar junto com a razão.
Não é a força, mas a constância dos bons sentimentos que conduz as pessoas à felicidade.
Nunca dá pra saber se você está caminhando pra felicidade ou se aproximando de um abismo.
Olha o caminho da felicidade ali gente *-----* hahaha a disneyland <a href="http://t.co/ayGjGoECtT">http://t.co/ayGjGoECtT</a>
Entrar no táxi e dizer "moço o destino é a felicidade"
Viver Feliz Onde fica a fronteira para a felicidade?
Agora é certo, fiz as malas, vou rumo à felicidade.
E agora? Agora você aponta pra felicidade e rema.
E a minha felicidade onde fica?
Quando a porta da felicidade se fecha, outra porta se abre. Porém, estamos tão presos àquela porta fechada que... <a href="http://t.co/aSJHDXPpUU">http://t.co/aSJHDXPpUU</a>
— Você é o caminho para a minha felicidade.
Agente leva a vida inteira pra achar o caminho da felicidade
O caminho para felicidade ainda existe, é uma trilha estreita em meio a selva triste.
O primeiro passo pra felicidade é aprender deixar de lado o que te faz sofrer !!
A Felicidade tem caminhos diferentes. Há quem seja feliz sem coisa alguma, enquanto outros são infelizes possuindo tudo.
Quase chegamos na estação da felicidade



<a href="http://t.co/i8szg4Z8K0">http://t.co/i8szg4Z8K0</a>
Felicidade pega ☐
Por um mundo onde felicidade contagie mais que mau humor
E ele realmente pegou o vírus da felicidade, é só olhar para saber.
O Samuel contagia todo mundo com a felicidade dele, é nítido e porra como alguém diz que Skank é ruim?!?
Porque a felicidade não deve ser exposta? Não dizem por aí que ela contagia?
laura tá tão feliz que até eu me contagei pela felicidade dela
<b>FELICIDADE É LUZ</b>
Ele leu os SMS que a Lari me mandou, e se iluminou de felicidade quando viu um em especial
a lua que apareceu trouxe um brilho de felicidade, e se escondeu me dizendo que eu pertenco a você, pode acreditar
vc's podem ver a luz nos meus olhos de felicidade em ter essa nova oportunidade
Chegou a luz, chegou a felicidade
A felicidade é uma luz que não deixa escurecer a sua vida..
Escuridão se foi. Veio a luz da felicidade.
<b>OS OLHOS DELE ESTAO BRILHANDO DE FELICIDADE</b>